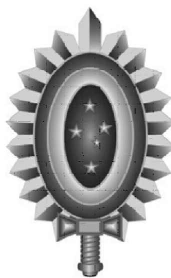
EB70-MC-10.310



MINISTÉRIO DA DEFESA

EXÉRCITO BRASILEIRO

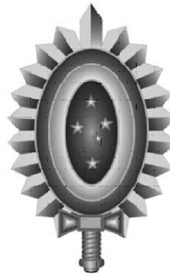
COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES

Manual de Campanha

BRIGADA BLINDADA

1ª Edição
2019

EB70-MC-10.310



MINISTÉRIO DA DEFESA

EXÉRCITO BRASILEIRO

COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES

Manual de Campanha

BRIGADA BLINDADA

1ª Edição
2019

PORTARIA Nº 188-COTER, DE 18 DE NOVEMBRO DE 2019

Aprova o Manual de Campanha EB70-MC-10.310 – Brigada Blindada, 1ª Edição, 2019, e dá outras providências.

O **COMANDANTE DE OPERAÇÕES TERRESTRES**, no uso da atribuição que lhe confere o inciso III do art. 16 das INSTRUÇÕES GERAIS PARA O SISTEMA DE DOUTRINA MILITAR TERRESTRE – SIDOMT (EB10-IG-01.005), 5ª Edição, aprovadas pela Portaria do Comandante do Exército nº 1.550, de 8 de novembro de 2017, resolve:

Art. 1º Aprovar o Manual de Campanha EB70-MC-10.310 – Brigada Blindada, 1ª Edição, 2019, que com esta baixa.

Art. 2º Determinar que esta Portaria entre em vigor na data de sua publicação.

Gen Ex JOSÉ LUIZ DIAS FREITAS
Comandante de Operações Terrestres

(Publicado no Boletim do Exército nº 48, de 29 de novembro de 2019)

As sugestões para o aperfeiçoamento desta publicação, relacionadas aos conceitos e/ou à forma, devem ser remetidas para o *e-mail* portal.cdoutex@coter.eb.mil.br ou registradas no *site* do Centro de Doutrina do Exército http://www.cdoutex.eb.mil.br/index.php/fale-conosco

A tabela a seguir apresenta uma forma de relatar as sugestões dos leitores.

Manual	Item	Redação Atual	Redação Sugerida	Observação/Comentário

FOLHA REGISTRO DE MODIFICAÇÕES (FRM)

NÚMERO DE ORDEM	ATO DE APROVAÇÃO	PÁGINAS AFETADAS	DATA

ÍNDICE DE ASSUNTOS

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1 FINALIDADE

1.1.1 Este manual tem por finalidade orientar o planejamento, a execução, a coordenação e a sincronização das operações conduzidas pela Brigada Blindada (Bda Bld), além de fornecer elementos que possibilitem a metodização e a padronização do seu preparo e emprego.

1.1.2 O manual apresenta os conceitos, as concepções e as Táticas, Técnicas e Procedimentos (TTP) relativos ao emprego das Brigadas Blindadas, Brigada de Cavalaria Blindada (Bda C Bld) e Brigada de Infantaria Blindada (Bda Inf Bld), nas situações de guerra e de não guerra.

1.1.3 As orientações contidas neste manual devem ser entendidas como um guia, sem, contudo, restringir a flexibilidade dos planejamentos. Em combate, cada caso deve ser resolvido por meio de um adequado Exame de Situação (Exm Sit) e da aplicação da doutrina vigente, coerente com cada situação tática.

1.2 CONSIDERAÇÕES BÁSICAS

1.2.1 A experiência de guerra dos exércitos modernos, envolvidos em conflitos recentes, indica que a velocidade do combate e a falta de informação oportuna e adequada obrigam as Forças Terrestres (F Ter) e, particularmente as blindadas, a aplicar procedimentos mais eficientes de direção e controle, especialmente projetados para o combate móvel.

1.2.2 No início do século XXI, em face da necessidade de adequação doutrinária ao combate moderno, uma série de documentos foi normatizada pelo Exército Brasileiro (EB), com reflexos para a F Ter, inclusive para as tropas blindadas.

1.2.3 A doutrina de emprego da F Ter enfatiza como fatores decisivos para a vitória: o espírito ofensivo; a importância da conquista e manutenção da iniciativa; a rapidez na concepção e na execução das operações; a iniciativa dos subordinados; a flexibilidade para alterar atitudes, missões e constituição das forças; a sincronização das ações no tempo, no espaço e na finalidade; e a liderança e a capacidade de decisão dos comandantes em todos os escalões.

1.2.4 A F Ter, como instrumento de defesa dos interesses nacionais de preservação da soberania e integridade territorial do Estado brasileiro, depara-se com um ambiente operacional caracterizado pela complexidade, volatilidade, incertezas e ambiguidades. A Bda Bld, devido à sua flexível estrutura organizacional, é uma Grande Unidade (GU) apta a atuar neste ambiente, adaptando-se às nuances que modificam constantemente os cenários de emprego.

1.2.5 Com a finalidade de atingir os fatores decisivos para a vitória, dois conceitos operativos são de fundamental importância para a tropa blindada: as **Operações no Amplo Espectro**, que se baseiam numa premissa maior de emprego combinado de tropas em atitudes ofensivas e defensivas, simultâneas ou sucessivas, associadas com operações em ambiente interagências, ocorrendo em situação de guerra e de não guerra; e a **Guerra de Movimento**, que se baseia na busca da decisão da batalha terrestre por meio de ações ofensivas extremamente rápidas e profundas, convenientemente apoiadas, direcionadas às vulnerabilidades do dispositivo do inimigo e conduzidas a cavaleiro dos eixos existentes, em frentes amplas e descontínuas. Estes conceitos operacionais devem nortear o preparo e o emprego das tropas mecanizadas do EB.

1.2.6 Foram definidos, como elementos do poder de combate terrestre, as seguintes funções de combate, que interagem entre si, exigindo uma atuação integrada e sincronizada: Comando e Controle, Movimento e Manobra, Inteligência, Fogos, Logística e Proteção. O presente manual de campanha aborda essas funções de combate, com foco nas tropas blindadas.

1.2.7 As definições e os conceitos presentes neste manual e aqueles necessários para seu entendimento estão contidos nas publicações Glossário das Forças Armadas (MD35-G-01), 5ª Ed, 2015, e no Glossário de Termos e Expressões para uso no Exército (EB20-MF-03.109), 5ª Ed, 2018.

CAPÍTULO II

A BRIGADA BLINDADA

2.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

2.1.1 A Bda Bld é uma GU básica de combinação de armas, constituída por unidades de combate, apoio ao combate e de apoio logístico, com capacidade de atuação operacional independente.

2.1.2 Esta GU recebe a denominação blindada porque a maior parte dos seus meios de combate contam com proteção blindada e trens de rolamento sobre lagartas. Contam, também, com sistema de armas integrado às viaturas blindadas, o que permite o combate embarcado, dispondo de uma grande potência de fogo a longas distâncias. Essas viaturas blindadas possuem uma excelente mobilidade tática, permitindo deslocamentos rápidos na maioria dos terrenos, em condições atmosféricas desfavoráveis e com limitação de visibilidade.

2.1.3 A Bda Bld, dependendo da missão, pode receber módulos adicionais de combate, apoio ao combate e apoio logístico, sendo normalmente enquadrada por uma Divisão de Exército (DE).

2.1.4 Por ser vocacionada para o emprego decisivo nas operações militares, a Bda Bld, normalmente, receberá em apoio ou terá a prioridade no emprego de módulos especializados, como elementos de aviação do exército, de operações especiais, de polícia do exército, de artilharia de campanha, de artilharia antiaérea, de engenharia de combate, de comando e controle, de guerra eletrônica, de guerra cibernética, de inteligência militar, de operações psicológicas, de defesa química, biológica, radiológica e nuclear, de apoio logístico e outros.

2.2 CONCEITOS BÁSICOS

2.2.1 CONCEITO DE EMPREGO

2.2.1.1 A Bda Bld é, por suas características, uma GU pesada dotada de grande mobilidade tática, potência de fogo e proteção blindada, o que lhe permite executar operações continuadas, ofensivas e defensivas; priorizar as ações profundas, particularmente as incursões, as manobras de flanco, o aproveitamento do êxito e a perseguição; e operar em condições de visibilidade reduzida e sob condições meteorológicas adversas. Essas ações profundas terão como grande objetivo agir em terreno controlado pelo inimigo, permitindo

investir, direta ou indiretamente, contra o sistema logístico e de comando e controle, causando o colapso de suas forças.

2.2.1.2 A mobilidade tática e estratégica da Bld Bda é assegurada pelas possibilidades técnicas e operacionais de suas viaturas blindadas e não blindadas, com grande raio de ação, alta velocidade em estrada, bom rendimento em caminhos secundários e através do campo e boa capacidade de transposição de obstáculos, sendo muitas delas anfíbias, o que proporciona à brigada a possibilidade de executar manobras rápidas e flexíveis, bem como a obtenção dos efeitos da surpresa.

2.2.1.3 A potência de fogo da Bda Bld decorre da elevada capacidade de estocagem de munição em suas viaturas e da variedade do seu armamento leve e pesado, em parte instalado nas próprias viaturas, notadamente nas Viaturas Blindadas de Combate Carro de Combate (VBC CC), Viaturas Blindadas de Combate Fuzileiros (VBC Fuz), Viaturas Blindadas de Combate Obuseiro Autopropulsado (VBC O AP), Viatura Blindada de Combate Antiaérea (VBC AAe) e nas Viaturas Blindadas de Reconhecimento (VBR). A brigada conta, ainda, com os fogos de seus morteiros médios e pesados, mísseis anticarro, canhões anticarro sem recuo, lança-granadas veiculares e rojões anticarro.

2.2.1.4 A proteção blindada da Bda Bld é proporcionada pela blindagem de suas viaturas, capacitando-as a realizar o combate embarcado com razoável grau de segurança para as guarnições, protegendo-as contra fogos de armas leves e fragmentos de granadas de morteiros e de artilharia.

2.2.1.5 A ação de choque da Bda Bld é resultante da combinação da potência de fogo com a mobilidade e a proteção blindada. A ação de choque depende da surpresa obtida pela mobilidade, bem como da utilização do armamento dos blindados, dos fogos de artilharia, dos morteiros e do apoio de fogo aéreo.

2.2.1.6 A flexibilidade da Bda Bld é produto da mobilidade, da versatilidade de sua organização e das estruturas organizacionais de suas peças de manobra e do sistema de comunicações de que dispõe, possibilitando seu emprego em larga frente e em grandes profundidades. Permite, também, que suas unidades (U) possam evitar ou romper o engajamento com facilidade, adequando-se à evolução do combate.

2.2.1.7 O sistema de comunicações amplo e flexível da Bda Bld permite que o comando execute com presteza o controle e a coordenação em ações em grande profundidade e em larga frente, assegurando ligações rápidas e continuadas.

2.2.1.8 A Bda Bld é uma força altamente móvel e potente, equipada e adestrada para o cumprimento de missões decisivas, de caráter ofensivo, independente do tipo de operação, caracterizadas pela predominância das ações de combate embarcado.



Fig 2-1 Força-Tarefa Blindada

2.2.1.9 A Bda Bld deve priorizar o conceito operacional da Guerra de Movimento, realizando operações de alta mobilidade, privilegiando o combate em profundidade e as ações noturnas, evitando o combate aproximado e engajar-se na manutenção do terreno.

2.2.1.10 A brigada combate empregando seus Regimentos de Carros de Combate (RCC) e Batalhões de Infantaria Blindado (BIB) sob a forma de Força-Tarefa (FT), podendo chegar, excepcionalmente, a organizar dessa forma suas peças de manobra até o nível Subunidade (SU), combinando seus Carros de Combate (CC) e os Fuzileiros Blindados (Fuz Bld). Sua capacidade de rapidamente concentrar-se ou dispersar-se no campo de batalha faz dessa brigada um elemento-chave na decisão do combate moderno.

2.2.1.11 A combinação de CC e Fuz Bld poderá, também, em situações muito especiais, pontuais e esporádicas, ser realizada até o nível pelotão, como uma "conduta de combate e não uma solução doutrinária" (nas situações impostas pelo terreno urbano, no combate em localidade, por exemplo). Essa forma de organização temporária da tropa blindada poderá ser adotada quando a situação tática e o Exame de Situação indicarem esta opção aos comandos das SU Bld. Essa solução deve ser muito bem avaliada, particularmente, por dificultar o controle, a coordenação e o apoio mútuo entre os Fuz Bld (desembarcados) e os CC.

2.2.2 MISSÃO DA BRIGADA BLINDADA

2.2.2.1 A Bda Bld é apta a realizar prioritariamente operações ofensivas e defensivas. Na ofensiva, deverá cerrar sobre o inimigo a fim de destruí-lo ou neutralizá-lo, utilizando o fogo, a manobra e a ação de choque. Na defensiva, deverá destruir ou desorganizar o ataque inimigo por meio do fogo ou de contra-ataques.

2.2.2.2 Nas operações de cooperação e coordenação com as agências, a Bda Bld atuará com muitas restrições (somente com seus fuzileiros e exploradores), apoiando os órgãos ou instituições (governamentais ou não, militares ou civis, públicos ou privados, nacionais ou internacionais), definidos genericamente como agências, com o propósito de conciliar interesses e coordenar esforços para a consecução de operação nas situações de não guerra.

2.2.3 DENOMINAÇÃO DAS BRIGADAS BLINDADAS

2.2.3.1 As Bda Bld são denominadas Bda C Bld e Bda Inf Bld, possuindo a mesma estrutura organizacional e a mesma doutrina de emprego operacional, apesar da manutenção de uma denominação diferente (Cavalaria e Infantaria, respectivamente).

2.2.3.2 O que difere estas Bda Bld é a denominação da SU de comando de sua estrutura organizacional. Enquanto a Bda Inf Bld possui uma Companhia de Comando (Cia C), a Bda C Bld possui um Esquadrão de Comando (Esqd C).

2.2.4 CAPACIDADES OPERATIVAS

2.2.4.1 Considerações gerais: este rol de capacidades operativas aborda prioritariamente aquelas que se aplicam, de modo genérico, à GU, não levando em conta as capacidades operativas específicas dos elementos subordinados.

2.2.4.2 Prontidão: a Bda Bld, por ter uma alta prioridade no emprego, é capaz de, num prazo adequado, estar em condições de ser empregada no cumprimento de missões, valendo-se de seus próprios recursos orgânicos e de meios adjudicados.

2.2.4.3 Combate Individual: o emprego dos meios blindados da Bda Bld permite ao combatente terrestre sobrepujar o oponente, sobreviver, deslocar-se e combater em quase todos os ambientes operacionais e condições climáticas.

2.2.4.4 Ação Terrestre: a Bda Bld é capaz de executar atividades e tarefas com o objetivo de dissuadir, prevenir ou enfrentar uma ameaça potencial ou real, impondo a vontade por meio da força, pela manobra e pelo fogo.

2.2.4.5 Manobra Tática: a Bda Bld é capaz de empregar forças no espaço de batalha por intermédio do movimento tático e fogos, incluindo plataformas aeromóveis, buscando alcançar, por meio da ação de choque, uma posição de vantagem sobre as forças terrestres oponentes, enfrentando e derrotando-as.

2.2.4.6 Apoio de Fogo: a Bda Bld é capaz de apoiar as operações de suas forças de manobra e, se necessário, das forças amigas com fogos potentes, profundos e precisos, buscando a destruição, neutralização ou supressão de objetivos e das forças inimigas.

2.2.4.7 Mobilidade e contramobilidade: a Bda Bld é capaz de modificar o terreno, manipulando obstáculos naturais e artificiais, para facilitar o movimento das forças amigas e dificultar o movimento do oponente.

2.2.4.8 Proteção Integrada: ainda que não seja sua destinação primordial, a Bda Bld é capaz de, com seus Fuz Bld e exploradores dos RCC e dos BIB, participar da proteção da sociedade, realizando operações de garantia dos poderes constitucionais, garantia da lei e da ordem, de proteção de estruturas estratégicas, de prevenção e combate às ações terroristas e de participação da F Ter em ações na faixa de fronteira, com ampla colaboração do setor de segurança pública. O alto custo de aquisição e manutenção de suas VBC, de reconhecimento e especiais – CC, Fuz, OAP, AAe, VBR, Lç Pnt, Socorro, Eng e outras –, e da necessidade do permanente e contínuo adestramento especializado de suas guarnições, impede que a Bda Bld disponha dessas guarnições de viaturas blindadas – dos RCC, BIB, Esquadrão de Cavalaria Mecanizado (Esqd C Mec), Grupo de Artilharia de Campanha Autopropulsado (GAC AP), Batalhão de Engenharia de Combate Blindado (BE Cmb Bld) e Bateria de Artilharia Antiaérea Autopropulsada (Bia AAAe AP) – para emprego nas citadas operações, afastando-as da demorada e custosa manutenção das viaturas blindadas e do seu contínuo adestramento, o que garante a prontidão operacional da brigada.

2.2.4.9 Atribuições Subsidiárias: ainda que não seja sua destinação primordial, a Bda Bld é capaz de cooperar para o desenvolvimento nacional e o bem-estar social e para o apoio ao desenvolvimento econômico e de infraestrutura.

2.2.4.10 Emprego em Apoio à Política Externa em Tempo de Paz: a Bda Bld é capaz de empregar a força de forma controlada, restrito ao nível aquém da violência, concentrando meios, realizando exercícios de adestramento nas fronteiras com países lindeiros, dentre outras ações, garantindo os interesses nacionais em sintonia com a política externa.

2.2.4.11 Ações sob a égide de organismos internacionais: em determinados tipos de operações internacionais, onde seja previsto o combate com forças oponentes blindadas, é possível o emprego de parte ou da totalidade da Bda

Bld em defesa dos interesses nacionais, operando e cumprindo missões típicas de força blindada, de acordo com os mandatos dos organismos internacionais.

2.2.4.12 Planejamento e Condução: a Bda Bld é capaz de realizar planejamento, preparação, execução e avaliação contínua de operações no amplo espectro dos conflitos, empregando meios e armamentos modernos, baseados em tecnologias de informações e comunicações, com adequada proteção.

2.2.4.13 Sistemas de Comunicações: a Bda Bld, pelas características de seus meios e sua capacidade de receber módulos especializados, é capaz de estabelecer e operar estruturas de comunicações para suportar toda a necessidade de transmissão para a condução dos processos de apoio à decisão, as informações para a consciência situacional do comandante nos diversos níveis e as ações para a busca da superioridade de informações.

2.2.4.14 Consciência Situacional: a Bda Bld, pela integração dos conhecimentos provenientes dos sistemas de informação, sistemas de armas e satelitais, apoiados em infraestrutura de comunicações com o nível adequado de proteção, é capaz de proporcionar em seu nível de decisão, em tempo real, a compreensão, a interação do ambiente operacional e a percepção sobre a situação das tropas amigas e dos oponentes.

2.2.4.15 Gestão do Conhecimento e das Informações: a Bda Bld, pelas características de seus meios e sua capacidade de receber módulos especializados, é capaz de gerir e compartilhar o fluxo de conhecimentos coletados ou produzidos por instituições militares e civis, nacionais ou internacionais, em uma infraestrutura adequada, visando a dar suporte aos Comandantes, em todos os níveis de decisão, para o emprego dos meios e das forças militares.

2.2.4.16 Apoio Logístico para Forças Desdobradas: a Bda Bld é capaz de planejar, monitorar e controlar o apoio logístico, permitindo prever as necessidades das tropas desdobradas e prover soluções logísticas necessárias à sustentabilidade das operações.

2.2.4.17 Gestão e Coordenação Logística: a Bda Bld é capaz de planejar, monitorar e controlar o apoio logístico direta ou indiretamente relacionado com a sustentação da força desdobrada, permitindo a identificação antecipada e solução das suas necessidades logísticas.

2.2.4.18 Interoperabilidade Conjunta: a Bda Bld é capaz de operar com uma força constituída de maneira integrada, coordenada, harmônica e complementar com as demais Forças Armadas (FA) envolvidas em operações conjuntas.

2.2.4.19 Interoperabilidade Combinada: a Bda Bld é capaz de operar com uma força constituída de maneira integrada, coordenada, harmônica e complementar com as demais FA envolvidas e Forças de outras nações, sob a égide de organismo internacional.

2.2.4.20 Interoperabilidade Interagência: a Bda Bld é capaz de atuar com força constituída de maneira integrada, coordenada, harmônica e complementar, em ambiente interagências, para o cumprimento das missões estabelecidas.

2.2.4.21 Proteção ao Pessoal: a Bda Bld é capaz de proteger o pessoal (militar e civil) contra os efeitos das ações próprias, inimigas e naturais com limitações.

2.2.4.22 Proteção Física: a Bda Bld é capaz de proteger o material, as instalações e o território de qualquer ameaça à sua integridade em áreas definidas, com limitações.

2.2.4.23 Segurança das Informações e Comunicações: a Bda Bld é capaz de fornecer proteção adequada, mantendo a integridade e a disponibilidade dos sistemas e das informações armazenadas, processadas ou transmitidas, por meio da implementação de medidas adequadas para viabilizar e assegurar a disponibilidade, a integridade, a confidencialidade e a autenticidade de dados e informações.

2.2.4.24 Comunicação Social: a Bda Bld é capaz de proporcionar aos seus comandantes, em todos os níveis de decisão, as melhores condições de interatividade com as autoridades, a sociedade, a imprensa e o público interno para informar e obter liberdade de ação no emprego dos meios, enquanto atrai, motiva e mantém capital humano para a Força Terrestre.

2.2.4.25 Inteligência: a Bda Bld é capaz de proporcionar os conhecimentos necessários para apoiar os processos decisórios e para a proteção dos ativos da Força Terrestre.

2.2.4.26 Proteção Cibernética: a Bda Bld possui capacidade de conduzir ações para garantir o funcionamento dos dispositivos computacionais, redes de computadores e de comunicações, incrementando as ações de Proteção Cibernética para neutralizar os ataques e a exploração cibernética.

2.2.5 ATIVIDADES E TAREFAS

2.2.5.1 No seu emprego tático, as Bda Bld podem executar as seguintes atividades e tarefas, relacionadas às suas capacidades:
a) estabelecer redes e sistemas de informações, empregando todos os sistemas da GU na produção de conhecimento para a obtenção da consciência

situacional, tanto no planejamento quanto na execução das operações (processo de integração terreno, condições meteorológicas, inimigo e considerações civis), no apoio à obtenção da superioridade das informações e na busca de ameaças (ações de inteligência, reconhecimento, vigilância e aquisição de alvos);

b) planejar e executar o desdobramento da brigada, de forma integrada e sincronizada, de meios, unidades e subunidades para o início das operações;

c) explorar nas operações ofensivas ou defensivas sua capacidade de rapidamente concentrar-se ou dispersar-se no campo de batalha;

d) planejar o emprego de seus meios das armas base sob a forma de FT, aglutinando em torno dos CC, elementos de infantaria blindada, artilharia de campanha e antiaérea autopropulsadas, engenharia de combate blindada e outros meios adjudicados, desde que necessário, buscando a sinergia entre todos estes elementos (armas combinadas);

e) planejar e executar seu emprego como força potente e móvel, apta ao emprego no extremo do espectro dos conflitos, como elemento de decisão do combate terrestre;

f) planejar operações ofensivas ou defensivas, tendo como objetivo a destruição de forças blindadas ou mecanizadas do inimigo ou a conquista de objetivos no terreno que impeçam a manobra da força inimiga ou que contribuam para o seu isolamento;

g) planejar e executar operações ofensivas que assegurem a continuidade das operações, contra qualquer tipo de forças terrestres, mesmo sob condições meteorológicas adversas, mediante a ampla utilização do combate continuado, do combate noturno e do ataque de oportunidade;

h) planejar e executar manobras táticas ofensivas buscando a decisão do combate terrestre por meio de ações extremamente rápidas e profundas, convenientemente apoiadas, orientadas sobre segmentos vulneráveis do dispositivo do inimigo e conduzidas a cavaleiro dos eixos disponíveis em frentes amplas e descontínuas;

i) executar ações ofensivas altamente móveis e com grande profundidade e ações dinâmicas da defesa, caracterizadas pela predominância das ações de combate embarcado;

j) nas operações defensivas, quer seja na manobra tática defesa de área ou na manobra tática defesa móvel, cumprir missões de forças de reserva, orientadas para a execução de contra-ataques, que visem à destruição do inimigo;

k) planejar e executar medidas para evitar o fratricídio, sincronizando, continuamente, as ações de detecção e engajamento de ameaças e alvos hostis;

l) planejar e executar ações para garantir a liberdade de movimento e a manobra, provendo a sua própria segurança;

m) planejar e coordenar o apoio de fogo nas operações ofensivas e defensivas, com os meios orgânicos ou meios postos à disposição;

n) realizar a defesa antiaérea com os meios orgânicos ou meios postos à disposição;

o) planejar e executar ações de mobilidade e contramobilidade com os meios orgânicos ou postos à disposição;
p) planejar, coordenar, controlar e executar o apoio logístico nas áreas e grupos funcionais manutenção, suprimento e transporte;
q) estabelecer a segurança da área de operações, da área de retaguarda, de bases e de infraestruturas críticas, adotando medidas de segurança orgânica, executando trabalhos de camuflagem e de fortificação de campanha e provendo a segurança dos eixos e comboios de suprimento, bem como a proteção individual Química, Biológica, Radiológica e Nuclear (QBRN);
r) planejar o emprego coordenado com agências e outros órgãos, participando da integração de esforços entre civis e militares;
s) cooperar para a realização de ações subsidiárias de apoio à defesa civil local e no atendimento a calamidades públicas, realizando ações de caráter humanitário e de comunicação social;
t) planejar e executar as ações de reversão; e
u) planejar medidas de segurança orgânica, conduzir o gerenciamento de risco e desenvolver e conduzir um plano de segurança da GU.

2.2.6 LIMITAÇÕES

2.2.6.1 A Bda Bld não é a GU mais adequada para realizar a manutenção do terreno, seja de um objetivo conquistado ou em parte de uma posição defensiva. Tão logo um objetivo seja destruído, neutralizado ou conquistado a brigada deve ser substituída para que se reorganize e possa atuar em outras missões, ou prossiga na conquista de outros objetivos.

2.2.6.2 A Bda Bld não deve ser empregada na conquista de objetivos organizados defensivamente, menos ainda se estes estiverem fortificados. Desta forma, a Bda se exporá ao combate de curta distância, anulando grande parte de suas potencialidades e evidenciando suas vulnerabilidades. O emprego prematuro da Bda Bld poderá ocasionar um desgaste que poderia impossibilitar seu emprego futuro. Somente a partir da ruptura do dispositivo inimigo serão atingidas as condições mínimas para que a Bda Bld realize uma ultrapassagem e inicie com sua manobra altamente móvel, direcionada para anular a mobilidade inimiga, destruir sua artilharia, cortar seus eixos de suprimento e suas comunicações.

2.2.6.3 A Bda Bld não deve ser empregada em Zonas de Ação (Z Aç) com limitada observação e reduzidos campos de tiro, como, por exemplo, algumas localidades, áreas com vegetação densa e excessivamente compartimentadas. Estes ambientes operacionais forçam a Bda Bld a reduzir sua velocidade de progressão, expondo suas vulnerabilidades. Ademais, obrigam as unidades a combater a curtas distâncias, reduzindo a assimetria e o poder de choque causado pela Bda Bld.

2.2.7 VULNERABILIDADES

2.2.7.1 As principais vulnerabilidades da Bda Bld são:

2.2.7.1.1 Quanto ao inimigo:
a) vulnerabilidade a Ataques Aéreos (Atq Ae) e ao fogo da artilharia de tubo e de foguetes; e
b) sensibilidade ao largo emprego de minas, armas AC e obstáculos artificiais.

2.2.7.1.2 Quanto ao terreno e às condições meteorológicas:
a) mobilidade restrita nos terrenos montanhosos, arenosos, pedregosos, cobertos e pantanosos; e
b) necessidade de rede rodoviária e ferroviária para apoiá-la.

2.2.7.1.3 Quanto aos meios:
a) dificuldade de assegurar o sigilo desejável, em virtude do ruído e da poeira decorrente dos deslocamentos de suas viaturas;
b) reduzida capacidade de transposição de cursos de água;
c) necessidade de volumoso apoio logístico, particularmente de manutenção e de suprimentos de classe III, V e IX;
d) restrita capacidade de manter o terreno por longo prazo (menor efetivo de fuzileiros que nas Brigadas de Infantaria Motorizadas (Bda Inf Mtz);
e) reduzidos campos de tiro em áreas edificadas, montanhosas e cobertas por vegetação densa;
f) reduzido poder de fogo quando atuando desembarcada;
g) em operações, elevada dependência do apoio prestado pela Aviação do Exército (Av Ex) e Força Aerotática (FAT);
h) necessidade de transporte rodoviário ou ferroviário para os blindados nos deslocamentos a grandes distâncias; e
i) necessidade de maior apoio de defesa antiaérea quando executando operações isoladas ou atuando em larga frente.

2.3 ESTRUTURA DA BRIGADA

2.3.1 ORGANIZAÇÃO DOS MEIOS

2.3.1.1 Comando e Estado-Maior

2.3.1.1.1 Comandante (Cmt)
a) o Cmt Bda é o responsável pelo comando e controle da GU, durante o preparo e o emprego. Assessorado pelo Estado-Maior (EM), planeja, organiza, coordena e controla as atividades da Bda.

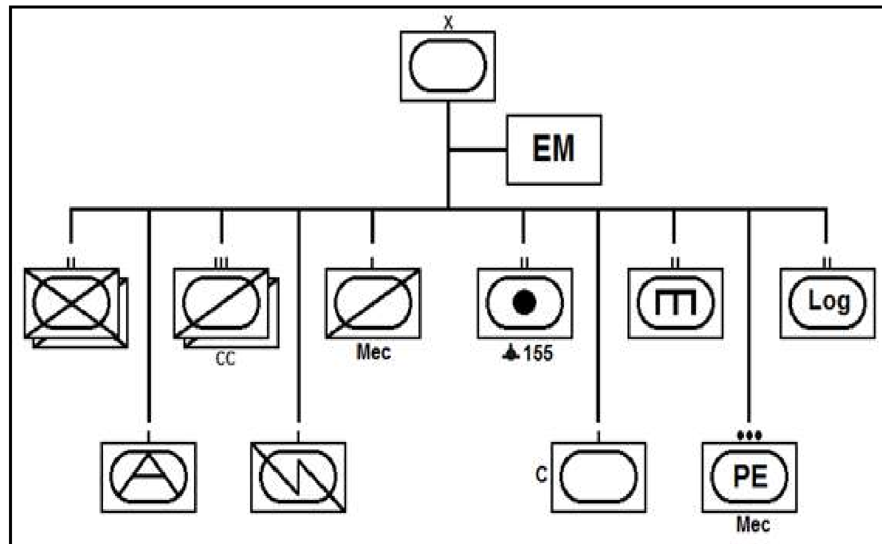


Fig 2-2 Estrutura Organizacional da Brigada Blindada

2.3.1.1.2 Estado-Maior

a) o EM da Bda tem como missão assessorar o Cmt no exercício do comando. O EM compreende: o Estado-Maior geral (EMG) e o Estado-Maior pessoal (EMP) do Cmt; e

b) as atribuições de cada um dos membros do estado-maior da brigada constam do Manual de Campanha - Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres (EB20-MC-10.211), 1ª Ed, 2014.

2.3.1.2 Elementos Subordinados

2.3.1.2.1 Batalhões de Infantaria Blindados

a) Os BIB são unidades quaternárias, organizadas com 01 (uma) Companhia de Comando e Apoio (Cia C Ap) e 04 (quatro) Companhias de Fuzileiros Blindadas (Cia Fuz Bld).

b) Os BIB, normalmente, serão empregados sobre a forma de FT U Bld, compondo as suas SU com as SU dos RCC, sob a forma de FT SU Bld (FT Cia Fuz Bld e FT Esqd CC), cedendo uma ou mais Cia Fuz Bld para organizar as Forças-Tarefa do Regimento de Carros de Combate (FT RCC). Normalmente, as Forças-Tarefa do Batalhão de Infantaria Blindado (FT BIB) serão FT fortes em Fuz Bld.

c) A FT BIB poderá ser organizada de forma equilibrada (com a mesma quantidade de FT Cia Fuz Bld e de FT Esqd CC) ou forte em Fuz Bld (com mais FT Cia Fuz Bld do que FT Esqd CC).

d) De forma idêntica às FT BIB, as FT Cia Fuz Bld poderão ser organizadas com mais Pel Fuz Bld do que Pel CC ou numa dosagem equilibrada entre esses pelotões.



Fig 2-3 Infantaria Blindada - Fuzileiros Blindados

2.3.1.2.2 Regimentos de Carros de Combate

a) Os RCC são unidades quaternárias, organizadas com 01 (um) Esqd C Ap e 04 (quatro) Esqd CC.

b) Os RCC, normalmente, serão empregados sobre a forma de FT U Bld, compondo as suas SU CC com as SU Fuz Bld dos BIB, sob a forma de FT SU Bld (FT Esqd CC e FT Fuz Bld), cedendo um ou mais Esqd CC para organizar as FT BIB. Normalmente, a FT RCC será uma FT forte em CC.

c) A FT RCC poderá ser organizada de forma equilibrada (com a mesma quantidade de FT Esqd CC e FT Cia Fuz Bld) ou forte em CC (com mais FT Esqd CC do que FT Cia Fuz Bld).

d) De forma idêntica às FT RCC, as FT Esqd CC poderão ser organizadas com mais Pel CC do que Pel Fuz Bld ou numa dosagem equilibrada.



Fig 2-4 Cavalaria Blindada - Carros de Combate

2.3.1.2.3 Esquadrão de Cavalaria Mecanizado (Esqd C Mec)

a) O Esqd C Mec da Bda Bld é organizado com 01 (um) Pel C Ap e 03 (três) Pel C Mec. O esquadrão pode ser empregado com limitações como força de proteção (F Ptç), particularmente, em seus flancos nas operações ofensivas de alta mobilidade e grande profundidade; como força de segurança de área nos Postos Avançados Gerais (PAG) e nos Postos Avançados de Combate (PAC); como força de Defesa de Área de Retaguarda (DEFAR) em sua área de retaguarda; e, ainda, como força de vigilância.

b) O Esqd C Mec atua, também, como um dos principais órgãos do sistema de inteligência da brigada, realizando ações de reconhecimento, na busca de dados sobre o inimigo e a Z Aç, em proveito do planejamento e das operações da Bda Bld.



Fig 2-5 Cavalaria Mecanizada

2.3.1.2.4 Grupo de Artilharia de Campanha Autopropulsado (GAC AP)

a) O GAC AP da Bda Bld é uma unidade quaternária, organizada com 01 (uma) Bateria de Comando (Bia C) e 04 (quatro) Baterias de Obuses (Bia O).

b) A artilharia de campanha da Bda Bld é fundamental para o sucesso de suas operações ofensivas e defensivas, nas operações de alta mobilidade e em profundidade da Bda Bld.

c) A constituição quaternária do GAC AP da Bda Bld permite que essa Organização Militar (OM) bata com eficácia e letalidade toda a frente da brigada, atuando, prioritariamente, de forma centralizada.

d) Quando necessário, o GAC AP poderá apoiar diretamente uma ou mais de suas FT U Bld ou o Esqd C Mec fornecendo o apoio de fogo cerrado para que possam cumprir suas missões de combate e bater alvos longínquos, destruindo, bloqueando, neutralizando ou interditando alvos que possam ameaçar essas peças de manobra.



Fig 2-6 Artilharia de Campanha Autopropulsada

2.3.1.2.5 Batalhão de Engenharia de Combate Blindado (BE Cmb Bld)
a) O BE Cmb Bld da Bda Bld é organizado com 01 (uma) Cia C Ap, 01 (uma) Companhia de Engenharia de Pontes (Cia E Pnt) e 02 (duas) Companhias de Engenharia de Combate Blindadas (Cia E Cmb Bld), organizadas com 04 (quatro) Pel E Cmb Bld.
b) O batalhão tem como missão principal apoiar a mobilidade, a contramobilidade e contribuir para a proteção, caracterizando-se como um fator multiplicador do poder de combate da Bda.



Fig 2-7 Engenharia de Combate Blindada

2.3.1.2.6 Batalhão Logístico (B Log)
a) O B Log da Bda Bld deve organizar-se de modo a apoiar as operações de movimento, em grande profundidade, explorando ao máximo todas as possibilidades de suprimento e de manutenção.

b) O B Log deve possuir também a capacidade de transportar, de uma só vez, com meios próprios ou meios recebidos em reforço, no mínimo, 01 (uma) FT SU Bld completa, dando maior flexibilidade à GU.



Fig 2-8 Logística

2.3.1.2.7 Bateria de Artilharia Antiaérea Autopropulsada (Bia AAAe AP)
a) A Bia AAAe AP assegura a Defesa Antiaérea (DA Ae) contra aviação a baixa altura na área de responsabilidade da brigada, normalmente integrada à defesa aeroespacial.
b) O Posto de Comando (PC), as posições de artilharia, as instalações de apoio logístico e os pontos críticos devem ser considerados no estabelecimento desta defesa.



Fig 2-9 Artilharia Antiaérea Autopropulsada

2.3.1.2.8 Companhia de Comunicações Blindada (Cia Com Bld)
a) A Cia Com Bld tem como missão prover o apoio de comunicações à Bda Bld, assegurando o pleno exercício do comando do controle.



Fig 2-10 Comunicações Blindada

2.3.1.2.9 Subunidade de Comando (SU Cmdo)
a) A SU Cmdo (Esquadrão ou Companhia) tem como missão apoiar, em pessoal e em material, o comando da brigada e, prover a segurança das instalações de comando, de seu pessoal e material.



Fig 2-11 Subunidade de Comando

2.3.1.2.10 Pelotão de Polícia do Exército Mecanizado (Pel PE Mec)
a) O Pel PE Mec exerce o poder de polícia no âmbito da Bda Bld, garantindo a segurança, a lei e a ordem; e
b) O Pel é encarregado da proteção do Cmt nos seus deslocamentos, da regulação do tráfego rodoviário na Z Aç da Bda, da administração e escolta dos prisioneiros de guerra.



Fig 2-12 Pelotão de Polícia do Exército Mecanizado

2.3.1.2.11 Para mais informações sobre a organização das U e SU subordinadas à Bda Bld, devem ser consultadas as respectivas bases doutrinárias previstas, quadros de organização e manuais de campanha que regulam o emprego operacional dessas OM.

2.3.2 ORGANIZAÇÃO PARA O COMBATE

2.3.2.1 A organização para o combate e as relações de comando são ditadas pela missão, inimigo, terreno, condições meteorológicas, meios disponíveis, tempo, considerações civis e pelas conclusões do Exm Sit do Cmt, tendo em vista o emprego mais eficaz da Bda Bld.

2.3.2.2 O poder de combate da Bda Bld repousa no emprego combinado dos CC e dos Fuz Bld. Dessa forma, os BIB e os RCC devem ser integrados, formando FT U Bld e FT SU Bld).

2.3.2.3 Cada FT U Bld deve ser apoiada por engenharia, artilharia de campanha e antiaérea, podendo, a depender da missão, receber o apoio de aeronaves da Av Ex ou da Força Aérea (F Ae). Nas FT U Bld deve-se buscar sempre a sinergia entre todos os elementos subordinados, de forma que as deficiências de uns sejam anuladas pelas possibilidades e características dos

outros, fazendo com que o resultado final das ações do conjunto seja maior que a soma das ações individuais das frações que o integram.

2.3.2.4 As FT U Bld podem ser FT BIB, FT RCC ou equilibradas, sendo organizadas de acordo com o Exm Sit do Cmt Bda.

2.3.2.5 As FT BIB são as mais aptas a serem empregadas onde haja a possibilidade do combate aproximado, em áreas com visibilidade restrita, com forte defesa anticarro, onde haja necessidade de limpeza da Z Aç ou onde haja necessidade da manutenção do terreno.

2.3.2.6 As FT RCC são as mais aptas a serem empregadas em terrenos mais limpos e com poucos obstáculos, em missões de grande amplitude, onde haja maior necessidade de ação de choque, contra inimigos fortes em blindados ou em contra-ataques.

2.3.2.7 As FT equilibradas são as mais aptas a serem empregadas em situações incertas, onde haja necessidade de maior flexibilidade.

2.3.2.8 O emprego das FT U Bld é orientado, basicamente, pela aplicação dos princípios de guerra. No entanto, assumem capital importância algumas peculiaridades, principalmente dentro do moderno campo de batalha.

2.3.2.8.1 Utilização do Fogo e Manobra
a) O emprego das FT Bld baseia-se no uso do fogo e da manobra.
b) A manobra é um meio para colocar-se em posição vantajosa em relação ao inimigo. A conjugação do fogo e da manobra permite a progressão de um elemento coberto pelos fogos de outro elemento.
c) O apoio aéreo, a artilharia e os morteiros proporcionam a cobertura de fogos que possibilitam aos CC e aos Fuz Bld cerrarem sobre o inimigo e destruí-lo. Obtêm-se resultados decisivos concentrando os fogos diretos dos CC e das VBC Fuz em um ponto crítico para o sucesso da ação.

2.3.2.8.2 Obtenção e Manutenção da Iniciativa
a) A iniciativa é mantida pela contínua aplicação do poder de combate contra os pontos fracos da defesa inimiga ou aqueles que melhor contribuírem para o cumprimento da missão.
b) Estimula-se a iniciativa por meio de sucessivos ataques contra pontos vulneráveis, negando ao inimigo a oportunidade de reorganizar suas forças para rechaçar o ataque, e pela continuação da ação ofensiva durante a noite. Para tanto, faz-se necessária a manutenção de apropriado ritmo operacional, fruto de um ciclo de tomada de decisão mais rápido do que o do oponente, de forma a quebrar a coesão tática deste, levando-o ao colapso físico e ou moral.
c) É importante a preparação de planos alternativos para execução imediata, caso a operação inicialmente concebida não alcance o sucesso esperado.

2.3.2.8.3 Exploração dos Pontos Fracos do Inimigo
a) Na condução de ações ofensivas as FT Bld, normalmente, procuram obter o máximo de ímpeto no ataque, valendo-se da exploração dos pontos fracos detectados no dispositivo inimigo.
b) Na defensiva, a destruição da força inimiga também poderá ser realizada pelas ações dinâmicas da defesa que, explorando as vulnerabilidades do inimigo, criam as condições favoráveis à realização de rápidos e potentes contra-ataques.

2.3.2.8.4 Emprego Máximo da Mobilidade
a) A mobilidade das FT Bld deve ser explorada de modo a possibilitar o máximo de potência de fogo, provocando desta forma a derrota do inimigo.
b) A mobilidade contribui decisivamente para alcançar a surpresa e permite a rápida concentração e dispersão de forças, intensificando o efeito da manobra.
c) Ela permite, também, o rápido desdobramento em combate e torna possível o pronto desengajamento das forças empenhadas, possibilitando a concentração em um único objetivo de forças empregadas em eixos convergentes.

2.3.2.8.5 Flexibilidade das Estruturas Organizacionais
a) A flexibilidade das estruturas organizacionais das FT RCC e FT BIB concede às formações blindadas a possibilidade de adaptação ao cumprimento de um grande número de missões.
b) O terreno, as condições meteorológicas e o inimigo podem tornar necessária a modificação das estruturas organizacionais básicas das FT Bld.
c) O Cmt deve estar capacitado para utilizar a flexibilidade que os blindados lhe concedem.



Fig 2-13 Força-Tarefa Subunidade Blindada

2.3.2.8.6 Emprego do Combinado CC - Fuz Bld

a) O emprego do combinado CC - Fuz Bld permite o máximo de aproveitamento das características particulares de cada elemento.

b) O emprego de CC e Fuz Bld separadamente, ocorrerá de forma eventual, e deve estar limitado ao tempo e à distância que permitam o apoio mútuo.

2.3.2.8.7 Planejamento Detalhado e Execução Agressiva

a) As operações das FT Bld caracterizam-se pelo planejamento detalhado (exceto no ataque de oportunidade) seguido de execução agressiva.

b) A agressividade imprimida ao ataque determinará o grau de êxito da operação.

AÇÃO TÁTICA	FT RCC	FT BIB	ESQD C MEC
Atacar	1	2	2
Defender	3	2	3
Cobrir	1	1	1
Proteger	2	2	1
Vigiar	2	1	1
Desbordar	1	1	2
Reconhecer	3	2	1
Reconhecer em Força	1	1	2
Aproveitar o êxito	1	1	2
Perseguir	1	1	1
OBSERVAÇÕES			
1	Ideal		
2	Somente contra adversário similar		
3	Eventualmente e com dificuldades		
X	Não capacitado		

Tab 2-1 Comparação de atitudes das Unidades de Combate da Bda Bld para cumprir as tarefas táticas, de acordo com suas capacidades e limitações

2.3.2.8.8 Atribuição de missões pela finalidade

a) Aos comandantes de FT Bld, normalmente, são atribuídas missões pela finalidade.

b) As missões devem transmitir ao comandante “o que deve fazer”, mas não “como fazer”.

c) A rapidez das ações blindadas e a rápida evolução da situação tática, imposta pela forma de movimento, tornam necessária a atribuição de liberdade e iniciativa aos comandantes de tropa blindada, em qualquer nível, para que possam aproveitar, de imediato, as oportunidades favoráveis que se apresentem durante o desenrolar do combate.

2.3.2.8.9 Aproveitamento do Terreno
a) O terreno e as condições meteorológicas, normalmente, condicionam o sucesso ao domínio e uso eficaz da rede de estradas.
b) No entanto, a mobilidade através campo dos veículos blindados reduz a dependência das FT Bld às estradas e permite ao Cmt grande liberdade para manobrar.

2.3.2.8.10 Atacar o Inimigo pelos Flancos ou pela Retaguarda
a) No moderno campo de batalha as manobras devem ser conduzidas com grande ímpeto ofensivo, buscando a decisão no menor prazo possível e com o menor número de perdas.
b) Para isso, o inimigo localizado no campo de batalha deverá ser fixado e atacado em seus flancos e ou retaguarda, onde se buscará destruir seus sistemas de comando e controle, logístico, apoio de fogo e suas reservas e, ainda, obrigá-lo a combater em mais de uma frente.

2.3.2.8.11 Continuidade das Operações
a) Nos seus planejamentos, o Cmt deverá enfatizar a continuidade das operações, particularmente após um sucesso obtido.
b) Essa continuidade deverá ser buscada mediante a ampla utilização do combate noturno, dos ataques de oportunidade e por meio de frequentes substituições dos elementos de 1º escalão, para manter-se permanente a pressão sobre o inimigo.

2.3.2.8.12 Adequado Apoio Logístico
a) Um apoio logístico adequado e oportuno é essencial ao sucesso da operação. Planejamentos detalhados de ressuprimento, evacuação e manutenção devem preceder a operação.

2.4 O AMBIENTE OPERACIONAL MODERNO E A BRIGADA BLINDADA

2.4.1 O MODERNO COMBATE DE BLINDADOS

2.4.1.1 O moderno combate de blindados possui como características básicas o combate ofensivo, agindo com grande ímpeto e valorização da manobra; as ações simultâneas e sucessivas em toda a profundidade do campo de batalha e o combate não linear; a busca pelo isolamento ou destruição da força inimiga; priorização das manobras de flanco; emprego do máximo poder relativo de combate no momento e local decisivo; priorização do combate continuado, com

a máxima utilização das operações noturnas e dos ataques de oportunidade; a buscar da iniciativa, rapidez, flexibilidade e sincronização das operações; valorização dos seguintes princípios de guerra: objetivo, ofensiva, manobra, massa, surpresa e unidade de comando; mitigação das perdas humanas para as nossas forças e para a população civil envolvida; e a busca pela decisão do combate no mais curto prazo.



Fig 2-14 O moderno combate de blindados

2.4.1.2 No campo de batalha moderno, o emprego das forças blindadas ganhou importância e dimensão maiores. Em face da grande evolução tecnológica ocorrida nos últimos conflitos, o Cmt destas forças não terá liberdade para manobrar seus meios de forma independente e isolada do restante das forças em operações.

2.4.1.3 O moderno conceito de emprego de forças blindadas enfatiza a necessidade de se empregar uma tropa capaz de enfrentar múltiplas ameaças, que possa aglutinar em torno das tropas blindadas, artilharia de campanha e antiaérea autopropulsadas, engenharia de combate blindada e do sistema de comunicações, buscando a sinergia entre todos estes elementos, de forma a anular as deficiências de uns e maximizar as possibilidades de outros. Esta força não terá capacidade de manobrar e combater no moderno campo de batalha sem contar com um eficiente sistema de C², com ênfase para a inteligência de combate e outros meios que podem ser adjudicados, como é o caso da Av Ex, da FAT, dos meios de Guerra Eletrônica (GE) e outros.

2.4.1.4 Entretanto, apesar da complexidade introduzida no campo de batalha pelo combate moderno e da grande evolução tecnológica dos armamentos, blindados e equipamentos diversos, a manobra clássica das forças blindadas é

cada vez mais atual e válida, caracterizando-se por empregar uma parte da força para buscar o contato com o inimigo e fixá-lo, manobrar com o grosso dos blindados para atacar o seu flanco ou a sua retaguarda, destruir seus sistemas de comando e controle, logístico e de apoio ao combate, fixar sua reserva, impedi-lo de retrair e apresentar nova defesa, tirar sua liberdade de manobrar e destruí-lo em posição, de forma rápida e com reduzido número de perdas para a Bda.

2.4.1.5 No moderno campo de batalha, o combate tornou-se complexo e multidimensional, fruto do advento de avançados CC e viaturas blindadas, ambos dotados de novos sistemas de armas, equipamentos de sensoreamento remoto e navegação terrestre e armamentos de elevada letalidade. Ainda, o grande poder de destruição advindo das armas anticarro, dos helicópteros de ataque, do emprego de munições "inteligentes" e da intensa utilização do espectro eletromagnético apresenta um novo prisma do combate moderno dos blindados, o que levou os comandantes a enfrentar novos desafios substancialmente diferentes daqueles com que se depararam no passado.

2.4.1.6 Neste complexo campo de batalha moderno, será exigido dos comandantes nos diversos níveis um alto grau de iniciativa, liderança, agilidade mental e grande capacidade para sincronizar as operações e gerenciar um elevado número de informações, conquistando, rapidamente, a iniciativa e conduzindo as operações com ímpeto ofensivo, rapidez, agressividade e audácia.

2.4.1.7 O êxito do comandante dependerá de sua iniciativa, da flexibilidade e da rapidez de sua tropa adaptar-se às situações inesperadas e da capacidade de sincronização das operações por intermédio do seu sistema de comando e controle.

2.4.1.8 A flexibilidade será fator preponderante para agir e reagir com rapidez às ameaças inimigas, concentrar forças no momento e local oportunos, explorar as vulnerabilidades do inimigo, alterar a composição dos meios e a missão dos elementos subordinados, de acordo com as necessidades, empregar oportunamente a reserva, passar de uma atitude defensiva para ofensiva e vice-versa, sem hesitação.

2.4.1.9 A rapidez permitirá manobrar com velocidade e continuamente no campo de batalha, evitando situações estáticas que ofereçam ao inimigo a oportunidade de obter a iniciativa das ações.

2.4.1.10 A sincronização da manobra, dos apoios ao combate e do apoio logístico no tempo, no espaço e na finalidade, proporciona o máximo poder de combate no momento e locais decisivos. Constitui-se, portanto, em um poderoso multiplicador do poder de combate e é a base para o êxito no moderno campo de batalha.

2.4.1.11 A iniciativa permitirá buscar a surpresa, para impor ao inimigo o momento e o local favoráveis à decisão do combate, além de possibilitar a manutenção do espírito ofensivo e da liberdade de ação. O pleno entendimento da intenção do comandante, de pelo menos dois escalões acima, é fundamental para a aplicação da iniciativa.

2.4.2 A BDA BLD E O CONCEITO OPERATIVO DO EXÉRCITO

2.4.2.1 O conceito operativo do EB tem como premissa a combinação, simultânea ou sucessiva, de operações ofensivas, defensivas e de cooperação e coordenação com agências, ocorrendo em situação de guerra e de não guerra.

2.4.2.2 O menor escalão capaz de, simultaneamente, combinar atitudes nesse conceito operativo é a DE.

2.4.2.3 Nesse conceito operativo, a Bda Bld é vocacionada para as ações de guerra, onde deverá ser empregada prioritariamente realizando operações ofensivas. Nas operações defensivas, deverá ser empregada em ações dinâmicas da defesa, seja numa defesa móvel, seja ocupando um dispositivo de expectativa.

2.4.2.4 Nas operações de coordenação e cooperação com agências, a Bda Bld atuará como qualquer outra Bda da F Ter. Nessas situações, terá suas potencialidades relegadas e apenas parte de seus efetivos empregados (exploradores e fuzileiros). Isto porque outra parte considerável de seus efetivos não deve descurar da onerosa manutenção dos meios Bld, mesmo que estes não estejam sendo empregados.

2.4.3 A BDA BLD E A GUERRA DE MOVIMENTO

2.4.3.1 A Guerra de Movimento é um conceito operacional que preconiza a busca da decisão da batalha terrestre por meio de ações ofensivas extremamente rápidas e profundas, com a finalidade de quebrar a coesão tática das forças oponentes, convenientemente apoiadas, orientadas sobre segmentos vulneráveis do dispositivo do inimigo e conduzidas a cavaleiro dos eixos disponíveis, em frentes amplas e descontínuas. O quadro tático resultante da aplicação desse conceito operacional distingue-se por um grande dinamismo, pela importância da obtenção da surpresa, pela descentralização das operações e pelo caráter fundamental da iniciativa, em todos os níveis de comando.

2.4.3.2 A conquista da iniciativa obrigará o inimigo a reagir às ações numa sequência de decisões cada vez mais desordenadas e deficientes. A pressão

constante sobre as forças inimigas, impedindo-as de se reorganizar e de apresentar qualquer forma de resistência, tem sido o objetivo dos exércitos modernos.

2.4.3.3 O conceito Guerra de Movimento permite a derivação dos conceitos operacionais de menor abrangência, que a seguir se discriminam e que devem reger, concretamente, a execução dos combates blindados nas operações ofensivas e defensivas. Para compreender melhor o conceito operacional da Guerra de Movimento, é fundamental conhecer algumas premissas básicas, descritas adiante.

2.4.3.3.1 Ação Desbordante ou de Flanco
a) as operações ofensivas devem ser conduzidas de forma a obter-se, o mais cedo possível, o desequilíbrio físico e psicológico do oponente, como condição indispensável à sua posterior destruição, com um mínimo de desgaste para a força atacante;
b) as ações principais devem evitar as linhas de maior expectativa, a cavaleiro das quais se concentre o grosso do poder de combate do defensor, e incidir sobre regiões cuja posse dificulte a execução do combate defensivo em profundidade por parte do inimigo, paralise seu sistema de comunicações e de comando e interrompa seus eixos de suprimento e seus itinerários de retraimento. Sob tais circunstâncias, o inimigo é conduzido a um dilema: tentar abrir um corredor de retraimento, conduzindo, sob pressão, um avanço desequilibrado sobre uma sólida posição de bloqueio, ou destacar parcelas importantes de seu poder de combate para fazer face à ameaça, correndo o risco de ser batido por partes;
c) quando for inevitável a progressão inicial através de setores densamente defendidos, as ações principais devem ameaçar, em profundidade, objetivos alternativos que, em mãos do atacante, comprometem a integridade do dispositivo defensivo. Desta forma, torna-se difícil para o inimigo emassar suas reservas a cavaleiro de uma única direção. Nesta situação, como exemplo, a execução de uma operação aeromóvel sobre um objetivo em profundidade pode levar o inimigo à situação desvantajosa descrita no subitem anterior e facilitar a progressão do escalão de ataque;
d) após o rompimento da posição da tropa inimiga empenhada (tropa em contato e suas reservas imediatas), somente circunstâncias excepcionais justificam a incidência frontal das ações principais sobre uma região do terreno fortemente defendida, mesmo que esta última configure o objetivo decisivo da força considerada. O comando atacante deve buscar, pela manobra, tornar insustentável a resistência inimiga na mencionada região; e
e) o presente conceito operacional vincula-se, estreitamente, aos princípios de guerra: manobra, surpresa e objetivo.

2.4.3.3.2 Iniciativa
a) os comandos, em todos os níveis, devem exercitar um alto grau de iniciativa**,** conhecendo precisamente a ideia de manobra do escalão superior,

solucionando os problemas táticos locais, à luz de seu próprio critério;
b) sempre que possível, as missões devem ser atribuídas pela finalidade, tendo-se em vista direcionar os esforços dos escalões subordinados até a obtenção de condições favoráveis para atingir o Estado Final Desejado (EFD) da operação; e
c) este conceito operacional decorre, basicamente, do princípio de guerra: objetivo.

2.4.3.3.3 Seleção de Frente
a) os amplos espaços em que são conduzidas as operações impõem, normalmente, o emprego da maioria de meios do atacante em uma frente na qual se procura obter a decisão, conduzindo-se ações secundárias nos setores não selecionados;
b) constitui, no entanto, fator fundamental o emprego modular das peças de manobra de valor unidade, que devem receber frentes compatíveis com suas possibilidades orgânicas, em termos de fogo e de movimento. Os maiores riscos serão admitidos pelos escalões DE e superiores; e
c) este conceito operacional resulta, particularmente, dos princípios de guerra: massa e economia de meios.

2.4.3.3.4 Flexibilidade
a) o planejamento das operações deve incluir alternativas em face de contingências do combate, permitindo a intervenção oportuna do comando, no sentido de aproveitar um sucesso tático inesperado ou de fazer reverter a seu favor o curso da batalha. Ainda, no planejamento da Bda Bld deverão ser preparados planos minuciosos para qualquer tipo de operação, tendo a preocupação com a coordenação com os demais planos, particularmente, o plano de barreiras e o plano de coordenação de fogos, agregando maior flexibilidade para as tropas blindadas;
b) a formulação de hipóteses previsíveis, para fins de planejamento, e a preservação de uma reserva tão potente e móvel quanto possível contribuem para um considerável incremento da flexibilidade, ao longo da execução do combate;
c) em curso de operações ofensivas, o comando da força deve estar preparado para, se necessário, modificar radicalmente seu esquema de manobra original, alterando direções de emprego e objetivos de suas ações principais, no sentido de aproveitar sempre as linhas de menor resistência à progressão;
d) a flexibilidade reside, ainda, na agilidade mental, na criatividade e na capacidade de improvisação dos comandos em todos os níveis e na capacidade destes de transmitir ordens exequíveis de forma segura e com oportunidade; e
e) este conceito realça a observância dos princípios de guerra: manobra, massa, segurança e ofensiva.

2.4.3.3.5 Dissimulação

a) as medidas de dissimulação tática, como fintas, demonstrações e a dissimulação eletrônica (despistamento eletrônico), convenientemente complementadas pelo emprego da camuflagem e de fumígenos, têm como finalidade básica iludir o inimigo e dificultar-lhe a condução de fogos, induzindo-o a dispersar seus meios ou a orientar, de forma inadequada, suas ações principais;

b) a dissimulação contribui para a preservação da integridade da força e permite, frequentemente, que se criem ou se acentuem vulnerabilidades no dispositivo do oponente;

c) medidas de dissimulação proporcionais aos meios disponíveis devem constituir parte integrante dos esquemas de manobra de todos os escalões, quaisquer que sejam a atitude e o tipo de operação em curso; e

d) este conceito materializa, principalmente, a aplicação dos princípios de guerra: surpresa e segurança.

2.4.3.3.6 Ação Tridimensional

a) o largo emprego de aeronaves de asa rotativa e de asa fixa orientadas para a ação contra as tropas terrestres, utilizando-se, basicamente, da faixa inferior do espaço aéreo, aliado ao tradicional emprego das forças aéreas, tornou o campo de batalha moderno acentuadamente tridimensional;

b) a coordenação do uso do espaço aéreo do campo de batalha é requisito fundamental para o emprego de uma F Ter, não só por um imperativo de segurança, como também pelo acréscimo de uma nova dimensão à manobra;

c) operações aeroterrestres e aeromóveis contribuem para a atuação da Bda Bld, conferindo-lhe a capacidade de progredir sobre objetivos profundos, em ritmo intenso e constante, e permitindo-lhe obter, em curto prazo, o total desequilíbrio do oponente;

d) a disponibilidade de Av Ex permite um acréscimo às respectivas áreas de influência, proporcional ao consequente incremento da mobilidade e da potência de fogo; e

e) este conceito confere particular ênfase aos princípios de guerra: manobra, surpresa e ofensiva.

2.4.3.3.7 Ação em Profundidade

a) em operações ofensivas, os êxitos iniciais devem ser aproveitados instantaneamente e na maior profundidade possível, com a finalidade de acentuar o desequilíbrio inicial do inimigo, restringindo a capacidade de reagir, cerceando a liberdade de ação e comprometendo sua vontade de lutar;

b) operações móveis, profundas e ininterruptas produzem, com frequência, por meio de uma pressão constante e potente, o colapso material e anímico do inimigo, reduzindo-o à inação e tornando iminente sua destruição;

c) o combate em profundidade compreende as operações de interdição, visando ao isolamento do campo de batalha, o que não permite ao inimigo concretizar suas possibilidades de reforço em tempo útil e permite batê-lo por partes. Entre outros meios empregados para esse fim, citam-se a GE, a busca

de alvos, os fogos de longo alcance, o fogo aéreo, as ações de forças especiais, de comandos e de guerrilhas, além das incursões profundas de elementos altamente móveis e das operações aeromóveis e aeroterrestres;
d) os alvos típicos do combate em profundidade são o sistema de comando e controle inimigo, suas instalações logísticas, meios de apoio de fogo, eixos de suprimento e evacuação ou objetivos no terreno que caracterizem o isolamento do campo de batalha, impedindo que o inimigo reforce a tropa isolada ou que esta retraia para novas posições mais à retaguarda; e
e) este conceito realça a aplicação dos princípios de guerra: ofensiva e objetivo.

2.4.3.3.8 Combate Eletrônico
a) o controle do espaço eletromagnético, permitindo o seu uso adequado pelas forças amigas, constitui fator de multiplicação do poder de combate, conferindo maior liberdade de ação à F Ter, implementando sua capacidade de atuar ofensivamente com rapidez e em profundidade e proporcionando maior flexibilidade, segurança e dinamismo às ações defensivas;
b) a obtenção de informações, por meio do emprego de Medida de Apoio a Guerra Eletrônica (MAGE), deve iniciar-se mesmo antes da deflagração das hostilidades, prosseguindo, num processo contínuo, durante todo o ciclo de operações, com vistas a revelar o mais cedo possível as intenções do inimigo, seu dispositivo, suas possibilidades, limitações e vulnerabilidades;
c) a utilização de Medidas de Ataque Eletrônico (MAE) constitui importante meio de intervenção no combate. A decisão oportuna de emprego da interferência produz degradação sensível nos sistemas eletrônicos de vigilância, de armas e de comando e controle do inimigo, em momentos decisivos da batalha. Da mesma forma, o uso de MAE, por meio do despistamento manipulativo, dentro do esforço integrado preconizado no Plano de Dissimulação da F Ter, concorre, de forma proeminente, para a obtenção dos efeitos desejados na aplicação dessas ações;
d) ações de medidas provenientes da GE reforçam a nossa capacidade de manobrar com rapidez e segurança; e
e) este conceito evidencia a aplicação dos princípios de guerra: manobra, surpresa, ofensiva e segurança.

2.4.3.3.9 Risco
a) o risco é inerente à guerra e deve ser aceito pelos comandos de todos os níveis, sempre que o cumprimento da missão o exija ou a transcendência do êxito esperado o justifique;
b) é necessário, entretanto, que o grau de risco que se pretende assumir seja avaliado, em toda a sua extensão, no sentido de que, em caso de insucesso, o comando disponha de alternativas para preservar a integridade da força; e
c) este conceito vincula-se aos princípios de guerra: objetivo e segurança.

2.4.3.3.10 Combate Não Linear
a) o combate moderno deixou de ser realizado apenas no compartimento de contato. Ele ocorre, ao mesmo tempo, no compartimento de contato, na área de segurança e na retaguarda. Caracteriza-se, portanto, pela não linearidade. Deste modo, o Cmt preocupa-se não apenas com o combate aproximado, mas também com as ações profundas que pode realizar, mediante operações aeromóveis e com blindados, aplicação de fogos maciços em profundidade, infiltrações e incursões, ações estas que desequilibram todo o dispositivo inimigo, forçando-o a lutar em mais de uma direção e isolando-o de seus apoios e reforços, além de ter que conservar em reserva forças potentes e móveis para fazer face às ameaças à sua retaguarda;
b) o combate a cavaleiro dos eixos rodoviários, comum na guerra de movimento, leva à aceitação de brechas entre as posições ocupadas pelas tropas. Essas brechas, muitas vezes apenas vigiadas, aumentam a não linearidade do combate, criando, no dispositivo mais fluido das forças, vulnerabilidades que, devidamente exploradas, podem levar à decisão mais rápida do combate. É o ambiente favorável às manobras de flanco, às incursões profundas e à infiltração de tropas no dispositivo inimigo; e
c) este conceito realça a observância dos princípios de guerra: manobra e surpresa.

2.4.3.3.11 Letalidade
a) os sistemas de armas modernos, extremamente precisos e apoiados em avançadas tecnologias, aliados a uma capacidade de adquirir alvos por meio dos radares, equipamentos de visão noturna, veículos aéreos não tripulados e satélites, propiciaram ao combate moderno a característica de extrema letalidade; e
b) vincula-se ao princípio de guerra da ofensiva e da defensiva.

2.4.4 A DINÂMICA DAS OPERAÇÕES MILITARES E A BDA BLD

2.4.4.1 A Dinâmica das Operações

2.4.4.1.1 A dinâmica das operações da Bda Bld compreende o desenvolvimento de ações no espaço e no tempo, considerando a amplitude, integração e sincronização das operações militares.

2.4.4.2 Amplitude das Operações

2.4.4.2.1 Quanto à amplitude, as operações da Bda Bld poderão ser desenvolvidas por intermédio de ações aproximadas, ações profundas e ações na retaguarda.

2.4.4.2.2 Ações aproximadas de uma Bda Bld são aquelas realizadas em contato direto com o inimigo, com o objetivo de destruir a parte vital do seu poder de combate. São ações realizadas pelas FT U Bld da Bda num ataque

de oportunidade ou coordenado, nas ações de cerco, defesa móvel etc. Essas ações ocasionam o máximo desgaste à tropa blindada, sendo necessário, durante o seu planejamento, muita atenção para a seleção de um lugar adequado e o momento oportuno de sua realização, a concentração da força suficiente para obter efeitos decisivos e a rápida dispersão da tropa blindada depois de concluída a ação.

2.4.4.2.3 Ações profundas de uma Bda Bld são aquelas realizadas em terreno controlado pelo inimigo, onde suas FT U Bld investirão, direta ou indiretamente, contra o sistema logístico e de comando e controle, causando o colapso da força inimiga, da retaguarda para frente. Essas ações profundas, por intermédio de um desbordamento, ou envolvimento, ou numa operação de aproveitamento do êxito, ou perseguição, terão por finalidade isolar o inimigo, impedindo que se retire, limitando sua liberdade de ação e criando condições favoráveis para realização de ações aproximadas.

2.4.4.2.4 Ações de retaguarda serão realizadas por uma Bda Bld quando esta estiver em reserva e for empregada para auxiliar na proteção da área de retaguarda de seu escalão superior contra incursões inimigas ou para a defesa de suas instalações logísticas, de comando e controle em sua própria área de retaguarda.

2.4.4.3 Integração

2.4.4.3.1 A integração é a ação empregada pela Bda Bld em suas operações ao buscar a sinergia, o apoio mútuo e a complementação de capacidades de suas FT U Bld, elementos de apoio ao combate e de logística.

2.4.4.3.2 Em operações conjuntas, a Bda Bld deverá buscar esses mesmos resultados integrando-se com forças navais, aéreas ou outras forças terrestres.

2.4.4.4 Sincronização

2.4.4.4.1 A sincronização é uma ferramenta utilizada pela Bda Bld em operações, para realizar a coordenação das ações de suas FT U Bld e dos elementos de apoio ao combate e de logística no tempo e espaço, com a finalidade de empregar o máximo Poder Relativo de Combate (PRC) no momento e lugares decisivos.

2.4.4.4.2 A Bda Bld deverá atuar de forma a sincronizar todas as informações sobre os obstáculos e a localização das reservas inimigas, o planejamento de fogos diretos e indiretos, a interferência nas comunicações, dentre outros aspectos, com a ação de suas FT U Bld, para que se obtenha a sinergia e a multiplicação do poder de combate das mesmas.

2.4.4.4.3 Para a sincronização das ações da Bda Bld, deverão ser considerados pelos comandantes e EM, em todos os níveis, os seguintes questionamentos e assuntos:
a) quais efeitos a Bda deseja infligir ao inimigo, quais as suas consequências, como poderão ser aproveitadas as atuais fragilidade e deficiências do inimigo e as que serão provocadas por ação da Bda;
b) quais efeitos, e suas consequências, serão produzidos pela ação do inimigo e terão interferência na manobra da Bda ou sobre suas FT U Bld, elementos de apoio ao combate ou de logística;
c) a necessidade de planejamento de todas as atividades, de forma a obter a integração dos seus efeitos;
d) a necessidade da adoção de procedimentos que possam orientar de forma eficaz as FT U Bld, os elementos de apoio ao combate e de logística quanto à sequência das atividades e à intenção do Cmt;
e) a necessidade imposta pelo combate blindado de emissão de ordens fragmentárias em tempo oportuno;
f) o efetivo exercício do comando e controle da Bda e dos elementos subordinados durante as operações; e
g) se for o caso, as atividades a serem desenvolvidas para cooperação civil-militar.

CAPÍTULO III

COMANDO E CONTROLE

3.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

3.1.1 O presente capítulo aborda os principais conceitos necessários para a correta compreensão do funcionamento do Comando e Controle (C²) no processo de planejamento e na condução das operações de uma Bda Bld, na integração dos sistemas que ligam os PC e na responsabilidade pelas ligações que possibilitam a sincronização das ações em combate ou nas Zonas de Reunião (Z Reu).

3.1.2 A estrutura de C² da Bda Bld deve ser capaz de proporcionar aos comandantes, em todos os níveis de decisão, o exercício do Comando e do Controle por meio da avaliação da situação e da tomada de decisões baseada em um processo eficaz de planejamento, de preparação, de execução e de avaliação das operações. Para isto, são necessários sistemas de informação e comunicações integrados que permitam obter e manter a superioridade de informações com relação a eventuais oponentes.

3.1.3 Comandar, em qualquer nível, é a arte de motivar e conduzir soldados para o desempenho de tarefas que visem ao cumprimento da missão. O comando de operações engloba dois componentes vitais: a habilidade de liderar e a habilidade de decidir. O comando exige do Cmt a capacidade de: visualizar a finalidade da operação; transformar esta visualização em diretrizes concisas e claras que orientem com simplicidade as ações a realizar; formular o conceito da operação; e proporcionar à força vontade para concentrar o poder de combate no ponto decisivo com superioridade em relação ao inimigo.

3.1.4 O Cmt Bda Bld deve usar o controle para regular forças e ações no campo de batalha, a fim de que a sua decisão seja cumprida fielmente. O controle também tem dois componentes vitais. Primeiro, o controle obedece ao princípio da unidade de comando, pelo qual um comandante deve controlar um escalão abaixo e gerenciar as forças até dois escalões abaixo do seu. Segundo, o controle deve ser compatível com o dinamismo das operações, possibilitando ao Cmt tomar decisões oportunas.

3.1.5 Em cada escalão de comando, o componente mais importante é o pessoal. O Cmt deve basear sua estrutura de C² mais nas características humanas do que em equipamentos e procedimentos. O pessoal treinado é essencial para um sistema eficaz, ou seja, a melhor tecnologia não suplanta o fator humano.

3.1.6 Os elementos de combate, de apoio ao combate e logísticos interagem, integrando sistemas operacionais que permitem ao Cmt Bda Bld coordenar o emprego oportuno e sincronizado de seus meios no tempo, no espaço e na finalidade.

3.1.7 Este sistema permite ao Cmt Bda Bld visualizar o campo de batalha, apreender a situação e dirigir as ações necessárias ao êxito das operações. A comunicação é o elemento vital para o exercício do C² em combate.

3.1.8 O Cmt Bda Bld deve se posicionar, no campo de batalha, onde melhor possa controlar seus elementos subordinados e expedir as ordens necessárias para influir no combate.

3.2 COMANDO E CONTROLE

3.2.1 O C² compreende não só a atuação dos comandantes e de seus EM, mas também o sistema de C² que lhe dá suporte. Constitui-se no exercício da autoridade e da direção que um Cmt tem sobre as forças sob seu comando, para o cumprimento da missão recebida. Ele é executado por meio da liderança, dos processos de planejamento, dos meios de comunicações e das instalações de comando. Ele está fortemente relacionado aos conceitos de liderança e de gestão. No conceito de C² destaca-se o fato de que a ação do comando não termina com a decisão, mas se estende ao acompanhamento das ações (comandar não é o suficiente, é necessário verificar o cumprimento da ordem). Para mais informações sobre o assunto, consultar o Manual de Campanha Comando e Controle (EB20-MC-10.205), 1ª Ed , 2015.

3.2.2 Comando é a autoridade legalmente exercida pelo Cmt sobre os subordinados, em virtude de cargo ou atribuição que lhe compete. O comando inclui a autoridade e a responsabilidade para a efetiva utilização dos recursos disponíveis para empregar, organizar, dirigir, coordenar e controlar as forças militares para o cumprimento de missões atribuídas. Ele requer o exercício de julgamento e o desenvolvimento da liderança. O comando tem por objetivo a tomada de decisão.

3.2.3 Controle é a ciência de definir limites, calcular riscos, realocar recursos, estabelecer requisitos e parâmetros para relatórios, avaliar o desempenho, identificar e corrigir erros e verificar se as ações estão sendo cumpridas, de acordo com a intenção do comandante. Controlar é o ato ou efeito de acompanhar a execução de qualquer empreendimento por intermédio da avaliação e correção das atividades planejadas, de forma a não permitir que se desvie dos propósitos estabelecidos, interferindo quando necessário, a fim de garantir os resultados planejados. O controle tem por objetivo a eficácia do comando, ou seja, o cumprimento da missão.

3.2.4 A Bda Bld combate em um ambiente onde as frentes e profundidades são extensas e o inimigo é fluído, havendo incertezas sobre as ações do inimigo. Em consequência, o comando é, normalmente, exercido de forma descentralizada, com iniciativa responsável e disciplinada dos comandos subordinados, dentro da intenção do comandante. São incentivadas as ordens que enfatizam aos subordinados os resultados a serem alcançados, mas não como eles devem ser alcançados. Nesse ambiente do combate blindado é fundamental que os subordinados tenham perfeito entendimento das tarefas críticas do combate e da intenção do comandante.

3.2.5 Como o inimigo da Bda Bld é, em princípio, outra força blindada ou mecanizada, que pode deslocar-se rapidamente pelo campo de batalha, alterando os planejamentos iniciais de combate, as ordens são transmitidas, normalmente, pela finalidade, sendo frequentes as ordens fragmentárias e as complementares, transmitidas verbalmente, exigindo reações em situações que exijam reações rápidas. Quando possível, ordens fragmentárias escritas são expedidas para confirmarem as ordens verbais e assegurar a sincronização e a integração de toda a brigada.

3.2.6 Os princípios do C² são pressupostos que deverão ser observados no planejamento e na execução dessa atividade. Esses princípios são: a unidade de comando, simplicidade, segurança, flexibilidade, confiabilidade, continuidade, rapidez, amplitude e a integração. Dependendo da situação operacional, o Cmt poderá atribuir maior importância a alguns princípios em detrimento de outros. Para mais informação sobre o assunto, deve-se consultar o Capítulo II do Manual de Campanha Comando e Controle (EB20-MC-10.205), 1ª Ed , 2015.

3.3 O COMANDO DA BRIGADA BLINDADA

3.3.1 O comando da Bda Bld é constituído pelo Comandante da Brigada (Cmt Bda), o Chefe do Estado-Maior (Ch EM) e pelo Estado-Maior Pessoal (EMP) do Cmt GU.

3.3.2 O Cmt Bda, assessorado pelo seu EM, planeja, organiza, coordena e controla as atividades da GU.

3.3.3 O Ch EM Bda é, em princípio, o substituto eventual do Cmt Bda. Ele chefia, coordena e controla as seções do EM e é o sincronizador das ações da Bda Bld.

3.3.4 O EMP do Cmt Bda, constituído pelo Assistente Secretário, pelo Auxiliar de EMP e pelo Adjunto de Comando, assessora e apoia o comandante em suas necessidades pessoais, relacionadas ao comando da Bda.

3.3.5 O sistema de C² da Bda Bld deve permitir que o Cmt e seu EM, simultaneamente, concentrem-se na condução das ações correntes e planejem as operações futuras.

3.4 O COMANDANTE DA BRIGADA

3.4.1 Comandar uma Bda Bld em combate exige grande habilidade para, rapidamente, decidir, definir as missões, estabelecer as prioridades, atribuir os recursos necessários ao cumprimento das missões, empregar e manter o poder de combate de forma eficiente e dirigir os esforços dos subordinados na consecução de objetivos claros e definidos. Requer, também, grande liderança e capacidade para motivar e conduzir seus soldados num combate continuado, fluído, extremamente móvel e de grande profundidade.

3.4.2 Além dessas habilidades, o Cmt Bda Bld deve antecipar-se aos eventos, processar e selecionar uma grande quantidade de informações, tomar decisões e atuar de forma mais precisa e rápida do que o seu adversário.

3.4.3 O Cmt deve ser capaz de visualizar a finalidade da operação e transformar essa visão em diretrizes concisas e claras, de forma a orientar com simplicidade as ações a realizar, formular o conceito da operação e proporcionar à tropa as condições de concentrar o seu poder de combate no ponto decisivo, com superioridade em relação ao inimigo.

3.4.4 Para que possa exercer eficazmente seu comando, o Cmt Bda Bld deve possuir os meios necessários e a capacidade de se deslocar pelo campo de batalha para avaliar pessoalmente a situação tática, seja por intermédio do contato pessoal com seus comandantes subordinados, seja observando o campo de batalha de onde melhor possa controlar seus elementos subordinados e expedir as ordens necessárias para influir no combate. O Cmt deve buscar a coordenação via contato pessoal com seus subordinados sempre que for possível e oportuno. Essa presença do Cmt na frente de combate é fundamental para a sua liderança e para o C² da GU.

3.4.5 O Cmt Bda deve ser capaz de traduzir para os seus comandantes subordinados e para o seu EM, com clareza, a sua intenção sobre o combate e os objetivos a atingir pela tropa. Deve assegurar-se de que todos possuam um perfeito entendimento das tarefas críticas do combate e de sua intenção.

3.4.6 O Cmt deve controlar a sua Bda de forma que mantenha sua liberdade de operar, possa delegar autoridade, alterar o esforço principal e sincronizar as ações da Bda Bld de qualquer ponto de sua Z Aç. Ele deve usar o controle da GU para regular as forças e as ações no campo de batalha, garantindo que a missão seja cumprida com base em sua decisão.

3.5 O ESTADO-MAIOR DA BRIGADA

3.5.1 GENERALIDADES

3.5.1.1 O EM da Bda assessora o seu Cmt no planejamento, na organização, no emprego dos comandos subordinados, na coordenação e no controle das atividades da GU, sendo composto por seu Chefe, pelo EMP e pelo EMG.

3.5.2. O ESTADO-MAIOR GERAL

3.5.2.1 O EMG da Bda Bld é constituído por seis seções: a 1ª Seção – Pessoal, a 2ª Seção – Inteligência, a 3ª Seção – Operações, a 4ª Seção – Logística, a Seção de Cooperação Civil-Militar e a Seção de Doutrina e Lições Aprendidas.

3.5.3 ASSESSORES ESPECIAIS DO COMANDANTE DA BRIGADA E ESTADO-MAIOR GERAL

3.5.3.1 Os comandantes de todas as U e SU de apoio ao combate e de apoio logístico da Bda e os comandantes das SU do B Log são os responsáveis por prestar o assessoramento especial ao Cmt Bda e EMG, em suas áreas de atuação: apoio de fogo, engenharia, logística, comunicações, defesa anticarro, polícia do exército, transporte, suprimento, manutenção, saúde etc.

3.5.3.2 Também são considerados assessores os comandantes das U e SU de apoio ao combate e logística, colocadas em apoio, reforço ou integração à Bda, em suas áreas de atuação, pelo tempo em que durar essa situação.

3.5.4 APOIO AO COMANDO E AO ESTADO-MAIOR

3.5.4.1 O Comando da Bda conta, ainda, com 01 (uma) Ajudância Geral, 01 (uma) Seção Administrativa, 01 (uma) Assessoria de Apoio para Assuntos Jurídicos e 01 (uma) Seção de Tecnologia da Informação.

3.5.4.2 Essas seções, ajudância e assessoria, apoiam administrativamente o comando e o EM da Bda, dando o suporte em suas especialidades para a execução do C² e funcionamento das demais seções.

3.5.5 CARACTERÍSTICAS E CAPACIDADES DO ESTADO-MAIOR DA BRIGADA BLINDADA

3.5.5.1 O EM da Bda Bld deve ter capacidades especiais, que o habilitem a assessorar o Cmt num combate dinâmico, muito móvel e profundo, onde a situação tática pode ser alterada rapidamente, sendo necessário planejar continuamente e realizar um cerrado controle de todas as ações. A velocidade do combate blindado e a incerteza sobre as ações do inimigo exigirão que o EM seja proativo, tenha a capacidade de antecipar-se às ações do inimigo,

possa processar um grande volume de informações e tenha um perfeito conhecimento das intenções de seu Cmt.

3.5.5.2 Essa dinâmica do combate blindado exigirá, também, que os integrantes do EM da Bda Bld tenham condições de rapidamente adaptar-se a essas mudanças, mesmo que com informações insuficientes. São capacidades desejáveis do EM de uma Bda Bld e de seus integrantes, dentre outras:
a) atuar de forma centralizada ou descentralizada;
b) planejar contínua e permanentemente;
c) possuir rápida recuperação física e mental de seus integrantes;
d) atuar segundo procedimentos padronizados, de forma a facilitar e dar rapidez ao trabalho;
e) racionalizar o ciclo de informação, análise, tomada de decisão e ação;
f) interagir fisicamente ou de forma virtual com o Cmt GU e os Cmt subordinados;
g) desenvolver e manter a interoperabilidade, a fim de facilitar o relacionamento com as outras Forças, agências civis e instituições, na busca da otimização do emprego de recursos humanos e materiais, durante a execução de uma missão, adestramento ou instrução;
h) trabalhar constantemente com base em ordens fragmentárias e missões pela finalidade;
i) analisar e trabalhar, simultaneamente, um grande número de informes e informações em tempo real;
j) ter a mesma mobilidade dos elementos de combate da Bda; e
k) operar, com desenvoltura, o equipamento tecnológico apropriado para a tomada de decisões e acompanhamento da situação tática.

3.5.5.3 O EM apoia e assessora o comandante e os comandantes subordinados da Bda, participa da tomada de decisões e de sua implementação, durante a condução das operações, por intermédio da execução das seguintes tarefas básicas:
a) conduzir o processo de operações: planejar, preparar, executar e avaliar as operações;
b) conduzir a gestão do conhecimento e o gerenciamento de informações; e
c) sincronizar os recursos relacionados à informação.

3.6 PROCESSO DE PLANEJAMENTO E CONDUÇÃO DAS OPERAÇÕES TERRESTRES

3.6.1 O PROCESSO DE CONDUÇÃO DAS OPERAÇÕES TERRESTRES E O PLANEJAMENTO DA BRIGADA BLINDADA

3.6.1.1 O Processo de Condução das Operações Terrestres (PPCOT) constitui o meio pelo qual o Cmt Bda desenvolve uma das principais atividades da função de combate C², visando o cumprimento de uma missão.

3.6.1.2 Alguns assuntos relacionados ao PPCOT e ao planejamento em geral da tropa blindada em operações, apesar de estarem descritos de forma mais detalhada e profunda em outros manuais de campanha, serão citados brevemente neste manual, enfatizando a sua importância para o combate blindado.

3.6.1.3 Para um perfeito entendimento deste processo e de sua aplicação ao planejamento das operações da Bda Bld deverá ser consultado o Manual de Campanha Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres (EB20-MC-10.211), 1ª Ed , 2014.

3.6.2 A INTENÇÃO DO COMANDANTE

3.6.2.1 No combate blindado é fundamental que os Cmt subordinados (em todos os níveis) tenham condições de prosseguir no combate, cumprindo a missão recebida, mesmo que as ligações com o seu comando enquadrante tenham sido cortadas (em função da atuação do inimigo ou por falha técnica dos equipamentos).

3.6.2.2 Para que isso seja possível e se torne realidade, é necessário que todos tenham um perfeito entendimento da intenção do Cmt sobre a missão e a forma de cumprí-la, bem como um correto entendimento de todas as ordens recebidas. Os comandantes (em todos os níveis), conhecendo a intenção de seu comandante e do conceito da operação, poderão realizar suas ações com mais iniciativa e oportunidade, com uma menor dependência dos meios de comunicações.

3.6.2.3 É importante que os comandantes das FT U Bld, das U de apoio ao combate e U de apoio logístico conheçam e tenham um perfeito entendimento da intenção do seu comandante de Bda, pois ela é a expressão clara e concisa da finalidade da operação e do estado final militar desejado para a Bda Bld. Esta intenção deve incluir o objetivo da operação, as principais tarefas e as condições que definem o estado final do cumprimento da missão. Ela vincula a missão, o conceito de operações e as tarefas das U subordinadas.

3.6.2.4 O Cmt Bda Bld deve ter um perfeito entendimento do significado de sua intenção para o trabalho de seu EM e para os comandos subordinados. O Cmt deve definir pessoalmente a sua intenção, regulando o propósito e ampliando seu entendimento; regulando as principais atividades e tarefas a executar; e, principalmente, o EFD para a missão da brigada.

3.6.3 MISSÃO PELA FINALIDADE

3.6.3.1 A tropa blindada deve ser instruída e adestrada para receber grande parte de suas missões em combate pela finalidade, em função da incerteza, do ritmo e da velocidade intensa que caracterizam o combate blindado.

3.6.3.2 O Cmt Bda Bld, ao atribuir uma missão pela finalidade, deve assegurar-se que as instruções que estão sendo transmitidas estejam focadas na operação e que deleguem aos subordinados o detalhamento das atividades, tarefas e ações que estão associadas a essa missão.

3.6.4 SINCRONIZAÇÃO

3.6.4.1 Considerações gerais

3.6.4.1.1 A sincronização é a combinação das atividades no campo de batalha em tempo, espaço e finalidade com o objetivo de proporcionar o máximo poder relativo de combate no lugar decisivo, embora não se limite a ele. Algumas atividades que o Cmt sincroniza em uma operação podem ocorrer antes do momento decisivo. A sincronização visa a obter poder de combate vencedor.

3.6.4.1.2 O dinamismo do combate blindado diminui os prazos disponíveis para a tomada das decisões, tornando imprescindível a estreita sincronização dos meios postos à disposição do Cmt Bda Bld para a obtenção do êxito nas operações.

3.6.4.1.3 A sincronização é um poderoso fator multiplicador do poder de combate. O inimigo terá muito mais dificuldades em resistir às ações da Bda Bld se tiver que enfrentar, simultaneamente, seu ataque terrestre, devidamente apoiado por meios aéreo, fogos diretos e indiretos; se as suas redes de comando e suas comunicações sofrerem eficaz interferência eletrônica; se o seu apoio de fogo for submetido a um preciso fogo de contrabateria; se as ações da tropa blindada forem complementadas por assalto aeromóvel, a fim de isolar o campo de batalha, impedir a chegada de reforços ou dificultar a movimentação de suas reservas; e se suas instalações logísticas e de comando forem submetidas a preciso e constante fogo de artilharia. A simultaneidade dessas ações pode levar o inimigo ao colapso em curto prazo, pois a soma dos efeitos será maior do que se as ações fossem sucessivas.

3.6.4.1.4 A sincronização requer estreita coordenação entre vários elementos e atividades que participam de uma operação. Contudo, por si só, essa coordenação não é garantia de sincronização, a não ser que o Cmt primeiro visualize os efeitos desejados e qual a sequência de atividades que os produzirá.

3.6.4.2 A Sincronização na Brigada Blindada

3.6.4.2.1 A Bda Bld, normalmente, sincroniza suas operações da seguinte forma:
a) assegurando-se de que seus meios de inteligência de combate estão ajustados às necessidades do Cmt e que responderão a tempo de influenciarem nas decisões e na operação;

b) determinando qual será o esforço principal e carreando os meios necessários para estes elementos;
c) coordenando a manobra com os meios de apoio ao combate e de apoio logístico disponível;
d) utilizando a estimativa logística para assegurar-se que os meios necessários estarão disponíveis e alocados;
e) emassando rapidamente seu poder de combate no ponto decisivo para obter a surpresa, a massa e uma efetiva ação de choque, sem demoradas explanações e expedições de ordens;
f) planejando à frente, para explorar as oportunidades criadas pelo sucesso tático;
g) permitindo uma execução descentralizada das operações;
h) utilizando as ferramentas da sincronização; e
i) conduzindo ensaios de sincronização.

3.6.4.2.2 O Ch EM Bda tem papel fundamental na sincronização. Ele é o sincronizador da Bda, sendo responsável pela condução desse processo. O EM precisa conhecer a intenção do comandante, pois é o EM que faz grande parte do plano de sincronização acontecer. A sincronização deve estar sempre na mente dos comandantes em todos os níveis e, a partir daí, no planejamento e coordenação de movimento, fogos e atividades de apoio. Os ensaios são importantes para o êxito de operações sincronizadas.

3.6.4.2.3 Nas operações da Bda Bld em que as distâncias entre os diversos elementos normalmente são grandes, somente um sistema de comunicações eficiente poderá proporcionar condições essenciais para obter-se a sincronização das ações. No entanto, além desse fator, é fundamental que o EMG e seus assessores estejam atentos para as consequências e reflexos das ações planejadas, de forma a alterá-las, quando necessário, para viabilizar a desejada simultaneidade das ações.

3.6.4.2.4 A sincronização requer estreita coordenação entre vários elementos e atividades que participam de uma operação. Contudo, por si só, essa coordenação não é garantia de sincronização, a não ser que o Cmt primeiro visualize os efeitos desejados e qual a sequência de atividades que os produzirá.

3.6.4.2.5 O EM precisa conhecer a intenção do comandante, pois é o EM que faz grande parte do plano de sincronização acontecer. A sincronização deve estar sempre na mente dos comandantes e, a partir daí, no planejamento e coordenação de movimento, fogos e atividades de apoio. O objetivo da sincronização é usar cada meio disponível onde, quando e da maneira que possa melhor contribuir para obter a superioridade no local em momentos decisivos. Os ensaios são importantes para o êxito de operações sincronizadas.

3.6.4.2.6 No processo de sincronização da Bda Bld, normalmente, são utilizadas as seguintes ferramentas:
a) Matriz da Sincronização
- É um documento empregado pelo EM da Bda na visualização e ensaio de todas as ações a serem realizadas antes, durante e após o combate. Esse documento não é padronizado, podendo ser adaptado ao sistema de trabalho do EM da Bda ou da operação a ser conduzida. Em princípio, constitui-se numa planilha de dupla entrada onde, na coluna vertical são lançados os eventos e faseamento do combate, a situação do inimigo, as funções de combate, os meios disponíveis e ações de dissimulação e simulação previstas para a operação e, na coluna horizontal, são lançados o tempo ou o faseamento da operação. É feita uma interação destas duas colunas, reagindo-se cada sistema com o faseamento da operação/tempo, considerando-se a interferência do inimigo, do terreno, das condições meteorológicas e de outros dados que poderão interferir no cumprimento da missão.
- A matriz de sincronização pode ser utilizada para suplementar o calco de operações e ordens verbais. O preenchimento da matriz não substitui a ordem de operações para o cumprimento da missão. O Anexo B do Manual de Campanha Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres (EB20-MC-10.211), 1ª Ed, 2014, apresenta um exemplo de matriz de Sincronização de uma DE.
b) Planilha de Acompanhamento do Combate
- É um documento de trabalho empregado pelas seções de EM e elementos de combate, de apoio ao combate e logístico.
- Nestas planilhas são sintetizadas as ações, atividades e atuações de cada sistema operacional, visando a facilitar o acompanhamento das ações do combate e a realização do Exm Sit continuado e planejamentos dele decorrentes.
- Durante o combate, o emprego destas planilhas permite maior rapidez na introdução das correções que se fizerem necessárias no planejamento inicial.

3.6.4.2.7 O processo de sincronização na Bda Bld deve ser conduzido, em princípio, em três fases distintas:
a) a sincronização realizada durante o planejamento da operação;
b) a sincronização do ensaio da operação; e
c) a sincronização durante o combate.

3.6.4.2.8 A sincronização da manobra, do apoio ao combate e do apoio logístico realizada durante a fase inicial de planejamento é conduzida pelo Cmt Bda Bld, auxiliado pelo seu EM. Nesta fase, são planejadas as ações a realizar e como estas ações ocorrerão.

3.6.4.2.9 Encerrada a fase de planejamento e com a ordem de operações já elaborada, é realizado um ensaio da operação, conduzido pelo Ch EM e com a presença do EM, Cmt OM e dos elementos de apoio ao combate e apoio logístico. Nesse ensaio todas as ações previstas para o combate interagem

com a provável atuação do inimigo, possibilitando a introdução de modificações que venham a contribuir para a execução do planejamento inicial. A finalidade desse ensaio, além de ajustar o planejamento, é garantir que todos os elementos do EM, comandantes subordinados, elementos de apoio ao combate e apoio logístico reforcem a intenção do comandante, compreendam o conceito da operação, saibam o que fazer em todas as fases do combate e qual a missão de todos os elementos subordinados da Bda.

3.6.4.2.10 O ensaio de sincronização tem início com o E2 expondo todos os dados e conhecimentos disponíveis sobre o terreno, as condições meteorológicas e o inimigo e, de que forma se espera que interfiram na operação. Em seguida, e para cada fase da operação, os oficiais responsáveis pelas funções de combate (manobra, apoio de fogo, engenharia, comando e controle, logística e defesa antiaérea) e os comandantes subordinados expõem como atuarão durante a fase considerada. O E2 passa a atuar como se fosse o comandante inimigo (com base nos dados e conhecimentos disponíveis sobre efetivos, equipamentos, doutrina, dentre outros), interferindo na explanação de cada responsável por função de combate, procurando neutralizar o planejamento de cada um destes sistemas, levando o EM a modificar o planejamento inicial. Ao final do ensaio, e tendo certeza da viabilidade da operação e de que todos sabem o que fazer, o Ch EM dá por encerrada essa fase da sincronização e informa ao Cmt Bda os resultados obtidos, caso este não tenha acompanhado o ensaio.

3.6.4.2.11 Ao iniciar-se o combate, o Ch EM passa a conduzir a terceira fase da sincronização no Posto de Comando Principal (PCP). Ele mantém-se informado da situação tática e logística da Bda, do escalão superior e dos elementos vizinhos, realizando um Exm Sit continuado, com o apoio do E2 e dos demais elementos do EM, quando necessário. Com base neste Exm Sit ele introduz modificações no planejamento inicial, após contato com o Cmt Bda Bld, agilizando a resposta dos elementos necessários, face à mudança da situação tática ou logística.

3.7 POSTO DE COMANDO

3.7.1 GENERALIDADES

3.7.1.1 Posto de Comando (PC) é a denominação genérica empregada pelas organizações operativas, nos diversos escalões, para o exercício do comando nas operações militares. Normalmente, os PC são desdobrados no interior de um Teatro de Operações (TO) ou de uma Área de Operações (A Op).

3.7.1.2 Os PC compreendem as instalações e os meios necessários para que o Cmt e seus órgãos auxiliares possam exercer suas atividades.

3.7.2 ESCALONAMENTO DOS POSTOS DE COMANDO

3.7.2.1 O escalonamento do PC da Bda Bld tem o objetivo de estabelecer sistemas de C² específicos para operações e para atividades logísticas. Esse escalonamento ocorrerá em função do tempo disponível, das características da área de operações, das possibilidades do inimigo e da situação tática exigida.

3.7.2.2 Os PC da Bda Bld poderão ser escalonados em Posto de Comando Principal, Posto de Comando Tático e Posto de Comando Alternativo.

3.7.2.2.1 Posto de Comando Principal (PCP)
a) O PCP é o órgão de C² voltado, particularmente, para o planejamento e coordenação das operações táticas correntes e futuras.

3.7.2.2.2 Posto de Comando Tático (PCT)
a) O PCT é a instalação de C² de constituição leve e com excepcional mobilidade, dotada de reduzido pessoal e material, instalados em veículos apropriados.
b) A sua missão é conduzir operações em curso, fornecendo, em interação com o PCP, informações em tempo real ao comando da Bda.

3.7.2.2.3 Posto de Comando Alternativo (PC Altn)
a) O PC Altn é uma estrutura de C² prevista para qualquer escalão e ativada mediante ordem, emergência ou eventual destruição do PCP vigente. Normalmente, é o PC ou a Z Reu de um escalão subordinado, que não esteja empregado em 1º escalão.

3.7.3 POSTO DE COMANDO PRINCIPAL

3.7.3.1 Composição do Posto de Comando Principal

3.7.3.1.1 O PCP da Bda Bld é constituído, normalmente, pelo Cmt e pelo seu EM pessoal, pelo Ch EM, pelas seções de EMG, pelo Centro de Coordenação de Apoio de Fogo (CCAF) - composto por elementos do EMG e de ligação, pelos oficiais de ligação e pelos elementos do escalão superior, conforme a situação.

3.7.3.1.2 As seções do EM Bda, normalmente engajadas de forma direta nas operações táticas, operam, geralmente, como um todo no PCP. Em situações muito dinâmicas e a critério do Cmt Bda, os chefes ou os adjuntos dessas seções integram o PCT para acompanhar o Cmt Bda em locais mais próximos da Linha de Contato (LC).

3.7.3.1.3 Na área do PCP, para apoiar o Cmt Bda e seu EM, encontram-se a SU de comando e a Cia Com Bld, menos os elementos dessas SU empregados no centro de comunicações do PC Altn e no PCT, quando

desdobrado. Poderão estar, também, desbobrados na área do PCP, uma seção da Bia AAAe AP, responsável pela defesa antiaérea da área, os elementos da SU de comando da Bda e os elementos do Pel PE Mec.

3.7.3.2 Localização do Posto de Comando Principal

3.7.3.2.1 A Bda Bld poderá desdobrar seu PC de maneira centralizada ou ainda desdobrar 02 (dois) Postos de Comando (Principal e Alternativo), um para atender às operações e outro para ser ativado mediante ordem, emergência ou eventual destruição do PCP. Nas ações de alta mobilidade, é muito comum a Bda Bld desdobrar 02 (dois) PC, com a finalidade de manter o C², durante as mudanças de posição.

3.7.3.2.2 Cabe ao E3, assessorado pelo Oficial de Comunicações e Eletrônica (OCE), propor ao Cmt Bda Bld a localização dos PC para determinada operação. Cabe ao E1, em ligação com o Cmt da SU comando da Bda Bld e com o OCE, planejar o local exato e selecionar a disposição das instalações do PCP.

3.7.3.2.3 A localização do PCP deve permitir o exercício do C² pelo Cmt Bda Bld. Para isso, diversos fatores devem ser considerados, particularmente a situação tática, o terreno, a segurança e as comunicações, a seguir apresentados.

a) situação tática:

- orientar-se na direção do esforço principal ou frente mais importante. Nas operações de movimento, deve permitir acompanhar o deslocamento de elemento de manobra empregado na ação principal e, se necessário, facilitar a rocada para a ação secundária;
- prover o apoio cerrado aos elementos subordinados;
- proporcionar espaço para o desdobramento dos elementos e outras instalações que integram a Z Aç da Bda; e
- estar próximo e ter acesso a local onde possa ser instalado posto de observação para o Cmt Bda.

b) terreno:

- ter facilidade de acesso;
- ter boa circulação interna na área para pessoal e viaturas;
- possuir área compatível para a dispersão entre as instalações do PC e OM justapostas;
- apresentar, se possível, instalações ou edificações;
- estar apoiado em rede de estradas que permita deslocamentos rápidos nas mudanças de PCP e/ou desdobramento do PCT; e
- favorecer a adoção das medidas de controle de pessoal e material.

c) segurança:

- ter proteção de massa cobridora e ser desenfiado face ao inimigo;
- estar coberto ou possuir facilidades de camuflagem natural;
- estar próximo de U ou SU de arma base;

- permitir a dispersão de órgãos e unidades no terreno, de modo a não criar alvos compensadores para o inimigo;
- estar dentro da distância de segurança, medida da LC, em operações ofensivas, e da orla anterior dos últimos núcleos de aprofundamento da Bda, nas operações defensivas. Para a definição desta distância, considerar as possibilidades do inimigo, particularmente o alcance dos seus fogos terrestres;
- estar afastado de flancos expostos e de caminhos favoráveis à infiltração inimiga; e
- estar distanciado de possíveis alvos de interesse ao inimigo.

d) comunicações:
- dispor de recursos de telecomunicações civis ou militares no local;
- estar afastado de fontes de interferências naturais ou artificais;
- atender ao alcance dos meios de transmissão orgânicos;
- permitir equilíbrio de distâncias para o sistema de comunicações da Bda;
- não conter obstáculos ao estabelecimento dos diversos meios de transmissão;
- permitir instalação de sítio de antenas, atendendo às necessidades técnicas e táticas; e
- possuir local para o pouso de helicópteros e ter acesso a aeródromo.

3.7.4 POSTO DE COMANDO TÁTICO

3.7.4.1 A seleção do local do PCT deve atender primordialmente às necessidades táticas e técnicas que justificam o seu desdobramento. Portanto, não obedece a pré-requisitos.

3.7.4.2 Para manter a segurança e a continuidade do C², o PCT/Bda pode localizar-se em qualquer parte da Z Aç, inclusive justapor-se a um PC de Elemento Subordinado (Elm Subd).

3.7.5 POSTO DE COMANDO ALTERNATIVO

3.7.5.1 O PC Altn deverá ficar em condições de assumir as funções do PCP. O PC ou Z Reu de um elemento subordinado que não esteja empregado em 1º escalão pode cumprir o papel de PC Altn. Normalmente, o PC da Artilharia é o PC Altn do PCP da Bda.

3.7.5.2 O PC Altn deve ser localizado, sempre que possível, nas proximidades das instalações da Área do GAC AP sem, no entanto, estar no interior desta. Por este motivo, a distância de segurança para o PC Altn é a mesma prevista para a localização do GAC AP.

3.7.5.3 A localização do PC Altn deve obedecer aos mesmos princípios observados na escolha do PCP, ainda, com fácil acesso no caso de uma desocupação em caráter de urgência do PCP.

3.8 LIGAÇÕES E COMUNICAÇÕES

3.8.1 LIGAÇÕES NECESSÁRIAS

3.8.1.1 As ligações são as relações ou as conexões estabelecidas entre os diferentes elementos que participam de uma mesma operação, sendo uma ferramenta de apoio às atribuições de C².

3.8.1.2 Constituem meios de ligação a rotina burocrática, o contato pessoal, a observação direta, o agente de ligação, o destacamento de ligação e os meios de comunicações.

3.8.1.3 As ligações necessárias permitem o exercício do C² no âmbito da Bda Bld, a sua integração ao sistema de C² do Escalão Superior e a conexão com os elementos subordinados, vizinhos, apoiados, em apoio, em reforço e, quando for o caso, de outras forças singulares.

3.8.1.4 A responsabilidade pelas ligações necessárias obedece aos seguintes princípios:
a) o Escalão Superior tem a responsabilidade pela ligação com seus escalões diretamente subordinados, incluindo-se os recebidos em reforço ou em integração;
b) o elemento que apoia é responsável pela ligação com o apoiado. Nas operações de substituição, a tropa substituída fornece o apoio;
c) entre elementos vizinhos, caso não haja instruções específicas, a responsabilidade é do elemento da esquerda, considerando-se o observador posicionado com a sua frente voltada para o inimigo.

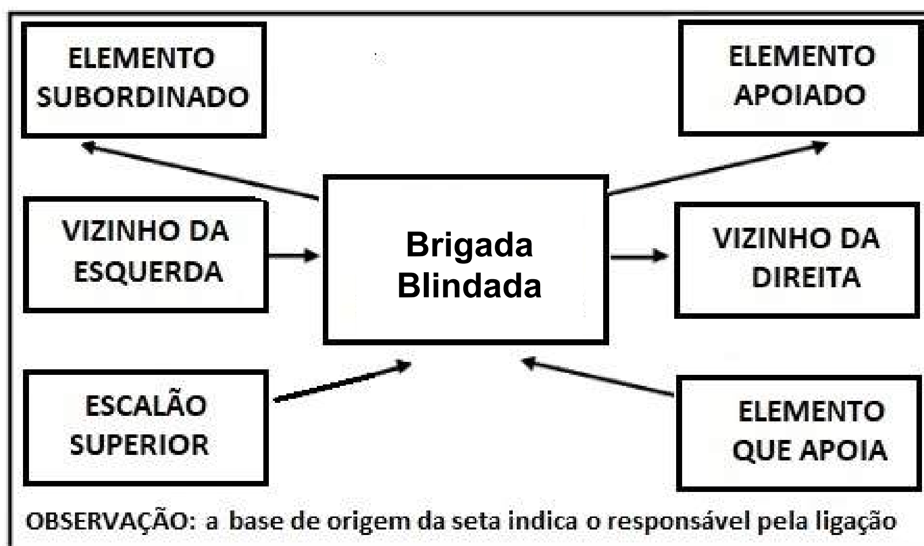


Fig 3-1 Ligações necessárias

3.8.2 COMUNICAÇÕES

3.8.2.1 O Cmt da Cia Com Bld é o OCE da Bda. Assessora o Cmt e o EM em todos os aspectos relativos às comunicações, guerra eletrônica e guerra cibernética. Além disso, planeja, coordena e supervisiona as atividades de comunicações de todos os elementos da Bda. A Cia Com Bld da Bda é encarregada da instalação, exploração, manutenção e proteção do sistema de comunicações e eletrônica da GU.

3.8.2.2 O E3, perante o Cmt, é o responsável pelo planejamento do Sistema de Comunicações da Brigada, contando, para tal, com o assessoramento do Cmt da Cia Com.

3.8.2.3 Os meios de comunicações utilizados pela Bda Bld incluem o rádio, o multicanal, o mensageiro, os físicos, os acústicos, os visuais, dentre outros. Esses meios têm possibilidades e limitações diferentes e são empregados de forma complementar, aumentando a confiabilidade do sistema de comunicações da Bda, evitando que haja dependência exclusiva de qualquer um deles. Os meios mais empregados pela Bda Bld devem ser os que proporcionem o máximo de confiabilidade, flexibilidade, segurança e rapidez.

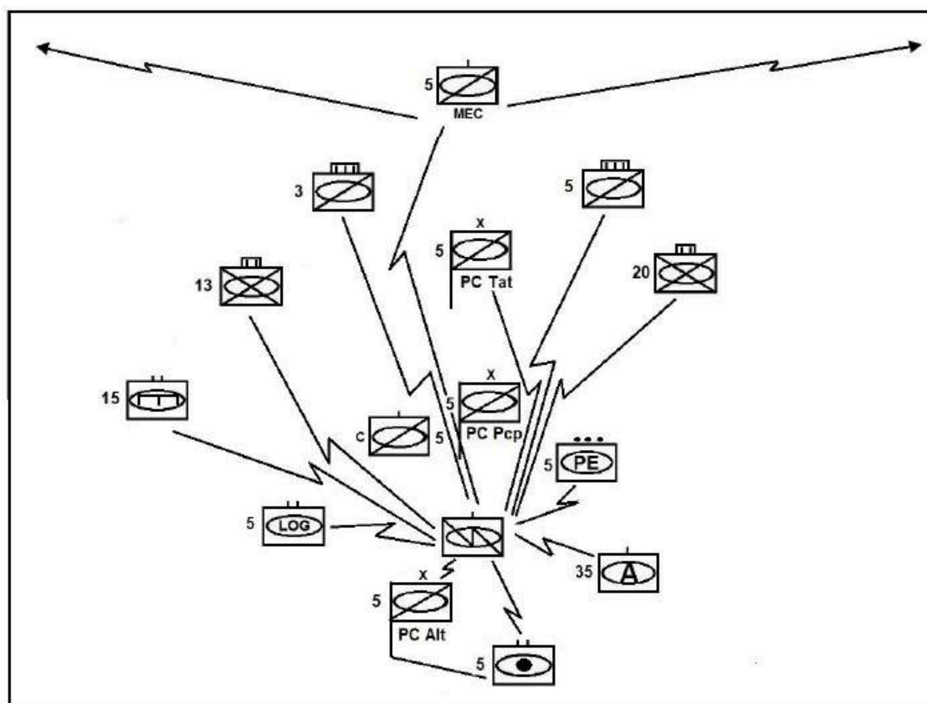


Fig 3-2 Rede de Comunicações

3.8.2.4 São condicionantes da estrutura do Sistema Tático de Comunicações (SISTAC)/Bda (sua configuração, extensão e composição) os fatores da decisão (missão, terreno, inimigo, meios e tempo disponível) e o espectro eletromagnético. Além desses fatores, condicionam, também, a estrutura do Sistema de Comando e Controle da Bda (sua configuração, extensão e composição dos meios) os dados geoespaciais.

3.8.2.5 A composição do C² da Bda Bld compreende, basicamente:
a) o Centro de Comunicações (C Com) do Cmdo, instalados no PCP e no PC Altn da Bda;
b) o sistema de enlace por meio rádio, estruturado pela propagação por meio de ondas eletromagnéticas, compõe-se, basicamente, por transceptor (transmissor-receptor) e antena. Permite maior flexibilidade e rapidez de instalação, facilitando as comunicações em operações de movimento e em situações de emergência;
c) o meio físico, estruturado por circuitos físicos que permitem o fluxo da informação entre usuários de diversos escalões;
d) o meio mensageiro militar ou civil (considerado mais seguro), preferencialmente treinado para conduzir a mensagem ou material, a pé ou utilizando qualquer meio de transporte disponível para locomoção;
e) os meios acústicos, visuais e diversos, empregados em complemento aos demais, normalmente para ligações a pequenas distâncias, nos escalões mais baixos. O crescimento da importância da GE tende a tornar o uso destes meios mais intenso;
f) o estabelecimento de PCT, capaz de realizar enlace por meio rádio, físico e micro-ondas com os C Com instalados no PCP e no PC Altn da Bda; e
g) o uso de tecnologias e procedimentos no emprego de emissores eletromagnéticos de comunicações e não comunicações. Estes devem ser observados, devido às ações de GE e guerra cibernética do inimigo.

3.8.2.6 Para mais informações quanto à composição do SISTAC/Bda Bld, deve-se consultar o Manual de Campanha Emprego das Comunicações na Brigada (C 11-30), 2ª Ed, 1998.

3.8.3 INTEGRAÇÃO DOS SISTEMAS

3.8.3.1 A Bda Bld estabelece um Sistema de Comunicações de Comando capaz de suprir as necessidades de ligações entre o PCP, o PCT e o PC Altn da Bda, quando escalonados; e do PCP da Bda com os elementos subordinados. Envolve o estabelecimento de C Com de comando que servem os PC da Bda, bem como a instalação e manutenção de sistemas de enlace entre o PCP/Bda e os centros de comunicações das unidades subordinadas.

3.8.3.2 O sistema de comunicações da Bda integra o SISTAC/DE, ou mais alto escalão enquadrante, quando diretamente subordinada a este, por intermédio do Sistema de Comunicações de Área da Divisão de Exército (SCA/DE).

3.8.3.3 Os PCP/PC Altn da Bda se interligam aos PCP/PC Altn da DE e PC dos G Cmdo do escalão superior por intermédio do SCA/DE, que funciona mediante o estabelecimento de enlaces de micro-ondas em visibilidade, cabo múltiplo ou fibra ótica entre os Centros Nodais (CN); e destes com os C Com dos elementos integrantes da DE.

3.8.3.4 As unidades subordinadas da Bda Bld estabelecem os respectivos sistemas de comunicações de comando com os meios orgânicos, cabendo à Bda integrá-los ao seu sistema de comunicações.

3.8.3.5 A integração dos sistemas de comunicações dos elementos em apoio à Bda é de responsabilidade dos mesmos.

CAPÍTULO IV

MOVIMENTO E MANOBRA

4.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

4.1.1 A função de combate movimento e manobra constitui-se em um dos elementos do poder de combate terrestre a ser aplicado para a execução de operações militares. Caracteriza-se pela capacidade de deslocar ou dispor forças de forma a colocar o inimigo, no momento e local adequados, em desvantagem relativa e, assim, atingir os resultados decisivos.

4.1.2 Ela compreende um conjunto de atividades direcionadas ao emprego das forças operativas mediante a combinação do movimento, manobra, fogo e combate aproximado para alcançar-se uma situação de vantagem frente ao oponente para vencer o combate.

4.1.3 A Bda Bld constitui-se em elemento-chave da F Ter, tendo em vista suas características de mobilidade, poder de fogo, proteção blindada, flexibilidade e ação de choque, com o propósito de destruir ou isolar o inimigo nas operações militares ou, ainda, procurar destruir a coesão inimiga por meios de variadas ações inesperadas.

4.1.4 Maiores informações sobre a função de combate movimento e manobra poderão ser obtidas no Manual de Campanha Movimento e Manobra (EB20-MC-10.203), 1ª Ed, 2015.

4.2 OPERAÇÕES BÁSICAS

4.2.1 Os elementos da F Ter podem realizar três operações básicas: ofensiva; defensiva e de cooperação e coordenação com agências.

4.2.2 As operações básicas podem ocorrer simultânea ou sucessivamente, no amplo espectro dos conflitos, a fim de que sejam estabelecidas as condições para alcançar os objetivos definidos e atingir o EFD da campanha.

4.3 OPERAÇÕES EM SITUAÇÃO DE GUERRA

4.3.1 As operações em situação de guerra utilizam todas as expressões do Poder Nacional, com predominância da expressão militar, explorando a plenitude de suas características de emprego da força. São as principais

operações para as quais as forças militares devem estar permanentemente preparadas para atender conflitos que estejam no extremo do espectro (guerra).

4.3.2 Para a F Ter, as operações em situação de guerra são as operações ofensivas e defensivas (operações básicas) e se destinam à defesa da pátria.

4.3.3 As operações de cooperação e coordenação com agências são executadas precipuamente em situações de não guerra, mas podem ser desencadeadas em situações de guerra, simultaneamente com as operações ofensiva e defensiva.

4.3.4 Para a tropa blindada e mecanizada, o conceito operativo de maior significado em situação de guerra é a Guerra de Movimento. Este conceito, junto com o conceito das Operações no Amplo Espectro, condiciona toda a doutrina de emprego operacional da tropa blindada.

4.3.5 A Guerra de Movimento preconiza a busca da decisão da batalha terrestre por meio de ações ofensivas rápidas e profundas, convenientemente apoiadas, orientadas sobre segmentos vulneráveis do dispositivo do inimigo e conduzidas a cavaleiro dos eixos disponíveis, em frentes amplas e descontínuas.

4.3.6 O quadro tático resultante possui um grande dinamismo, conferido pela importância da obtenção da surpresa, pela descentralização das operações e pelo caráter fundamental da iniciativa, em todos os níveis de comando.

4.3.7 No conceito operativo Guerra de Movimento, o combate ocorre, simultaneamente, no compartimento de contato, na área de segurança e na área de retaguarda. Em função dessa característica, os comandantes não se preocupam apenas com o combate aproximado, mas também com as ações profundas que podem realizar, mediante operações aeromóveis e com blindados, aplicação de fogos maciços em profundidade, infiltrações e incursões.

4.3.8 Essas ações desequilibram todo o dispositivo inimigo, forçando-o a lutar em mais de uma direção, obrigando-o a manter em reserva forças potentes e móveis para fazer face às ameaças e isolando-o de seus reforços e apoios.

4.3.9 O combate da Guerra de Movimento é conduzido a cavaleiro dos eixos rodoviários, o que leva à aceitação de brechas entre as posições ocupadas pelas tropas. Essas brechas, muitas vezes apenas vigiadas, aumentam a não linearidade do combate, criando vulnerabilidades no dispositivo das forças, que, devidamente exploradas, podem levar à decisão mais rápida do combate. É o ambiente favorável às manobras de flanco, às incursões profundas e à

infiltração de tropas no dispositivo inimigo. É, também, o cenário ideal para o emprego de tropas blindadas e mecanizadas.

4.4 OPERAÇÕES OFENSIVAS

4.4.1 GENERALIDADES

4.4.1.1 As Operações Ofensivas (Op Ofs) são operações terrestres agressivas, onde predominam o movimento, a manobra e a iniciativa, para cerrar sobre o inimigo, concentrar poder de combate superior, no local e no momento decisivo, e aplicá-lo para destruir ou neutralizar suas forças por meio do fogo, do movimento e da ação de choque. Obtido sucesso, passa-se ao aproveitamento do êxito ou à perseguição.

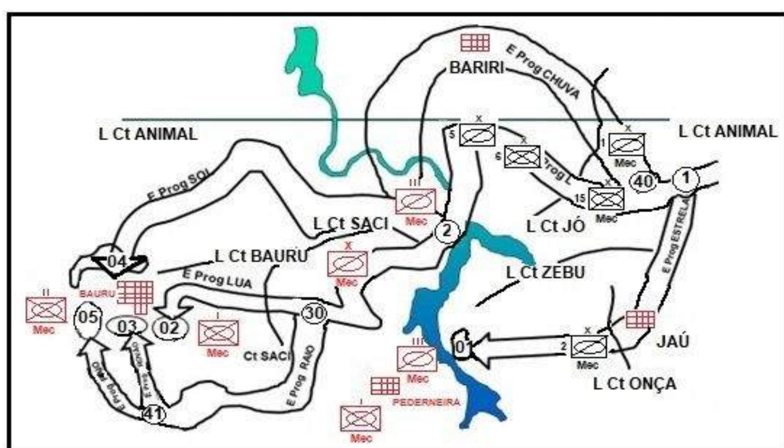


Fig 4-1 Brigadas Blindadas empregadas em Op Ofs

4.4.1.2 A Bda Bld, por sua organização, equipamento e adestramento, é a GU mais apta a realizar ações ofensivas, caracterizadas pela predominância do combate embarcado. Na execução do combate ofensivo, a Bda Bld tem oportunidade de explorar ao máximo suas características de mobilidade, proteção blindada, potência de fogo, ação de choque e flexibilidade.

4.4.2 CARACTERÍSTICAS, FINALIDADES E FUNDAMENTOS DAS OPERAÇÕES OFENSIVAS

4.4.2.1 As Op Ofs são essenciais para a obtenção de resultados decisivos. Exigem a aplicação da superioridade de poder de combate no local selecionado para a ação. Esse fato e a necessidade de contar com forças disponíveis para aproveitar o êxito implicam aceitar riscos em outras partes não selecionadas da frente. O comandante deve ter poder relativo de combate

superior em seu Ataque Principal (Atq Pcp), a fim de destruir o inimigo no momento e no local escolhidos.

4.4.2.2 Na frente selecionada, o comandante deve evitar a parte mais forte do dispositivo inimigo, atraí-lo para fora de suas posições defensivas, isolá-lo de suas linhas de suprimento e forçá-lo a lutar numa direção não esperada e em terreno não preparado para a defesa. Sempre que for possível, deve-se procurar atuar sobre o flanco e a retaguarda do inimigo. Somente em situações excepcionais devem ser realizadas manobras frontais.

4.4.2.3 As Op Ofs devem ser visualizadas pelos comandantes em termos de tempo e espaço. O seu Exm Sit indica a melhor combinação dos fatores que oferecem maiores possibilidades de sucesso. Esse exame inclui, também, uma avaliação dos elementos pertinentes ao poder de combate e a correta aplicação dos fundamentos das Op Ofs.

4.4.2.4 São fundamentos das Op Ofs a manutenção do contato, o esclarecimento da situação, a exploração das vulnerabilidades do inimigo, o controle dos acidentes capitais do terreno, a iniciativa, a neutralização da capacidade de reação do inimigo, o fogo e movimento, a impulsão, a concentração do poder de combate, o aproveitamento do sucesso obtido e a segurança.

4.4.2.5 Para informações detalhadas sobre as principais características, finalidades e fundamentos das Op Ofs devem ser consultados os Manuais de Campanha Operações (EB70-MC-10.233), 5ª Ed, 2017, e Operações Ofensivas e Defensivas (EB70-MC-10.222), 1ª Ed, 2017.

4.4.3 TIPOS DE OPERAÇÕES OFENSIVAS

4.4.3.1 Em função de suas características específicas, a Bda Bld pode participar dos seguintes tipos de Op Ofs: marcha para o combate, reconhecimento em força, ataque, aproveitamento do êxito e perseguição.

4.4.3.2 Marcha para o combate

4.4.3.2.1 Considerações Gerais

a) A Marcha para o Combate (M Cmb) é um movimento tático que a Bda Bld realiza na direção do inimigo, com a finalidade de obter ou restabelecer o contato e/ou assegurar vantagens que facilitem operações futuras.

b) Esse tipo de Op Ofs é executado agressivamente para apossar-se do objetivo antes que o inimigo possa reagir. Todos os meios de inteligência e de segurança são empregados, de modo que a força principal possa engajar-se nas condições mais favoráveis.

c) A Bda Bld conduz sua própria M Cmb ou a executa como parte de uma DE

ou Componente Terrestre do TO. A Bda Bld em uma M Cmb é organizada em força de segurança e força principal (grosso).
d) As unidades do grosso da Bda Bld são organizadas para o combate e colocadas em posições que lhes permitam o máximo de flexibilidade de emprego, tanto durante o avanço como depois de estabelecido o contato.
e) A Bda Bld ao realizar uma M Cmb, deverá, em princípio, avançar em colunas múltiplas. A M Cmb caracteriza-se pela execução descentralizada e pelo emprego parcelado das forças. Ela termina, normalmente, quando a resistência inimiga exige o desdobramento e o esforço coordenado da Bda numa ação centralizada.
f) A iminência do contato com o inimigo e o terreno determinam o grau de controle que a Bda Bld exercerá sobre a sua tropa. Esse controle deve permitir a pronta reação das FT U Bld, do Esqd C Mec e demais elementos de combate e apoio ao combate da brigada, quando das mudanças de missão, de normas de marcha, de organização e de medidas de coordenação e controle.

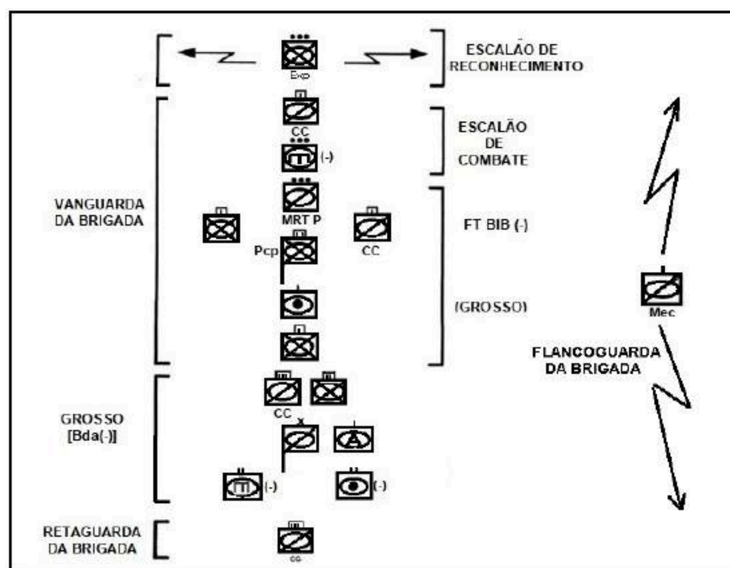


Fig 4-2 Bda Bld na M Cmb

4.4.3.2.2 Classificação das M Cmb
a) As M Cmb classificam-se quanto à segurança (coberta e descoberta), ao dispositivo adotado (coluna ou linha) e à possibilidade de contato com o inimigo (remoto, pouco provável e iminente).
b) Para mais informações sobre essa classificação, consultar o item 3.4.9 do Manual de Campanha Operações Ofensivas e Defensivas (EB70-MC-10.202), 1ª Ed, 2017.

CONTATO	FORMAÇÃO	CARACTERÍSTICAS
REMOTO	***COLUNA DE MARCHA***	- **<u>Prevalecem Mdd Adm</u>**; - Podem se Dslc por vários meios e por diferentes Itn; - Vel e conforto da tropa semelhante à M Adm.
POUCO PROVÁVEL	***COLUNA TÁTICA***	- Fase intermediária; - Org Tat dada à sua formação; - Mnt da rapidez e Seg; - Equilíbrio das Mdd Adm e Tat.
IMINENTE	***MARCHA DE APROXIMAÇÃO***	- **<u>Prevalecem Mdd Tat</u>**; - Elm Desd e grupados Tat; - Constituição de uma Vgd de modo a assegurar a Prog rápida e ininterrupta.

Tab 4-1 M Cmb com suas formações e características

4.4.3.2.3 Organização da Bda Bld para uma M Cmb
a) Em uma M Cmb a Bda Bld organizará seus elementos subordinados em uma Força de Segurança e Força Principal ou Grosso.

4.4.3.2.4 Força de Segurança
a) Força de Cobertura (F Cob); e

- Quando a Bda integra uma força superior em uma marcha para o combate, a F Cob é, normalmente, fornecida por esse escalão, que mantém o controle sobre ela. A Bda Bld, nesse caso, não lançará a sua Força de Segurança (F Seg).
- Não é normal a Bda Bld organizar uma F Cob quando conduzir sua própria M Cmb. Entretanto, caso a situação tática e o Exm Sit indiquem a necessidade de se organizar uma F Cob com os meios orgânicos da Bda, esta deverá organizá-la com base em uma FT U Bld, reforçando-a com meios de Art, Eng e Log.
- A Bda Bld não é a tropa mais apta a cumprir as missões de F Cob, em proveito de Esc Sp, nas operações de M Cmb.

b) Força de Proteção (F Ptç).

- Quando a Bda Bld conduzir sua própria M Cmb deverá, em princípio, organizar, com seus elementos subordinados, a sua própria segurança.
- Em função da situação tática e de seu Exm Sit, poderá organizar uma ou mais F Ptç (Vgd, Rtgd e Fg).

- A F Ptç de Vanguarda (Vgd) terá como missão precípua assegurar o movimento ininterrupto do Grosso da Bda Bld, impedindo os fogos diretos e ataques de oportunidade sobre esta tropa.

- A Vgd, normalmente, provém do elemento de primeiro escalão do Grosso e pode estar reforçada por elementos de apoio ao combate. Normalmente, a Vgd opera sob o controle deste primeiro elemento do Grosso.

- As F Ptç de Flancoguarda (Fg) e de Retaguarda (Rtgd) devem ter um poder de combate tal que lhes possibilite neutralizar fracos elementos inimigos ou retardar forças de maior valor, de forma a permitir o desdobramento do Grosso da Bda. A Fg e a Rtgd têm como missão precípua proteger o Grosso da Bda Bld da observação terrestre, dos tiros diretos e do ataque de oportunidade. A responsabilidade da Fg, normalmente, se estende desde a testa da unidade de primeiro escalão até a cauda do último elemento da Bda.

- As F Ptç operam sob o comando da Força Principal da Bda Bld e dentro do alcance da artilharia da Bda.

4.4.3.2.5 Força Principal (F Pcp) ou Grosso

a) Essa força compreende a maior parte do poder de combate da Bda Bld;

b) Ela constitui o elemento disponível a ser empregado, sem perda de tempo, para atacar o inimigo ou conquistar o objetivo da Bda; e

c) As unidades da F Pcp são organizadas para o combate e colocadas em posições que lhes permitam o máximo de flexibilidade de emprego, durante o movimento ou após o estabelecimento do contato.

4.4.3.2.6 Medidas de Coordenação e Controle mais Comuns em uma M Cmb

a) Linha de Controle (L Ct): é uma linha nítida no terreno, transversal ou paralela, em local onde o inimigo poderá entrar em posição. As transversais visam a controlar o movimento dos elementos de 1º escalão (deslocamento em 02 Eixos de Progressão - E Prog), visto que um deles poderá ter sua velocidade retardada ou acelerada para balizar a região de destino. As paralelas visam a limitar a zona de atuação da F Cob, que realizam a Fg. As L Ct são impostas pelo escalão superior.

b) Ponto de Controle (PCt): são pontos nítidos caracterizados ao longo da Z Aç, no itinerário (Itn) ou E Prog, com a finalidade de informar a localização precisa de uma unidade, bem como o curso de sua progressão. Devem ser marcados em pontos nítidos no terreno, como regiões de passagem, bifurcações e localidades.

c) Ponto de Ligação (P Lig): são impostos pelo Esc Sp ou estabelecidos pela F Cob para uma ligação física entre as peças de manobra de 1º Esc. Em operações de grande movimento, visa a troca de informações e obriga uma força a percorrer uma determinada área para obtenção de informações sobre o terreno e o inimigo.

d) Região de Destino (R Dstn): é a região para onde se desloca o 2º Esc. Normalmente, está localizada sobre o eixo que melhor facilita o prosseguimento da F Cob. Está antes da L Ct, a uma distância de segurança

que serve para balizar o deslocamento do 2º Esc, não sendo obrigatória a sua ocupação. Devem oferecer cobertas, abrigos e espaço suficiente para a dispersão de viaturas, pessoal e instalações. Devem permitir rocadas de meios de apoio para outros eixos penetrantes.
e) Eixo de Progressão (E Prog): é uma direção geral de deslocamento onde o Elm Subd deve, em princípio, fazer marchar a maior parte de seus Elm, podendo, entretanto, dela se afastar quando a situação o exigir.
f) Objetivo da Marcha: é um acidente do terreno para o qual é dirigida a marcha de um Elm. Ao atingir o objetivo marcado, o Cmt informa ao Esc Sp e só prossegue mediante ordem (Mdt O). Podem ser definidos como objetivos de marcha as seguintes regiões: regiões que proporcionam segurança ao movimento (Mov); regiões que caracterizam o fim da etapa de marcha; regiões favoráveis ao Atq ou Def; regiões favoráveis à centralização das Aç; ou regiões que caracterizam o cumprimento da missão.
g) Limites: não é normal a sua marcação. Só deverão ser previstos quando os E Prog se aproximarem em determinados trechos para delimitar a Z Aç e na região de objetivos finais para coordenar o movimento.
h) Hora de Início de deslocamento: hora em que o Elm de 1º Esc irá transpor a L Ct para iniciar o movimento.

4.4.3.3 Reconhecimento em força

4.4.3.3.1 Generalidades
a) O Reconhecimento em Força (Rec F) é uma Op Ofs executada pela Bda Bld, ou por uma de suas FT U Bld, com a finalidade de revelar e testar o dispositivo e o valor do inimigo ou obter outras informações.
b) O Rec F permite, normalmente, que a Bda Bld obtenha informes de maneira mais rápida e pormenorizada do que outros tipos de reconhecimento. O Cmt Bda Bld, com a finalidade precípua de obter informações, deve estar preparado para explorar, prontamente, a descoberta de pontos fracos no dispositivo inimigo.
c) Caso a situação do inimigo precise ser esclarecida em uma larga frente, o reconhecimento em força deve ser realizado por meio de ações potentes, em pontos selecionados da frente. A força empregada pela Bda Bld deve ser capaz de obrigar o inimigo a reagir de tal forma que venha a revelar sua localização, seu dispositivo e seu valor.
d) O Cmt Bda Bld, ao decidir pela execução de um Rec F, deverá considerar:
- o conhecimento que possui sobre a situação do inimigo;
- a urgência e importância das informações desejadas;
- a eficiência, a rapidez e a disponibilidade de outros meios de busca;
- até que ponto a realização do Rec F poderá comprometer o sigilo das operações de seu escalão e do superior; e
- a possibilidade de arriscar-se a um engajamento decisivo com o inimigo.
e) A Bda Bld poderá empregar suas FT U Bld simultaneamente ou escalonadas no tempo e no espaço, visando a desarticular o dispositivo inimigo e revelar os

seus planos de emprego da reserva e de apoio de fogo.
f) Os êxitos obtidos pela força que realiza o Rec F devem ser imediatamente aproveitados.
g) A manutenção de um objetivo não é, por si só, uma finalidade do Rec F. A profundidade da ação depende da finalidade deste reconhecimento. Quando os dados sobre o inimigo são obtidos, pode ser dada outra missão à força de Rec F, tais como: retrair, manter o contato, realizar o aproveitamento do êxito ou apoiar a ultrapassagem de outra força.

4.4.3.3.2 Execução do Rec F pela Bda Bld
a) A Bda Bld poderá planejar seu Rec F como um ataque com objetivo limitado ou como uma incursão.
b) Rec F como um ataque com objetivo limitado:
- neste caso, a ação pode ser dirigida exclusivamente sobre uma determinada área a respeito da qual o comando da Bda deseja rápidas e precisas informações ou pode se traduzir em uma série de ataques, que não passem de sondagens agressivas, desencadeados ao longo de toda a frente ou de grande parte da mesma;
- a manutenção de um objetivo não deve ser, por si só, a finalidade desse Rec F executado como Atq com objetivo limitado. A finalidade principal deve ser, sempre, a máxima obtenção de informes sobre o inimigo;
- a profundidade desse ataque será determinada pela finalidade do Rec F; e
- quando os dados sobre o inimigo são obtidos, pode ser dada outra missão à força que realiza o ataque (Rec F). Esta força poderá retrair, manter o contato, apoiar a ultrapassagem de uma outra força ou, até mesmo, explorando uma deficiência encontrada, aproveitar o êxito obtido.
c) Rec F como uma incursão:
- essa incursão deverá ser desencadeada sobre uma posição inimiga, sem a ideia de conquistar ou de manter o terreno;
- ela deve introduzir no dispositivo inimigo uma força capaz de realizar uma ação rápida e violenta, cujo vulto seja suficiente para forçar o inimigo a revelar suas posições, o tempo de reação de suas reservas e seus planos de fogos;
- após esta ação, deve seguir-se, também, um rápido retraimento para as linhas amigas; e
- no planejamento da incursão a Bda Bld deve atentar para o fato de que essa ação será de difícil execução e de elevado risco quando o inimigo já se encontra posicionado no terreno com todos os seus meios. Terá, ao contrário, sua execução facilitada quando o inimigo ainda estiver cerrando parte de seus meios para a Z Aç.

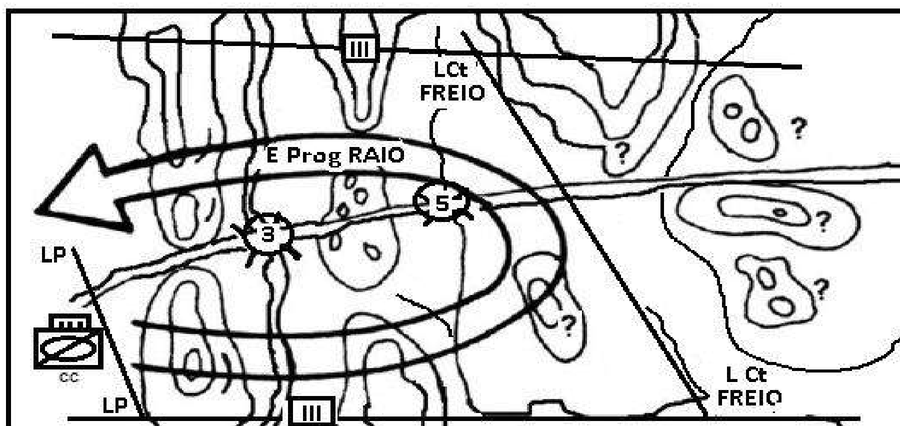


Fig 4-3 Reconhecimento em Força, tipo incursão (ataque de varredura)

4.4.3.4 Ataque

4.4.3.3.1 Generalidades
a) O ataque (Atq) é o ato ou efeito de conduzir uma ação ofensiva contra o inimigo, tendo por finalidade a sua destruição ou neutralização. Pode ser de oportunidade ou coordenado.
b) A diferença entre os tipos de ataque reside no tempo para planejamento, coordenação e preparação antes da execução, ou seja, na quantidade de tempo à disposição do comandante para essas atividades.

4.4.3.3.2 Ataque de Oportunidade
a) O Atq de oportunidade pode ser executado na sequência de um combate de encontro ou de uma defesa com sucesso. Caracteriza-se por trocar tempo de planejamento por rapidez da ação.
b) A fim de manter a impulsão, o ritmo da operação ou a iniciativa é dedicado um tempo mínimo para o planejamento e a preparação; e as forças destinadas ao ataque são aquelas que estão imediatamente disponíveis.
c) A Bda Bld, ao realizar um ataque de oportunidade, deve procurar tirar partido da falta de preparação do inimigo e da audácia, iniciativa, surpresa e rapidez com que suas FT U Bld serão empregadas para alcançar o sucesso, antes que o inimigo tenha tempo para melhorar sua defesa. Se houver perda de impulsão pode ser necessária a realização de um ataque coordenado.
d) O princípio básico da Bda Bld na conduta de um ataque de oportunidade deve ser a obtenção e a manutenção da iniciativa, por meio da qual o Cmt Bda poderá, em sequência, adotar a melhor forma de cumprir a missão. Em princípio, a Bda deverá executar manobras de flanco.
e) A Bda Bld ao realizar um Atq de oportunidade deve expedir, rapidamente, Ordens Fragmentárias (O Frag), destinadas aos seus elementos de manobra e de apoio de fogo. São fundamentais nesse ataque a atribuição de missões pela

finalidade e o perfeito entendimento da intenção do comandante por todos os elementos envolvidos na ação.
f) O Atq de oportunidade deverá ser realizado quando o Cmt Bda Bld, após esclarecer a situação e realizar seu Exm Sit, concluir sobre a viabilidade de realizar um ataque imediato, sem perda de impulsão, com a finalidade de aproveitar oportunidade vantajosa oferecida pela situação.

4.4.3.3.3 Ataque Coordenado
a) Quando, após seu Exm Sit, o Cmt Bda Bld concluir que necessita de mais tempo para esclarecer a situação tática e se organizar para o combate, deverá optar por um ataque coordenado.
b) Esse ataque caracteriza-se pelo emprego coordenado da manobra e do apoio de fogo, para cerrar sobre as forças inimigas em posições defensivas, com o objetivo de destruí-las ou neutralizá-las.
c) Um ataque coordenado é uma operação planejada que pode ser precedida por uma marcha para o combate, por um reconhecimento em força ou por um ataque de oportunidade, exigindo um Exm Sit completo e minucioso.
d) A realização de um ataque coordenado requer tempo suficiente para permitir o planejamento, o reconhecimento e a consequente avaliação tática.
e) Considerações básicas sobre a realização de um ataque
- Os detalhes de planejamento e execução de um ataque terão validade tanto para o ataque coordenado como para o ataque de oportunidade, desde que adaptados às limitações de tempo e demais condicionantes do ataque de oportunidade.
- A Bda Bld em um ataque coordenado divide suas forças de combate em três grupamentos de força: escalão de ataque, base de fogos e reserva.
f) Escalão de ataque (Esc Atq)
- O maior poder de combate possível deve ser atribuído ao Esc Atq. O poder de combate poderá ser maximizado se a Bda Bld contar com o emprego de Helicópteros de Ataque (Helcp Atq).
- O escalão de ataque, utilizando fogo e movimento, cerra sobre o inimigo o mais rápido e diretamente possível.
- Normalmente, é organizado de modo que a sua formação tenha massa e profundidade e deve procurar explorar os pontos vulneráveis do dispositivo inimigo.
g) Base de Fogos
- O grupo de artilharia orgânico é o elemento principal da base de fogos da Bda Bld. Participam dessa base de fogos os morteiros pesados das FT U Bld e as armas de apoio das unidades em contato ou das que se encontram em reserva.
- Quando o terreno e os obstáculos impedem o emprego de blindados (VBC CC, VBC Fuz, VBR etc.) no Esc Atq, estes podem ser utilizados como base de fogos, normalmente priorizando o apoio à unidade a qual pertencem, a fim de apoiarem o ataque pelo fogo direto e, complementarmente, protegerem os flancos do escalão de ataque. É importante ressaltar que deverá haver uma

grande preocupação na preservação dos blindados das peças de manobra, mantendo-os em condições de participar de ações dinâmicas e futuras (ressuprimento de munição). Em consequência, se houver previsão de emprego posterior dos blindados e dificuldades para ressuprimento em curto espaço de tempo, ou no transcorrer de determinada etapa da operação, estes não deverão ser empregados como base de fogos.

h) Reserva

- A reserva da Bda Bld, em princípio, deverá ser uma FT U Bld.
- A reserva poderá estar reunida, em região orientada para o Atq Pcp, ou articulada, orientada para mais de uma direção.

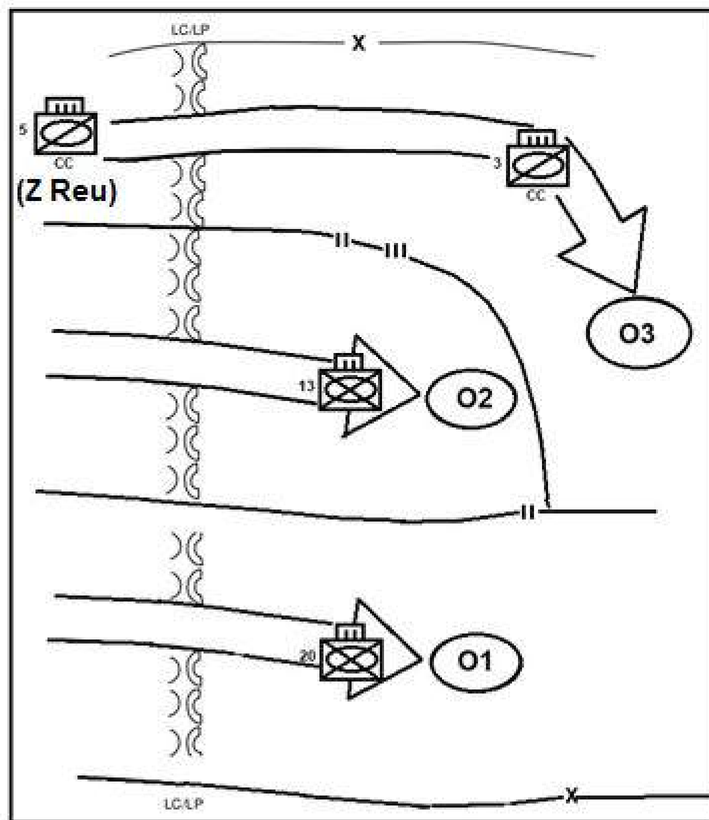


Fig 4-4 A Bda Bld no Ataque Coordenado

4.4.3.3.4 Formações de Combate no Ataque

a) A Bda Bld conduz o ataque em duas formações básicas: em coluna e em linha. Pode também combinar as duas formações.

b) Formação em coluna

- A Bda Bld está em coluna quando somente uma de suas FT U Bld está em

1º Esc. O restante do escalão de ataque da Bda segue essa FT, encolunado à sua retaguarda.

- Essa formação proporciona profundidade ao ataque, uma vez que as FT U Bld estão encolunadas à retaguarda da FT em 1º Esc, deslocando-se na sua esteira. Esse dispositivo do escalão de ataque contribui para a flexibilidade e para a manutenção da iniciativa e da impulsão. Entretanto, reduz o poder de fogo à frente, proporcionado pelos armamentos empregados em primeiro escalão. formação em coluna proporciona um alto grau de segurança aos flancos, pela facilidade das unidades poderem intervir em qualquer direção.
- Essa formação do escalão de ataque facilita o controle da Bda.

c) Formação em linha

- O escalão de ataque da Bda Bld está em linha quando duas ou mais FT U Bld estão justapostas e à testa.
- Essa formação é obtida pela colocação de duas ou mais unidades em 1º Esc, liderando a formação. Ela proporciona poder de combate sobre uma frente relativamente larga.
- O Cmt Bda Bld, ao empregar a formação em linha, desdobra seus elementos de forma a permitir que seus ataques sejam apoiados mutuamente.
- Empregando a formação em linha, o Cmt Bda Bld obtém informes de uma larga frente do inimigo mais rapidamente do que se empregasse uma formação em coluna. Brechas, pontos fracos, ou flancos do dispositivo inimigo podem ser mais rapidamente descobertos.
- A formação em linha tem o controle mais difícil em relação à formação em coluna. Todavia, aumenta o poder de fogo à frente, proporcionado pelos armamentos dos elementos em primeiro escalão.

d) Frentes de ataque

- O Cmt Bda Bld seleciona, normalmente, dentro de sua Z Aç, uma frente onde pretende empregar a sua maioria de meios e realizar as ações mais importantes. Essa seleção de frente visa a colocar o maior poder de combate possível no local decisivo.
- O estudo da frente de ataque selecionada baseia-se nos fatores da decisão: missão, inimigo, terreno, meios disponíveis, tempo e considerações civis.
- No restante da Z Aç da Bda Bld, as FT U Bld ou FT SU (ou, excepcionalmente, o Esqd C Mec) realizam ações secundárias, tais como: a manutenção do contato, fixação etc.
- De modo geral, a Bda Bld é melhor empregada em um ataque profundo e em frente estreita.

4.4.3.3.5 Planejamento do Ataque

a) Generalidades

- O sucesso do ataque depende, em grande parte, de um planejamento judicioso.
- Planos bem concebidos e energicamente executados facilitarão o cumprimento da missão.

- O planejamento do ataque deverá ser realizado conforme o previsto no item 3.6.4 Planejamento e Execução do Ataque, do Manual de Campanha Operações Ofensivas e Defensivas (EB70-MC-10.202), 1ª Ed, 2017, e no Capítulo V O Método de Planejamento Detalhado do Exército, do Manual de Campanha Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres (EB20-MC-10.211), 1ª Ed, 2014.

b) Ordem de Operações (O Op)

- A O Op traduz a decisão pormenorizada do Cmt Bda Bld para efetivar a operação planejada.

- Integram a ordem de operações o calco de operações, o plano de apoio de fogos e outros documentos que se façam necessários quanto às informações, à segurança, às demais medidas de coordenação e controle, ao apoio logístico e às comunicações.

- A ordem de operações poderá ser verbal ou escrita. No entanto, no escalão Bda, é aconselhável a emissão de ordens escritas, ainda que possam ser complementadas por instruções verbais.

c) Calco de Operações

- O Calco Op deve ser simples e permitir uma visualização clara de como foi planejado o emprego da Bda Bld, incluindo seu dispositivo, a localização e a previsão do movimento de suas peças de manobra até os objetivos a serem conquistados.

- Normalmente, o Calco Op inclui as seguintes medidas de coordenação e controle: objetivo, Z Aç, Linha de Partida (LP), localização inicial da reserva, E Prog, limites, Faixa de Infiltração (Fx Infl) etc.

d) Plano de Apoio de Fogos (PAF)

- O PAF regula o emprego coordenado de todos os fogos disponíveis, inclusive os das armas orgânicas e em reforço, dos CC, da artilharia em apoio e do apoio aerotático, tendo em vista a realização da manobra concebida pelo Cmt.

- O comandante do Grupo de Artilharia de Campanha Autopropulsado (GAC AP) da Bda Bld é o coordenador do apoio de fogo no âmbito da Bda.

- Em princípio, o PAF deve incluir a localização dos fogos, a programação dos fogos, os tipos de fogos, as missões das unidades de apoio de fogo e a prioridade de fogos.

e) Reconhecimentos

- Antes do ataque, todo o esforço é desenvolvido objetivando a obtenção do maior número possível de informações sobre o inimigo e o terreno.

- O reconhecimento terrestre é o mais eficiente meio de obtenção dos dados necessários ao planejamento. Entretanto, o reconhecimento aéreo é de grande valor, sobretudo na determinação de Zona de Reunião (Z Reu), escolha de itinerários, posições de ataque, entre outros.

- No Rec Ae, a Bda Bld deve empregar, exaustivamente, todos os meios orgânicos e os colocados à disposição da Bda, tais como: imagens de satélite, SARP, radares, aeronave (Anv) da F Ae e da Aviação do Exército (Av Ex) etc.

f) Ligações

- Antes do ataque, no controle de Fogos, o Cmt Bda, pessoalmente ou por intermédio do seu EM e do Oficial de Ligação (O Lig), estabelece as ligações necessárias com os elementos vizinhos e em contato, a fim de obter as informações de que necessita e ajustar as medidas de coordenação entre as respectivas forças, tendo em vista a operação a ser desenvolvida pela Bda Bld.

- No caso da Bda ter de realizar uma ultrapassagem antes do ataque, a ligação prévia com a tropa a ser ultrapassada, normalmente, inclui a seleção de posições de ataque para as unidades da Bda, a escolha e fixação de prioridades para utilização de itinerários que permitam cerrar os meios da Bda, o reconhecimento das posições da tropa ultrapassada – balizamento e sinalização de locais, a obtenção de informações sobre o inimigo e o terreno, a coordenação dos planos de fogos, a fixação do horário de assunção de comando da Z Aç e a coordenação do apoio logístico a ser prestado pela unidade ultrapassada.

g) Coordenação e Controle

- A coordenação e o controle durante o ataque são assegurados pelo emprego eficiente de todos os meios disponíveis e pela adoção de medidas destinadas a favorecer a convergência de esforços e a manutenção da direção e do ímpeto da ação.

- As medidas de coordenação e controle utilizadas pela Bda no ataque podem incluir: E Prog; LP; Z Aç; PCt; objetivos; direções de ataque; P Lig; hora de ataque; e Fx Infl.

h) Conduta do ataque

- O ataque deve ser desencadeado com violência e com a máxima utilização da potência de fogo disponível. Toda potência de fogo dos blindados, da artilharia, dos morteiros, das armas automáticas e Helcp Atq (quando disponíveis) e Anv da F Ae deve ser concentrada sobre as posições inimigas, de acordo com o plano elaborado.

i) Conduta do escalão de ataque

- A Bda Bld deve priorizar as manobras desbordantes, evitando incidir sua maioria de meios onde o inimigo defende, empregando o seu maior poder de combate.

- A mobilidade e proteção blindada da Bda favorecerão ações em profundidade, na busca de resultados decisivos e com menor número de baixas.

- Ações secundárias deverão ser previstas nas partes não selecionadas de frente, a fim de iludir o inimigo quanto à verdadeira intenção da manobra e visando a sujeitá-lo ao risco de destruição em posição.

- O escalão de ataque deve cerrar sobre o objetivo o mais rapidamente possível. É conveniente, portanto, que o emprego dessa força seja feito em terreno favorável a uma rápida e contínua progressão dos blindados.

- Quanto maior for o tempo de exposição do escalão de ataque aos fogos inimigos, maiores devem ser suas perdas. A rapidez do movimento multiplica o efeito da potência de fogo e da ação de choque do escalão de ataque.

- Mesmo quando o escalão de ataque for obrigado a progredir por lanços, o que deve ser evitado, deve fazê-lo com agressividade, assegurando a rapidez e a continuidade do movimento.

- Os elementos transportados em VBC Fuz (ou VBTP) devem progredir embarcados o maior tempo possível.

- Os fuzileiros, algumas vezes, deverão desembarcar para eliminar o inimigo não destruído pelos CC ou para remover obstáculos e localizar armas anticarro. Nesses casos, os elementos a pé designam os alvos a serem batidos pelos CC. No entanto, sempre que as condições sejam favoráveis, os elementos a pé embarcam em suas viaturas para continuar a progressão. As armas das VBC Fuz (ou VBTP), após seus elementos terem desembarcado, deverão prioritariamente ser empregadas para apoiar a progressão dos elementos a pé e, secundariamente, apoiar os fogos dos CC.

- As tropas blindadas constituem-se em meios nobres e em alvo principal em uma defesa móvel do inimigo. Nesse sentido, as tropas em primeiro escalão devem ter especial atenção quanto às possíveis áreas de engajamento das posições defensivas inimigas, evitando serem surpreendidas.

j) Base de fogos

- A base de fogos proporciona um contínuo apoio de fogo ao escalão de ataque, desde a transposição da LP até o final da operação.

- Seus fogos fixam o inimigo ao terreno e neutralizam as suas armas, de modo a permitir que o escalão de ataque, com o mínimo de perdas possível, cerre sobre as posições inimigas.

- A continuidade do apoio de fogo deve ser assegurada por uma eficaz coordenação dos meios de apoio de fogo, a medida que progride o ataque.

- A preparação dos fogos de artilharia e do apoio aerotático deve ser tão ampla, no tempo e no espaço, quanto possível. Muitas vezes, a necessidade de sigilo pode levar a uma curta preparação ou mesmo desaconselhar a sua realização. Quando a necessidade de surpresa não for preponderante ou quando o número de alvos conhecidos for insuficiente para justificar uma preparação, pode ser desencadeada uma intensificação de fogos.

- Todos os fogos de apoio devem ser desencadeados sobre as posições inimigas reveladas, logo que o escalão de ataque cruze a LP.

k) Reserva

- A reserva deve ser localizada em uma posição em que possa apoiar melhor o Atq Pcp, aproveitar o êxito, perseguir o inimigo, preservar seu poder de combate dos fogos da artilharia do inimigo, deslocar-se rapidamente para um flanco, a fim de ampliar um desbordamento ou proporcionar segurança.

- O Cmt da reserva mantém-se a par da situação tática por meio da ligação, da observação e de frequentes visitas ao PC da Bda Bld.

- Devem ser formulados planos para emprego da reserva, buscando visualizar todas as possíveis situações de emprego.

- Mudanças na situação tática podem exigir que o comandante da reserva reveja e atualize seu planejamento.

- Continuamente, devem ser realizados reconhecimentos de itinerários, estudos na carta e ensaios. Os elementos integrantes da reserva devem ser constantemente informados sobre a situação tática.

- A reserva da Bda deve ser empregada, prioritariamente, para aproveitar o êxito, manter a impulsão, proporcionar segurança adicional ou propiciar flexibilidade diante de situações imprevistas.

l) Prosseguimento do ataque

- Após a conquista de um objetivo, a Bda Bld pode continuar o ataque imediatamente, realizar uma parada temporária, para uma reorganização ou consolidação do objetivo conquistado, e manter o contato com o inimigo que retrai.

- A parada num objetivo intermediário ocorre por imposição da missão, reação inimiga, necessidade de reorganização ou deslocamento das armas de apoio. Quando possível, a conquista do objetivo é seguida de um rápido prosseguimento do ataque, sendo a reorganização realizada em movimento.

- Como norma de ação, o tempo de permanência em um objetivo intermediário deve ser o menor possível.

m) Consolidação do objetivo

- A ocupação inicial do objetivo é uma das fases críticas do ataque. Isto porque, além do controle tornar-se difícil, a ocasião é muito favorável para o inimigo desencadear um contra-ataque planejado, coordenado e apoiado por todos os seus fogos disponíveis.

- Terminado o assalto, deve ter início a consolidação da posse do objetivo, cujas finalidades são a efetiva posse do terreno conquistado e a reorganização da unidade, tendo em vista o desempenho de missões na área do próprio objetivo ou o prosseguimento do ataque.

- A consolidação do objetivo compreende todas as medidas executadas para assegurar a sua posse e enfrentar possíveis contra-ataques do inimigo. Estas medidas variam desde o estabelecimento de segurança local até a completa organização para a manutenção do objetivo e, normalmente, incluem: a segurança, particularmente por meio do estabelecimento de postos de observação e escuta e do lançamento de patrulhas, se necessário; o reconhecimento, não só para efetivar a segurança, mas também tendo em vista o desempenho de missões imediatas ou futuras; a tomada de dispositivo adequado à manutenção do objetivo ou para o prosseguimento; e o deslocamento de armas de apoio e realização dos fogos, tendo em vista a consolidação e o prosseguimento do ataque, se for o caso;

- A reorganização compreende todas as ações realizadas para restabelecer ao máximo a eficiência combativa e o controle da força. Tais ações, normalmente, incluem: os relatórios de todas as FT U Bld e demais elementos de manobra e de apoio de fogo, que devem remetê-los ao Cmt Bda Bld, sobre as suas localizações e situações, bem como sobre os seus planejamentos para as operações subsequentes.

- Nessa reorganização, todas as FT U Bld e demais elementos de manobra e de apoio de fogo informam as baixas ocorridas e os recompletamentos

necessários, sendo distribuídos tão cedo quanto possível.

- São tomadas providências para a realização de evacuações de baixas, Prisioneiros de Guerra (PG) e equipamentos danificados.
- A distribuição do suprimento (a munição, lubrificantes e combustíveis) deve estar baseada nos relatórios de necessidades das peças de manobra e base de fogos. Os elementos de suprimento e manutenção, em princípio, cerram à frente para recompletar e prestar o apoio necessário.
- O C² deve dar especial atenção ao alcance dos meios rádios utilizados, visando a manter-se dentro do limite de utilização desses meios.

4.4.3.4 Aproveitamento do êxito

4.4.3.4.1 Considerações Iniciais

a) O Aproveitamento do Êxito (Apvt Exi) é uma Op Ofs que geralmente ocorre após um ataque bem-sucedido. Os Comandantes, em todos os escalões, devem explorar as ações exitosas das Op Ofs .

b) Ataques que permitam a completa destruição das defesas inimigas são raros, portanto, deixar de realizar o Apvt Exi pode dar ao inimigo o tempo necessário para reestruturar sua defesa, seja por intermédio de movimentação de suas forças, seja no intuito de readquirir a iniciativa das ações, visando ao contra-ataque.

c) Sendo assim, toda ação ofensiva que não seja restringida pelo Esc Sp ou por falta de recursos, deve ser seguida, sem perda de tempo, pelo Apvt Exi .

d) O Apvt Exi caracteriza-se por um avanço contínuo e rápido das forças amigas, com a finalidade de ampliar ao máximo as vantagens obtidas no ataque e anular a capacidade do inimigo de reorganizar-se ou realizar um movimento retrógrado.

e) Dentre as Op Ofs, o Apvt Exi é a que obtém os resultados mais decisivos, pois permite a destruição do inimigo e de seus recursos com o mínimo de perdas para o atacante. Pode-se afirmar que o Apvt Exi permite traduzir o sucesso tático em vantagem operacional.

f) A mobilidade, a ação de choque e o poder de fogo tornam a Bda Bld a tropa mais apta a executar operações de Apvt Exi.

g) Os indícios capazes de gerar a oportunidade ao Comandante Bda Bld, para iniciar uma operação de Apvt Exi são:

- aumento significativo de PG;
- aumento de material e equipamento inimigo abandonado;
- ultrapassagem de posições de artilharia, de instalações de C² e áreas de logística ou suprimento;
- diminuição significativa na resistência inimiga ou na organização das peças de manobra e apoio de fogo;
- mistura de veículos de combate e logísticos em formação e em colunas; e
- aumento de movimento inimigo à retaguarda, incluindo as peças de reserva e unidades de apoio de fogo.

4.4.3.4.2 Planejamento

a) A Op Apvt Exi é executada com base na seguinte divisão de forças:

- Força de Aproveitamento do Êxito (F Apvt Exi), que é a força que realiza o esforço principal neste tipo de operação; e
- Força de Acompanhamento e Apoio (F Acomp Ap), que dá suporte à força de Apvt Exi.

b) O planejamento do Comandante de uma F Apvt Exi deve ser flexível o suficiente para permitir que sejam exploradas as oportunidades de desorganizar, ultrapassar e destruir o inimigo.

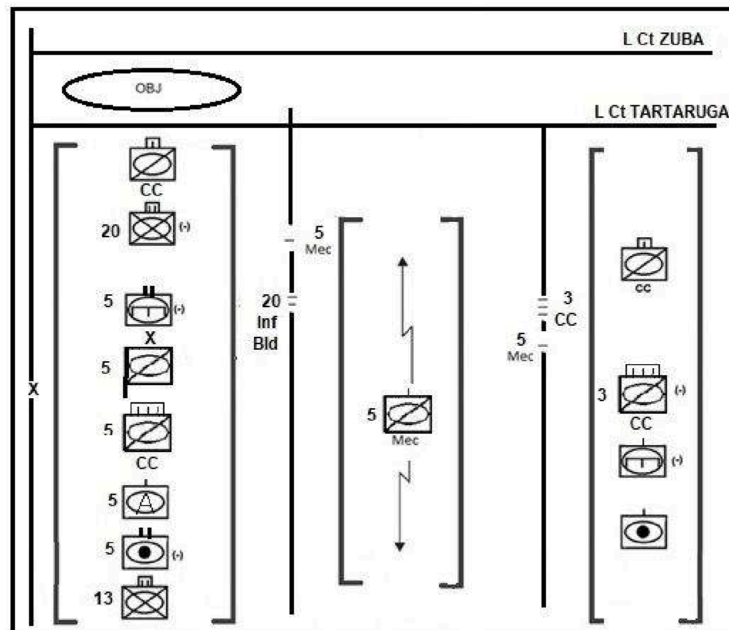


Fig 4-5 Exemplo de Bda Bld em aproveitamento do êxito

c) A operação de Apvt Exi deve ser conduzida pela Bda Bld de forma descentralizada. Para que isso seja possível, a intenção do Comandante é extremamente importante porque as frações subordinadas devem estar aptas a exercer sua iniciativa em quaisquer mudanças de situações no combate.

d) Cabe ao Comandante da Bda Bld estabelecer a intenção e o EFD. Tal intenção também determinará a ação principal, a forma de manobra e guiará na designação do esforço principal.

e) O planejamento para o Apvt Exi deve proporcionar um avanço contínuo e rápido, prevendo adequado apoio de fogo e eficiente apoio logístico, selecionando objetivos profundos na retaguarda do inimigo.

f) A intenção clara e concisa possibilitará o menor número de restrições aos Esc executantes, diminuindo o fluxo de mensagens e permitindo uma confiável

e facilitada coordenação e comunicações entre a F Apvt Exi, a F Acomp Ap e o Cmt; maximizando, assim, o impacto da operação de Apvt Exi .

g) Quando disponíveis para o escalão superior, as forças aeromóveis e aeroterrestres poderão ser empregadas na conquista de objetivos críticos para interromper as vias de retirada do inimigo. As incursões rápidas, os ataques e os desbordamentos realizados pela Bda Bld e por forças aeromóveis retardam e impedem a reorganização inimiga. No caso de emprego dessas tropas pelo escalão superior, a Bda Bld poderá ser empregada em uma Op de Junção com estas.

h) Nas Op Apvt Exi, pode ser necessário o reagrupamento de alguns elementos subordinados, enquanto outros elementos continuam o avanço. A Bda Bld deve estabelecer normas para controlar essas ações. A marcação de Z Aç pode ser substituída por outras medidas de coordenação e controle, tais como E Prog, objetivos, L Ct, PCt, P Lig, dentre outros.

i) A F Apvt Exi deve possuir velocidade, elevado poder de combate e, sempre que possível, avançar em larga frente. Carros de combate, infantaria blindada e cavalaria mecanizada constituem, normalmente, o escalão avançado e o segundo escalão da F Apvt Exi, assegurando a flexibilidade, a impulsão e a segurança da operação.

j) O comandante da F Apvt Exi deve estar alerta para impedir o fracionamento do poder de combate de sua força na obtenção de pequenos sucessos locais. A finalidade é atingir o objetivo com o máximo de poder de combate, tão rápido quanto possível. A limpeza da Z Aç deve ser feita somente quando for necessário para que a progressão continue. Essas resistências devem ser ultrapassadas, podendo ser destacado parte do efetivo para engajar aquelas que ameacem o cumprimento da missão, informando o Esc Sp dessa decisão. As forças inimigas que interfiram, ou possam interferir, devem ser imobilizadas, ultrapassadas ou destruídas. A F Apvt Exi deve contar com um ou mais E Prog para ter maior flexibilidade.

k) O controle é essencial para impedir o extenso desdobramento da F Apvt Exi, particularmente quando o inimigo for capaz de reagrupar-se rapidamente e constituir-se em séria ameaça. Os fogos disponíveis são empregados para destruir as forças inimigas que não possam ser ultrapassadas ou contidas.

l) A F Acomp Ap deve assumir as tarefas que possam retardar o avanço da F Apvt Exi, tais como:

- impedir o inimigo de tamponar a brecha na penetração e assegurar a posse dos acidentes capitais conquistados durante a penetração ou desbordamento;
- manter acidentes capitais conquistados durante o ataque;
- manter livres as vias de transporte, comunicações e de suprimento;
- destruir resistências inimigas ultrapassadas, bloqueando o movimento dos reforços inimigos para dentro da área;
- substituir elementos da F Apvt Exi que estejam contendo resistências inimigas desbordadas;

- seguir de perto as F Apvt Exi e estabelecer estreita ligação entre os Cmt dessa força, sem haver subordinação; e

- ficar em condições de reforçar as F Apvt Exi com os elementos de suas unidades.

m) Normalmente, a F Acomp Ap não se subordina à F Apvt Exi. As relações de comando são semelhantes àquelas do apoio direto prestado por uma unidade de apoio ao combate a uma unidade de combate.

n) Elementos da F Acomp Ap podem reforçar a F Apvt Exi, a fim de, em determinadas situações, assegurar a unidade de comando. As ligações entre os elementos das duas forças devem ser mantidas em todos os escalões.

o) As unidades empregadas como F Acomp Ap da Bda Bld num Apvt Exi, sempre que possível, devem possuir ou serem providas do mesmo grau de mobilidade da F Apvt Exi.

p) O planejamento do Apvt Exi começa durante a preparação das ações ofensivas. No intuito de evitar perder tempo durante a transição de marcha para o combate ou para Apvt Exi, o Cmt Bda Bld deve realizar minucioso estudo das possibilidades e limitações do inimigo, dos objetivos definidos pelo Esc Sp e da sua A Op, visando a elencar as FT U Bld que receberão tal missão.

q) Nas operações de Apvt Exi, o planejamento do Cmt Bda Bld pode ser realizado como uma espécie de marcha para o combate com diversos ataques de oportunidade. O comandante geralmente realizará a emissão de O Frag, abordando:

- a forma de movimento;
- a posição de cada elemento na forma de movimento da F Apvt Exi;
- o critério para ultrapassagem, se for o caso;
- novas medidas de coordenação e controle que auxiliarão na manobra, bem como os objetivos, mudanças de limites, limite para avanço da força; e
- medidas de coordenação e controle para o apoio de fogo.

r) Normalmente, as operações de Apvt Exi são executadas em largas frentes com, pelo menos, dois eixos. As forças em cada eixo devem ser capazes de realizar ações independentes, de acordo com a sua mobilidade, a rede de estradas e outros aspectos do terreno. Em face da necessidade de rapidez, o Apvt Exi deve utilizar o maior número possível de eixos disponíveis que demandem aos objetivos impostos, situados profundamente na retaguarda inimiga.

s) O movimento dessas forças em Apvt Exi deve ser realizado, preferencialmente, em rotas paralelas. No entanto, o terreno e o inimigo serão preponderantes na escolha da forma de movimento. Geralmente, o emprego das forças em coluna dá ênfase na flexibilidade, rapidez e no máximo poder de fogo à frente.

t) A Bda Bld se desloca, normalmente, com dois a três elementos em primeiro escalão, apoiados por artilharia e engenharia. Os trens das unidades deverão ser escoltados por frações de tropa.

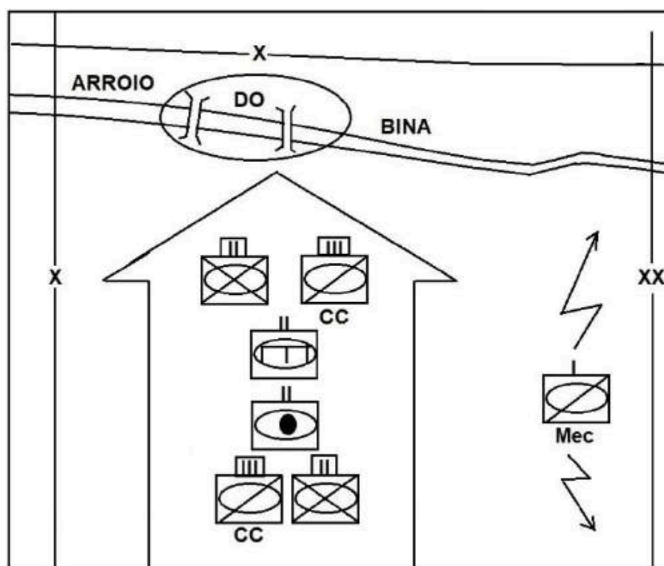


Fig 4-6 F Apvt Exi da Bda Bld com dois Elm em 1º Esc

4.4.3.4.3 Coordenação e Controle

a) O mínimo de medidas de controle deve ser utilizado, a fim de conceder, durante a progressão, ampla iniciativa aos comandos subordinados, de modo a evitar retardos desnecessários e prejudiciais às operações.

b) Normalmente, os objetivos da Bda Bld, no Apvt Exi, são:

- os flancos e retaguarda da posição inimiga (reservas, centros de comando e controle e instalações logísticas);
- acidentes capitais do terreno (desfiladeiros, cruzamentos de estradas, nós ferroviários, pontes, dentre outros); e
- regiões favoráveis ao desembarque de forças aeroterrestres ou aeromóveis.

c) É indispensável um perfeito controle sobre o movimento das FT U Bld, a fim de tornar possível a passagem rápida da coluna de marcha para o dispositivo de ataque.

d) Além da observância de rigorosa disciplina de marcha e do estabelecimento de um seguro sistema de C², a Bda Bld deve fixar E Prog, L Ct, PCt e P Lig, entre outras medidas de coordenação e controle.

e) Deverá ser confeccionado um plano de obstáculos para cada fase da operação. De acordo com as regras de engajamento, devem ser lançados obstáculos em áreas que podem ser utilizadas para contra-ataque inimigo, conforme as tropas avançam.

f) O planejamento logístico deve ser antecipado, designando futuras Estradas Principais de Suprimento (EPS), pontos de destacamentos logísticos, bem como o suporte médico, com instalações médicas (Posto de Socorro) e pontos

de coleta de PG, verificando, ainda, a necessidade de aproximação do Posto de Atendimento Avançado (PAA).

g) Para garantir o Apvt Exi, o planejamento de ressuprimento de óleos, combustíveis e lubrificantes deve ter prioridade, tendo ciência de que a Força de Apvt Exi costuma abrir mais de um E Prog para garantir a dispersão e a continuidade das ações. Ressalta-se que, durante a operação, ocorrem mais movimentos à frente que nos ataques.

h) No planejamento de suporte médico e apoio logístico devem ser consideradas as necessidades da população civil da A Op.

i) O Cmt Bda deverá realizar o planejamento dos meios de Av Ex e F Ae (quando disponíveis), verificando as possibilidades e limitações, bem como o emprego desses meios. Deverá prever a utilização das surtidas de Anv (F Ae), conforme disponibilizado pela DE.

4.4.3.5 Perseguição

4.4.3.5.1 Considerações Iniciais

a) A perseguição tem por finalidade cercar e destruir uma força inimiga que está em processo de desengajamento do combate ou que tenta fugir. Ocorre, normalmente, logo em seguida ao Apvt Exi e difere deste pela não previsibilidade de tempo e lugar de emprego e por sua finalidade principal, que é a de completar a destruição da força inimiga.

b) Ela difere do Apvt Exi porque, neste, o objetivo principal é, geralmente, um objetivo físico situado bem à retaguarda do inimigo. No Apvt Exi, a Bda Bld evita engajar-se com as resistências inimigas, ultrapassando-as ou desbordando-as, concentrando-se somente na conquista do objetivo que lhe foi atribuído. Na perseguição, apesar da Bda poder orientar sua progressão para um objetivo físico, a missão é a destruição da força principal do inimigo.

c) Quando o inimigo apresentar indícios de desmoralização e suas forças desintegrarem-se sob pressão ininterrupta, o Apvt Exi pode transformar-se em perseguição, o que também poderá ocorrer quando o inimigo perder a capacidade de operar eficientemente e tentar desengajar-se do combate.

d) Semelhante ao Apvt Exi, a marcação de Z Aç pode ser substituída por outras medidas de coordenação e controle, tais como: E Prog, objetivos, L Ct, PCt, P Lig, entre outros.

e) A Bda Bld, ao executar uma perseguição, deverá dividir suas tropas em Força de Cerco e Força de Pressão Direta. A de pressão direta é empregada contra as forças inimigas que se retiram, devendo o contato ser mantido permanentemente. Enquanto isso, a de cerco corta-lhes as vias de retirada, empregando-se, ao máximo, elementos aeromóveis e aeroterrestres.

f) Uma vez ordenada a perseguição, o comandante deve impulsionar suas forças para manter a continuidade da operação, observando o pleno emprego das capacidades do pessoal e do material. O apoio de fogo (aéreo, naval e terrestre) inflige o máximo de danos ao inimigo que procura a retirada, devendo concentrar-se sobre os pontos críticos ao longo das suas vias de retirada,

sobre as colunas que se retiram e sobre as reservas.
g) Medidas de ataque eletrônico são empregadas para confundir o inimigo, para impedi-lo de utilizar suas redes de C² e para prejudicar suas tentativas de reorganização. A continuidade do apoio logístico é vital para o sucesso da operação.

4.4.3.5.2 Planejamento
a) Normalmente, o Comandante da Bda Bld não possuirá o tempo necessário para realizar um planejamento específico para a operação de perseguição. No entanto, seu planejamento deverá prever a manutenção de uma pressão constante sobre o inimigo, impedindo-o de reorganizar-se e organizar novas defesas. Homens e equipamentos deverão ser exigidos até os limites de suas possibilidades. O Cmt Bda Bld deve conduzir a operação de forma a evitar que o ímpeto do ataque seja perdido. Durante a perseguição, os comandantes das forças empregadas deverão correr riscos maiores que em outros tipos de operações ofensivas, a fim de obter resultados decisivos.
b) Quando a Bda Bld conduz uma operação de perseguição, organiza uma força de pressão direta de valor e composição suficientes para manter uma pressão contínua e uma força de cerco, que deve ter mobilidade igual ou superior à força do inimigo e ter capacidade para realizar uma operação semi-independente.
c) A incapacidade de reação do inimigo reduz a necessidade de apoio mútuo. Tanto a força de pressão direta como a de cerco devem ser dotadas de elementos de engenharia e de adequado apoio de fogo e de comunicações.
d) O apoio logístico merece especial atenção. O consumo de combustíveis, lubrificantes e munições é elevado. As unidades de primeiro escalão podem, muitas vezes, ser supridas por via aérea.
e) A velocidade de progressão, a possibilidade de reação inimiga e a dispersão de forças aumentam a importância da segurança da Bda Bld.
f) Se disponíveis para a operação da Bda Bld, os elementos de Reconhecimento e Ataque da Av Ex poderão ser empregados em missões de reconhecimento e segurança, assim como, em ações ofensivas contra tropas e instalações inimigas em profundidade. Aeronaves de reconhecimento (da Av Ex ou F Ae) podem realizar contínua observação das áreas vitais na retaguarda inimiga, buscando determinar a direção de retirada do inimigo, manter o contato com as colunas em retirada e localizar os movimentos dos reforços inimigos em sua Z Aç.
g) Devido à natureza fluida das operações de perseguição, a coordenação do apoio aerotático com as unidades de manobra é de importância vital para assegurar o máximo de danos aos alvos inimigos transitórios, sem perigo para o movimento rápido das forças amigas.

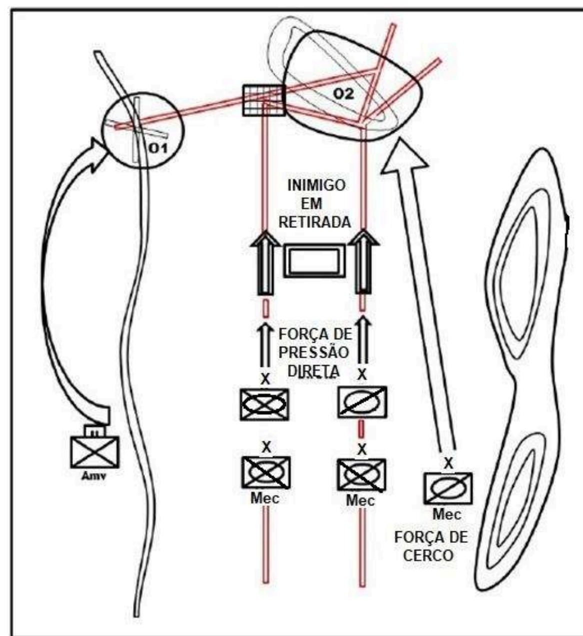


Fig 4-7 Perseguição

4.4.3.5.3 Coordenação e Controle

a) A perseguição é determinada quando o inimigo não tem mais condições de manter-se em posição e procura a retirada. Nesta oportunidade, a Bda Bld muda o ritmo das operações e passa a buscar a destruição do inimigo.

b) A perseguição é conduzida em uma frente tão larga quanto possível. A pressão direta é mantida incessantemente, enquanto uma força de cerco corta as vias de retirada do inimigo. Quando as condições permitirem, e houver superioridade marcante, a Bda Bld deve procurar realizar o duplo desbordamento da força que retrai e de seus componentes.

c) Não deve ser permitido que as forças de retaguarda e flancoguarda inimigas desviem a força principal de sua direção decisiva. Se houver insucesso na tentativa de cortar as vias de retirada do inimigo, uma nova força de cerco deve ser rapidamente constituída.

d) Quando necessário, para desalojar rapidamente uma força inimiga, o Cmt Bda Bld deve atacar imediatamente, empregando suas forças, à medida que elas estejam prontas. Para as forças empregadas na pressão direta e nas ações de cerco são designados objetivos profundos e missões amplas. O máximo grau de iniciativa é permitido aos elementos subordinados. Se necessário, os meios de apoio ao combate e logístico são descentralizados.

e) A missão da força de pressão direta é atacar continuamente, a fim de evitar que o inimigo desengaje e reconstitua a sua defesa e para infligir-lhe o máximo de baixas. A força de pressão direta ataca incessantemente. Nenhuma

oportunidade é dada para que o inimigo reorganize sua defesa. Em hipótese alguma, o contato deve ser rompido. Os elementos de primeiro escalão da força de pressão direta atuam agressivamente sobre as colunas inimigas ao longo de todas as estradas disponíveis, ultrapassam pequenas resistências que são reduzidas pela força de acompanhamento e apoio. Durante a noite, as unidades prosseguem atacando para manter o inimigo desequilibrado. A força de pressão direta deve, também, através da manobra, cortar a retirada e destruir partes do inimigo, quando essas ações não ameacem sua missão principal.
f) A missão da força de cerco é bloquear a retirada do inimigo derrotado para que ele possa ser destruído entre ela e a força de pressão direta. Quando há disponibilidade de meios, o Esc Sp pode realizar, eficientemente, um envolvimento vertical sincronizado com a força de cerco.

4.4.4 FORMAS DE MANOBRA DAS OPERAÇÕES OFENSIVAS

4.4.4.1 Considerações Iniciais

4.4.4.1.1 Forma de Manobra é o processo que a Bda Bld utilizará para executar o seu movimento, de modo a conseguir ocupar uma posição vantajosa para atacar o inimigo.

4.4.4.1.2 O Cmt Bda Bld deverá se orientar pela intenção e missão definida pelo Esc Sp. Deve-se dar atenção a dados importantes como tempo, segurança, direção tática de atuação, características da A Op e dispositivo inimigo, que conduzirão a uma opção executável para a forma de manobra.

4.4.4.1.3 As formas de manobra, nas Op Ofs, são o desbordamento, o envolvimento, a penetração, a infiltração e o ataque frontal.

4.4.4.2 Desbordamento

4.4.4.2.1 O desbordamento é uma manobra ofensiva dirigida para a conquista de um objetivo à retaguarda do inimigo ou sobre seu flanco, evitando sua principal posição defensiva, cortando seus itinerários de fuga e sujeitando-o ao risco da destruição na própria posição. É a forma de manobra prioritária da Bda Bld.

4.4.4.2.2 A Bda Bld, nesta forma de manobra, executará um ataque secundário na parte frontal do inimigo, que, geralmente, é mais guarnecida por fogos e obstáculos, e um Atq Pcp contra um flanco exposto do mesmo.

OPERAÇÕES OFENSIVAS	
TIPOS DE OPERAÇÕES	***FORMAS DE MANOBRA***
MARCHA PARA O COMBATE	-
RECONHECIMENTO EM FORÇA	-
ATAQUE	***DESBORDAMENTO***
	ENVOLVIMENTO
	PENETRAÇÃO
	INFILTRAÇÃO
	ATAQUE FRONTAL
APROVEITAMENTO DO ÊXITO	-
PERSEGUIÇÃO	-

Tab 4-2 Formas de Manobra das Op Ofs

4.4.4.2.3 O ataque secundário é de extrema importância para o sucesso da manobra da Bda Bld. Essa ação deve tentar ao máximo iludir o inimigo sobre a real localização do Atq Pcp da Bda. Dessa forma, a surpresa, a mobilidade e capacidade de engajamento da FT U Bld, que realiza o ataque secundário, são ferramentas valiosas para o sucesso da manobra.

4.4.4.2.4 Como encerramento da manobra de desbordamento, a Bda Bld deve realizar um cerco aproximado. Nesta ação a Bda deverá conquistar e manter os acidentes capitais da região requerida, além das principais vias de acesso à região conquistada, evitando que o inimigo consiga se evadir do local ou até mesmo ser reforçado por outras tropas inimigas.

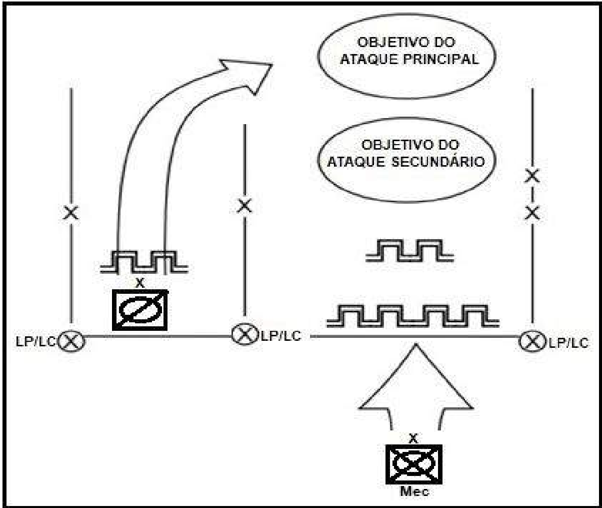


Fig 4-8 Desbordamento

4.4.4.3 Envolvimento

4.4.4.3.1 No envolvimento a Bda Bld realiza uma investida na retaguarda profunda do inimigo, obrigando-o a sair de sua atual posição ou a deslocar tropas com alto poder de persuasão para fazer frente a ameaça criada pela investida.

4.4.4.3.2 A destruição do inimigo não é planejada para ser executada na sua posição defensiva, mas em um determinado local previamente planejado e escolhido pelo Cmt Bda Bld.

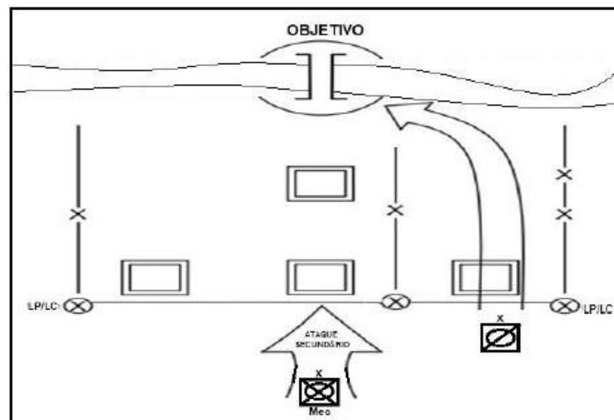


Fig 4-9 Envolvimento

4.4.4.3.3 Este tipo de manobra é peculiar tendo em vista a grande distância na qual a tropa que realiza o envolvimento estará no final da manobra, geralmente a mesma atuará fora da distância de apoio logístico. Não é comum o uso dessa forma de manobra por uma Bda que atua isoladamente. A Bda Bld poderá realizar um envolvimento, enquadrada na manobra de uma DE.

4.4.4.4 Penetração

4.4.4.4.1 Nesta forma de manobra a Bda Bld deve procurar romper a posição defensiva do inimigo, com o objetivo de destruir ou neutralizar suas tropas, instalações e meios de controle. Além disso, deverá atingir objetivos profundos para quebrar a continuidade da defesa inimiga.

4.4.4.4.2 A principal finalidade desta manobra, realizada pela Bda Bld, será dividir as tropas inimigas para que sejam neutralizadas por partes, alargando ao máximo a brecha criada, favorecendo a realização de um possível Apvt Exi, imediatamente depois da ação.

4.4.4.4.3 A penetração é indicada quando:
a) não houver a possibilidade de acessar os flancos do inimigo;
b) a defesa inimiga estiver montada em larga frente;
c) a força atacante tiver a seu favor o terreno e a observação; e
d) a tropa que estiver realizando o ataque possuir um forte apoio de fogo.

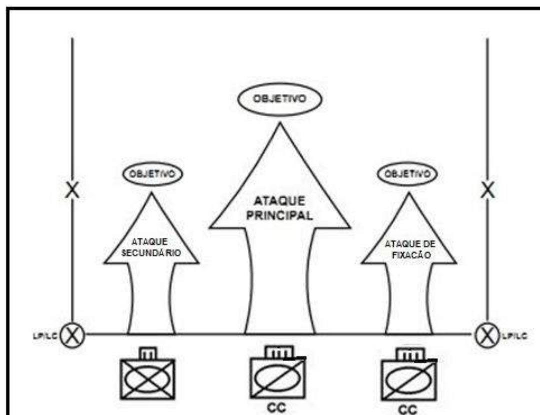


Fig 4-10 Penetração

4.4.4.5 Infiltração

4.4.4.5.1 A forma de manobra infiltração só deverá ser empregada pela Bda Bld em situações muito particulares ou especiais. O emprego de uma tropa blindada, nessa forma de manobra, deve ser considerado como uma conduta de combate, quando não se dispuser de nenhuma outra tropa que possa realizá-la em melhores condições.

4.4.4.5.2 A Bda Bld poderá, excepcionalmente, planejar uma infiltração de uma SU Fuz, Pelotão de Explorados (Pel Exp) ou Pel C Mec (a pé) de suas peças de manobra, com a finalidade de conquistar um acidente do terreno importante para a operação ofensiva a ser realizada a seguir, de onde poderá apoiar, em melhores condições, a realização dessa Op Ofs. Com os meios de vigilância empregados atualmente, dificilmente será possível realizar essa infiltração com a tropa embarcada em suas viaturas blindadas.

4.4.4.6 Ataque Frontal

4.4.4.6.1 O ataque frontal deve ser evitado pela Bda Bld, pelo grande número de baixas e perda de material que normalmente ocorrem. Nesta forma de manobra, a Bda realizará um ataque abrangendo toda a frente da tropa inimiga, com a mesma intensidade, atentando para que não sejam empregados todos os elementos em linha. Aplica-se um poder de combate esmagador sobre um

inimigo consideravelmente mais fraco ou desorganizado, para destruí-lo, capturá-lo ou para fixá-lo numa ação secundária.

4.4.4.6.2 Pela grande probabilidade de insucesso, essa forma de manobra é pouco desejável, porém, pode ser empregada quando:
a) for nítida a fraqueza do inimigo;
b) forem determinados, pelo Escalão Superior, poucos objetivos ou que eles tenham a mesma importância;
c) a tropa que estiver realizando o ataque possuir um poder relativo de combate muito superior ao do inimigo;
d) for necessária uma reação imediata a uma ação do inimigo; e
e) contribuir para iludir o inimigo quanto ao real Atq Pcp.

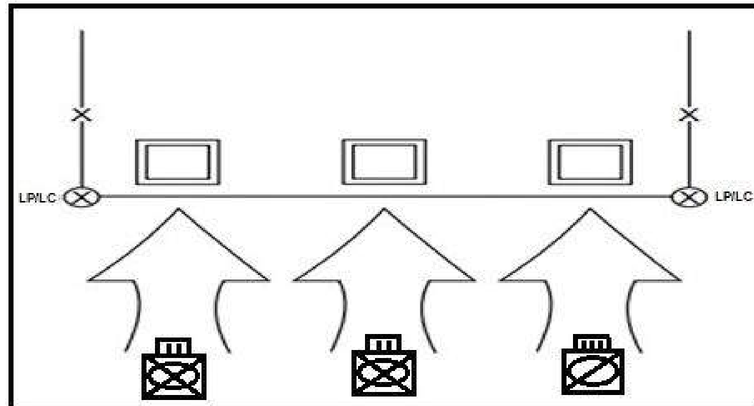


Fig 4-11 Ataque Frontal

4.4.5 OUTRAS AÇÕES OFENSIVAS

4.4.5.1 Combate de Encontro

4.4.5.1.1 Na marcha para o combate, no Apvt Exi, na perseguição e em outras situações de movimento, a Bda Bld pode combater em situações em que não se encontra desdobrada e engajando-se com uma força inimiga, parada ou em movimento, sobre a qual dispõe de poucas informações. Em tais encontros, as ordens breves, as ações rápidas, agressivas e a ação de choque tornam-se imprescindíveis para conquistar e manter a iniciativa das ações.

4.4.5.1.2 No campo de batalha moderno, poderão ocorrer operações e ações diversas à frente, nos flancos e na retaguarda da Bda Bld, de forma contínua ou não, desencadeadas por forças convencionais ou irregulares, com esses atores tomando parte na fluidez do combate. Diante desse cenário de incertezas, agentes descaracterizados (ou infiltrados na população) e forças

altamente móveis e potentes se apresentam como as maiores ameaças às FT Bld. Essas forças podem estar dispersas, em amplos espaços, atuando primordialmente ao longo dos eixos rodoviários. Os combates de encontro podem ocorrer, frequentemente, desde o nível Bda até o mais baixo escalão de comando.

4.4.5.1.3 O ataque, no combate de encontro, é caracterizado por:
a) reconhecimento imediato e agressivo;
b) rápido Exm Sit;
c) imediata expedição de ordens fragmentárias; e
d) ataque direto partindo da coluna de marcha, conforme as unidades cerrem à frente e tornem-se disponíveis para o emprego.

4.4.5.1.4 O princípio básico que rege a conduta de um combate de encontro é a conquista e manutenção da iniciativa. Mantendo a iniciativa, o comandante pode, subsequentemente, adotar a melhor Linha de Ação (LA) para o cumprimento de sua missão.

4.4.5.1.5 As seguintes ações ajudam o Cmt Bda Bld ou de suas peças de manobra a manter a iniciativa:
a) realizar um rápido Exm Sit e emitir ordens fragmentárias;
b) empregar as unidades subordinadas a partir da coluna de marcha;
c) organizar a vanguarda com forças móveis capazes de reconhecerem pelo fogo, desdobrarem-se rapidamente e atacarem com velocidade; e
d) posicionar a artilharia na coluna, de forma a assegurar fogos de apoio durante a ação inicial.

4.4.5.1.6 Em um combate de encontro, o Cmt Bda se defronta com três LA:
a) atacar diretamente, partindo do dispositivo de marcha, tão logo as unidades possam ser lançadas ao combate (ataque de oportunidade);
b) reconhecer e conter a força inimiga retardando a ação decisiva até que o grosso de sua força possa ser empregado em uma operação coordenada, seja ofensiva, seja defensivamente; e
c) desbordar a força inimiga, após informar o escalão superior, deixando elementos com a missão de manter o contato.

4.4.5.1.7 A ação vigorosa e agressiva revela a situação inimiga. O desbordamento por um flanco exposto, geralmente, revela o dispositivo inimigo mais rapidamente do que um ataque frontal e dá maior oportunidade para a surpresa tática e para a obtenção de resultados decisivos.

4.4.5.1.8 Quando o inimigo se encontra em posição, pode-se, deliberadamente, evitar o engajamento. Nestas condições, se a força inimiga não é suficientemente forte para comprometer o cumprimento da missão, a resistência deve ser fixada por um mínimo de elementos e, em seguida

desbordada. Tal conduta é mais indicada quando existem à retaguarda forças disponíveis que podem eliminar os elementos ultrapassados, quando a missão requer um avanço rápido e contínuo ou quando não couber à tropa que avança realizar a limpeza de sua Z Aç. No caso contrário, a resistência inimiga é fixada e, em seguida, atacada de preferência em seus flancos, a fim de obter a surpresa e determinar o dispositivo do inimigo. Se o inimigo também está em movimento, ataques parcelados são desencadeados sobre seus flancos, com a finalidade de obter a surpresa e a iniciativa.

4.4.5.1.9 Os comandantes de cada escalão fornecem aos comandos vizinhos e superiores informes relativos à situação e a seu plano de manobra. Em todas as oportunidades, os comandantes das unidades da Bda devem estar continuamente informados sobre o dispositivo de outras forças e preparados para reagirem rapidamente a qualquer situação.

4.4.5.2 Incursão

4.4.5.2.1 A incursão é uma ação ofensiva, normalmente de pequena escala, compreendendo rápida penetração em área sobre controle inimigo, extremamente agressiva e de elevada mobilidade, realizada com a finalidade de obter um resultado específico no interior da posição inimiga. Pode ser empregada em qualquer tipo de Op Ofs, particularmente no reconhecimento em força, no ataque e no Apvt Exi.

4.4.5.2.2 Normalmente, a incursão é de pequena ou média duração e sem a intenção de manter o terreno onde se realiza.

4.4.5.2.3 A incursão termina num retraimento planejado.

4.4.5.2.4 As ações de incursão estão baseadas na abordagem indireta do combate, onde as funções de combate do inimigo são destruídas separadamente, tornando-o vulnerável.

4.4.5.2.5 Uma situação favorável ao emprego pela Bda Bld de ações de incursão poderá surgir quando:
a) existir espaço suficiente para a manobra;
b) for identificada uma baixa densidade ou inexistência de forças inimigas em determinado local do campo de batalha, permitindo uma infiltração ou desbordamento do inimigo;
c) os eixos de comunicações e suprimento do inimigo estiverem muito distendidos;
d) houver disponibilidade de apoio aéreo e/ou aeromóvel e apoio de fogo de artilharia; e
e) a disponibilidade de informações sobre o inimigo permitir um planejamento detalhado e meticuloso da ação.

4.4.5.2.6 Os requisitos básicos para uma ação de incursão são a surpresa, a dissimulação, a mobilidade, a existência de superioridade aérea local e de disponibilidade de apoio de fogo terrestre.

4.4.5.2.7 A força que realiza uma incursão retrai após o cumprimento de sua missão. O retraimento é a parte mais difícil da operação, devendo ser cuidadosamente planejada e conduzida.

4.4.5.2.8 A segurança é vital nesse tipo de operação porque a força que incursiona fica exposta ao ataque do inimigo em todas as direções.

4.4.5.2.9 As incursões são planejadas e executadas à semelhança de qualquer tipo de ataque, ressaltando-se a surpresa e a velocidade de execução como fatores de importância capital.

4.4.5.2.10 Normalmente, as incursões são limitadas no tempo e no espaço, ficando o apoio logístico restrito ao que possa ser conduzido nas viaturas de combate e em reduzido número de viaturas logísticas que poderão acompanhar a força incursora. Entretanto, planos alternativos de ressuprimento devem ser elaborados. O apoio de manutenção fica limitado a pequenos reparos. A evacuação médica é feita nos veículos de combate ou pelo ar.

4.4.5.2.11 Nesse tipo de operação, é necessária uma cuidadosa coordenação da força de incursão com os meios de apoio de fogo.

4.4.5.2.12 A força de incursão, a ser empregada pela Bda Bld, deve ser de tal valor que constitua uma autêntica ameaça para o inimigo, forçando-o a destacar considerável parcela de suas forças para bloqueá-la, neutralizá-la, destruí-la ou persegui-la.

4.4.5.2.13 A força de incursão deve ser tática e logisticamente autossuficiente para o período de duração da missão, sendo capaz de sobreviver com reduzido apoio logístico e operar com elevada rapidez e letalidade, devendo ser integrada por elementos de CC, fuzileiros blindados, engenharia de combate, defesa antiaérea e, se possível, por GAC AP. Uma FT nível U, reforçada por módulos de apoio ao combate e por módulos logísticos, é o elemento mais apto a cumprir esse tipo de missão.

4.4.5.2.14 Uma ação de incursão poderá ser empreendida com as seguintes finalidades:
a) fixar as reservas do inimigo, impedindo que possam intervir no combate;
b) impedir ou dificultar o desengajamento ou retraimento da força principal do inimigo, ocupando temporariamente posições importantes à retaguarda daquela força;
c) realizar junção, apoiar, reforçar ou contribuir para a exfiltração de forças

aeromóveis ou paraquedistas;
d) bloquear vias de acesso importantes no campo de batalha, à retaguarda ou nos flancos do inimigo ou em profundidade, impedindo ou dificultando o movimento de suas reservas;
e) cobrir o flanco de uma outra força, durante uma ação ofensiva de desbordamento ou envolvimento;
f) iludir ou desgastar o poder de combate do inimigo;
g) obter informações para o planejamento operacional do Esc Sp;
h) destruir instalações de C², logísticas, posições de artilharia de campanha e antiaérea e meios de engenharia e de comunicações, na área de retaguarda do inimigo; e
i) atuar contra os eixos de suprimento e de comunicações do inimigo.

4.4.5.3 Missões dadas pela finalidade

4.4.5.3.1 A Bda Bld, nas operações ofensivas, particularmente quando atuando isolada, pode receber missões dadas pela finalidade.

4.4.5.3.2 Nessas situações, o comandante Bda Bld e seu EM, ao planejarem a operação, determinarão o enquadramento do tipo de Op Ofs, tipo de operação complementar, os seus objetivos e, seguindo o método de Exm Sit, determinarão a melhor maneira de cumprir a missão. O conhecimento da intenção do Cmt é essencial nesses tipos de missões.

4.4.5.3.3 Nas figuras de 4-12 a 4-21 estão representados alguns exemplos esquemáticos da Bda Bld no cumprimento desses tipos de missões, recebidas pela finalidade.

4.4.5.3.4 Para a coordenação das missões impostas aos elementos subordinados poderão ser emitidas O Frag ou até ordens verbais para as U ou FT empregadas.

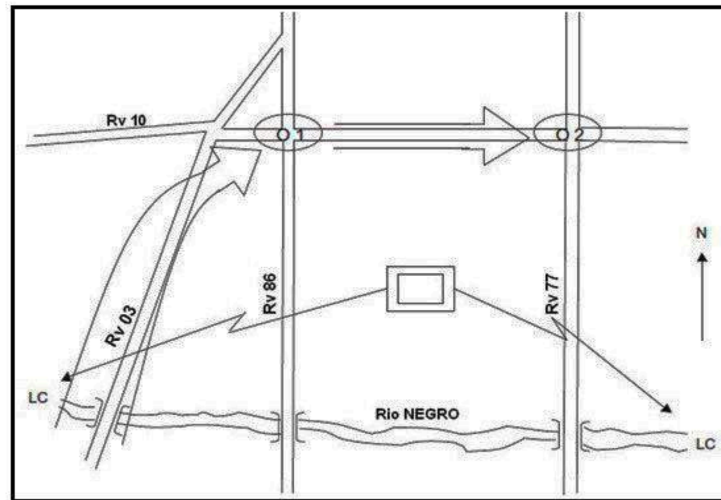


Fig 4-12 A Bda Bld com a missão de cercar o inimigo ao N do Rio NEGRO

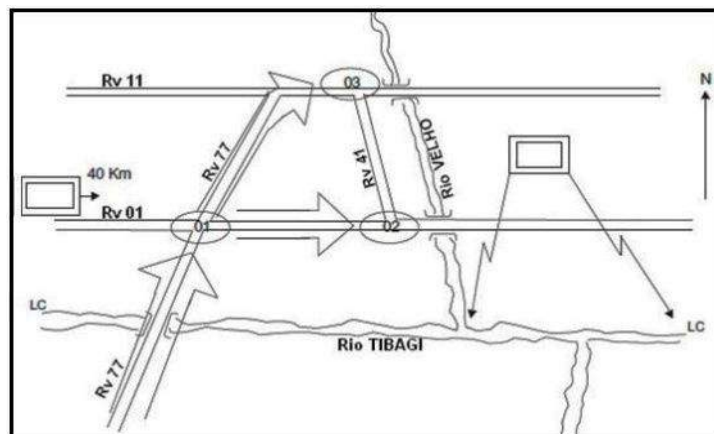


Fig 4-13 A Bda Bld com a missão de cercar o inimigo a W do Rio VELHO

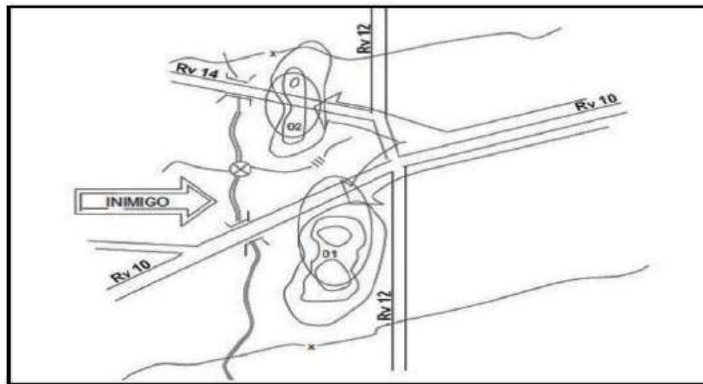


Fig 4-14 A Bda Bld com a missão de impedir a ultrapassagem, pelo inimigo, de determinado trecho da Rdv 12

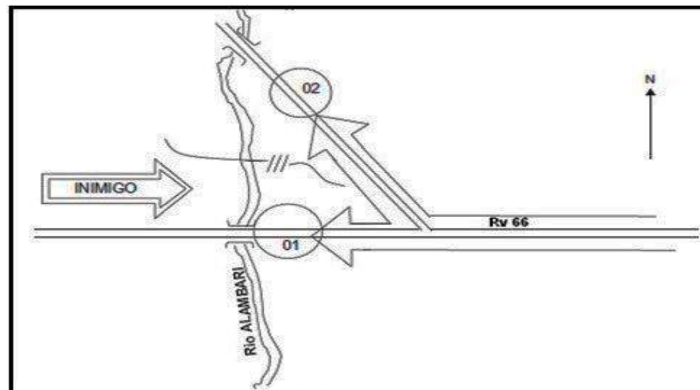


Fig 4-15 A Bda Bld com a missão de impedir a ultrapassagem, pelo inimigo, da Rdv 66 a E do Rio ALAMBARI

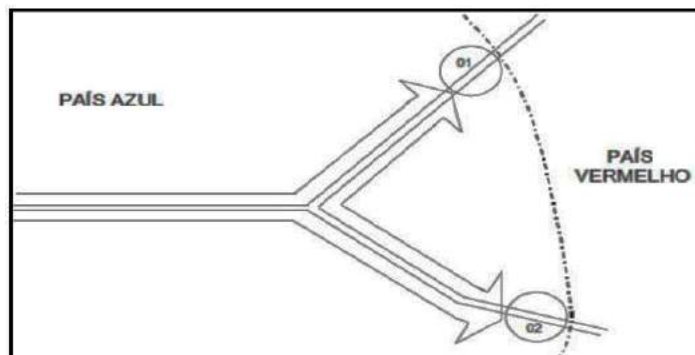


Fig 4-16 A Bda Bld com a missão de restabelecer a fronteira ou a integridade territorial do País AZUL

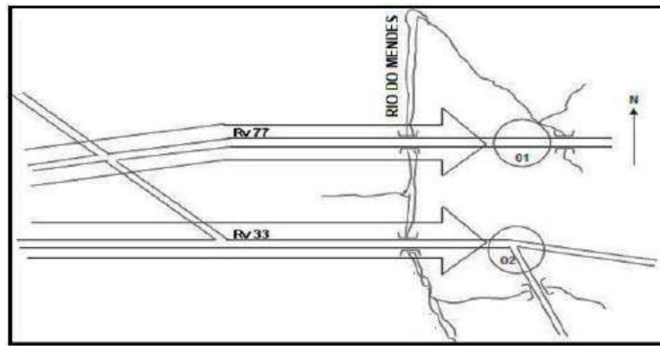


Fig 4-17 A Bda Bld com a missão de criar condições de prosseguimento a E do Rio DO MENDES

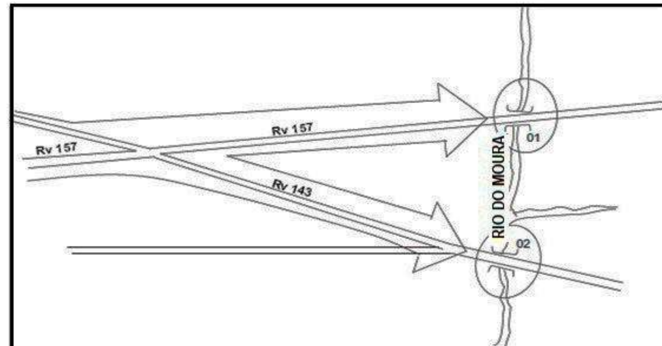


Fig 4-18 A Bda Bld com a missão de conquistar a região de passagem no Rio DO MOURA

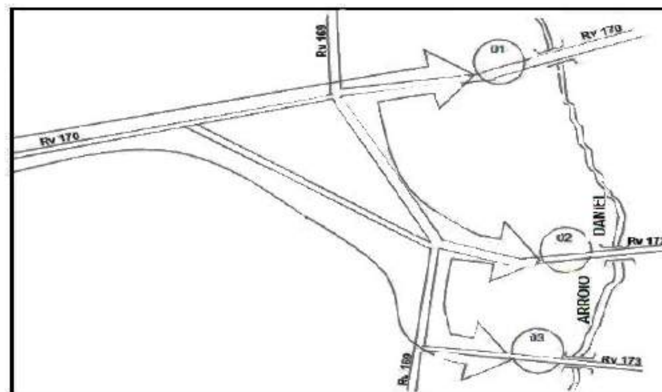


Fig 4-19 A Bda Bld com a missão de conquistar a região que domina por W as passagens sobre o Arroio DANIEL

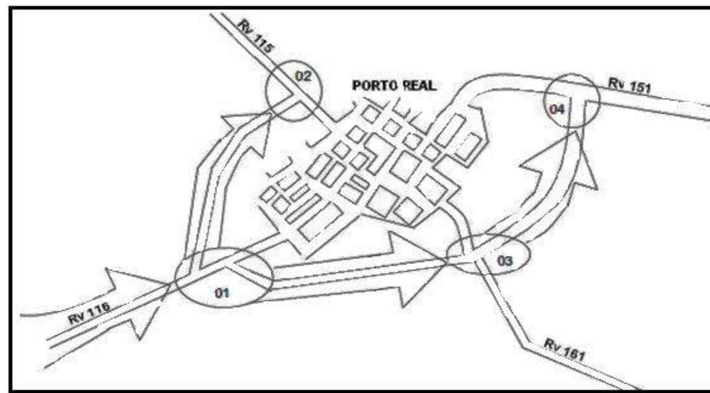


Fig 4-20 A Bda Bld com a missão de isolar a localidade de PORTO REAL

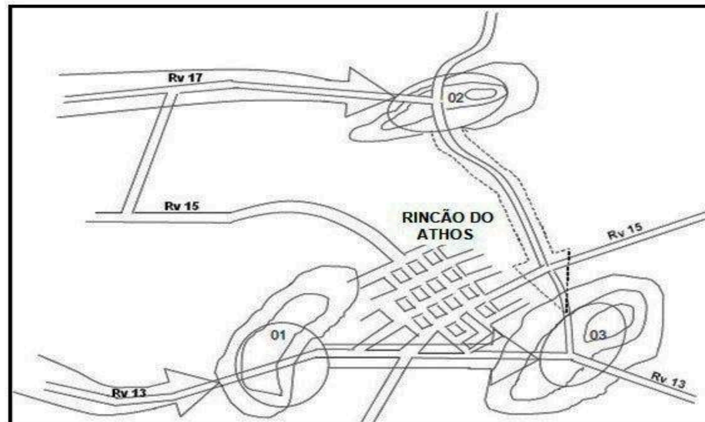


Fig 4-21 A Bda Bld na missão de conquistar as regiões que dominam a localidade de RINCÃO DO ATHOS

4.4.6 TRANSIÇÃO DAS OPERAÇÕES OFENSIVAS PARA OUTRAS OPERAÇÕES

4.4.6.1 Considerações gerais

4.4.6.1.1 A transição entre uma Op Ofs e uma Op Def, ou operações de cooperação e coordenação com agências, requer uma cuidadosa avaliação do Cmt Bda Bld, um detalhado planejamento prévio do EM e a preparação da Bda para essa transição.

4.4.6.1.2 Essa transição poderá ocorrer ao final da Op Ofs, numa determinada fase dessa operação por ordem do escalão superior ou, a qualquer momento, por imposição do inimigo.

4.4.6.1.3 Essa mudança poderá ocorrer, também, de forma abrupta e repentina, com a Bda passando rapidamente de sua Op Ofs para a execução de ações de segurança e de controle de uma Z Aç, exigindo o emprego da tropa em ações de controle da população, de prisioneiros de guerra, de restabelecimento de serviços essenciais e de segurança contra franco atiradores, agitadores etc. A Bda Bld deve elaborar planejamento prévio, com uma preparação mínima da tropa para essas prováveis situações.

4.4.6.1.4 Além do que já foi citado, as Op Ofs da Bda Bld podem atingir um ponto culminante, que conduza a uma transição, quando o reabastecimento de combustível, munição e outros suprimentos não consegue acompanhar o consumo desses itens pelas peças de manobra engajadas no combate, os seus soldados ficam fisicamente exaustos, as baixas e as perdas de equipamentos aumentam ou quando os reparos e substituições não acompanham as perdas em combate.

4.4.6.2 A suspensão da Operação Ofensiva

4.4.6.2.1 As Op Ofs da Bda Bld devem ser decisivas e o ponto culminante deve ser a vitória completa sobre o inimigo. Em princípio, a Bda Bld só deverá suspender uma Op Ofs quando atingir todos os seus objetivos previstos para essa operação. Entretanto, em algumas situações essa Op Ofs poderá ter alterado o seu rumo inicial, sendo interrompida antes desse clímax, seja por ordem do escalão superior, seja pela ação direta do inimigo etc.

4.4.6.2.2 Todas as Op Ofs, que não alcançam a vitória completa sobre o inimigo, alcançaram um ponto culminante quando o equilíbrio de força se deslocou da força atacante para o seu oponente. Normalmente, elas perderam força quando as forças amigas presentes no combate perderam a capacidade de contornar áreas fortemente defendidas ou suplantar um inimigo mais aguerrido ou de valor superior ao seu.

4.4.6.2.3 As Op Ofs também são suspensas quando as reservas não estão disponíveis para continuar o avanço, o defensor recebe reforços ou o defensor contra-ataca com novas tropas.

4.4.6.2.4 Várias dessas ações podem se combinar para suspender uma Op Ofs.

4.4.6.3 Planejamento da transição das operações

4.4.6.3.1 O momento da transição
a) Quando uma Op Ofs é suspensa, a Bda Bld poderá recuperar seu ímpeto, mas, normalmente, isso só acontecerá após uma luta difícil ou após uma pausa operacional para a sua reorganização.

b) Iniciada a Op Ofs da Bda Bld, o seu comandante tentará perceber quando as suas unidades subordinadas alcançarão, ou estarão prestes a atingir, seus respectivos pontos culminantes.
c) O EM da Bda deve permanecer atento às mudanças na situação logística (particularmente no que refere ao suprimento classe III e V), ao aumento no número de baixas em combate, à dificuldade em atingir os objetivos previstos nos prazos do planejamento e à mudança na situação tática e no poder de combate da tropa inimiga em contato ou na área de interesse da Bda. A rápida deterioração da situação logística ou uma inesperada mudança no poder de combate do inimigo poderão indicar o momento de uma parada na Op Ofs.
d) O Oficial de Logística deve monitorar constantemente a situação dos níveis de segurança estabelecidos para os suprimentos críticos da operação (classes III e V), relacionando-os com a capacidade da Bda Bld de ressuprir os elementos em combate com esses suprimentos.
e) O Oficial de Pessoal deve monitorar, durante toda a operação, o número de mortos e feridos em cada fase do combate, verificando se permanecem dentro dos níveis previstos, relacionando-os com a capacidade das unidades em continuar a cumprir as suas missões e a capacidade da Bda Bld repor essas baixas.
f) O Oficial de Inteligência deve atentar para mudanças inesperadas no dispositivo inimigo ou no seu poder de combate. Essas mudanças podem indicar uma mudança na relação de forças no combate e alterar a capacidade da Bda Bld atingir os objetivos previstos.
g) A Bda Bld deve planejar e executar essa pausa na Op Ofs para reabastecer seus blindados, recuperar seu poder de combate e preparar a continuação ou a transição para outra operação, de acordo com a situação tática existente, caso a Bda não consiga atingir seus objetivos decisivos do planejamento inicial, antes que as suas peças de manobra atinjam seus pontos culminantes e forcem uma parada não prevista ou a transição da Op Ofs para uma defensiva.
h) Ao identificar esse momento crítico da operação, o comandante da Bda terá maior liberdade de ação para escolher onde e quando parar o ataque (ou outra Op Ofs) e, em que condições isso se dará.
i) Situações estáticas muito demoradas ou longos períodos sem ação dos contendores, geralmente indicam a possibilidade de ocorrer uma transição nas operações.

4.4.6.3.2 Planejamento e execução da suspensão da Operação Ofensiva
a) Identificado esse momento crítico, o comandante poderá planejar em melhores condições as atividades futuras da Bda e as ações que deverá adotar uma atitude defensiva, suspendendo a operação em curso.
b) Caso sua decisão seja pela adoção de uma parada na Op Ofs, deverá visualizar o que precisa ser feito para minimizar as vulnerabilidades apresentadas pelas suas peças de manobra, o que deve ser feito para recuperar o poder de combate e o ímpeto ofensivo de sua Bda e em que momento retomará a operação em andamento.

c) Após avaliar a situação tática, o comandante da Bda Bld deve determinar que tarefas e missões são aplicáveis e a prioridade de cada uma. Deverá, também, ajustar o conceito da operação e a combinação de missões e tarefas atribuídas aos elementos subordinados.
d) Simultaneamente, o comandante da Bda deverá tentar impedir que o inimigo tome conhecimento da situação de suas peças de manobra (se tornarem sobrecarregadas e impedidas de prosseguir na sua missão). Caso fracasse nessa ação, poderá comprometer toda a operação e o seu resultado.
e) O Cmt Bda Bld e seu EM, ao anteciparem o término de uma Op Ofs, devem preparar ordens que incluam o tempo ou as circunstâncias sob as quais ocorrerá a transição da Op Ofs para uma parada nas operações ou uma mudança de atitude ofensiva para defensiva, as novas tarefas, missão e localização dos elementos subordinados e as medidas de controle que entrarão em vigor.
f) À medida que a Bda passa de uma atitude ofensiva para uma atitude defensiva, deve manter o contato e a vigilância sobre o inimigo, usando uma combinação de forças de reconhecimento, forças de segurança e de meios eletrônicos de vigilância para obter as informações necessárias visando as operações futuras. O Cmt Bda Bld deve, também, estabelecer uma área de segurança e medidas de segurança para a sua tropa.
g) Por exemplo, algumas peças de manobra (FT BIB ou FT RCC) que estiverem em 2º escalão ou na reserva da Bda, podem deslocar-se e ocupar posições de combate defensivas (ou de retardamento), antes que o restante da Bda conclua sua Op Ofs, para começar a preparação para a nova atitude defensiva subsequente.
h) A Bda Bld pode escalonar seus meios logísticos para estabelecer uma nova BLB. Esta pode servir para evitar a sobrecarga das linhas de comunicação e de suprimento que estiverem muito estendidas entre as peças de manobra apoiadas e a base logística, resultando em deslocamentos muito longos e vulneráveis.
i) Ao final de uma Op Ofs, com a destruição ou a rendição do inimigo, uma transição ocorrerá para a nova fase das operações, voltada para o controle e a administração da população e da área que estava sob controle do inimigo. Nesses casos, normalmente, a organização da Bda permanecerá inalterada por um considerável tempo, apesar das mudanças repentinas na missão, nas tarefas e nas regras de engajamento. O planejamento da transição deve levar em conta também as mudanças na missão futura da Bda.
j) O Cmt Bda Bld não pode esquecer de suas responsabilidades para com a população civil de sua A Op ou Z Aç. Nos períodos de transição ou sem atividades de combate, a população civil tende a sair de seus abrigos e solicitar assistência às tropas. A Bda Bld deve planejar como minimizar essa interferência civil nas operações de combate durante a fase crítica da transição de uma Op Ofs para outro tipo de operação e, se for o caso, como fará para proteger esses civis de futuras ações hostis inimigas (de acordo com a legislação que regula o apoio e a proteção de civis durante as operações).

k) Também deve ser considerada pela Bda Bld durante esses períodos de transição ou de calmaria nas ações de combate, a ameaça que os civis representam para as suas tropas e para as operações. A possível presença e ameaça de agentes inimigos ou sabotadores no meio desses civis poderá comprometer a transição e a segurança da Bda Bld, particularmente se na Z Aç existir área urbana de tamanho significativo.

4.5 OPERAÇÕES DEFENSIVAS

4.5.1 GENERALIDADES

4.5.1.1 As Op Def constituem-se em atitudes temporárias, adotadas pela Bda Bld, até que, criadas as condições favoráveis, possa-se tomar ou retomar a ofensiva o mais rápido possível.

4.5.1.2 O espírito ofensivo é a base para o êxito da defesa, por meio do planejamento e execução de ações dinâmicas. Uma vitória decisiva só é obtida se a defensiva terminar ofensivamente.

4.5.1.3 Durante a execução da defesa, a Bda Bld deve se esforçar para não perder a iniciativa e destruir o inimigo. O atacante é inquietado, continuamente, pelos fogos e pela manobra ofensiva, conforme for apropriado. O defensor emprega todos os meios disponíveis para descobrir as vulnerabilidades do inimigo e mantém suficiente flexibilidade em seu planejamento para explorá-las. Devem ser aproveitadas todas as oportunidades para conquistar e manter a iniciativa e destruir o inimigo.

4.5.1.4 A Bda Bld, normalmente, participará de uma Op Def enquadrada numa DE (ou Corpo de Exército). O seu emprego deverá ser, sempre, eminentemente ofensivo.

4.5.1.5 O maior rendimento de uma Bda Bld em uma Op Def será obtido quando empregada como reserva da força que executa a defensiva, em qualquer tipo de Op Def. Será integrando ou constituindo essa reserva do escalão superior que se obterá o melhor aproveitamento da Bda, em função de suas características e possibilidades.

4.5.2 CARACTERÍSTICAS, FINALIDADES E FUNDAMENTOS DAS OPERAÇÕES DEFENSIVAS

4.5.2.1 Nas Op Def, a Bda Bld deverá empregar todos os meios disponíveis para buscar uma vulnerabilidade inimiga, mantendo suficiente flexibilidade em seu planejamento, a fim de explorar tal vulnerabilidade, para impedir, resistir ou destruir um ataque inimigo.

4.5.2.2 São fundamentos das Op Def a apropriada utilização do terreno, a segurança, o apoio mútuo, a defesa em todas as direções, a defesa em profundidade, a flexibilidade, o máximo emprego de ações ofensivas, a dispersão, a utilização do tempo disponível e a integração e coordenação das medidas de defesa.

4.5.2.3 Mais informações sobre as características, as finalidades e os fundamentos das Op Def poderão ser obtidos nos Manuais de Campanha Operações (EB-70-MC-10.223), 5ª Ed , 2017, e Operações Ofensivas e Defensivas (EB-70-MC-10.202), 1ª Ed , 2017.

4.5.3 TIPOS DE OPERAÇÕES DEFENSIVAS

4.5.3.1 As Op Def, em seu sentido mais amplo, abrangem todas as ações que oferecem certo grau de resistência a uma força atacante.

4.5.3.2 São dois os tipos de Op Def: a defesa em posição e o movimento retrógrado.

4.5.3.2.1 Defesa em Posição
a) A defesa em posição é um tipo de Op Def na qual uma força procura contrapor-se à força inimiga atacante numa área organizada em largura e em profundidade e ocupada, total ou parcialmente, por todos os meios disponíveis.
b) A tropa que executa uma defesa em posição procura dificultar ou deter a progressão do atacante, em profundidade, impedindo o seu acesso a uma determinada área; aproveitar todas as oportunidades para desorganizar, desgastar ou destruir as forças inimigas; e assegurar as condições favoráveis para o desencadeamento de uma ação ofensiva.

4.5.3.2.2 Movimento Retrógrado
a) Movimento retrógrado (Mov Rtg) é qualquer movimento organizado de uma força para a retaguarda ou para longe do inimigo, forçado por este ou executado voluntariamente, como parte de um esquema geral de manobra.
b) O Mov Rtg visa a preservar a integridade da força enquadrante, a fim de que, em uma ocasião futura, a ofensiva seja retomada.

4.5.3.2.3 Para mais informações sobre os tipos de Op Def, consultar o item 4.7, Capítulo IV, do Manual de Campanha Operações Ofensivas e Defensivas (EB70-MC-10.202), 1ª Ed, 2017.

4.5.4 FORMAS DE MANOBRA TÁTICA DEFENSIVA

4.5.4.1 Nas Op Def, o Cmt Bda Bld poderá empregar cinco formas de manobra tática defensiva: defesa de área, defesa móvel, retraimento, ação retardadora; e retirada.

4.5.4.2 Defesa de Área

4.5.4.2.1 A Defesa de Área (Def A) tem por objetivo a manutenção ou o controle de uma determinada região específica, por um determinado tempo.

4.5.4.2.2 O comandante deve tomar por base a capacidade dos fogos e das forças empregadas na Área de Defesa Avançada (ADA), para engajar e repelir o atacante.

OPERAÇÕES DEFENSIVAS	
TIPOS DE OPERAÇÕES	FORMAS DE MANOBRA
DEFESA EM POSIÇÃO	DEFESA DE ÁREA
	DEFESA MÓVEL
MOVIMENTOS RETRÓGRADOS	AÇÃO RETARDADORA
	RETRAIMENTO
	RETIRADA

Tab 4-3 Formas de Manobra das Op Def

4.5.4.3 Defesa Móvel

4.5.4.3.1 A Defesa Móvel (Def Mv) emprega uma combinação de ações ofensivas, defensivas e retardadoras. Nela, o comandante utiliza um menor poder de combate à frente, na ADA, e vale-se da manobra, dos fogos e da organização do terreno para recuperar a iniciativa.

4.5.4.3.2 A Def Mv visa à destruição das forças inimigas e, para isso, apoia-se no emprego de forças ofensivas, dotadas de elevada mobilidade e poder de choque (forças blindadas).

4.5.4.4 Ação Retardadora

4.5.4.4.1 A Ação Retardadora (Aç Rtrd) é um movimento retrógrado, no qual uma força terrestre, sob pressão, troca espaço por tempo, procurando infligir ao inimigo o máximo de retardamento e o maior desgaste possível, sem se engajar decisivamente no combate.

4.5.4.4.2 Na execução de uma Aç Rtrd, o mínimo de espaço é trocado pelo máximo de tempo.

4.5.4.4.3 Na execução de uma Aç Rtrd são realizadas ações ofensivas. A defesa em cada posição deve obrigar o inimigo a desdobrar-se prematuramente e a perder tempo na preparação do seu ataque.

4.5.4.5 Retraimento

4.5.4.5.1 O retraimento (Ret) é um movimento retrógrado, por meio do qual o grosso de uma força engajada rompe o contato com o inimigo, de acordo com a decisão do escalão superior.

4.5.4.5.2 Parte das forças permanece em contato, para evitar que o inimigo persiga o grosso das forças amigas e inflija-lhe danos, pelo fogo e por uma manobra adequada.

4.5.4.5.3 O Ret poderá ser realizado de dia ou à noite, com ou sem pressão do inimigo.

4.5.4.6 Retirada

4.5.4.6.1 A retirada (Rda) é um movimento retrógrado realizado sem contato com o inimigo, com a finalidade de evitar um combate decisivo, em face da situação existente.

4.5.4.6.2 Pode ser executada em seguida a um Ret ou quando não houver contato físico com o inimigo.

4.5.4.7 Para mais informações sobre as formas de manobra tática defensiva, consultar o Manual de Campanha Operações Ofensivas e Defensivas (EB70-MC-10.202), 1ª Ed, 2017.

4.5.5 A BRIGADA BLINDADA NA DEFESA EM POSIÇÃO

4.5.5.1 A Brigada Blindada na Defesa de Área

4.5.5.1.1 Bda Bld (subordinada à DE) empregada na Força de Segurança da Posição Defensiva
a) 01 (uma) FT U Bld da Bda Bld poderá constituir ou integrar a força de segurança que mobiliará os PAG, com a missão de retardar o ataque do inimigo e colher dados sobre o mesmo. Deverá conduzir essa missão utilizando táticas, técnicas e procedimentos de uma ação retardadora. Em princípio, no cumprimento dessa missão, deverá ser reforçada por artilharia de campanha e engenharia. Ao término dessa missão, após acolhida pelos PAC, retornará à reserva da Bda.
b) A Bda Bld (reserva da DE ou Corpo de Exército) poderá designar o Esqd C Mec ou 01 (uma) FT BIB para apoiar os PAC das unidades em primeiro escalão, durante o estabelecimento da Posição Defensiva (P Def). Finalizados os trabalhos na P Def, o Esqd C Mec ou a FT BIB poderão receber a missão de passar a realizar uma vigilância da frente da DE (ou Corpo de Exército); desgastar o inimigo ao aproximar-se dos PAC, empregando técnicas e táticas

da ação retardadora (em uma única posição); ou retrair e reintegrar-se à Força de Reserva (F Res) da P Def.
c) O Cmt Bda Bld poderá, também, determinar que a FT BIB (e/ou o Esqd C Mec), que reforça os PAC, atue mais à frente, entre o PAG e os PAC, estendendo sua atuação em direção ao inimigo. A FT BIB (e/ou o Esqd C Mec) deverá combinar sua missão de retardar o inimigo com a execução de contra-ataques de desorganização, em locais previamente escolhidos e preparados, com a finalidade de produzir o maior desgaste possível ao inimigo antes de sua abordagem da P Def, obrigando-o a engajar-se e /ou desdobrar-se prematuramente. Essa ação exigirá uma grande coordenação entre a força dos PAG e a dos PAC. A FT BIB (e/ou o Esqd C Mec) deverá ficar em condições de apoiar o retraimento dos PAG.
d) O GAC AP da Bda Bld (reserva da DE ou do Corpo de Exército) poderá receber a missão de apoiar a FT BIB nos PAG (com uma bateria) e/ou apoiar a FT BIB nos PAC (com uma bateria ou com o restante do grupo), ocupando posições o mais à frente possível, com a finalidade de desgastar o inimigo, interromper os preparativos de seu ataque e desorganizá-lo. Recebida a ordem de retraimento, o GAC AP retrairá para a P Def, transmitindo todas as informações disponíveis sobre o inimigo aos elementos do PAC e passando ao controle operacional da Artilharia Divisionária, a fim de ser empregado no esforço defensivo, até o momento do emprego da Bda Bld como reserva.

4.5.5.1.2 Bda Bld (subordinada à DE) empregada na Área de Defesa Avançada da Posição Defensiva
a) O emprego da Bda Bld na ADA da P Def será sempre uma excepcionalidade, só devendo ocorrer em situações muito específicas ou críticas e, em último caso. A Bda Bld é vocacionada para ações ofensivas e extremamente móveis. Seu emprego na ADA é inadequado por restringir a sua capacidade ofensiva, ação de choque e mobilidade, tornando-a muito vulnerável ao fogo das aeronaves e às armas anticarro do inimigo.
b) O emprego de uma Bda Bld na ADA, numa Op Def, descaracteriza a Bda e compromete o poder de combate do escalão superior em Op Ofs posteriores. A Bda deverá ocupar um setor reduzido da ADA, pois somente poderá empregar os fuzileiros de seus 02 (dois) BIB na defesa do terreno. Na defensiva, o emprego da Bda Bld só se justifica nas ações dinâmicas da defesa.
c) Quando a Bda Bld tiver que ocupar posições na ADA, integrando uma DE/Corpo de Exército ou por iniciativa própria, deverá fazê-lo para desgastar o inimigo e criar condições mais favoráveis para retomar a ofensiva para destruí-lo. Ao planejar essa ação, a Bda deverá empregar parte de sua tropa com a missão de manter o terreno; e outra parte, escalonada em profundidade, desencadeando ações defensivas dinâmicas, com contra-ataques apoiados pelos fogos da tropa em posição.
d) Nesse caso, o EM da Bda Bld deverá realizar um detalhado estudo do terreno para identificar os pontos críticos da Z Aç da Bda, levantando as prováveis Vias de Acesso (VA) do inimigo, a fim de visualizar VA dos contra-

ataques da Bda. Ao determinar as VA do inimigo, deverá levantar aquelas que incidam sobre o Limite Anterior da Área de Defesa Avançada (LAADA), atingindo as posições da tropa que mantém o terreno em 1º escalão e as que partem dessas posições para as posições em profundidade no dispositivo defensivo da Bda.
e) A Bda Bld deverá reorganizar suas peças de manobra, desfazendo as FT. Somente os BIB poderão ocupar os núcleos de defesa na ADA, com a sua tropa desembarcada. Suas viaturas blindadas deverão ser reunidas na crista topográfica, à retaguarda dos núcleos de defesa, de onde possam apoiar pelo fogo os fuzileiros que ocupam posições defensivas na crista militar. Em terreno muito plano ou pouco movimentado, as viaturas blindadas devem ser mantidas mais à retaguarda dos núcleos de defesa (em posições cobertas e/ou abrigadas) com a mesma finalidade, evitando-se expô-las aos fogos diretos das armas anticarro do inimigo.
f) Os RCC não serão empregados nos núcleos da ADA. Poderão ser empregados nas ações dinâmicas da defesa ou em apoio de fogo (direto) aos fuzileiros na ADA (de elevações à retaguarda).
g) Em princípio, o Esqd C Mec deverá ser empregado somente como Força de Segurança (integrando a F Seg A, no PAG ou PAC, e como DEFAR) da posição defensiva. Somente em situações muito excepcionais ou críticas, a SU poderá ser empregada nos núcleos da ADA, apenas com os seus fuzileiros e exploradores desembarcados. Suas VBR e demais viaturas blindadas deverão ser empregadas de forma idêntica a das viaturas blindadas do BIB, citadas acima.
h) Os BIB que mantém o terreno em 1º escalão deverão ficar em condições de apoiar pelo fogo os contra-ataques da Bda.
g) O GAC AP da Bda, ao elaborar o plano de fogos da Bda, deverá coordenar com o(s) RCC (ou FT RCC) da reserva o apoio de fogo aos seus planejamentos de contra-ataques.

4.5.5.1.3 Bda Bld (subordinada à DE) empregada como F Res
a) Constituindo ou integrando a F Res do escalão superior que conduz a defesa em posição, a Bda Bld deverá receber a missão de realizar contra-ataques para restabelecer o LAADA ou barrar penetrações no interior da P Def. Para isso, deverá desdobrar sua tropa em um dispositivo à retaguarda da ADA, ocupando Z Reu (centralizada, articulada ou fracionada), decisão a ser tomada levando em conta a análise dos fatores da decisão.
b) Ao realizar seus contra-ataques e destruir ou repelir o inimigo, as FT U Bld da Bda Bld podem retrair para a mesma área da reserva ou até deslocar-se para uma outra Região de Destino Seguro (RDS), a fim de reorganizar-se, voltando à sua condição de reserva do escalão superior sem que o inimigo identifique sua real localização.
c) O Cmt DE (ou Corpo de Exército), que enquadra a Bda Bld numa defesa em posição, deve elaborar um Plano de contra-ataques, para todas as possíveis VA do inimigo e para as quais seja factível a penetração da P Def. Esse plano

deve coordenar o apoio de fogo dos elementos em 1º escalão com os contra-ataques da Bda Bld, tornando esses ataques da reserva mais potentes. Para cada uma dessas possibilidades, a Bda Bld deverá planejar e treinar seus contra-ataques, realizando ligações necessárias com a tropa que ocupa os núcleos de defesa da ADA.

d) Durante os contra-ataques da Bda Bld, o esforço principal dos elementos de apoio ao combate deverá ser direcionado para as FT U Bld que atacam. O apoio da engenharia da Bda, do escalão superior ou da tropa nas posições da ADA será fundamental no cruzamento das zonas de obstáculos e no balizamento dos campos de minas da DE ou do Corpo de Exército.

e) Durante a preparação dos contra-ataques da Bda Bld, adquire especial importância o reconhecimento dos itinerários de deslocamento das Z Reu (ou núcleos de aprofundamento ocupados pela reserva) até as posições de ataque e LP; e dessas até o LAADA ou núcleos de defesa a serem recuperados do inimigo.

f) O deslocamento da Bda Bld no interior da posição defensiva requer um cuidadoso estabelecimento de medidas de coordenação e controle, com ênfase nas medidas de apoio de fogo.

g) Dependendo do êxito do contra-ataque da Bda Bld (reserva do escalão superior) poderão ocorrer os seguintes casos:

- a Bda Bld destruiu parte importante da força inimiga que penetrou na P Def, restabelecendo o LAADA. Posteriormente, retirou-se da frente e foi reorganizar-se na Área de Reserva ou na RDS da P Def; e
- a Bda Bld destruiu considerável parte da força que penetrou na P Def, criando condições favoráveis para efetuar-se uma mudança de atitude, com as forças que ocupam P Def na ADA. A Bda Bld prosseguiu seu ataque, ultrapassou o LAADA e foi ocupar um objetivo que impeça o adversário de reorganizar-se e ocupar pontos críticos da Z Aç da DE ou do Corpo de Exército.

h) Nas situações apresentadas, a Bda Bld executará uma ação ofensiva e, portanto, deverá preparar-se para diferentes planejamentos de seu escalão superior no prosseguimento daquela ação, seja para aproveitar o êxito alcançado e retomar a ofensiva, seja para retornar à condição de reserva e reorganizar-se para outros contra-ataques.

i) A decisão mais crítica que um comandante que conduz uma operação defensiva pode tomar é quando empregar a sua reserva. O emprego da reserva é o meio mais efetivo para o comandante intervir no combate. Uma vez empregada, a reserva se converterá no esforço principal da tropa que realiza a defensiva. O objetivo principal da ação ofensiva da reserva deve ser sempre o de retomar a iniciativa mediante ações ofensivas.

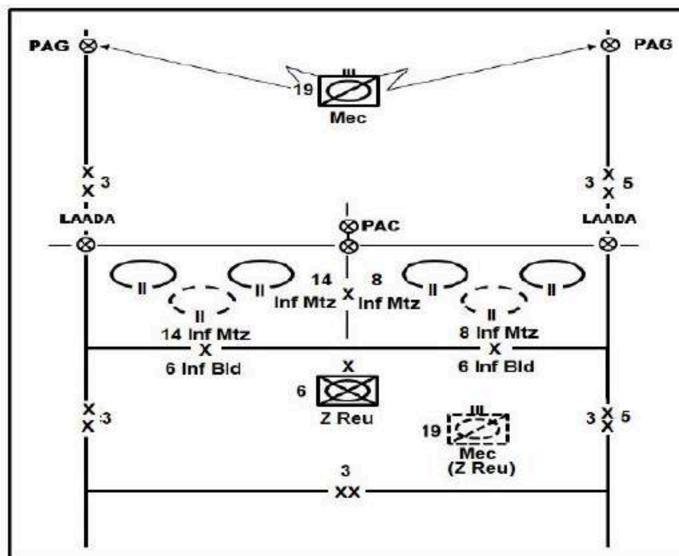


Fig 4-22 A Bda Bld como F Res numa Defesa de Área

j) A Bda Bld como reserva de uma DE ou do Corpo de Exército cumprirá sua missão por intermédio de ataques apoiados por toda a ADA, ataques de desorganização e incursões contra o adversário, preferencialmente, contra seus flancos ou retaguarda. Além dessas missões, a Bda Bld como F Res poderá:

- bloquear penetrações do inimigo;
- conter a força que penetra na P Def;
- reagir a contra-ataques desencadeados nos flancos e retaguarda de seu escalão enquadrante;
- reforçar unidades em 1º escalão na ADA que tenham perdido a sua capacidade de combate; e
- executar contra-ataques de desorganização.

k) Com oportunidade, a Bda Bld como reserva poderá ser empregada antes da ação do inimigo contra a P Def. Esta ação deve constituir o contra-ataque de desorganização, um ataque lançado a partir da P Def, normalmente realizado pela reserva, para desarticular a preparação do ataque inimigo, em suas Z Reu ou em deslocamento para as suas LP, quando estará mais vulnerável.

l) O ataque de desorganização destrói e desmoraliza o inimigo, quebrando a sua capacidade de lançar seu ataque ou de empenhar sua reserva ou unidades em 2º escalão. O objetivo desse ataque deve ser limitado à destruição das tropas e preparativos do inimigo. O apoio de fogo deverá interditar a ação da reserva ou tropas de reforço do inimigo para assegurar o êxito dessa ação. Esse ataque busca desgastar prematuramente o inimigo, afetar seu ritmo e impedir seu ataque, arrebatando-lhe a iniciativa inerente ao atacante.

4.5.5.2 A Brigada Blindada na Defesa Móvel

4.5.5.2.1 Generalidades
a) A Bda Bld, enquadrada numa DE ou no Corpo de Exército, deve, em princípio, constituir a sua reserva e ser empregada como Força de Choque (F Chq), realizando contra-ataques de destruição.
b) Nessa missão, será aproveitada toda a sua potência e mobilidade em combate para destruir o inimigo.
c) O seu emprego como Força da ADA (F ADA) ou como Força de Fixação (F Fix) é inadequado e só deverá ocorrer em situações extremas e críticas do combate, quando não houver outra opção para o escalão superior.

4.5.5.2.2 Bda Bld integrando a reserva de uma DE ou de um Corpo de Exército e atuando como Força de Choque numa Defesa Móvel
a) Considerações gerais sobre a reserva e a F Chq na defesa móvel:
- a F Chq difere da reserva pelo conjunto de meios dotados de elevado poder de choque, empregados dinamicamente no contra-ataque para destruir o inimigo, podendo ser integrada por elementos da reserva divisionária, como também por elementos de outras forças subordinadas à divisão (Av Ex etc.);
- a reserva deve ser forte em CC e terá a missão precípua de destruir o inimigo pela ação ofensiva na frente, no interior ou na retaguarda da ADA; e a F Chq deverá estar preparada para participar do contra-ataque, particularmente, na área definida, que geralmente é denominada de Bolsão. Conforme o planejamento da manobra, poderá haver mais de um bolsão, tendo em vista a indefinição das possibilidades do inimigo;
- a reserva deve estar localizada de modo a poder deslocar-se rapidamente para qualquer parte da área de defesa. Elementos da reserva podem ser solicitados a ocupar posições de bloqueio, a fim de auxiliar o estabelecimento de condições favoráveis ao ataque decisivo pela força de contra-ataque; e
- o Cmt Bda Bld, quando em reserva, prepara planos detalhados de contra-ataque, baseados na diretriz do Esc Sup e nos planos básicos. A Bda Bld, ao estabelecer seu plano de contra-ataque, inclui medidas de controle, fogos de apoio e as coordenações necessárias.

b) Nesta situação, caberá à DE ou ao Corpo de Exército a responsabilidade de planejar e conduzir a defesa móvel. A Bda Bld, integrando a F Res, poderá constituir com todos os seus meios, ou parte destes, a F Chq, que desencadeará o contra-ataque de destruição do inimigo.
c) A F Res será o núcleo mais importante do dispositivo tático da DE ou do Corpo de Exército. Normalmente, a Bda Bld, atuando como F Chq, estará dispersa por uma vasta região na área de retaguarda ou de aprofundamento da P Def. A reunião de seus meios numa posição de ataque, de onde desencadeará o contra-ataque de destruição do inimigo no interior da AE decisiva, deverá constituir-se em ponto importante de seus planejamentos e ensaios.

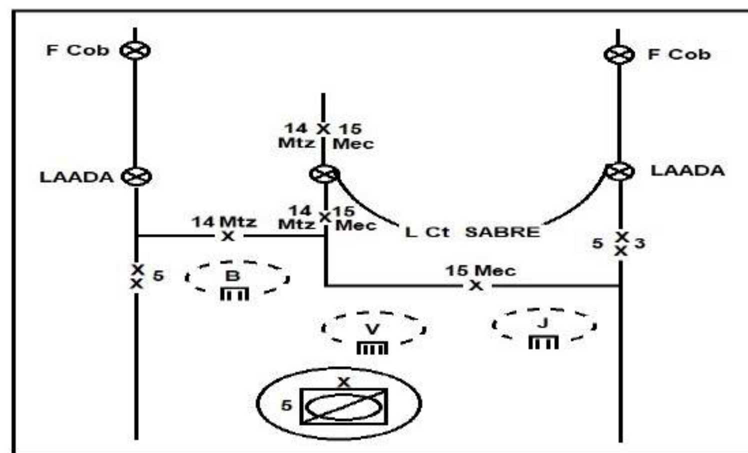


Fig 4-23 A Bda Bld como Força de Choque de uma Def Mv da DE

d) O ataque da Bda poderá ocorrer em uma única direção, com ela sendo concentrada numa determina Z Reu e daí seguindo para a posição de ataque; ou com as suas FT U Bld atacando de diversas direções, deslocando-se diretamente de suas Z Reu para realizarem o ataque ao inimigo. O Cmt Bda Bld deverá definir claramente a sua intenção e a missão de cada FT U Bld que realizará o ataque, de forma a permitir que essas forças atuem com a necessária flexibilidade e liberdade de ação.

e) Planejamento da Bda Bld como F Chq na defesa móvel

- Durante o planejamento e a preparação da ação ofensiva da Bda, será importante a realização de reconhecimentos e o estabelecimento do contato com as diversas forças que integram F Fix ou a F ADA, particularmente para coordenar-se os fogos de apoio e a passagem pelo intervalo entre os núcleos de defesa, obstáculos e campos de minas.

- O contra-ataque de destruição é a chave do sucesso da defesa móvel. Deve ser elaborado um planejamento separado para o contra-ataque na mais importante penetração inimiga. A DE deverá baixar uma diretriz contendo, no mínimo, a indicação da área prevista para a penetração inimiga e a prioridade de preparação de planos para cada previsão feita. Planos detalhados para cada situação prevista na diretriz da DE e outras situações levantadas no Exm Sit da Bda deverão ser desenvolvidos.

- Para o planejamento específico do emprego da F Chq no bolsão, é desejável que o inimigo esteja desorganizado, detido, ou tenha sua velocidade de progressão diminuída, sendo requisitos primordiais para o desencadeamento do ataque. Ainda, deve-se levar em conta que o ataque de destruição deve ser cogitado contra elementos significativos do inimigo, como tropas blindadas ou mecanizadas.

- O Cmt Bda Bld deve estabelecer uma prioridade para a preparação destes planos, de acordo com o efeito que cada penetração deve ter na missão da

divisão e a devida consideração dos fatores da decisão. Cada plano inclui ordens preparatórias para a reserva, a fim de cobrir a eventualidade de penetrações secundárias em outras VA, que podem ocorrer simultaneamente com uma penetração principal. O planejamento deve prever que um mínimo de tempo deve ocorrer entre a decisão de lançar o contra-ataque e o momento de sua execução. Planos pormenorizados de apoio de fogo são preparados para cada plano de contra-ataque. Tais fogos são sincronizados com o esquema de manobra.

- No contra-ataque de destruição, o emprego dos fogos dentro do bolsão deve ser definido pelo mais alto escalão enquadrante (DE), atentando para como serão realizados e o momento mais oportuno, com o propósito de destruir, desgastar ou desorganizar a tropa inimiga, antevendo o contra-ataque. Após a entrada do inimigo a ser destruído no bolsão, os fogos de interdição são fundamentais para bloquear qualquer tentativa de entrada ou saída de outras forças.

- A aprovação final dos planos de contra-ataque da F Chq deve ser dada pelo Cmt DE que conduz a defesa móvel. Após a aprovação do planejamento, todos os elementos interessados na ação devem familiarizar-se com o plano, bem como reconhecer a região do ataque. A ação do inimigo raramente permitirá à reserva executar seu ataque exatamente como planejado. O Cmt Bda deve estar pronto para modificar, rapidamente, qualquer plano de contra-ataque, baseando-se na evolução dos acontecimentos e na conduta do inimigo. Dependendo do tempo disponível, devem ser feitos reconhecimentos minuciosos de itinerários e de áreas de contra-ataque, pelos Cmt subordinados, bem como realizados ensaios. O ataque da F Chq deve se desenrolar em terreno favorável, que permita ao atacante enfrentar o inimigo pelo flanco ou pela retaguarda e, preferencialmente, forçá-lo contra um obstáculo.

- O EFD de uma Def Mv é, geralmente, a destruição dos meios blindados do inimigo, com isso, durante o Exm Sit do Comandante Tático, particularmente pela seção de inteligência, deverão ser esclarecidos alguns questionamentos táticos para o êxito da missão: como será medido o Poder Relativo de Combate (PRC) do inimigo a ser destruído dentro do bolsão? A perda da impulsão do ataque do inimigo atinge o EFD? Como serão controladas as perdas amigas e inimigas durante o ataque de destruição? Quais meios de inteligência poderiam ser utilizados durante o ataque de destruição para controlar o PRC do inimigo?

- Os planos de contra-ataque devem ser disseminados a todos os escalões subordinados, em tempo que permita um completo Exm Sit e um reconhecimento minucioso pelos comandantes subordinados.

f) Formações a serem empregadas pela F Chq

- O planejamento da formação a ser empregada pela Bda Bld deve considerar a missão recebida, o terreno onde será realizado o contra-ataque, os dispositivos das forças amigas e do inimigo no momento do contra-ataque, o valor e a composição da Força de contra-ataque, as restrições impostas pelas medidas de controle, o tempo disponível etc.

- Normalmente, o contra-ataque é realizado em uma frente estreita, com o máximo de profundidade, para manter a impulsão. As mesmas considerações que determinam as formações para a ofensiva se aplicam no caso do contra-ataque na Def Mv.

g) Conduta do contra-ataque de destruição da Bda Bld na defesa móvel

- Quando o Cmt DE está convicto de que a F Fix que ocupa as posições de bloqueio (sejam elas as principais, alternativas ou suplementares) é capaz de cumprir sua missão sem necessidade de reforço, emprega a totalidade de sua reserva para realizar o contra-ataque.

- A finalidade é a destruição do inimigo e não o restabelecimento da posição. Surpresa, audácia, rapidez e violência na execução são as principais características de um contra-ataque destinado a ter êxito. Os contra-ataque são apoiados com o máximo de fogos, terrestres e aéreos.

- Como regra, o contra-ataque se situa dentro do alcance da artilharia em apoio. Entretanto, se a situação obrigar e o tempo permitir, a artilharia pode deslocar-se para posições de manobra, de acordo com planos previamente preparados, que podem ser alterados para fazer face a situações específicas.

- Se possível, o contra-ataque deve ser lançado antes que o inimigo tenha tido oportunidade de ganhar impulsão no ataque. Deste modo, se as informações indicarem que o inimigo está se reunindo para o ataque e as condições forem favoráveis, o contra-ataque pode ser lançado contra esta posição. As limitações quanto à profundidade do contra-ataque não impedem a Força de contra-ataque de procurar oportunidades para destruir reservas e elementos de apoio do inimigo.

- A reserva deve ser empregada na F Chq, como um todo, para dar um golpe decisivo. O emprego parcelado deve ser evitado.

- Caso o inimigo obtenha sucesso ao efetuar penetrações múltiplas na ADA da DE, poderá ser necessário fazer face a essas penetrações simultaneamente. Em tais casos, a ameaça maior deve ser determinada e a Força de contra-ataque empregada para destruí-la.

- Para conter as ameaças secundárias, poderá ser necessário empregar uma parte da reserva, elementos da F Def A ou da F Fix para auxiliar na contenção do inimigo. Essa divisão de forças, destinadas a fazer face a penetrações múltiplas, não é considerada emprego parcelado da reserva.

- Normalmente, o ataque de destruição é lançado para a destruição de forças oponentes compensadoras que possam atuar no Centro de Gravidade (CG) do inimigo, aproveitando as oportunidades para a reconquista da iniciativa, dependendo do escalão que conduza a manobra. Visualiza-se um contra-ataque rápido e eficiente dentro do bolsão, evitando-se a conquista de objetivos no terreno, sendo necessários apenas para concretizar a destruição do inimigo.

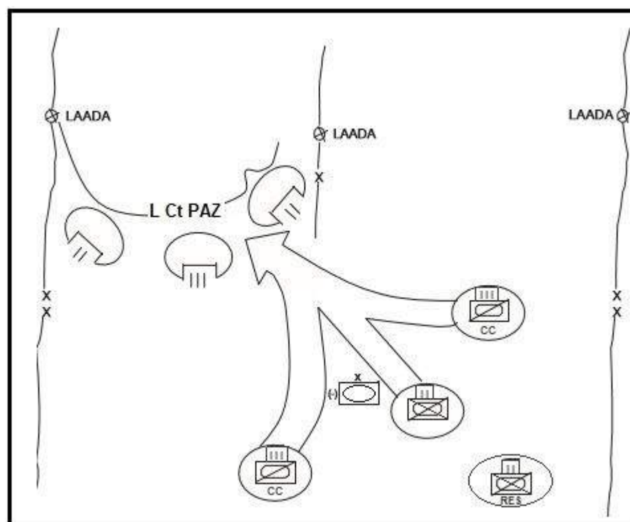


Fig 4-24 A Bda Bld como F Chq realizando um contra-ataque

4.5.5.2.3 A Bda Bld como Força de Segurança de uma Defesa Móvel

a) Excepcionalmente, esta missão poderá ser atribuída à Bda Bld. Quando isto ocorrer, a Bda Bld deverá receber reforços de artilharia, de engenharia e outros meios adjudicados caso seja necessário.

b) A princípio, a Bda Bld a ser acolhida na P Def, integrará a reserva da DE.

c) O emprego da Bda Bld como F Seg em uma Def Mv, a princípio, seguirá as mesmas regras do item 4.5.5.1.1 deste Manual, Bda Bld (subordinada à DE) empregada na Força de Segurança da Posição Defensiva.

4.5.5.2.4 A Bda Bld como Força da Área de Defesa Avançada ou Força de Fixação de uma Defesa Móvel

a) Na ADA, poderão ser desdobradas duas forças, uma com a missão de deter o inimigo em parte da P Def e outra com a missão de retardar, desorganizar e infligir a máxima destruição ao inimigo, forçando-o a emassar-se e atraindo-o para uma situação que favoreça o desencadeamento de um contra-ataque de destruição, dentro de uma área limitada por uma L Ct que materializará o limite máximo da penetração do inimigo na ADA.

b) A Bda Bld deverá reorganizar suas peças de manobra e empregar na ADA, com a missão de defender o terreno, somente os seus 02 (dois) BIB, desembarcados, de forma idêntica ao citado na Def A. Suas viaturas blindadas não devem ser empregadas nos núcleos de defesa, mas sim em posições mais à retaguarda, na crista topográfica da elevação.

c) Com relação a F Fix, a Bda poderá empregar uma de suas FT BIB e seu Esqd C Mec (com limitações) e, se for o caso, uma FT RCC. Essa F Fix deverá ceder terreno de forma controlada, a fim de se obter um resultado decisivo com o emprego da F Chq.

d) A F Fix, após desgastar o atacante, deverá ceder terreno, canalizando o inimigo para uma área previamente definida onde será destruído, permitindo o avanço inimigo até o limite máximo dessa penetração.
e) O emprego da Bda Bld como Força da ADA em uma Def Mv, a princípio seguirá as mesmas regras do item 4.5.5.1.2 deste Manual, Bda Bld (subordinada à DE) empregada na Área de Defesa Avançada da Posição Defensiva.

4.5.6 A BRIGADA BLINDADA NOS MOVIMENTOS RETRÓGRADOS

4.5.6.1 A Brigada Blindada na Ação Retardadora

4.5.6.1.1 Generalidades
a) A Bda Bld, em função das características de sua estrutura organizacional e dos seus meios de dotação, é capaz de conduzir com eficiência uma Ação Retardadora (Aç Rtrd), infligindo pesadas perdas ao inimigo.
b) Em uma Aç Rtrd a Bda Bld estará, frequentemente, desenvolvida em uma larga frente, a cavaleiro dos eixos. Suas FT U Bld podem estar amplamente dispersas, especialmente durante os deslocamentos para a retaguarda. Por essa razão, os comandantes subordinados devem estar cientes do conceito da operação como um todo e da intenção de seu comandante.
c) As posições de retardamento das FT U Bld, normalmente não são organizadas em grande profundidade. O grosso da Bda Bld, concentrado em primeiro escalão, utiliza ao máximo a potência de fogo de seus elementos sobre as prováveis VA do inimigo, como medida inicial para evitar engajamento decisivo no combate.
d) As características dos blindados das FT U Bld permitem impor ao inimigo um retardamento contínuo, mesmo em movimento. São executadas ações ofensivas limitadas em todas as oportunidades que se apresentem, inclusive como meio de dissimulação ou para desaferrar tropas engajadas decisivamente no combate.

4.5.6.1.2 Seleção das Posições de Retardamento na Aç Rtrd
a) A DE ou o Corpo de Exército, ao empregarem a Bda Bld numa Aç Rtrd, podem não impor a localização da posição inicial de retardamento da Bda. Nesse caso, o Cmt Bda Bld deve estabelecer essa linha apoiada em um obstáculo de vulto, tendo em vista que será nessa posição inicial, em princípio, que a Bda vai procurar ganhar o maior tempo possível no retardamento do inimigo.
b) As demais posições de retardamento são selecionadas pela Bda Bld com base em seu Exm Sit, particularmente considerando o terreno, o inimigo e o tempo de retardamento do mesmo.
c) Uma posição ideal é aquela que permite, com um mínimo de forças desdobradas, forçar o inimigo a concentrar-se e apresentar-se como alvo compensador. O terreno favorável a uma boa posição de retardamento deve

permitir infligir maior degradação no poder de combate do inimigo, além de reduzir ao máximo o seu espírito ofensivo.
d) Nos intervalos entre as posições de retardamento selecionadas, o Cmt Bda Bld pode estabelecer L Ct, a fim de coordenar e controlar o movimento de suas FT U Bld, podendo transformar-se, em caso de necessidade, em posições de retardamento.
e) Normalmente, o Esc Sp estabelece o prazo a ganhar na missão como um todo. Cabe ao Cmt Bda Bld determinar o prazo a ganhar em cada posição de retardamento selecionada.
f) A distância entre duas posições de retardamento consecutivas deve permitir o completo Ret durante a noite; obrigar a artilharia inimiga a novo desdobramento, para bater a posição de retardamento seguinte; e induzir o inimigo a retomar o movimento como em uma M Cmb.
g) As posições de retardamento a serem ocupadas pelas FT U Bld da Bda Bld deverão ser organizadas com uma profundidade reduzida, tendo em vista que a tarefa principal do desgaste do inimigo é atribuída aos fogos de longo alcance da artilharia e aos fogos das armas em primeiro escalão.

4.5.6.1.3 A Zona de Ação das FT U Bld da Bda Bld na Aç Rtrd
a) As posições de retardamento e o terreno entre essas posições são divididos pela Bda Bld, pelas suas FT U Bld ou parte delas, caso decida realizar o retardamento em posições alternadas. Essa Z Aç define as responsabilidades de cada OM no retardamento a ser conduzido pela Bda Bld.
b) As Z Aç de cada OM são definidas por limites que podem estender-se por toda a profundidade da Z Aç da Bda, desde o alcance de utilização das armas das unidades na Posição Inicial de Retardamento (PIR) até a linha do terreno onde a Bda será acolhida ou terminará sua missão.
c) Entre duas posições consecutivas de retardamento, caso não seja constituída uma F Seg da Bda, os limites estendem-se por toda a profundidade da Z Aç. Nesta situação, as unidades retardam o inimigo entre as posições dentro das respectivas Z Aç. Quando houver F Seg, os limites estendem-se até a linha de acolhimento.
d) Ao designar as Z Aç para as FT U Bld, o Cmt Bda Bld deve procurar, sempre que possível, não atribuir a responsabilidade de retardamento sobre uma penetrante ou VA inimiga a mais de uma OM.

4.5.6.1.4 Planejamento da Aç Rtrd
a) Quando o Esc Sp estabelecer um prazo a ganhar na missão como um todo, o Cmt Bda Bld deve estimar um prazo a ganhar em cada posição de retardamento. O esforço deve feito ser no sentido de ganhar o maior prazo nas posições mais avançadas, especialmente na PIR, o que proporcionará maior flexibilidade ao planejamento da Bda. Se não for estabelecido o prazo a ganhar pelo Esc Sp, são selecionadas apenas L Ct.
b) Para o Cmt Bda Bld estimar o prazo a ganhar em cada posição de retardamento, ele deverá levar em conta, particularmente, o terreno (como, por

exemplo, o valor do obstáculo, se houver, à frente e nos flancos das posições); as linhas favoráveis ao retardamento entre as posições; as penetrantes e as VA para o inimigo; a largura e a profundidade de sua Z Aç etc. Deverá levar em conta, também, o valor e a natureza do inimigo e as condições meteorológicas.
c) Os Cmt das FT U Bld poderão selecionar outras posições de retardamento entre as posições determinadas pela Bda Bld, coordenando o retraimento e a ocupação dessas posições com as OM das Z Aç vizinhas.
d) A Bda Bld deverá conduzir, em princípio, uma Aç Rtrd em mais de uma posição de retardamento. Nesse caso, no planejamento da operação o Cmt Bda Bld poderá definir a manobra da Bda optando por empregar a técnica do retardamento em posições sucessivas ou a do retardamento em posições alternadas, ou ainda, utilizar uma combinação de ambas.
e) Na última posição de retardamento, a Bda Bld deverá empregar o máximo de meios à frente, podendo a reserva, nesta situação, ser de menor valor.

4.5.6.1.5 A Bda Bld retardando o inimigo em Posições Sucessivas
a) O retardamento em posições sucessivas é a forma mais comum da Bda Bld conduzir uma Aç Rtrd. Neste caso, a Bda emprega a maioria de seus meios em primeiro escalão.
b) A Bda Bld deverá retardar o inimigo nas posições de retardamento selecionadas e entre as mesmas. Nunca deverá ceder terreno desnecessariamente, aproveitando todas as oportunidades que surgirem para retardar o inimigo.
c) Em alguns casos, a posição inicial de retardamento é ocupada antes do contato com o inimigo, o que facilitará a missão da Bda. Nesses casos, os elementos das FT de primeiro escalão deverão ser enviados à frente para estabelecer contato e retardar o inimigo que avança sobre a posição inicial. A artilharia de campanha e as unidades da posição inicial de retardamento devem tomar o inimigo sob seus fogos o mais longe possível. Este fogo infligirá baixas ao inimigo, forçará seu desdobramento prematuro e exigirá que ele tome outras medidas que consumirão mais tempo para cerrar sobre a posição.
d) Cada posição ocupada por uma FT U Bld em primeiro escalão deverá ser defendida até que o inimigo ameace aferrá-la ou desbordá-la. Quando o máximo de retardamento tiver sido conseguido e se tornar provável que o prosseguimento na posição poderá resultar no aferramento da tropa, o Ret deve ser iniciado, mediante ordem do Cmt Bda Bld.
e) Quando o ataque inimigo se aproximar do ponto em que os fogos das suas armas individuais se tornam eficazes ou quando o Cmt de cada escalão considerar ser grande o risco de perder a liberdade de manobra, deve-se considerar que um engajamento decisivo é iminente. Neste caso, o Ret da tropa deve ser iniciado, de acordo com os planos previamente elaborados, sempre com a autorização prévia do Cmt Bda. O Ret de cada FT U Bld deverá ser, sempre, coordenado com o das unidades vizinhas.
f) Quando a ordem de Ret é recebida, uma parte da tropa se desloca diretamente para retaguarda e ocupa a posição de bloqueio anteriormente

designada. O restante deve manter contato com o inimigo e continuar a impor o retardamento entre a primeira posição e a posição de bloqueio seguinte, aproveitando todo o terreno favorável.
g) As forças que permanecerem em contato devem ser compostas, principalmente, de CC e de VBC Fuz, para que possam provocar considerável retardamento e desgaste ao inimigo. Estas forças, quando ameaçadas por engajamentos decisivos, retraem para a posição seguinte, empregando o fogo e o movimento.
h) Quando o inimigo se colocar dentro do alcance das armas da posição de retardamento à retaguarda, ele deverá ser submetido ao fogo de todos os elementos que ocupam aquela posição.
i) O Cmt FT U Bld deverá empregar então, toda a potência de fogo disponível, para manter a posição o maior tempo possível. Quando tal manutenção não for mais possível, sem que se torne decisivamente engajado na posição, o processo de Ret é repetido.
j) A Bda Bld conduzindo uma Aç Rtrd em posições sucessivas deve, em princípio, manter uma reserva. Geralmente esta reserva será pequena e composta, principalmente, de uma FT RCC. Ela poderá ser empregada como uma Força de contra-ataque, na segurança de um flanco ameaçado e de áreas críticas à retaguarda ou para cobrir pelo fogo o Ret de uma unidade.
k) A reserva, frequentemente, será empregada para realizar um contra-ataque de desaferramento, a fim de auxiliar o desengajamento de um elemento aferrado. Tais ações podem ser executadas sob a forma de um ataque de varredura orientado sobre o flanco da unidade inimiga em contato, não procurando conquistar terreno. A impulsão do ataque deve ser mantida no sentido de levar a força através das colunas inimigas e retornar para o interior da posição amiga. A violência e a ação de choque empregados em tais ataques, além de criarem condições para o desaferramento da unidade ameaçada, resultam em consideráveis danos para o inimigo e aumentam o retardamento que lhe é imposto.
l) O contra-ataque, executado com a finalidade de atingir um flanco inimigo e colocar os fogos diretos dos CC sobre as colunas inimigas em progressão, também pode ser utilizado para causar-lhe perdas e retardá-lo.

4.5.6.1.6 A Bda Bld retardando o inimigo em Posições Alternadas
a) A Bda Bld, quando estiver atuando em uma frente estreita ou quando as posições de retardamento forem razoavelmente próximas umas das outras, poderá retardar o inimigo em posições alternadas. Ao empregar esta técnica, a Bda Bld será dividida em dois grupamentos. O primeiro organizará e ocupará a posição inicial de retardamento enquanto o segundo ocupará e organizará a segunda posição de retardamento.
b) A FT U Bld que ocupar a posição inicial de retardamento, quando forçada a retrair, retardará o inimigo entre a PIR e a segunda posição de retardamento (P2). Ao atingir a P2, esta FT deverá retrair, através das tropas que a ocupam ou pelos seus flancos, e prosseguir rapidamente para a terceira posição de

retardamento (P3), iniciando sua preparação e ocupação.
c) A responsabilidade pelo retardamento do inimigo será, então, assumida pela FT da P2 assim que os primeiros elementos tenham retraído através de sua posição. Esse processo de retardamento se repetirá nas demais posições, alternando-se as OM que atuam em 1º escalão. Esse processo permite que a tropa que não está em contato ou retardando o inimigo possa realizar melhoramentos nas posições à retaguarda e reorganizar-se, em função da cobertura fornecida pelas forças em contato.
d) A Bda Bld conduzindo um retardamento em posições alternadas, normalmente não constituirá uma reserva específica. As forças que não estão em contato, enquanto organizam a próxima posição de retardamento, ficam em condições de serem empregadas em missões que caberiam a uma reserva, durante a conduta da Aç Rtrd.
e) O retardamento em posições alternadas tem a vantagem de proporcionar maior prazo para a melhoria das posições de retardamento, para o ressuprimento dessas OM e para execução da manutenção do seu material. Ele também permite que as tropas tenham períodos de descanso entre os combates, diminuindo a fadiga. Entretanto, como desvantagem, exige a repartição dos meios, reduzindo, portanto, o poder de combate disponível para a defesa de cada posição.

4.5.6.2 A Brigada Blindada no Retraimento

4.5.6.2.1 Generalidades
a) A Bda Bld, ao realizar um Ret, romperá o contato com o inimigo deslocando o grosso de sua tropa para a retaguarda. Essa ação será realizada por decisão do escalão superior ou do Cmt Bda Bld.
b) Esse Ret da Bda para longe do inimigo, realizado de dia ou de noite, com ou sem pressão do inimigo, será protegido por parte da sua tropa, que permanecerá em contato para evitar que o inimigo possa perseguir o grosso da Bda e infligir-lhe danos.
c) Quando o retraimento simultâneo de todas as unidades da Bda Bld não for possível, o comandante da Bda deve determinar a sequência em que esse Ret será realizado. No Ret sob pressão, as reservas devem ser desdobradas bem à frente, para proporcionar cobertura ao Ret das forças avançadas ou mesmo para auxiliar tais forças a romperem contato com o inimigo e a executarem o retardamento entre as posições.
d) A Bda Bld possui os meios mais capacitados para executar o retraimento sob pressão do inimigo, embora o Ret sem pressão seja o mais indicado, devendo ser realizado sempre que possível.
e) Durante um Ret, as FT RCC devem ser empregadas no destacamento de segurança,quando se tratar de um Ret sob pressão do inimigo, ou no destacamento de contato, no caso de um Ret sem pressão.
f) A Bda Bld deverá optar, sempre que possível, por realizar um Ret à noite ou sob condições de visibilidade reduzida para furtar-se, particularmente, da ação

aérea do inimigo. O desejável é que o Ret inicie e termine em período de pouca visibilidade.
g) A proteção blindada, a mobilidade e o alcance do armamento das VBC CC tornam as FT U Bld, e por consequência a Bda Bld, capazes de conduzir o Ret diurno com mais sucesso do que as unidades que não tenham essas características.
h) Quando o Ret diurno for inadiável, ressalta a importância do emprego de obstáculos e do apoio de fogo de artilharia e aerotático.
i) Os Ret sem pressão do inimigo são vantajosos em relação aos executados sob a pressão do mesmo, pois o Cmt Bda Bld conserva a iniciativa e pode escolher o momento de sua realização. A dissimulação é facilitada e a eficiência dos fogos observados do inimigo é reduzida, uma vez que o comando da força que retrai pode beneficiar-se ao máximo da escuridão noturna e dos períodos de visibilidade reduzida.
j) Em qualquer das situações em que o Ret é executado, o contato físico ou visual com o inimigo deve ser mantido. Isso proporciona dissimulação, segurança e contribui para evitar um rápido avanço do inimigo. Uma parcela da Bda, atuando como destacamento de contato ou F Seg, provê segurança e dissimulação para que as unidades possam executar seu Ret sem que o inimigo cerre rapidamente sobre elas.
k) Quando o Esc Sp realiza um Ret, a Bda Bld pode atuar, empregando as FT BIB como F Seg, fornecendo a segurança necessária para que o restante da DE retraia, e as FT RCC como destacamento de contato, haja vista suas características já citadas.
l) No planejamento de um Ret, a Bda Bld deve prever planos alternativos para todas as unidades subordinadas. Assim, mesmo que a previsão seja de um Ret sem pressão do inimigo, deve ser formulado um plano alternativo para o caso de executar-se o movimento sob pressão e vice-versa.
m) No planejamento de um Ret noturno, a Bda Bld deve prever o emprego de iluminação artificial para a eventualidade da perda do sigilo da operação. Caso ocorra esta perda do sigilo, o Ret passa a ser executado com as técnicas de um Ret sob pressão.
n) Em qualquer dos Ret, todos os meios capazes de reduzir a observação inimiga, como fumígenos, por exemplo, devem ser utilizados, quando possível;
o) O Ret pode ser facilitado pela execução de contra-ataque.
p) Os planos e as ordens para um Ret devem ser preparados pormenorizadamente e tempo suficiente deve ser proporcionado às unidades subordinadas para a execução de reconhecimentos diurnos.

4.5.6.2.2 Retraimento Sem Pressão do Inimigo
a) Um Ret sem pressão do inimigo exige o emprego eficaz da contrainteligência e depende, principalmente, do controle, da segurança e da dissimulação. O controle e a segurança são proporcionados pela preparação completa e minuciosa de planos pormenorizados. Já a simulação de tráfego rádio, de fogos e de outras atividades normais permite boa dissimulação.

b) Tão logo o conceito da operação seja formulado, o Cmt Bda Bld emite uma ordem preparatória com os detalhes necessários para que os comandos subordinados possam realizar seus reconhecimentos e planejamento durante o dia.
c) A hora do Ret, normalmente, é determinada pelo Esc Sp. Quando isso não ocorrer, o Cmt Bda Bld a determina para suas unidades. Pode ocorrer furtivamente ou após um ataque realizado para desviar a atenção do inimigo. O início do Ret noturno deve ser previsto de maneira que o movimento seja completado ainda antes do amanhecer.
d) A fim de assegurar um Ret tão rápido quanto possível, os elementos não imprescindíveis à operação retraem antecipadamente, por infiltração, a fim de evitar congestionamento desnecessário nas rodovias quando o grosso da Bda Bld retrair.
e) O Cmt Bda Bld, a princípio, determina o valor, a composição e o dispositivo das forças a serem deixadas em contato, durante o Ret do grosso. Essas forças são chamadas destacamentos de contato e, por conta das características dos meios, deve ser priorizado o emprego de FT RCC. É designado, também, um oficial do EM da Bda Bld para controlar a operação e prosseguir com o tráfego de mensagens, de tal forma que permaneça semelhante ao que vinha sendo realizado. O sucesso de um Ret sem pressão depende, particularmente, da dissimulação. Sob certas circunstâncias, tal como uma pressão antecipada do inimigo e sem condições de interferência por parte do Esc Sp, a Bda Bld pode ocupar uma posição com a reserva, que passa a proporcionar segurança e proteger o Ret do grosso.
f) O destacamento de contato deverá manter a fisionomia da frente (comunicações, fogos e outras atividades); retardar e iludir o inimigo, de forma a evitar sua interferência durante o retraimento; e ficar em condições de atuar como retaguarda do grosso da Bda Bld.

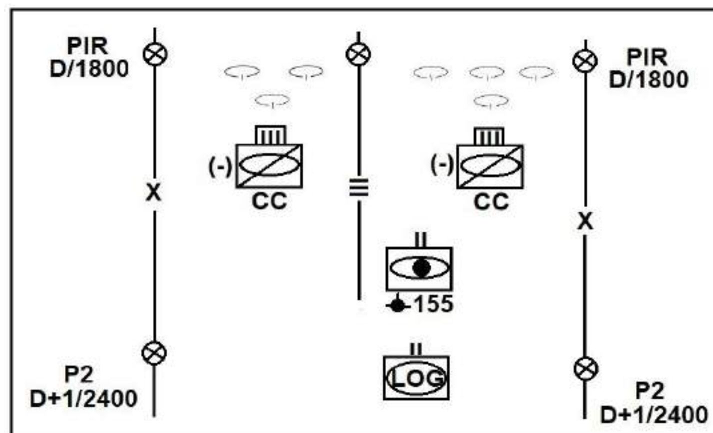


Fig 4-25 Retraimento sem pressão (1ª Fase)

g) O planejamento, normalmente, prevê o Ret simultâneo da maioria dos elementos das unidades empregadas à frente. As unidades destacam parte de suas forças, inclusive elementos de manobra e de apoio ao combate, para comporem o destacamento de contato, que passam a constituir uma força à parte, sob o controle da Bda Bld. Ao se designar os elementos que devem manter o contato, todo o esforço deve ser feito para que estes tenham uma mobilidade superior à do inimigo. Dentro das FT U Bld, a composição, normalmente, é de cerca de um terço dos elementos de manobra e de um terço até a metade das armas de apoio orgânicas, permitindo-se a constituição de frações provisórias.
h) Após o Ret das unidades em primeiro escalão, o destacamento de contato assume a responsabilidade pela Z Aç da Bda Bld.
i) O Ret do destacamento de contato deve ser iniciado a tempo de permitir que o seu movimento também seja executado sem pressão do inimigo.
j) Ao iniciar o Ret, o destacamento de contato atua como força de proteção de retaguarda. Sua intenção não será mais de manter a fisionomia da frente e sim de impedir que o inimigo cerre sobre o grosso que retrai. Esse destacamento mantém o contato com o inimigo e combate, se necessário, até outra posição à retaguarda ou até uma linha de acolhimento estabelecida pela Bda Bld.
k) Se o Ret for noturno, os fogos devem ser utilizados para abafar o ruído das lagartas e dos motores das viaturas blindadas da Bda.
l) Normalmente, parte da reserva da Bda Bld, cerca de um terço, permanece na posição, com a finalidade de simular um sistema de comunicações e atividades normais de uma reserva, bem como apoiar o Ret do destacamento de contato.
m) Z Reu são, normalmente, designadas até o escalão unidade, a fim de assegurar o controle das forças antes de entrarem em formação de coluna de marcha. Essas Z Reu são previamente selecionadas e ocupadas pelo menor espaço de tempo possível. Não é normal a designação de uma Z Reu para a Bda Bld antes de seu acolhimento por uma tropa amiga.

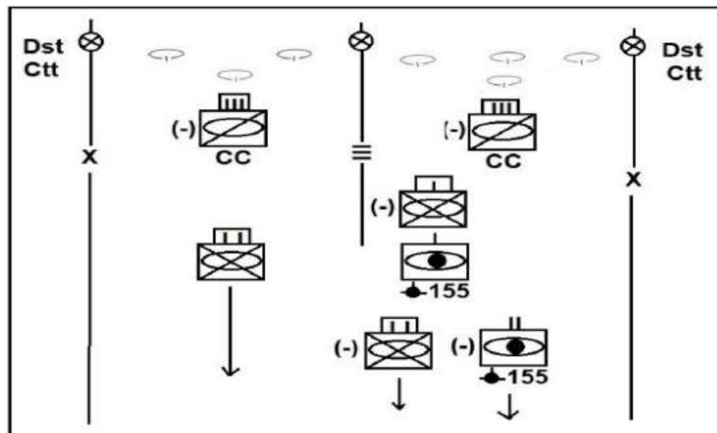


Fig 4-26 Retraimento sem pressão (2ª fase)

n) Os planos da Bda devem incluir previsões para a eventualidade da ação do inimigo por meio do emprego de tropas aeroterrestres, aeromóveis ou infiltradas.
o) Se o Ret for detectado pelo inimigo, a Bda Bld passa a executá-lo dentro das técnicas de um Ret sob pressão. Para isso, todos os comandos subordinados devem ter os seus planos alternativos.

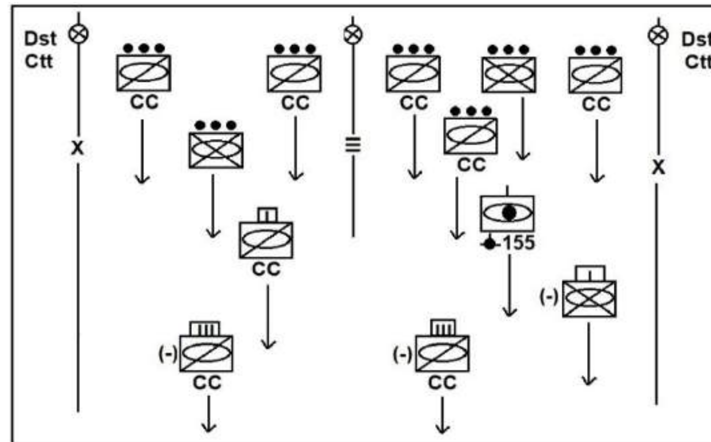


Fig 4-27 Retraimento sem pressão (3ª fase)

4.5.6.2.3 Retraimento Sob Pressão do Inimigo
a) Um Ret sob pressão do inimigo, pelo fato de estar sujeito à observação das forças oponentes, depende, para ter sucesso, da mobilidade, dos meios de GE, do apoio de fogo, do controle, do emprego de F Seg e da superioridade aérea local.
b) No Ret sob pressão do inimigo, elementos da Bda Bld retraem combatendo, utilizando táticas de retardamento. Todos os fogos disponíveis devem ser empregados contra os elementos avançados do inimigo que estejam engajados com as forças de retardamento. Um alto grau de coordenação e uma eficaz utilização do terreno e dos obstáculos são essenciais ao sucesso da operação. A autorização para retrair deve ficar a cargo do mais baixo escalão de comando que tenha a missão de coordenar esforços.
c) As medidas de controle e coordenação utilizadas neste movimento são similares às medidas do Ret sem pressão do inimigo.
d) O Cmt Bda deve decidir se constitui uma F Seg ou se realiza o movimento sem uma segurança a cargo da Bda. A decisão será tomará, após a análise das forças disponíveis para constituir a F Seg; do tempo disponível para o desdobramento desta força; do terreno; da existência ou não de uma força de F Seg do Esc Sp; das possibilidades do inimigo; e da duração da missão.

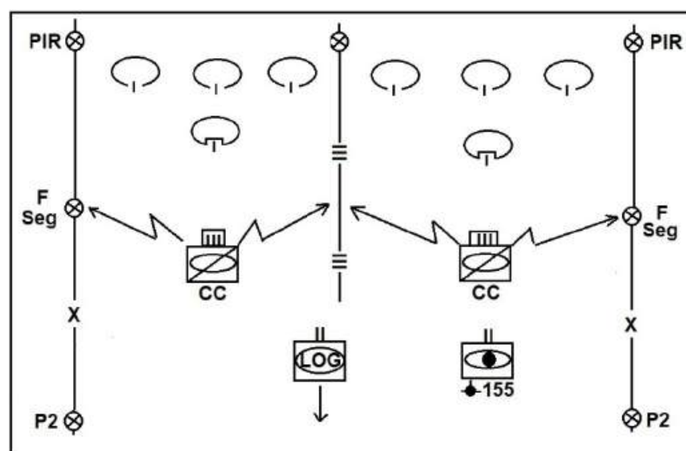


Fig 4-28 Retraimento sob pressão (1ª fase)

e) A F Seg deve ser constituída, prioritariamente, por uma FT RCC e receberá a denominação de Força de Proteção (F Ptç).

f) Após o acolhimento pela F Seg, se for o caso, o grosso da Bda Bld forma as colunas de marcha, em geral sem designação de Z Reu, e se desloca diretamente para a retaguarda.

g) A F Ptç assegura o movimento dos elementos avançados que retraem sem deixar elementos em contato. A estreita coordenação entre essas forças é uma necessidade.

h) A F Seg de um retraimento sob pressão deve proteger o Ret dos elementos da Bda que estejam engajados; retardar o inimigo e evitar a sua interferência no Ret do grosso; e estar em condições de atuar como retaguarda da força principal.

i) Quando a Bda Bld não constituir uma F Seg, ela executará uma ação retardadora até que o contato com o inimigo seja rompido ou que ela ocupe novas posições.

j) No Ret sob pressão, as reservas são desdobradas bem à frente, para proporcionar cobertura ao Ret das forças avançadas ou mesmo para auxiliar tais forças a romperem contato com o inimigo e a executarem o retardamento entre as posições.

k) Quando a Bda Bld tomar a decisão de não realizar um Ret simultâneo com todas as suas OM, o planejamento para o Ret parcelado deverá prever que as unidades menos engajadas deverão ser, em princípio, as primeiras a retrair.

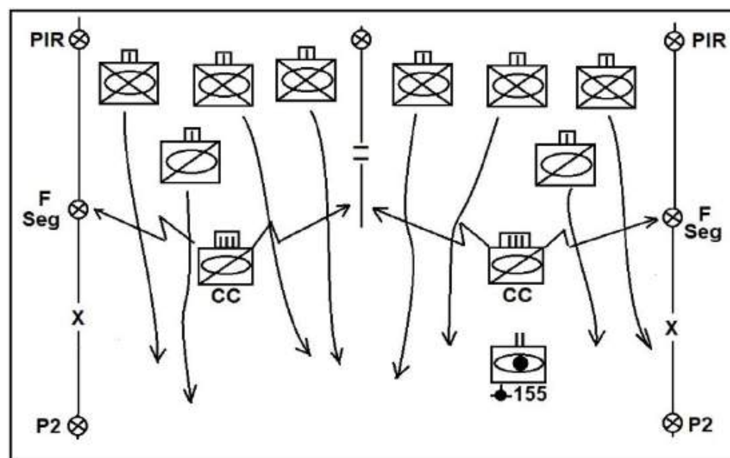


Fig 4-29 Retraimento sob pressão (2ª fase)

l) Para assegurar a rapidez do Ret, os elementos não imprescindíveis à operação retraem antecipadamente, por infiltração, o que evita o congestionamento dos eixos rodoviários, quando o grosso da Bda Bld retrair.

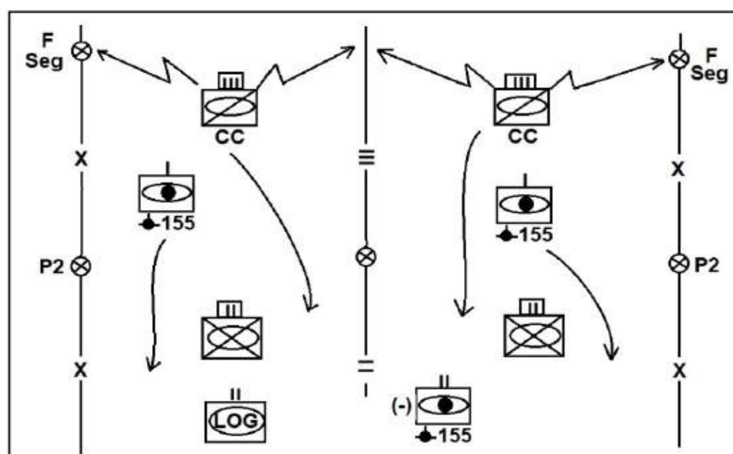


Fig 4-30 Retraimento sob pressão (3ª fase)

4.5.6.3 A Brigada Blindada na Retirada

4.5.6.3.1 Generalidades

a) A Bda Bld realizará uma retirada, normalmente, para permitir que as operações futuras de combate sejam conduzidas sob condições mais favoráveis.

b) Ela deverá ser realizada sem contato com o inimigo, podendo ser executada em seguida a um Ret ou quando não houver contato físico com o inimigo.

4.5.6.3.2 Planejamento da Retirada
a) A Bda Bld deverá planejar a execução de sua retirada para os períodos de baixa visibilidade, em princípio, a noite. Os movimentos diurnos deverão ficar restritos apenas à exfiltração de pequenos grupos.
b) No início da retirada, elementos da Bda Bld poderão deslocar-se em grupos dispersos para Z Reu preestabelecidas.
c) O planejamento da Bda Bld deverá prever a realização do deslocamento da tropa em colunas de marcha.
d) A Bda estabelecerá os itinerários e os objetivos de marcha, ou posições à retaguarda, para todos os elementos subordinados que deverão deslocar-se com o grosso da Bda Bld.
e) Durante o estágio inicial da retirada, o controle deve ser descentralizado para os comandantes subordinados. À medida que a força se afasta do inimigo, o comandante da Bda deve reassumir o controle de todas as tropas que se deslocam com o grosso.
d) Devem ser planejadas medidas de segurança das comunicações e eletrônica. Deve ser enfatizada a necessidade do silêncio rádio para a manutenção do sigilo da operação.
e) A segurança da Bda Bld deve ser realizada de maneira semelhante à da M Cmb. Ela é proporcionada pela vanguarda, flancoguardas e retaguarda.
f) Quando a retirada for precedida por um Ret, normalmente, será necessário constituir uma retaguarda forte em VBC CC e apoiada por artilharia de campanha, antiaérea e engenharia.
g) A retaguarda deverá empregar técnicas de retardamento para evitar a interferência do inimigo com o movimento do grosso.
h) O Cmt Bda deve estar atento quanto à possibilidade de envolvimento de sua força por parte do inimigo.

4.5.7 OUTRAS AÇÕES, TÁTICAS E TÉCNICAS DEFENSIVAS

4.5.7.1 Generalidades

4.5.7.1.1 No contexto das Op Def, outras ações, táticas e técnicas defensivas poderão ser empregadas pelas FT U Bld da Bda Bld.

4.5.7.1.2 Essas ações podem ser um dispositivo de expectativa, uma defesa elástica, uma defesa em ponto forte, uma defesa circular ou defesa em perímetro, uma defesa contrarreconhecimento ou uma defesa contra tropa aeroterrestre e aeromóvel.

4.5.7.2 Ações Dinâmicas da Defesa

4.5.7.2.1 A Bda Bld poderá, nas Op Def, empregar ações dinâmicas ofensivas, como o patrulhamento agressivo, a incursão e, principalmente, o contra-ataque, apoiados por fogos e pela GE.

4.5.7.2.2 Em vez de esperar passivamente em sua posição, a Bda Bld deve procurar realizar manobras para colocar o inimigo em desvantagem, atacando-o em todas as oportunidades, por meio de seus fogos orgânicos e do apoio aéreo aproximado, se disponível.

4.5.7.2.3 A Bda deve aproveitar todas as oportunidades para realizar ações que dificultem a concentração do poder de combate do inimigo em suas posições de ataque, destruir suas forças de reconhecimento, isolar suas unidades e desorganizar os seus sistemas e formações em profundidade.

4.5.7.2.4 Com essa finalidade, a Bda Bld poderá realizar contra-ataques antes que o inimigo consolide qualquer ganho inicial e possa explorar o êxito de sua ação ofensiva. Esses contra-ataques poderão ser para o restabelecimento da posição, para o desaferramento de tropa amiga, de desorganização do ataque inimigo e de destruição do inimigo.

4.5.7.3 Dispositivo de Expectativa

4.5.7.3.1 Generalidades
a) Nas Op Def o conceito de guerra de movimento é caracterizado pelas ações dinâmicas da defesa e pela adoção de um dispositivo de expectativa em larga frente, em que tropas com alta mobilidade serão empregadas em locais oportunos e decisivos.
b) O dispositivo de expectativa visa a criar oportunidades para aumentar o poder de fogo amigo e permite ao comandante realizar rápidas e inesperadas manobras, de forma a surpreender o inimigo e aumentar a resistência.
c) A Bda Bld poderá participar de um dispositivo de expectativa numa operação defensiva sob o controle de uma DE ou Corpo de Exército, sendo empregada como reserva, ou quando realizar uma Op Def sob o seu controle.
d) Ao empregar um dispositivo de expectativa, a Bda Bld deve preservar, inicialmente, na sua área de reserva, o grosso do seu poder de combate, a fim de empregá-lo no momento e no local decisivo, com adequado poder relativo de combate, tão logo seja possível detectar a orientação da maioria dos meios do inimigo.
e) O emprego de um dispositivo de expectativa permite que as FT U Bld da Bda Bld possam ser orientadas, em curto prazo, na direção para a qual o inimigo tenha dirigido seu esforço. Essa técnica é, particularmente, útil quando se opera em largas frentes e onde há muitos espaços vazios, como em Áreas Operacionais do Continente (AOC).

4.5.7.3.2 Emprego de um Dispositivo de Expectativa pela Bda Bld
a) A Bda Bld, em uma Op Def sob seu controle, poderá adotar um dispositivo de expectativa, quando a frente for muito ampla e não houver informação suficiente para definir em que direção o inimigo lançará seu ataque.
b) Ao decidir pela adoção desse dispositivo, a Bda Bld deverá lançar uma força

de segurança, que exercerá o papel fundamental de emitir o alerta antecipado quanto aos eixos de aproximação selecionados pelo inimigo e orientados para o dispositivo defensivo.
c) Essa F Seg poderá ser constituída por uma FT U Bld, atuando em toda a frente da Bda como uma F Ptç da Bda Bld, ou integrada por FT SU Bld, destacada das FT U Bld, atuando à frente, em suas Z Aç como F Ptç.
d) O grosso da Bda Bld poderá ser reunido em uma única área mais central e recuada de sua Z Aç; ou cada peça de manobra poderá ocupar uma Z Reu em uma posição central recuada em suas Z Aç.
e) O dispositivo de expectativa da Bda Bld, em sua situação final, poderá evoluir para uma Def A ou uma Def Mv.
f) A Bda Bld, empregada como reserva de uma DE ou do Corpo de Exército, em Op Def, poderá preparar, e não ocupar, núcleos defensivos, bloqueando cada eixo de progressão de provável utilização pelo inimigo em profundidade na P Def.
g) Nessa situação, as FT U Bld poderão, inicialmente, ocupar apenas posições de bloqueio avançadas, com o mínimo de meios suficientes para barrar, por tempo limitado, as forças atacantes, até que possam manobrar para atacá-las ou para ocupar aqueles núcleos.

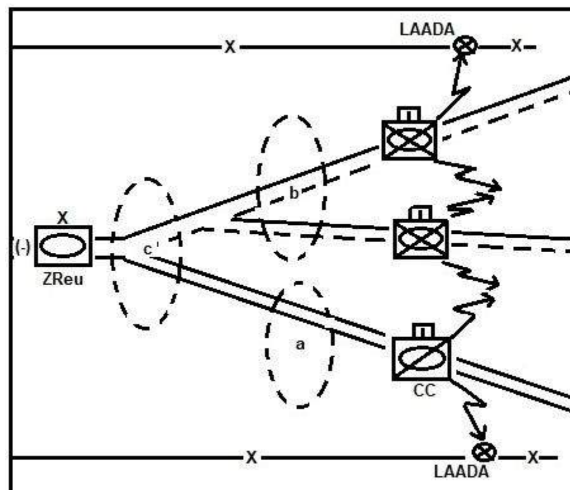


Fig 4-31 Dispositivo de Expectativa

h) A Bda Bld deve articular suas FT U Bld de tal forma que seja possível empregá-las, quer no interior da P Def, para destruir parcelas significativas do poder de combate do inimigo, quer em ações profundas sobre o eixo de comunicações e suprimentos do maior escalão inimigo em presença, a fim de reassumir plenamente a iniciativa das operações.

4.5.7.4 Defesa Elástica

4.5.7.4.1 Generalidades
a) A defesa elástica é uma variação possível entre as formas de manobra de Def Mv e Def A. Para tirar proveito de um determinado terreno ou para melhor explorar as características da tropa, o comandante da Bda Bld poderá adotar esta técnica especial da defensiva.
b) A defesa elástica permite a penetração do inimigo em região selecionada para emboscá-lo e contra-atacá-lo ao longo de todo seu dispositivo. É uma técnica ofensiva da defesa. A posição deve ser ocupada por tropas em profundidade, para permitir o ataque em toda a extensão da formação inimiga.

4.5.7.4.2 A Bda Bld na Defesa Elástica
a) A Bda Bld poderá ser empregada numa defesa elástica em duas situações:
- conduzindo a sua própria Op Def, com 01 (uma) FT U Bld sendo empregada como F Ptç à frente do LAADA e, após seu acolhimento, ocupando núcleos da ADA (somente fuzileiros desembarcados) ou integrando a reserva; os BIB ocupando os núcleos de defesa do LAADA (somente com fuzileiros desembarcados); e os RCC ou FT RCC na reserva, sendo empregados como F C Atq; e
- integrando uma Op Def conduzida por uma DE ou Corpo de Exército, na reserva, sendo empregada como Força de Contra-ataque da DE ou do Corpo de Exército.

b) O emprego da Bda como Força de Contra-ataque da reserva de uma DE ou Corpo de Exército já foi abordado neste capítulo. Neste item será abordada a defesa elástica em uma Op Def realizada pela Bda Bld.
c) Como técnica ofensiva da defesa, a defesa elástica enquadra-se nas ações onde a Bda Bld poderá explorar ao máximo as suas características e as possibilidades de suas FT U Bld.
d) A decisão de adotar essa técnica defensiva pela Bda Bld está condicionada às características do terreno, podendo ser empregada quando o terreno dificultar o ataque inimigo à frente do LAADA e quando for suficientemente movimentado, permitindo a defesa em profundidade.
e) O emprego da defesa elástica pela Bda Bld permite a destruição do inimigo no interior da P Def, com as FT U Bld atacando-o pelo fogo em toda a profundidade do seu dispositivo.
f) O planejamento de uma defesa elástica pela Bda Bld deverá prever a realização da operação em três fases:
- 1ª Fase: o acolhimento dos elementos da Força de Segurança (F Ptç ou F Cob) e canalização da força inimiga para as AE;
- 2ª Fase: a destruição da força inimiga nas AE; e
- 3ª Fase: a contenção da força inimiga nas AE, por intermédio de contra-ataques, impedindo que se rompa o dispositivo defensivo nos limites da AE ou desborde a posição defensiva.

g) O dispositivo a ser adotado pela Bda Bld deverá permitir que o inimigo seja canalizado para o interior da ADA, onde será destruído pelos núcleos de defesa. Essa canalização do inimigo deverá ser obtida pelo emprego de campos de minas, pelo posicionamento dos núcleos de defesa ou apoiando os limites da P Def em curso de água obstáculo.
h) O posicionamento dos núcleos defensivos deverá permitir o bloqueio das AE e a penetração de força inimiga compatível com o poder de combate das FT RCC da força de contra-ataque da Bda.
i) A Bda Bld deve planejar a destruição do inimigo pelos fogos dos próprios núcleos de defesa, pelos fogos indiretos da artilharia de campanha e dos morteiros e pelos fogos das aeronaves da F Ae e da Av Ex sobre as áreas de engajamento. Na fase da destruição, deverá ser buscada a maior profundidade possível no dispositivo inimigo.
j) Os contra-ataques da Bda Bld deverão ser realizados, prioritariamente, pelas FT RCC da Bda, mantidas em reserva como Força de Contra-ataque. Essa força será empregada nos pontos em que o inimigo tentar romper o dispositivo defensivo, nos limites das AE, obrigando-o a permanecer em seu interior, ou quando esse tentar desbordar a P Def.
k) A Bda Bld deve planejar desgastar o inimigo à frente da ADA e o destruir quando penetrar no interior das AE.
l) Os BIB empregados na ADA terão por missão, além da contenção e canalização do inimigo, a destruição de seus elementos de C², de apoio ao combate e de logística, com a finalidade de retardar a sua progressão, enfraquecê-lo e desorganizar seu ataque, empregando várias ações de pequenas frações para este fim.
m) As peças de manobra, desdobradas em profundidade ou que cederam terreno deliberadamente junto ao LAADA, deverão ocupar núcleos de aprofundamento para conter o inimigo, deter seu ataque e destruir as forças remanescentes.
n) 01 (uma) FT U Bld, o Esqd C Mec e elementos da Av Ex disponíveis deverão ser empregados, inicialmente, como F Ptç, ocupando PAG ou PAC, informando sobre a aproximação do inimigo, iludindo-o quanto à localização da P Def e ajustando os fogos de apoio. Após acolhidos, passam a integrar a reserva ou ocupam P Def, de onde possam contribuir para a contenção do inimigo nas AE, para a sua destruição ou para continuar a informar sobre o deslocamento de reservas, ajustar fogos de apoio etc.

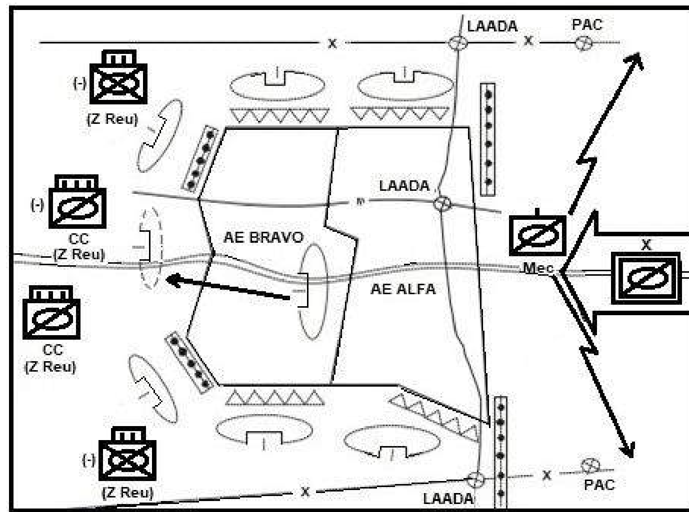


Fig 4-32 A Bda Bld em um dispositivo de Defesa Elástica

o) As armas anticarro das FT U Bld deverão ser, inicialmente, instaladas em posições avançadas, próximas ao LAADA, engajando o inimigo desde seu alcance máximo e procurando retardá-lo, desorganizá-lo e forçar o desembarque dos fuzileiros blindados inimigos. O uso de obstáculos reforça a P Def, canaliza o inimigo para as AE e assegura a máxima eficiência dos fogos anticarro. Mediante ordem, as armas anticarro deslocam-se para posições de onde participarão da destruição do inimigo no interior das AE.

p) A Bda deve tirar proveito do terreno compartimentado para reduzir a impulsão do inimigo. Esse tipo de terreno o torna vulnerável a ataques múltiplos nos flancos, que o enfraquecem antes de chegar à área selecionada para a sua destruição. Essa técnica de defesa se assemelha a uma grande emboscada, onde a surpresa, os rápidos deslocamentos da força de defesa e os ataques violentos, com grande poder de destruição, conduzirão a FT à vitória.

q) O trabalho de engenharia, por meio do plano de barreiras, deve tirar o máximo proveito da vantagem dos obstáculos naturais e agravá-los, sendo preparados ao mesmo tempo com os demais planos. Os obstáculos devem ser batidos pelo fogo para aumentar sua eficiência. Passagens e brechas são previstas e necessárias para o movimento de reservas e outras forças na área de defesa. O plano de barreiras deve ser cuidadosamente coordenado com o plano de contra-ataque da Bda Bld; e a preparação da AE deve ser criteriosa dentro da disponibilidade do terreno, do tempo e dos meios, trazendo uma vantagem tática sem, no entanto, denunciar ao inimigo tal possibilidade do defensor.

4.5.7.5 Defesa de Ponto Forte

4.5.7.5.1 A Defesa em Ponto Forte (PF) é uma técnica de defesa que poderá ser empregada por uma Bda Bld quando, no cumprimento da missão de defender uma posição-chave no terreno, ficar isolada em função da ação do inimigo. A Defesa em PF é uma P Def circular de difícil conquista, com grande apoio mútuo, menor dispersão e com consideráveis trabalhos de organização do terreno. O inimigo não pode ultrapassar um PF sem sofrer grande desgaste.

4.5.7.5.2 O emprego de uma Bda Bld num PF se assemelha ao emprego de uma Bda C Mec nesta técnica de defesa. Detalhes desta ação de defesa e do emprego dessas Bda, numa técnica de PF, podem ser encontrados nos Manuais de Campanha Operações (EB-70-MC-10.223), 5ª Ed, 2017; Operações Ofensivas e Defensivas (EB-70-MC-10.202), 1ª Ed, 2017; A Cavalaria nas Operações (EB70-MC-10.222), 1ª Ed, 2018; e no Brigada de Cavalaria Mecanizada (EB70-MC-10.309), 3ª Ed, 2019.

4.5.7.6 Defesa Circular ou Defesa em Perímetro

4.5.7.6.1 Generalidades

a) A defesa circular ou defesa em perímetro é uma variante da Def A, onde uma tropa estabelece um dispositivo defensivo circular, de modo a fazer frente, simultaneamente, a um ataque inimigo proveniente de qualquer direção. É, normalmente, estabelecida para defender posições isoladas no interior das linhas inimigas ou em ambientes urbanos.

b) A Bda Bld poderá adotar esse dispositivo defensivo ao final de uma Op Ofs em que deva conquistar e manter, por exemplo, as regiões de passagem de um curso de água, aeródromos ou pistas de pouso, Z Reu, ou quando for cercada pelo inimigo.

c) A defesa circular se caracteriza, particularmente, por:

- máxima potência de fogo à frente do LAADA;
- grande apoio mútuo; e
- pequeno espaço de manobra.

4.5.7.6.2 A Bda Bld numa Defesa Circular

a) Quando a Bda Bld estabelecer uma defesa circular, o perímetro da posição defensiva será dividido em setores a serem ocupados pelas suas FT U Bld. Os elementos de C², apoio ao combate e apoio logístico serão reunidos em áreas centrais no interior da P Def.

b) Ao planejar uma defesa circular, a Bda Bld deverá fazê-lo de forma semelhante a um planejamento de uma Def A. A P Def, em princípio, deverá ser organizada com uma Área de Segurança, uma ADA e uma Área de Reserva.

c) A área de segurança será organizada como numa Def A. A Bda Bld poderá empregar 01 (uma) de suas FT U Bld e/ou o seu Esqd C Mec (com restrições),

com apoio de artilharia de campanha e de engenharia de combate, para estabelecer PAG, fornecendo alerta oportuno sobre a aproximação do inimigo, desorganizando-o e desgastando-o antes que aborde o LAADA. Os PAC poderão ser estabelecidos como na Def A, com uma FT U Bld (e/ou o Esqd C Mec) ou com as Cia Fuz dos BIB da ADA. Esses PAC deverão estabelecer a segurança aproximada, dar o alerta oportuno da aproximação do inimigo, impedir a observação direta sobre a P Def e, dentro de suas possibilidades, retardar, causar baixas e desorganizar o inimigo.

d) A ADA será organizada e ocupada prioritariamente pelas FT BIB. A F Seg (01 FT U Bld e/ou o Esqd C Mec), após ser acolhida, poderá receber um setor no perímetro ou integrar a reserva. Os RCC não ocuparão núcleos de defesa na ADA. Deverão ser empregados como F Res ou no apoio de fogo aos fuzileiros na ADA. Quando o inimigo não for esperado de uma direção particular, o comandante da Bda Bld organiza a defesa através de uma distribuição homogênea dos elementos subordinados no perímetro. Quando for conhecida a direção provável do ataque inimigo ou quando parte do perímetro for particularmente perigosa para a defesa, o comandante da Bda atribui frente mais estreita para o elemento que defende a via de acesso mais importante. Nesse caso, procura dar maior profundidade ao dispositivo nessa parte do perímetro; e as armas de apoio são, inicialmente, orientadas nesta direção. Como os intervalos entre os elementos de primeiro escalão devem ser evitados, as frentes e profundidades serão grandemente reduzidas. Devido à pouca profundidade e falta de espaço de manobra, procura-se evitar penetrações na posição. Desse modo, o grosso dos seus meios deve ser localizado no perímetro defensivo, restando uma pequena reserva.

e) A reserva da Bda Bld, numa defesa circular, poderá ser constituída por uma FT RCC ou por elementos das FT U Bld que ocuparem setores no perímetro defensivo (reserva hipotecada). A Bda poderá, também, reunir sob um comando, organizado especificamente para essa missão, de elementos de C² e de apoio ao combate da Bda Bld (reserva temporária). Posições de aprofundamento, a serem ocupadas pela reserva, devem ser preparadas para fazer face a um ataque a qualquer parte do perímetro.

f) O emprego das armas de apoio fogo orgânicas e em reforço, bem como os equipamentos de vigilância, é, em geral, idêntico ao de uma Def A.

g) Os CC e as VBR podem ser mantidos em Z Reu, integrar a reserva ou serem colocados em posição de tiro no LAADA. Mesmo quando empregados como reserva, são preparadas posições de tiro (e itinerários para atingi-las), de modo a bater todas as VA e facilitar a reunião para o apoio ou execução dos contra-ataques.

h) Os elementos de C², de apoio ao combate e de apoio logístico da Bda Bld serão localizados no centro da P Def, junto à área da reserva.

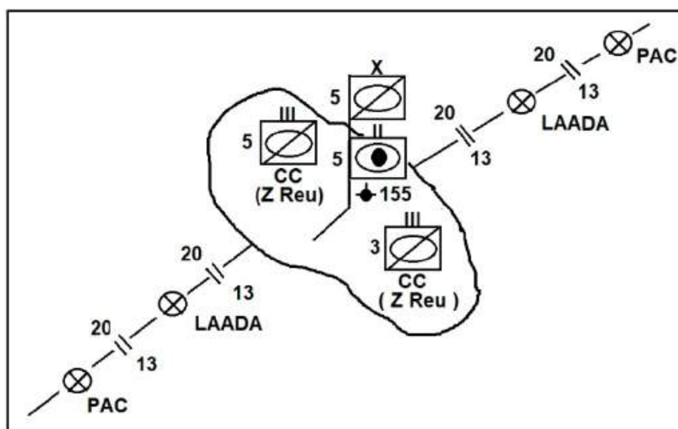


Fig 4-33 A Bda Bld em um dispositivo de Defesa Circular

4.5.7.7 Técnicas de Defesa pouco empregadas pela Bda Bld

4.5.7.7.1 Existem outras técnicas de defesa que são pouco empregadas pela Bda Bld, como a defesa em contra encosta, defesa com missão dada pela finalidade e defesa contra tropas aeroterrestres e aeromóveis, que poderão ser consultadas nos Manuais de Campanha Operações (EB-70-MC-10.223), 5ª Ed, 2017; Operações Ofensivas e Defensivas (EB-70-MC-10.202), 1ª Ed, 2017; A Cavalaria nas Operações (EB70-MC-10.222), 1ª Ed, 2018; e no Brigada de Cavalaria Mecanizada (EB70-MC-10.309), 3ª Ed, 2019.

4.5.8 TRANSIÇÃO DAS OPERAÇÕES DEFENSIVAS PARA OPERAÇÕES OFENSIVAS

4.5.8.1 Considerações Gerais

4.5.8.1.1 As Op Def constituem-se em atitudes temporárias adotadas pela Bda Bld até que, criadas condições favoráveis, possa tomar ou retomar a ofensiva o mais rápido possível. A Bda deve estar atenta à situação tática, avaliando cuidadosamente as informações e os indícios do momento em que tais condições serão criadas para a transição da defensiva para a ofensiva. A transição de operações básicas exige detalhado planejamento prévio e rapidez na execução para que a oportunidade não seja perdida.

4.5.8.1.2 A transição de uma Op Def para uma Op Ofs, prevista ou não, requer avaliação cuidadosa da situação tática, um planejamento prévio e uma rápida preparação dos elementos subordinados da Bda, que deverão estar prontos no momento da transição.

4.5.8.1.3 Em uma Op Def, a Bda e suas unidades subordinadas, geralmente, passam de uma fase da operação para outra de forma sequencial ou simultânea. Já na transição de uma defensiva para uma ofensiva, a Bda deverá, se necessário, manter algumas FT U Bld executando a Op Def, enquanto outras iniciam a Op Ofs. Além da alteração na forma de se realizar a mudança, haverá a mudança de foco do apoio logístico e de ações táticas da OM e da Bda.

4.5.8.1.4 Um planejamento prévio para a transição, por parte da Bda e das OM subordinadas, diminuirá o tempo necessário para ajustar-se o andamento das operações de combate, quando a Bda passar da defensiva para a ofensiva. Esse planejamento antecipado da transição, permitirá que as unidades subordinadas planejem e se preparem simultaneamente para as operações subsequentes.

4.5.8.1.5 O comandante da Bda, em princípio, deverá suspender a Op Def em curso somente quando:
a) ela atingir o EFD;
b) se verificar a ocorrência de um um ponto culminante no combate; ou
c) quando receber do escalão superior ordem para a mudança na missão.

4.5.8.2 Planejamento da transição da operação defensiva para a ofensiva

4.5.8.2.1 O comandante da Bda poderá determinar que toda a Bda Bld, ou parte dela, seja engajada em um ataque, realize um movimento para estabelecer o contato com o inimigo, inicie um Apvt Exi e, a seguir, uma perseguição.

4.5.8.2.2 Recebida a ordem para a transição, ou quando o Cmt Bda Bld identificar as condições necessárias para que a transição aconteça, esta deverá ser realizada o mais rápido possível, com o ataque (Op Ofs) sendo desencadeado quando o inimigo estiver mais vulnerável, não dando tempo para que ele perceba a mudança de atitude e possa se reorganizar para enfrentar a ofensiva da Bda.

4.5.8.2.3 A Bda Bld procura antecipar o momento em que o inimigo atingirá seu ponto culminante (esforço máximo) ou quando deve realizar uma pausa operacional, antes que possa continuar seu ataque. Será nesse momento que o combate, provavelmente, penderá para os defensores, criando as condições necessárias da mudança para a ofensiva.

4.5.8.2.4 As seguintes ações do inimigo poderão indicar ao Cmt Bda Bld que ele atingiu seu ponto culminante (esforço máximo); ou seu ataque não obteve êxito; ou ele está vacilante:
a) realiza uma transição do ataque para a defesa;

b) sofreu pesadas perdas em seu ataque;
c) demonstra estar passando por dificuldades logísticas, particularmente na redução do suprimento Classe III, limitando o movimento de suas viaturas, e do suprimento Classe V, com a diminuição de seus fogos;
d) forças amigas vizinhas obtém um sucesso inesperado sobre as forças inimigas, obrigando o seu retraimento ou rendição;
e) aumento no número de prisioneiros de guerra inimigos;
f) falta de coerência em suas ações táticas; e
g) redução do seu poder de combate nos ataques recentes.

4.5.8.2.5 O comandante da Bda deve ter cuidado para não ser alvo de atividades de desinformação por parte do inimigo, destinadas a encorajá-lo a abandonar as vantagens de lutar, a partir de P Def preparadas, e partir para o ataque.

4.5.8.2.6 **I**dentificado o ponto culminante do ataque inimigo ou as situações citadas, a Bda não pode esperar muito tempo para fazer a transição da defesa para a ofensiva. Não pode permitir que o inimigo estabeleça uma posição sumariamente organizada. Deve aproveitar o choque psicológico do fracasso nos soldados inimigos, que terão que realizar uma defesa nas piores condições, e maximizar o efeito psicológico nas suas tropas ao deixarem a defensiva e passarem ao ataque.

4.5.8.2.7 A Bda Bld pode utilizar dois processos para realizar a transição para uma Op Ofs:
a) 1º Processo: atacar o inimigo utilizando forças que não estavam empenhadas na ADA:
- esse processo tem a vantagem de usar forças descansadas, que estavam na reserva ou numa operação de segurança, em princípio, menos desgastadas que aquelas da ADA, que enfrentavam a ação ofensiva do inimigo;
- a desvantagem apresentada por esse processo será a necessidade de, em princípio, ter de realizar uma ultrapassagem das forças que estão em 1º escalão, nos núcleos de defesa da ADA;
- outra desvantagem do processo será a possibilidade da inteligência do inimigo identificar o movimento das forças de reserva pela ADA, para iniciar o ataque; e
- o Cmt Bda Bld, ao adotar esse processo, deverá reunir rapidamente, no local decisivo, um poder de combate suficiente para atacar e derrotar o inimigo. Para isso, poderá ser necessária a adoção de medidas de economia de força em algumas áreas da ADA, ou mesmo, temporariamente, abandonar outras áreas para gerar o poder de combate necessário à operação ofensiva.
b) 2º Processo: realizar a ação ofensiva empregando as forças da ADA.
- este processo tem a vantagem de ser executado mais rapidamente e, portanto, estar mais propenso a surpreender o inimigo. A velocidade de execução nesse processo resulta do fato de não ter que realizar uma

aproximação da área de reserva até o LAADA;

- a velocidade proporcionada por esse processo também resulta de não ter que conduzir uma ultrapassagem da força que ocupa os núcleos de defesa da ADA, executando as ligações necessárias para estabelecer uma consciência situacional comum que inclua o conhecimento dos padrões de operação da força inimiga, reconhecimentos etc; e
- a principal desvantagem desse processo é que a força que o realiza está mais desgastada pelo combate defensivo e pode necessitar de reforço ou substituição rapidamente caso a ação ofensiva não seja bem-sucedida.

4.5.8.2.8 Se a decisão da Bda Bld for empregar a tropa da ADA no ataque, deverá ser planejada a manutenção de um efetivo suficientemente forte nas P Def para iludir o inimigo quanto à realização do ataque e manter a defesa da posição. O Cmt Bda poderá reforçar a ADA com parte da F Res para que possam executar o ataque. Para concentrar o poder de combate suficiente para o ataque, poderá, também, reajustar os limites entre as unidades da ADA, de modo que unidades inteiras possam retirar-se e concentrar-se para o ataque.

4.5.8.2.9 Para realizar a transição, o Cmt Bda Bld deverá reorganizar a sua tropa e ressupri-la, simultaneamente, com as atividades táticas de transição. Isso irá requerer uma mudança no foco do esforço logístico, que estava voltado para uma defensiva e, rapidamente, deverá estar em condições de apoiar uma ofensiva. Por exemplo, na defensiva, o esforço logístico estava concentrado no suprimento de itens das Classes IV e V (munição), sendo a demanda por manutenção e recuperação de viaturas reduzida. Na ofensiva, o esforço logístico deverá estar focado no suprimento de Classes III e IX, num maior apoio de manutenção e num provável aumento na demanda por evacuação de feridos.

4.6 OPERAÇÕES DE COOPERAÇÃO E COORDENAÇÃO COM AGÊNCIAS

4.6.1 São operações executadas por elementos do EB em apoio aos órgãos ou instituições (governamentais ou não, militares ou civis, públicos ou privados, nacionais ou internacionais), definidos genericamente como agências. Destinam-se a conciliar interesses e coordenar esforços para a consecução de objetivos ou propósitos convergentes que atendam ao bem comum. Buscam evitar a duplicidade de ações, a dispersão de recursos e a divergência de soluções, levando os envolvidos a atuarem com eficiência, eficácia, efetividade e menores custos.

4.6.2 Nas operações de cooperação e coordenação com agências, a liberdade de ação do comandante operativo está limitada pela norma legal que autorizou o emprego da tropa. Assim, o emprego é episódico, limitado no espaço e tempo.

4.6.3 Estas operações, normalmente, ocorrem nas situações de não guerra, onde o emprego do poder militar é usado no âmbito interno e externo, mas podem ser desencadeadas em situações de guerra, simultaneamente com as operações ofensivas e defensivas. São operações de cooperação e coordenação com agências:
a) garantia dos poderes constitucionais;
b) garantia da lei e da ordem;
c) atribuições subsidiárias;
d) prevenção e combate ao terrorismo;
e) atuação sob a égide de organismos internacionais;
f) atuação em apoio à política externa em tempo de paz ou crise; e
g) outras operações em situação de não guerra.

4.6.4 A Bda Bld não é vocacionada para emprego em operações de cooperação e coordenação com agências. Sua participação será muito limitada em função de grande parte de seus efetivos estarem envolvidos com atividades fundamentais para a manutenção operacional da Bda, tais como: trabalhos de conservação e manutenção de suas viaturas blindadas e equipamentos de alta tecnologia. Caso seja empenhada neste tipo de operação, a Bda deverá priorizar somente o emprego de seus militares que não estejam envolvidos diretamente na operação, manutenção e conservação de material de emprego militar de alta tecnologia.

4.6.5 Para mais informações sobre as operações de cooperação e coordenação com agências, deve-se consultar os Manuais de Campanha Operações (EB-70-MC-10.223), 5ª Ed, 2017; Operações Ofensivas e Defensivas (EB-70-MC-10.202), 1ª Ed, 2017; Operações em Ambiente Interagências (EB20-MC-10.201), 1ª Ed, 2013; e Cooperação Civil-Militar (EB70-MC-10.221), 1ª Ed, 2017.

4.7 OPERAÇÕES COMPLEMENTARES

4.7.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

4.7.1.1 As operações complementares, normalmente, estão inseridas no contexto das operações básicas. Destinam-se a apoiar as operações básicas e a contribuir para o incremento de seus resultados.

4.7.1.2 Incluem as seguintes operações: aeromóveis, aeroterrestres, segurança, contra forças irregulares, dissimulação, informação, especiais, busca, combate e salvamento, evacuação de não combatentes, junção, interdição, transposição de curso de água, anfíbia, ribeirinha, contra desembarque anfíbio, abertura de brecha e área edificada.

4.7.1.3 Em função de suas características e possibilidades, a Bda Bld participa somente de algumas dessas operações complementares. Neste Manual de Campanha, serão abordadas apenas aquelas para as quais a Bda Bld é mais vocacionada.

4.7.2 OPERAÇÃO DE JUNÇÃO

4.7.2.1 Considerações gerais

4.7.2.1.1 A junção é uma operação que envolve a ação de duas forças terrestres amigas que buscam se ligar diretamente. Pode ser realizada entre uma força em deslocamento, e outra estacionária, ou entre duas forças em movimentos convergentes.

4.7.2.1.2 Compreende o estabelecimento do contato físico entre duas forças terrestres amigas em operações. Tal encontro pode ocorrer em operações aeroterrestres, anfíbias ou aeromóveis, na substituição de uma unidade isolada, para estabelecer ligações com forças de infiltração, na ruptura de um cerco inimigo, para reunir forças divididas, na convergência de forças independentes ou no encontro com forças de guerrilha amigas.

4.7.2.1.3 A Bda Bld pode participar de operações de junção integrando uma força maior ou pode executá-la com seus próprios meios. A Bda como um todo, ou uma de suas FT U subordinadas, pode ser empregada como força de junção, em virtude de possuir mobilidade, velocidade, potência de fogo e ação de choque.

4.7.2.1.4 O fator tempo é, normalmente, crítico numa operação de junção.

4.7.2.2 Planejamento

4.7.2.2.1 Generalidades
a) o planejamento da operação deve assegurar estreita coordenação de esforços das forças envolvidas na junção. O planejamento é coordenado com antecedência, incluindo a troca de informações entre as duas forças; e
b) as seguintes considerações são de interesse no planejamento:
- relações e responsabilidades de comando;
- ligações de comando e de estado-maior;
- sistema de reconhecimento;
- coordenação dos esquemas de manobra;
- medidas de coordenação de fogos;
- coordenação dos planos de comunicações; e
- ações que se seguem à junção.

4.7.2.2.2 Relações e Responsabilidades de Comando
a) O comando que dirige a junção estabelece as relações e as responsabilidades de comando das duas forças.
b) As relações de comando das forças envolvidas na operação de junção devem ser estabelecidas antes da operação, com definição clara de responsabilidades.
c) Após a junção, as duas forças podem se grupar e formar uma única, sob controle de um dos comandantes; ou ambas podem permanecer sob o controle de um comandante superior.

4.7.2.2.3 Ligações de Comando e de Estado-Maior
a) A ligação de comando e de estado-maior entre as duas forças é essencial. Deve ser estabelecida, inicialmente, durante a fase de planejamento e mantida durante a operação.
b) À medida que a junção se torna iminente, pessoal de ligação adicional é trocado. Isso assegura coordenação de fogos e de quaisquer modificações nos planos táticos.
c) Quando a operação envolve a junção com forças aliadas ou guerrilhas amigas, devem ser feitas prescrições relativas a intérpretes ou oficiais de ligação com suficiente conhecimento da língua a ser utilizada.
d) Os meios aéreos podem facilitar as ligações.

4.7.2.2.4 Sistema de Identificação Mútua
a) O plano de identificação mútua é estabelecido pormenorizadamente para evitar a possibilidade de hostilidades entre as forças amigas ou que uma seja atingida pelos fogos de outra.
b) Este plano inclui, normalmente, o emprego de artifícios pirotécnicos, painéis, marcação de viaturas, dispositivos coloridos, fumaças coloridas, meios infravermelhos, radar, sinais por gestos, senhas e contrassenhas.

4.7.2.2.5 Coordenação dos Esquemas de Manobra
a) Os esquemas de manobra devem ser permutados e medidas de coordenação e controle estabelecidas com antecedência pelas forças que participam da junção. Tais medidas compreendem, entre outras, linhas de controle, pontos de junção, limites, eixos de progressão e objetivos.

4.7.2.2.6 Medidas de Coordenação de Fogos
a) A coordenação de fogos é obtida pela troca de planos de apoio de fogo e pelo emprego de medidas de controle, tais como:
- Linha de Segurança de Apoio de Artilharia (LSAA);
- Linha de Coordenação de Fogos (LCF); e
- Linha de Coordenação do Apoio de Fogo (LCAF).

b) As medidas de coordenação de fogos são estabelecidas pelo comando que dirige a operação.

c) Após a junção, a responsabilidade pela coordenação do apoio de fogo, para as forças como um todo, deve ser claramente estabelecida. A responsabilidade por tal coordenação é, normalmente, atribuída ao comandante mais graduado na área ou à força que tenha interesse principal nas operações que se seguem à junção. O comando que dirige a junção designará o comandante que assumirá essa responsabilidade.

4.7.2.2.7 Coordenação dos Planos de Comunicações
a) O plano de comunicações inclui os canais para comunicação rádio entre as duas forças.
b) Este plano deve prescrever os procedimentos de identificação a serem usados durante o dia e a noite, ou durante condições de reduzida visibilidade, incluindo, principalmente, os meios alternativos.

4.7.2.2.8 Ações que se seguem à Junção
a) Medidas a serem tomadas após a junção devem ser estabelecidas com antecedência.
b) Realizada a junção com a força estacionária, a força de junção pode reforçar ou assumir a Def A, prosseguir no ataque em coordenação com a força estacionária, ultrapassar ou contornar essa força e continuar o ataque para objetivos mais distantes. Serão baixadas prescrições para a substituição ou ultrapassagem, sempre que necessárias.
c) Planos alternativos são elaborados, tendo em vista a possibilidade de ficar a força de junção incapacitada de atingir a força estacionária no tempo determinado. Em tal contingência, os planos devem prever o apoio de fogo, cobertura e suprimento aéreo para a força estacionária.

4.7.2.3 Execução da junção

4.7.2.3.1 Junção de uma Força em Deslocamento com uma Força Estacionada
a) Generalidades
- A fase inicial de uma operação de junção é executada como uma Op Ofs, começando, normalmente, por um ataque de oportunidade ou coordenado da força de junção, a fim de romper a posição inimiga que se interpõe entre as tropas amigas. Após o rompimento da posição inimiga, a força de junção lança-se em busca do contato com a força isolada.
- Ao se aproximar o momento da junção das duas forças, a operação assume características peculiares, que a diferencia das Op Ofs normais. A coordenação e o controle são intensificados, por meio de restrições impostas às forças atacantes.

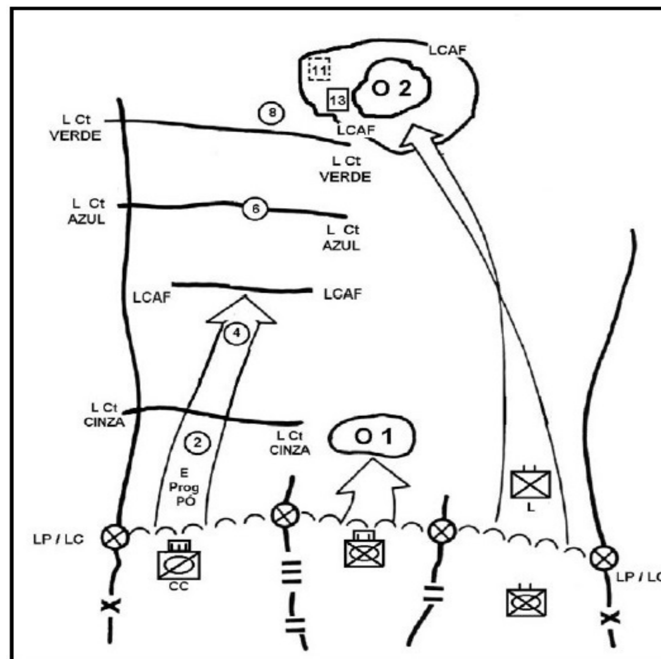


Fig 4-34 Fase inicial de uma junção

b) Pontos de Junção

- Para evitar os riscos de um combate entre forças amigas, pontos de junção são selecionados. Neles, o contato físico entre as forças deve ocorrer.
- Os pontos de junção devem ser facilmente identificáveis por ambas as forças e em número suficiente para atender a possíveis modificações na manobra. Localizam-se onde os itinerários de progressão da força de junção interceptam a linha ao longo da qual os elementos de segurança da força estacionária estão localizados.
- Pontos alternativos devem ser estabelecidos, uma vez que a ação inimiga pode forçar a junção em locais diferentes dos planejados.
- O número de pontos de junção estabelecidos depende da possibilidade da força estacionária, do número de itinerários utilizados pela força de junção, da natureza do terreno e das ameaças inimigas.
- As tropas que guarnecem os pontos de junção, bem como os elementos que realizam o contato com elas, devem estar familiarizadas com as normas para identificação mútua e com os planos para a rápida passagem da força em progressão.

c) Junção propriamente dita

- O apoio da força estacionária à força de junção, dentro do esquema de manobra, inclui o fornecimento de guias e a previsão de Z Reu para a reorganização da força de junção.

- Os obstáculos são removidos imediatamente antes da junção e são abertas trilhas e brechas através das barreiras.
- Guias fornecidos pela força estacionária auxiliam o controle do trânsito para o interior das posições de defesa.
- A força de junção é informada sobre os campos de minas e outros obstáculos existentes.

d) Linhas de Coordenação de Fogos e de Coordenação do Apoio de Fogo
- Para evitar perda nas forças amigas, a linha de coordenação de fogos é estabelecida, coordenando os fogos, tanto da força de junção como da força estacionária.
- Nenhuma das forças pode desencadear fogos além das linhas estabelecidas, sem uma liberação prévia por parte da outra força.
- À medida que a junção se torna iminente, a linha de coordenação de fogos é deslocada, a fim de permitir o máximo de liberdade de ação à força de junção.
- O comando que dirige a operação estabelece linhas de coordenação de apoio de fogo para as forças. As linhas de coordenação do apoio de fogo são independentes, nos estágios iniciais. No entanto, à medida que a distância entre as duas forças diminui, as linhas aproximam-se, transformando-se em uma linha de coordenação do apoio de fogo que atende a ambas as forças.
- Ataques aéreos, na área entre as duas forças, são coordenados com elas. Normalmente, a linha inicial de coordenação de fogos torna-se efetiva no momento em que uma linha comum de coordenação do apoio de fogo for estabelecida.

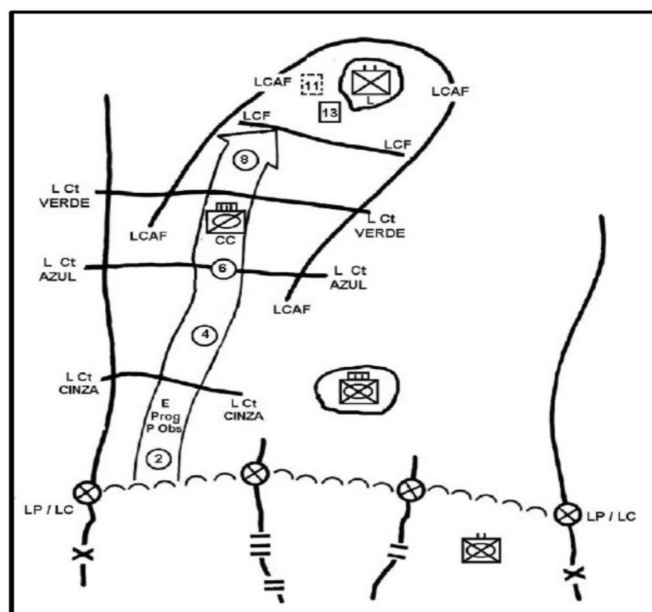


Fig 4-35 Junção propriamente dita

e) Comunicações

- Nas operações de junção, é comum o emprego de aeronaves para transmitir sinais ou, num sentido mais amplo, dilatar o raio das comunicações.

- Sinais visuais, tais como artifícios de sinalização ou painéis, podem ser empregados durante o dia; e artifícios de iluminação ou dispositivos de infravermelhos podem ser empregados durante a noite.

f) Ações após a Junção

- Quando a junção é feita, a força de junção pode reunir-se com a força estacionada ou pode ultrapassá-la e continuar o ataque.

- Se a força de junção continuar a operação em conjunto com a força estacionada, um comandante único deve ser designado para a força como um todo.

- A força de junção pode passar através do perímetro da força estacionária e podem ser designados objetivos dentro do perímetro ou fora dele, dependendo da missão.

- Se a missão e o terreno permitirem, é desejável que a força de junção desborde a força estacionária e os objetivos sejam designados fora do seu perímetro.

4.7.2.3.2 Junção de duas Forças em Movimento

a) Quando duas forças em movimento realizam a junção, normalmente, algumas medidas de controle são prescritas, tais como: limites, linhas de coordenação de fogos e pontos de contato onde a junção deve ser feita.

b) Realizada a junção, as forças continuam no cumprimento de suas missões.

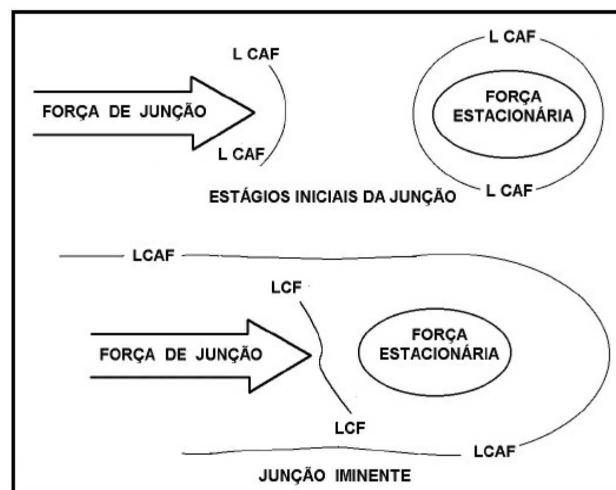


Fig 4-36 Medidas de coordenação e controle de fogos nas operações de junção

4.7.2.3.3 Para mais informações, deve-se consultar o Manual de Campanha Operações Ofensivas e Defensivas (EB-70-MC-10.202), 1ª Ed, 2017.

4.7.3 OPERAÇÃO DE TRANSPOSIÇÃO DE CURSO DE ÁGUA

4.7.3.1 Considerações gerais

4.7.3.1.1 A operação de transposição de curso de água visa a levar o poder de combate para a margem oposta, transpondo um obstáculo aquático, assegurando a integridade e a impulsão das forças. Pode ser imediata ou preparada.

4.7.3.1.2 A transposição imediata é uma operação de transposição de curso de água planejada e executada com um mínimo de perda de impulsão pela tropa que se defronta com o obstáculo. Na transposição preparada, a tropa atacante é obrigada a fazer uma parada para a concentração das forças e dos meios de travessia necessários, caracterizando perda de impulsão.

4.7.3.1.3 Os cursos de água obstáculo impõem restrições ao movimento e à manobra nas Op Ofs; e constituem linhas naturais de resistência para o defensor nas Op Def.

4.7.3.1.4 A operação de transposição de curso de água possui as seguintes características principais:
a) necessidade de grande quantidade de equipamento especializado e de pessoal especialmente instruído e treinado;
b) complexidade de C^2 das U e das GU, em face das restrições de espaço, de trânsito e de comunicações;
c) vulnerabilidade a ataques aéreos e fogos de artilharia; e
d) número limitado de LA.

4.7.3.1.5 A transposição de um curso de água obstáculo, sem passagens utilizáveis e cuja segunda margem encontra-se defendida pelo inimigo, comporta, normalmente, a conquista e a manutenção de uma cabeça de ponte. Nesse caso, a travessia em si do curso de água é apenas um meio para o prosseguimento das operações na segunda margem.

4.7.3.1.6 Manobras desbordantes, buscando transpor o rio obstáculo nos flancos da posição inimiga, devem ser preferidas a manobras frontais que normalmente incidem sobre a parte mais forte do dispositivo inimigo.

4.7.3.1.7 Quando o rio não estiver defendido, serão realizadas travessias de oportunidade e, nesse caso, o planejamento ficará restrito normalmente aos aspectos técnicos do material empregado e de controle de trânsito.

4.7.3.1.8 As características de um curso de água obstáculo de grande vulto poderão inviabilizar a construção e a manutenção de uma passagem contínua sobre o rio. Nesse caso, o comandante deverá considerar se a conquista e

manutenção da cabeça de ponte serão viáveis, sem contar com qualquer meio contínuo de travessia. Caso conclua por sua inviabilidade, a operação terrestre deverá evoluir para uma operação conjunta.

4.7.3.1.9 Quando a Bda, no curso de um Apvt Exi, encontra um rio obstáculo, todos os esforços são realizados para prosseguir o avanço sem paradas ou concentrações de valor significativo em ambas as margens. A transposição deverá ser buscada nas regiões onde o inimigo possa oferecer menor resistência, desbordando-se a P Def principal da força inimiga.

4.7.3.1.10 A Bda empregará suas FT para a conquista de regiões de passagens. A aproximação do rio deve ser feita com a máxima velocidade e em uma larga frente. Na impossibilidade da conquista de pontes intactas, será realizada uma transposição imediata em uma larga frente, tirando proveito, em particular, das características anfíbias das VBTP/VBC Fuz das FT. A transposição imediata é caracterizada pela velocidade e pela surpresa. Todas as estradas que conduzem ao rio devem ser reconhecidas, mesmo aquelas que não conduzam diretamente aos locais de travessia, mas proporcionem alternativas para o planejamento. A preparação dos locais de travessia para a transposição é feita, normalmente, à noite, sob condições de visibilidade reduzida.

4.7.3.1.11 A Bda deverá atribuir às unidades subordinadas as seguintes missões que contribuirão para o êxito e rapidez de uma operação de transposição de curso de água:
a) reconhecimento de locais de travessia;
b) tomada de pontes e locais de travessia intactos;
c) conquista e manutenção de objetivos que dominem os locais de travessia;
d) realização de fintas e demonstrações; e
e) contra-ataque para neutralizar penetrações do inimigo no perímetro da cabeça de ponte.

4.7.3.1.12 O emprego das VBTP ou VBC Fuz das FT numa transposição imediata assegurará as condições mínimas indispensáveis para que a engenharia orgânica da Bda opere os meios descontínuos para a transposição de viaturas não anfíbias.

4.7.3.2 O emprego dos CC na transposição de curso de água

4.7.3.2.1 Em geral, numa operação de transposição de curso de água, os CC serão empregados, inicialmente, como base de fogos, apoiando os elementos de fuzileiros que executam a transposição.

4.7.3.2.2 Deverão ser executados reconhecimentos, a fim de determinar quais as melhores posições para os CC prestarem o apoio de fogo. Os fogos deverão ser coordenados de maneira que possam ser suspensos ou alongados.

4.7.3.2.3 Quando executarem essa missão, os CC deverão receber suprimento de munição adicional, possibilitando serem empregados posteriormente, na 2ª margem, com suas dotações completas.

4.7.3.2.4 Após a conquista da 2ª margem e criadas condições para a transposição de curso de água pela engenharia, os CC reintegram-se ao escalão de assalto, a fim de prestarem o apoio necessário ao prosseguimento da operação.

4.7.3.2.5 Os CC desempenharão importante missão na neutralização de penetrações inimigas no perímetro da cabeça de ponte e no Aptv Exi da operação de transposição.

4.7.3.3 O emprego dos Fuz Bld na transposição de curso de água

4.7.3.3.1 Os Fuz Bld são particularmente aptos para a transposição de cursos de água obstáculos já que suas viaturas são anfíbias. Entretanto, podem dispor de pessoal especializado para realizar o reconhecimento das margens e melhor aproveitar as possibilidades anfíbias das VBC Fuz (ou VBTP).

4.7.3.3.2 Uma vez que a área de travessia tenha sido selecionada, o comandante determina o número de locais de travessia. Os primeiros elementos, ao se aproximarem do curso de água obstáculo, procuram determinar o valor e o dispositivo do inimigo e identificar os locais de travessia. O objetivo inicial é eliminar as posições inimigas na primeira margem.

4.7.3.3.3 Em cursos de água fracamente defendidos, grupos de fuzileiros cruzam o rio e se apossam da segunda margem. Os CC e outras viaturas blindadas apoiam, pelo fogo direto, os reconhecimentos e as operações na cabeça de ponte. Após a engenharia cerrar e lançar seus meios de transposição de cursos de água, os CC e o restante das FT cruzam o rio, reunindo-se aos Fuz Bld.

4.7.3.3.4 Em cursos de água fortemente defendidos, serão realizadas operações de transposição de cursos de água coordenadas pelo escalão DE. A Bda Bld deverá empregar as FT Bld inicialmente na conquista da cabeça de ponte ou após o lançamento das passagens sobre o rio (portadas ou pontes), com a missão de alargar a cabeça de ponte ou aproveitar o êxito.

4.7.3.4 Para mais informações, deve-se consultar o Manual de Campanha Operações de Transposição de Cursos de Água (C 31-60), 2ª Ed, 1996.

4.7.4 OPERAÇÃO DE ABERTURA DE BRECHA

4.7.4.1 Generalidades

4.7.4.1.1 A operação de abertura de brechas é o emprego de técnicas, táticas e procedimentos visando a projetar poder de combate para o outro lado de um obstáculo, exigindo uma preparação e a abertura de uma passagem ou caminho através do obstáculo inimigo, para permitir a progressão de pessoal ou tropas. É, em última análise, uma operação sincronizada envolvendo elementos de manobra e de apoio ao combate. Sob vários aspectos, constitui uma das mais difíceis ações táticas que poderão ser executadas pela Bda Bld.

4.7.4.1.2 A Bda poderá participar de uma operação de abertura de brecha, conduzida pela DE que a enquadra ou durante uma Op Ofs conduzida pela própria Bda Bld.

4.7.4.1.3 A operação de abertura de brecha é uma operação que apresenta as seguintes condicionantes:
a) necessidade de grande quantidade de equipamento peculiar e de pessoal especializado;
b) superioridade aérea nos momentos e locais escolhidos para a abertura de passagens; e
c) maciça superioridade de poder de combate, particularmente no que se refere ao apoio de fogo e engenharia.

4.7.4.2 A Bda Bld na abertura de uma brecha

4.7.4.2.1 A Bda Bld, conduzindo uma Op Ofs, poderá deparar-se com um obstáculo lançado pelo inimigo, de tal vulto, que exija a necessidade de realização de uma operação para a sua ultrapassagem.

4.7.4.2.2 Normalmente, a Bda Bld organizará seus elementos subordinados em três grupamentos para a operação de abertura de brecha, durante uma Op Ofs conduzida pela própria Bda:
a) força de apoio, com a missão de eliminar a capacidade do inimigo de interferir na operação, particularmente sobre o local selecionado para brecha. Em princípio deverão integrar essa força Elm CC e Fuz Bld;
b) força de abertura de brecha, com a missão de criar as passagens que possibilitarão à força de assalto transpor o obstáculo e prosseguir no ataque em direção aos seus objetivos. É dela também a responsabilidade de balizar a brecha aberta e seus pontos de entrada e saída. A força de abertura de brechas é essencialmente uma força composta por elementos de manobra e engenharia de combate. Em princípio, essa força será composta tendo por base Elm Fuz Bld da Bda, apoiada pelos elementos necessários BE Cmb Bld; e

c) força de assalto, com a missão principal de cerrar para a conquista dos objetivos da Bda, quer sejam estes orientados ao terreno, quer consistam em destruir o inimigo. Secundariamente, poderá receber a missão de auxiliar na neutralização do inimigo, durante os trabalhos de redução pela força de abertura de brechas. A força de assalto é composta basicamente por elementos de manobra fortes em CC, podendo ser apoiada por elementos de engenharia necessários à limpeza das posições inimigas, particularmente o entrincheiramento típico das posições organizadas.

4.7.4.2.3 A artilharia de campanha da Bda deverá apoiar as ações da força de apoio, particularmente com fogos profundos e pelo emprego da fumaça (obscurecimento).

4.7.4.2.4 Para mais informações sobre a operação de abertura de brechas, deve-se consultar o Manual de Campanha Operações (EB70-MC-10.223), 5ª Ed, 2017.

4.7.5 OPERAÇÃO EM ÁREA EDIFICADA

4.7.5.1 Considerações Gerais

4.7.5.1.1 Operação em área edificada é aquela realizada com o propósito de obter e manter o controle de parte ou de toda uma área edificada, ou para negá-la ao inimigo.

4.7.5.1.2 Nesse contexto, áreas edificadas são aquelas em que estão inseridos elementos distintos que se inter-relacionam de forma intensa, tais como: população, infraestruturas, terreno e meios de comunicação de massa.

4.7.5.1.3 Áreas edificadas caracterizam-se como acidentes capitais, normalmente, em função do controle de vias de transporte e passagem sobre rios obstáculos, de domínio de vias fluviais navegáveis, da existência de um porto ou aeroporto, da existência de parque industrial e tecnológico, dentre outros.

4.7.5.1.4 Por se desenvolver em terreno humanizado, destaca-se a importância do estudo dedicado às considerações civis, durante o planejamento e a condução das operações.

4.7.5.1.5 As construções e a população conferem às operações de combate em área edificada as seguintes características principais:
a) canalização do movimento;
b) dificuldade de prover apoio mútuo;
c) ações táticas descentralizadas e executadas por pequenas frações;
d) predomínio do combate aproximado;

e) dificuldade de localizar e identificar o inimigo;
f) preocupação com efeitos colaterais;
g) menor velocidade nas operações;
h) observação e campos de tiro reduzido;
i) maior necessidade de segurança em todas as direções;
j) importância do apoio da população; e
k) dificuldade de comando e controle.

4.7.5.1.6 As infraestruturas críticas (água, energia elétrica, saúde, combustíveis, alimentação, comunicações, dentre outras) são objetivos importantes e, sempre que possível, devem estar sob controle de nossas forças, devendo ser protegidas.

4.7.5.1.7 Para mais detalhes sobre as operações em áreas edificadas, deve-se consultar os Manuais de Campanha Operações (EB70-MC-10.223), 5ª Ed, 2017, e Batalhão de Infantaria (C 7-20), 3ª Ed, 2003.

4.7.5.2 A Brigada Blindada no Ataque a uma Área Edificada

4.7.5.2.1 Generalidades
a) A Bda Bld pode ter de combater em áreas edificadas, particularmente, para limpar essa área defendida e prosseguir seu avanço, para manter abertas as vias de comunicações terrestres críticas ou quando da inexistência de elementos mais aptos à realização de tais ações.
b) Quando possível, as áreas edificadas devem ser desbordadas e isoladas.

4.7.5.2.2 Emprego de Blindados no Ataque a uma Área Edificada
a) As características das Vtr Bld como poder de fogo, ação de choque, mobilidade, proteção blindada auxiliam a ofensiva em uma área edificada. A precisão do sistema de controle de tiro e a ampliada capacidade de observação dos blindados oferecem vantagens em relação a outros tipos de tropa. Entretanto, os campos de tiro restritos, os escombros e entulhos e a impossibilidade de se impor grandes velocidades dentro das áreas construídas fazem com que um estudo judicioso dos fatores da decisão seja determinante no resultado do emprego de blindados em um ataque nesse tipo de ambiente. Deve-se levar em conta que a capacidade de concentração e dispersão dos meios blindados em determinados pontos da Z Aç, aumentam o poder relativo de combate em local e momento decisivo para a manobra.
b) Os blindados modernos, por possuírem sistema de controle de tiro avançado, podem executar tiros com alto grau de precisão, evitando efeitos colaterais e contribuindo para o cumprimento das regras de engajamento. Os equipamentos de visão noturna e termal (optrônicos) das viaturas blindadas são extremamente úteis para busca e localização de alvos, bem como para vigilância e observação de setores e vias de acesso.

c) Os elementos de manobra da Bda Bld (BIB e RCC), com seus CC e seus Fuz Bld, devem ser empregados tanto no ataque como na defesa de uma área edificada, constituindo FT. O combinado fuzileiro-carro possibilita um incremento nas possibilidades dessas tropas e reduz suas limitações.
d) Os CC e as viaturas blindadas são utilizados para neutralizar as posições inimigas pelo fogo dos canhões e metralhadoras e para permitir aos fuzileiros blindados cerrarem sobre o inimigo para destruí-lo. Pode-se utilizar o apoio de fogo dos CC para destruir posições fortificadas e barricadas.
e) Os CC têm capacidade de abrir pontos de entrada nos edifícios, isolar objetivos conquistados dentro da área construída, destruir muros e obstáculos de arame para a tropa a pé, rebocar outras viaturas blindadas, desobstruir vias e realizar fogo contra blindados inimigos. Deve-se atentar para a escolha correta do tipo de munição a ser utilizada, a fim de se buscar o máximo de eficiência e, também, dar segurança à tropa a pé, evitando baixas desnecessárias.
f) As viaturas blindadas podem, também, ser utilizadas para transporte alternativo de pessoal, material, água, munição e outros materiais dentro da área edificada. Outra possibilidade dos blindados é a de facilitar o acesso da tropa a andares superiores das edificações. Nesse caso, os fuzileiros utilizam as viaturas, basicamente, para acessar o segundo andar das edificações.
g) Para alcançar-se uma eficiente combinação de fuzileiros blindados e CC, a tropa desembarcada deve se comunicar com as viaturas blindadas através do estabelecimento de códigos de mensagens visuais e, quando possível, pela utilização do telefone existente na retaguarda dos CC e das viaturas blindadas. Sinais ou marcadores também devem ser estabelecidos para indicar quais edificações já foram limpas pela tropa a pé.
h) A designação de alvos entre a tropa desembarcada e os blindados deve ser estabelecida através de padronizações no âmbito da tropa como um todo. Como exemplo, pode-se prever a designação das edificações de acordo com a sua direção (processo do relógio), particularidades (cores e formatos), face da edificação (tomada como referencial a direção de deslocamento), o andar (sempre do mais baixo para o mais elevado) e a janela (sempre da esquerda para a direita).
i) Em uma ofensiva na área edificada, os blindados podem ser empregados nas 3 (três) fases do ataque: isolamento, conquista de área de apoio na periferia e progressão no interior da área edificada.
j) Na fase do isolamento, os CC são empregados fora da área construída, cobrindo as avenidas de maior tráfego e alta velocidade que abordam a área edificada, a fim de apoiar as demais fases do ataque e, também, para prevenir a chegada de reforços do inimigo. O Esqd C Mec poderá ser empregado nas demais VA, a fim de se completar o isolamento da região. Nessa fase, a Bda poderá, também, empregar o seu Esqd C Mec (em função do tamanho da área edificada), de forma a preservar as suas FT U Bld para o investimento da área edificada.

k) Na fase de conquista de área de apoio na periferia, os CC permanecem fora da área construída para apoiar, por meio do fogo direto de seus canhões, o assalto as primeiras edificações da área edificada. As demais viaturas blindadas podem progredir junto com os fuzileiros blindados, responsáveis pelo assalto, a fim de dar-lhes relativa proteção no deslocamento em terreno descoberto. Nesse deslocamento, os fumígenos das viaturas blindadas podem ser utilizados com objetivo de negar a observação da tropa por parte dos inimigos existentes na orla e no interior da área edificada.

l) Na fase de progressão no interior da área edificada, as viaturas blindadas serão empregadas tanto no investimento seletivo quanto no investimento sistemático.

m) No método seletivo, o emprego de CC e viaturas blindadas deve ser priorizado, devido a sua velocidade de deslocamento, proteção blindada e poder de fogo. Os fatores da decisão indicarão quais meios blindados serão necessários para atingir-se o objetivo estabelecido no interior da área construída. Deve-se levar em consideração, por exemplo, o armamento utilizado pela tropa inimiga e a consequente necessidade de maior ou menor blindagem nas viaturas, bem como as características da área edificada quanto à mobilidade das viaturas. Em geral, as viaturas blindadas sobre lagartas são mais manobráveis do que as viaturas blindadas sobre rodas, por realizarem curvas com raios menores e, por vezes, realizarem o pivotamento; e pela capacidade de transporem escombros com mais facilidade.

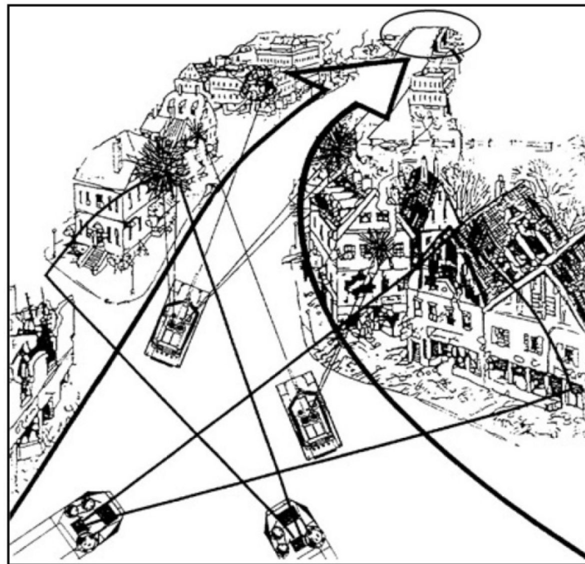


Fig 4-37 Progressão no interior da Área Edificada
Método Seletivo

n) O Investimento Seletivo pode ser empregado para aproveitar-se uma oportunidade de enfraquecimento do inimigo ou quando se faz necessário atingir determinados acidentes capitais dentro da área edificada e o fator tempo é prioridade. Nessa oportunidade, algumas posições conhecidas do inimigo serão isoladas ou ignoradas para que o objetivo principal seja atingido dentro do prazo estabelecido. Nessa situação, algumas edificações de maior importância no eixo que conduz ao objetivo principal poderão ser conquistadas e limpas pela tropa de fuzileiros blindados.
o) Para realizar-se um investimento seletivo, deve-se planejar, no mínimo, 02 (dois) eixos de aproximação. Com isso, caso em um deles o movimento da tropa seja interrompido, o cumprimento da missão não ficará prejudicado, devido à possibilidade da tropa deslocar-se pelo outro eixo.
p) No método sistemático, onde é feita a limpeza de todas as casas e edificações dentro da Z Aç da tropa, os blindados deverão acompanhar o deslocamento da tropa desembarcada proporcionando, principalmente, apoio de fogo durante os deslocamentos. Os Fuz Bld serão utilizados para designar alvos, assaltar e destruir posições inimigas, realizar limpeza de edificações e neutralizar e destruir armas anticarro.



Fig 4-38 Apoio de fogo das VBC CC para a progressão dos Fuzileiros

q) A baixa velocidade de progressão no método sistemático e as ameaças em todas as direções dentro de uma área edificada deixam as viaturas blindadas muito vulneráveis, durante o avanço casa a casa. Dessa forma, o emprego da tropa desembarcada, prestando apoio mútuo aos blindados, torna-se imprescindível nesse tipo de situação.
r) A progressão dos CC deverá ser realizada, prioritariamente, à frente dos fuzileiros desembarcados. Nesse deslocamento, o avanço dos carros será de quarteirão em quarteirão para que a tropa a pé execute a limpeza das edificações à medida que o carro de combate avança. A distância entre os CC e os fuzileiros desembarcados não pode ser grande, a ponto do apoio mútuo entre eles ser perdido e o carro ser destruído por forças AC inimigas.

s) O apoio de Fuz Bld na segurança aproximada das viaturas blindadas visa, também, a diminuir a limitação dos blindados quanto à realização de tiros em andares mais elevados ou nas partes inferiores das edificações que se encontram mais próximas. A tropa desembarcada tem melhor capacidade de observação nessas direções e devem proteger as viaturas blindadas contra os fuzileiros inimigos e suas armas AC.

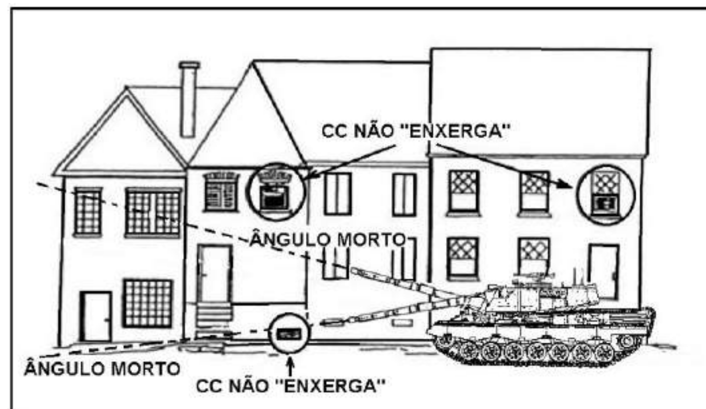


Fig 4-39 Observação restrita das VBC CC

t) Em áreas edificadas, os CC são melhores empregados em pares (Seção) devido à restrição de espaço nas ruas da área. Caso a situação permita, a seção será empregada em uma mesma via e cada carro deverá ocupar um lado da rua, direcionando seus tiros nos andares mais baixos das edificações à frente. Os fuzileiros desembarcados seguirão à retaguarda dos blindados, provendo segurança nas laterais e retaguarda com foco nas posições mais elevadas.

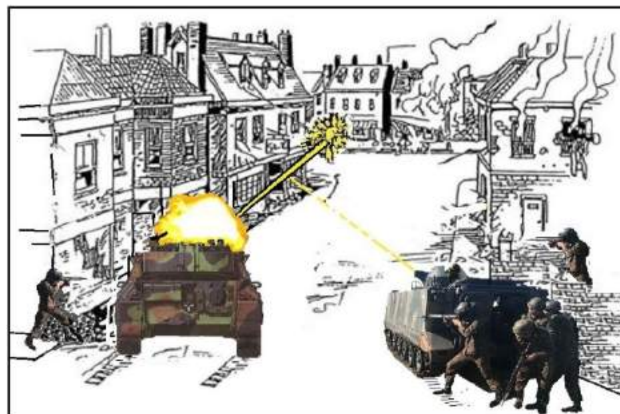


Fig 4-40 Apoio dos fuzileiros desembarcados às viaturas blindadas

u) Nas situações onde os fuzileiros desembarcados estejam se deslocando à frente dos CC, deve-se priorizar o avanço da tropa a pé por dentro das edificações, para que as ruas fiquem livres para o apoio de fogo dos CC. Nesse caso, deve haver uma coordenação cerrada entre estas tropas para que o avanço no interior das edificações seja acompanhado pelos CC na rua. O direcionamento dos fogos dos CC, caso existam fuzileiros progredindo na sua frente, será nos andares mais altos das edificações à frente da tropa, proporcionando relativa segurança para a tropa desembarcada realizar o assalto dessas posições.
v) Dentro de áreas construídas, as ações de combate serão, muitas vezes, abaixo do escalão SU. Deve-se ter em mente que a obrigatoriedade de se cumprir diferentes missões na Z Aç, com inimigos fortemente equipados, pode acarretar na necessidade de se constituir FT, inclusive no nível pelotão.
w) Nas áreas abertas existentes entre as edificações, deve haver coordenação para garantir-se o apoio mútuo entre a tropa desembarcada e os CC. O emprego de fumígenos nestas áreas deve ser executado para que os deslocamentos sejam cobertos da visada do inimigo.
x) A logística para o emprego de blindados em área edificada deve estar mais cerrada aos elementos de manobra. Em situações nas quais o blindado venha a ser imobilizado, deve-se ter a capacidade de retirá-lo rapidamente desse local com outras viaturas blindadas, para que ele não venha a se constituir num alvo estático e seja destruído por equipes de armas anticarro do inimigo.

4.7.5.2.3 A Brigada Blindada no Ataque a uma Área Edificada
a) Generalidades
- A Bda Bld ataca uma área edificada empregando uma força de isolamento e uma força de investimento.
- A força de isolamento conquista as regiões que cortam as vias de entrada e saída, bloqueando a área edificada e as áreas que permitem apoiar o investimento. Essa força tem como missão destruir as forças inimigas que tentem entrar ou sair da localidade, bem como apoiar a força de investimento.
- A força de investimento constitui-se basicamente de Fuz Bld, reforçados por elementos de CC e é a que progride no interior de área edificada. Os objetivos no interior da área edificada são selecionados para dividir a defesa inimiga.
b) Fases do Ataque a uma Área Edificada
- O ataque a uma área edificada se realiza em três fases: isolamento da área edificada, conquista de uma área de apoio na periferia da área edificada e progressão no interior dessa área.
- A primeira fase (isolamento da área edificada) destina-se a isolar a área edificada pela posse dos acidentes capitais que dominam as VA até ela. O atacante ocupa posições fora da área edificada, de onde possa fornecer apoio de fogo à entrada dessa área e à progressão através dela. O principal do isolamento é impedir que o inimigo receba reforços ou suprimentos.

- A segunda fase (conquista de uma área de apoio na periferia da área edificada) consiste na progressão das forças do escalão de ataque para a área edificada e a conquista de prédios ou áreas de apoio na orla anterior da área edificada, para eliminar ou reduzir a observação terrestre e o tiro direto do defensor sobre as VA. As cobertas e abrigos oferecidos por esses prédios conquistados na periferia da cidade (área de apoio) permitem ao atacante descentralizar o controle e deslocar para frente as armas de apoio e as reservas.

- A terceira fase (progressão no interior da área edificada) consiste na progressão da tropa ao longo de sua Z Aç no interior da área edificada. Ela pode ser feita por um investimento sistemático, seletivo ou misto.

c) Tipos de Investimento da Área Edificada

- O investimento sistemático ocorre quando é empregada a forma de manobra tática: ataque frontal. Tradicionalmente, esse método preconiza a realização de uma limpeza em toda a Z Aç. Atualmente, realizada por FT Blindadas, a limpeza não necessariamente precisará ser executada casa a casa. O atacante pode progredir de forma sistemática e organizada, revistando somente as casas e prédios identificados previamente pela inteligência como suspeitos de estarem sendo utilizados pelo inimigo.

- O investimento seletivo difere da progressão sistemática, pois tem como foco a "manobra", em vez de conquistar e manter o "terreno". Difere, ainda, nos tipos de manobras táticas utilizadas: enquanto o sistemático se vale do ataque frontal, o seletivo utiliza a infiltração, a penetração, o desbordamento e o envolvimento. Dessa forma, o CG do inimigo deve ser localizado e atacado por meio de incursões em profundidade no interior da cidade. Estas incursões consistem em empregar o escalão de ataque embarcado, por eixos de progressão, somente desembarcando quando necessário. A limpeza das áreas ultrapassadas é realizada pela reserva.

- O investimento misto é a combinação dos outros dois tipos e pode ser utilizado quando a força atacante realiza os dois tipos ao mesmo tempo ou quando inicia o seu ataque com um tipo e posteriormente surge a necessidade de passar para o outro. É sempre desejável evitar a frente onde o inimigo possui maior poder de combate. No combate em área edificada, permanece a necessidade de selecionar um esforço principal e esforços secundários.

- Alteração no tipo de investimento durante a progressão: a Bda Bld poderá iniciar seu ataque realizando um tipo de investimento e ter que alterar para o outro, ou conduzir um investimento sistemático para fixar a frente principal do inimigo, possibilitando um investimento seletivo na frente mais fraca, com a finalidade de conquistar objetivos importantes no interior da localidade. Uma manobra em que o inimigo escolha empregar maior quantidade de tropa em um quarteirão, em detrimento de outros, dentro da mesma área, poderá exigir da força atacante a execução de um investimento misto. Na porção considerada mais importante pelo inimigo, e que se encontra fortemente defendida, o atacante poderá realizar a progressão sistemática e, na porção considerada menos importante, utilizar o investimento seletivo.

d) Planejamento do Ataque a uma Área Edificada

- Quando a Bda Bld constituir ou integrar o elemento encarregado apenas do investimento da localidade, enquanto outros elementos a desbordam ou isolam, receberá objetivos definidos e limitados no interior dessa área. Quando, entretanto, a área edificada estiver contida por inteiro na sua Z Aç, ela poderá constituir o objetivo de uma das unidades, enquanto outros elementos a isolam.

- Caso seja necessário empregar mais de uma unidade para a conquista da área edificada, a Bda Bld deverá marcar objetivos de U em seu interior.

- Quanto à sua posição relativa, os objetivos marcados aos elementos subordinados podem estar situados fora da área edificada, em acidentes capitais dominantes das VA, para os elementos encarregados de isolá-la, ou nas orlas anterior e posterior da área; e, às vezes, entre ambas as orlas, para os elementos encarregados da limpeza da área edificada.

- No interior da área edificada podem ser designados como objetivos: instalações de utilidade pública, tais como estações de estrada de ferro, usinas de energia elétrica, estações elevatórias ou de captação e tratamento de água, postos telefônicos, portos, aeródromos, pontes etc; instalações militares, como quartéis, fortificações etc; edifícios da administração pública; pontos dominantes; e edificações de importância para o cumprimento da missão da unidade.

- A forma geométrica da maioria das áreas edificadas facilita a designação de objetivos. O objetivo da orla anterior permite ao atacante reajustar seu dispositivo, cerrar à frente as armas de apoio e descentralizar o controle, tendo em vista a progressão no interior dessa área. O objetivo da orla posterior, caracterizando a ultimação da limpeza da área edificada, possibilitará, se for o caso, o reajustamento e os reconhecimentos para o desembocar dessa área, no prosseguimento das operações. Os objetivos entre as orlas anterior e posterior atendem às necessidades de coordenação, limpeza e segurança.

- Em virtude da extrema compartimentação da área edificada e das consequentes dificuldades de observação e de ligação, o controle tende a descentralizar-se até os menores escalões de comando, como pelotão e mesmo grupo de combate, transformando-se o combate em uma série de pequenas ações independentes.

- As FT U Bld devem assegurar o controle das operações, marcando L Ct, geralmente em ruas. As L Ct dispensam os objetivos marcados entre as orlas anterior e posterior da área edificada, com o propósito de coordenação. Têm papel preponderante no controle do ataque, particularmente, durante a terceira fase, e serão designadas pelos diversos comandos até o escalão pelotão, inclusive.

- Nas zonas densamente construídas, os limites passarão, normalmente, por um dos lados da rua, ficando a área da rua incluída na Z Aç de um único elemento. Nas demais zonas da área edificada, os limites passam por dentro dos quarteirões, pelos quintais, de sorte que ambos os lados da rua ficam incluídos na zona de um mesmo elemento.

e) Execução do Ataque a uma Área Edificada

- O ataque se desenvolve na sequência das três fases que comporta o seu planejamento. Não há, quanto à execução, demora prolongada entre a segunda e terceira fases. Uma vez conquistada a área de apoio e cerrados os meios à frente, tem início a terceira fase, como natural prosseguimento da segunda.

- Um plano de ataque detalhado pode ser confeccionado com base em plantas atualizadas da cidade e por intermédio de informações complementares fornecidas por desertores e civis que lá tenham vivido.

- As operações em áreas edificadas podem tomar uma característica dimensional favorável ao atacante. Pode-se, algumas vezes, ultrapassar quarteirões fortemente defendidos, progredindo por baixo dos mesmos, utilizando redes de esgotos, metrôs ou outras passagens subterrâneas. Outras vezes, poderão ser utilizados os tetos, terraços ou sótãos dos edifícios. O processo a utilizar varia em cada caso, pois deve-se esperar que o defensor tome as medidas para bloquear VA às suas posições.

- A conquista da área de apoio processa-se de maneira semelhante ao ataque a uma posição organizada em qualquer terreno. A fim de neutralizar as vantagens do defensor quanto à observação, campos de tiros e abrigos, a progressão para a orla da cidade se fará sob a proteção de fogos intensos de metralhadoras, morteiros, CC, artilharia e fogos aéreos, se disponíveis. Empregam-se fumígenos com frequência, seja para cegar observatórios, seja para encobrir movimentos em terrenos descobertos.

- Após a conquista da área de apoio, na orla, o escalão de ataque deve ser reorganizado, de forma a permitir o reajuste do dispositivo, os deslocamentos das armas de apoio e das reservas para a orla da área edificada o e reajustamento dos planos feitos para a terceira fase. A demora na área de apoio deve ser reduzida ao estritamente necessário para essa reorganização.

- Durante a progressão no interior da área edificada as ações se descentralizam para os comandos subalternos até o escalão pelotão e, muitas vezes, grupo de combate. A progressão é lenta e coberta pelo fogo. Se possível, o escalão de ataque evita progredir pelas ruas, porque são batidas pelos fogos inimigos. Sua progressão será feita através dos quintais ou dos quarteirões, através dos prédios, por brechas nas paredes ou pelos telhados. As ruas transversais, mesmo que não tenham sido designadas como L Ct, apresentam, às pequenas unidades, uma ocasião de reajuste do dispositivo, antes de prosseguir para a conquista do quarteirão seguinte. As reservas das U subordinadas devem progredir o mais à frente possível para maior segurança do escalão de ataque, não apenas nos flancos mas, também, à retaguarda, ocupando prédios já conquistados, para impedir a sua retomada pelo inimigo.

- Nas áreas edificadas fortemente defendidas, a limpeza é feita casa a casa, quarteirão por quarteirão, pelo escalão de ataque, à medida que progride.

- Nas áreas edificadas fracamente defendidas, o primeiro escalão progride rapidamente através da área edificada para conquistar as saídas na orla posterior. A reserva toma a seu cargo a limpeza da área.

- As restrições do combate, no interior das áreas edificadas e as dificuldades de movimento, observação e comunicações tornam maiores as necessidades de reservas nos escalões inferiores do que nos superiores. Em consequência, a reserva da Bda Bld será, normalmente, menor que a do combate normal. Ela deverá ter como missões básicas repelir contra-ataques e realizar a limpeza das resistências desbordadas, podendo, ainda, receber missão de: proteger um flanco exposto; atuar no flanco, sobre resistência inimiga que detenha uma unidade do escalão de ataque, beneficiando-se da progressão da unidade mais avançada; substituir um elemento do escalão de ataque; e corrigir erros de direção.

f) Emprego do Esqd C Mec da Bda Bld no Ataque a uma Área Edificada

- O Esqd C Mec poderá ser empregado, eventualmente, no ataque à área edificada como peça de manobra, como reserva e como elemento de segurança, na proteção da tropa que ataca a área edificada, retardando ou impedindo a chegada de reforços para o inimigo ou a sua retirada.

g) Emprego da Artilharia de Campanha no Apoio ao Ataque a uma Área Edificada

- Durante o combate em áreas edificadas, a artilharia de campanha poderá ser empregada em apoio geral à sua Bda e/ou em apoio direto às FT U Bld.

- Na 1ª fase do ataque (isolamento), a artilharia apoia com seus fogos a conquista ou a ocupação dos acidentes capitais, que permitem isolar a área edificada, e pode executar fogos sobre posições inimigas, localizadas na orla anterior da área e que estejam executando alguma ação sobre as tropas amigas.

- Na 2ª fase do ataque (conquista da área de apoio), a artilharia pode ser empregada para manter isolada a área, colocando seus fogos sobre as VA que conduzem aos acidentes capitais que dominam a área, nas saídas da área edificada, para evitar a chegada de reforços ou suprimentos para a guarnição que defende a cidade e para destruir os elementos que tentem a se evadir.



Fig 4-41 VBC O AP realizando tiro direto sobre uma posição fortificada inimiga

- Na 3ª fase do ataque (progressão no interior da área), podem ser realizados tiros previstos sobre cruzamentos de ruas ou edifícios destacados. Todavia a eficácia do apoio de artilharia decresce sensivelmente em virtude da precariedade de observação e da proximidade das tropas amigas em relação aos alvos, podendo ser necessário um recuo da tropa atacante para que a artilharia atire sobre uma posição obstinadamente defendida. Tal procedimento é perigoso por permitir que o inimigo reocupe os edifícios que foram evacuados. A artilharia de campanha autopropulsada da Bda Bld poderá apoiar de forma cerrada as FT U Bld durante essa fase, explorando a facilidade de suas VBC O AP para a seleção e ocupação das posições de tiro e também no deslocamento para as mudanças de posição. A descentralização da artilharia, chegando até a situação de reforço, é mais frequente em virtude da necessidade de uma ligação e coordenação mais efetiva com os elementos de 1º escalão.

- Nesse tipo de combate, as medidas de coordenação de fogos devem ser cuidadosamente planejadas devido à proximidade entre as forças amigas e inimigas. Ao planejar o apoio direto de uma Bia O AP a uma FT U Bld, em combate numa área edificada, o comandante da FT U Bld e seu Cmt Bia O devem atentar para o terreno dessa área edificada, que fornece ao inimigo um maior número de posições cobertas e abrigadas que um terreno aberto; para a limitação que a área edificada impõe à observação terrestre; para a difícil execução da condução e da correção do tiro, pelo bloqueio das áreas dos alvos pelos edifícios e outras construções; para a dificuldade da aquisição de alvos, em função das muitas posições e itinerários de deslocamento cobertos e abrigados do inimigo; para a dificuldade dos observadores avançados (OA) determinarem os espaços mortos proporcionados pelas edificações (ângulos mortos); e para o emprego eficaz de granadas com espoleta tempo, a fim de limpar posições de caçadores nos telhados dos prédios.

- As FT U Bld devem considerar a possibilidade de empregar a Bia O AP em apoio direto, na execução de tiros diretos, junto aos elementos em 1º escalão, para destruir fortificações, casamatas e posições fortificadas, particularmente, quando atacando posições inimigas bem preparadas.

- No combate em área edificada deve ser considerada a necessidade de se estabelecer medidas de coordenação de fogos restritivas (linha de restrição de fogos, área de restrição de fogos ou áreas de fogo proibido), a fim de se proteger locais ocupados por civis ou instalações críticas no interior da localidade.

h) Emprego da Bia AAAe AP no Ataque a uma Área Edificada

- Os meios antiaéreos da Bia AAAe AP da Bda Bld podem ser empregados em missões terrestres no ataque a uma área edificada, desde que sem prejudicar a sua missão principal de defesa antiaérea.

- As frações AAe da bateria podem ser empregadas para neutralizar posições inimigas fora dos prédios, nos telhados das edificações e em posições próximas às áreas ocupadas por tropas amigas.

- As VBC AAe serão empregadas, nesse caso, de forma semelhante às VBC CC, VBC Fuz e VBR, de posições localizadas à retaguarda dos elementos de 1º escalão.

i) Emprego do BE Cmb Bld no Ataque da Bda Bld a uma Área Edificada

- A engenharia da Bda poderá ser empregada na execução de demolições e para realizar a limpeza de campos de minas AC e AP e de armadilhas nas VA e outras áreas, além da limpeza de destroços e outras barreiras nas principais ruas e estradas.

- Normalmente, cada FT U Bld que realiza o ataque deverá receber um pelotão de engenharia em apoio direto.

- As VBE Eng poderão atuar junto aos elementos de 1º escalão, contribuindo para aumentar a velocidade de progressão das viaturas blindadas, atuando cerradamente na desobstrução das ruas, construindo passagens nas valas anticarro e apoiando os trabalhos do pelotão de engenharia em apoio às FT U Bld que realizam o ataque.

4.7.5.3 A Brigada Blindada na Defesa em Área Edificada

4.7.5.3.1 Generalidades

a) As áreas edificadas constituem obstáculos ao movimento, não só das forças amigas de contra-ataque como das inimigas que atacam. Deve ser considerada a possibilidade de conduzir a defesa fora da área edificada, em regiões adjacentes. Muitas vezes, alguns elementos de uma Bda Bld podem manter uma área edificada, enquanto o restante realiza contra-ataque fora dela.

b) A defesa de uma área edificada é organizada em torno de acidentes capitais do terreno e de partes importantes da área edificada que possibilitem a manutenção da integridade da defesa e proporcionem facilidades ao movimento ou à liberdade de ação do defensor. Sistemas subterrâneos podem facilitar o movimento das forças e proporcionar abrigos contra fogos inimigos. É feito o máximo emprego dos escombros e de outros obstáculos; e a defesa é organizada em profundidade.

4.7.5.3.2 Emprego de Blindados na Defesa de uma Área Edificada

a) Os meios blindados em uma defesa de uma área edificada não poderão ser empregados na sua plenitude, apesar das edificações oferecerem vantagens ao defensor.

b) Em uma defesa, os CC serão empregados, prioritariamente, contra os CC inimigos. As informações sobre os meios blindados listadas no item 4.7.5.2.2, Emprego de Blindados no Ataque a uma Área Edificada, servirão para auxiliar o planejamento da utilização das viaturas blindadas na defesa de uma área edificada.

c) Dentro de uma área edificada, as ruas e avenidas devem ser preparadas, a fim de que a observação aérea nessas regiões possa ser bloqueada. A utilização de redes de camuflagens presas nas edificações, de ambos os lados das ruas, passando por sobre esses locais, é um exemplo simples que poderá

negar a observação aérea e a identificação dos meios blindados que estiverem posicionados sobre esses eixos. Os blindados poderão, também, ocupar áreas de espera nos pisos inferiores das edificações, dentro de garagens e túneis para minimizar essa observação aérea sobre eles.
d) Se no planejamento da Bda Bld para uma defesa de área edificada estiver previsto o emprego de F Seg, deve-se dar prioridade para o emprego de viaturas blindadas na ocupação dos PAC e/ou PAG. Dessa forma, serão aproveitadas ao máximo as capacidades das viaturas blindadas em proveito da operação, ao engajarem o inimigo o mais à frente possível da área edificada, retardando-o e desorganizando-o, dentro de suas possibilidades.
e) Caso seja possível, os blindados devem ser utilizados para repelir o ataque inimigo antes da sua aproximação da área edificada. Os meios blindados podem ser utilizados em contra-ataques de desorganização em terreno aberto.



Fig 4-42 VBC CC engajando viatura blindada inimiga em área edificada

f) O entorno da área edificada, quando possível, deve ser explorado ao máximo pelos CC e viaturas blindadas antes da entrada do inimigo na área edificada. Dessa maneira, a mobilidade, o poder de choque e a capacidade ampliada de observação dos blindados serão empregados em terreno mais favoráveis e com campos de tiro mais amplos e profundos.
g) Em uma área edificada isolada, os CC devem ser utilizados para compor a reserva. Desta forma, buscar-se-á empregar os CC em contra-ataques de destruição ou de restabelecimento de posição.
h) O Sistema de Arma Remotamente Controlado (SARC) existente em algumas viaturas blindadas, permite uma maior precisão do tiro e diminui a exposição de militares aos fogos inimigos. Dessa forma, devem ser previstas posições defensivas onde o blindado tenha capacidade de estar abrigado enquanto utiliza seu SARC para engajar o inimigo.
i) Os meios blindados, principalmente os CC, deverão compor a força móvel, que deverá ser empregada para a destruição do inimigo.

j) A análise do inimigo será um dos fatores que balizará o emprego dos meios blindados dentro da área edificada. Caso o inimigo não disponha de armas anticarro ou CC, os blindados da força de defesa poderão ser utilizados de maneira estática, com a finalidade de barrar VA no interior da área. Caso contrário, o emprego dos blindados deverá ser, prioritariamente, planejado para as ações móveis.

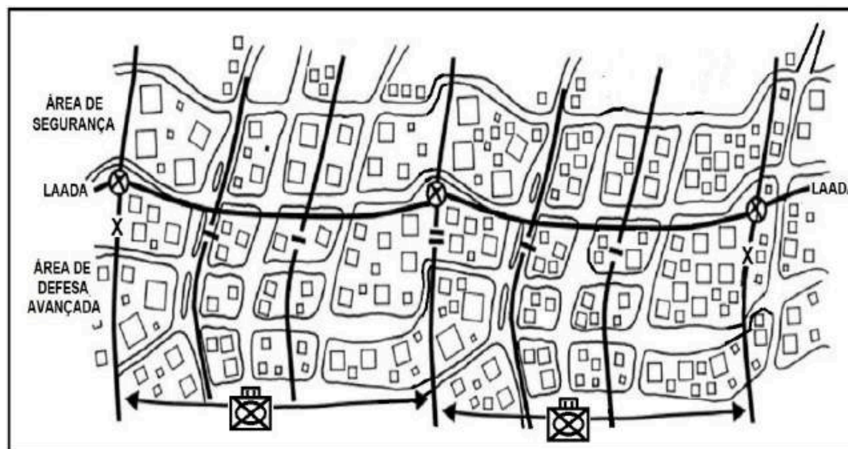


Fig 4-43 Defensiva em uma área edificada

k) Na defesa de uma área edificada, serão poucas as oportunidades de manobrar os CC. Sua participação em contra-ataques, integrando a reserva ou as peças de manobra da Bda Bld, será realizada ao longo das ruas e avenidas, realizando o fogo direto contra alvos inimigos no interior da posição e em apoio ao ataque dos fuzileiros desembarcados. As características da área edificada e os escombros dos edifícios limitam as possibilidades de manobra dos CC.

4.7.5.3.3 A Brigada na Defesa de uma Área Edificada

a) Generalidades

- O emprego de uma Bda Bld na defesa de uma área edificada só deverá ser realizada em situações muito especiais e quando não houver tropa de outra natureza em condições de realizar essa defesa. Nesse tipo de operação, a Bda não pode explorar totalmente as características de suas peças de manobra e dos meios blindados que empregam.
- Quando a Bda Bld receber a missão de defender uma área edificada, sempre que possível, deverá procurar destruir o inimigo fora da área edificada, empregando ações móveis e potentes.

b) Características da defesa em uma área edificada

- utilização de prédios ou grupo de edifícios como pontos fortes;
- máximo de abrigos, cobertas e obstáculos;
- observação e campos de tiro reduzidos, limitando-se às ruas e praças;

- as ruas constituem faixas de aplicação de fogos e restringem e canalizam os movimentos de viaturas;
- a área edificada limitada à aplicação do princípio da massa, pelo atacante;
- emprego pouco eficaz das armas de apoio, pelo atacante;
- descentralização do combate; e
- facilidade de movimento no interior da posição e de aprofundamento da defesa.

c) Planejamento da Defesa

- O planejamento da defesa da Bda Bld em uma área edificada deverá se desenvolver de maneira idêntica ao previsto para uma Def A.
- Em função do tamanho da área edificada a ser defendida, a Bda Bld terá de selecionar onde realizará a defesa, priorizando as áreas a serem defendidas pelas suas FT U Bld, pois dificilmente terá condições de ocupar a área como um todo.
- O LAADA de uma defesa em área edificada pode ser situado na orla dessa área ou à retaguarda da orla anterior da mesma. Sempre que possível, deverá ser traçado na orla da área, evitando que o inimigo atinja a primeira linha de edificações e concentre suas tropas e armas de apoio sob a proteção da área edificada. O LAADA escolhido não deve revelar uma linha claramente definida sobre a qual o atacante possa concentrar seus fogos. O LAADA, normalmente, passa ao longo das ruas.
- As frentes e profundidades atribuídas aos elementos de manobra da Bda serão menores que as designadas em terreno normal.
- A largura da frente a defender e a natureza da área edificada condicionam o dispositivo das FT U Bld. Cada elemento de manobra deve receber uma área de defesa claramente definida, organizando-se como elemento autossuficiente. Estes elementos se apoiam mutuamente e devem ser aptos à defesa em todas as direções. Para melhor aproveitar os campos de tiro, as áreas descobertas no interior da área edificada, tais como praças, largos, avenidas e pátios, são defendidas do lado oposto do provável avanço do inimigo.
- Os limites, geralmente, passam ao longo das ruas que sejam perpendiculares ao LAADA e se estendem pelas que lhes sejam paralelas. Os pontos limites são, normalmente, localizados nos cruzamentos de ruas.
- A Bda Bld deverá constituir uma reserva, com missões idênticas às de uma Def A. Essa reserva deve preparar posições à retaguarda da área de defesa das FT U Bld Btl, de modo a dar profundidade à defesa da Bda e proporcionar proteção aos flancos. Depois de preparadas as suas posições, os elementos da reserva preparam itinerários cobertos para os contra-ataques, abrindo passagens através dos edifícios, quando necessário. Os planos de contra-ataque da reserva devem ser preparados em função das hipóteses de penetração inimiga na posição, dando-se prioridade mais elevada às áreas que, se conquistadas, tornarão crítica a defesa do conjunto.

d) Execução da Defesa em Área Edificada

- A defesa no interior de uma área edificada é, basicamente, conduzida de maneira idêntica à Def A. Deve-se atentar para a característica descentralizada

do ataque a uma área edificada.

e) Apoio de Fogo à defesa em Área Edificada

- A artilharia de campanha da Bda deverá, em princípio, ficar localizada fora dos limites da área edificada, em posição central e escalonada em profundidade.

- As concentrações deverão ser planejadas para bater as Z Reu inimigas e as VA à área edificada e no seu interior; e servem para limitar as penetrações e apoiar os contra-ataques.

- As barragens são localizadas sobre as VA, tais como: ruas longitudinais, áreas descobertas e áreas de pequena densidade de edificações.

- Os morteiros orgânicos das U Bld deverão ser amplamente utilizados para bater ângulos mortos onde o atacante possa se concentrar e se reorganizar.

f) Emprego do BE Cmb Bld à Defesa da Bda Bld em Área Edificada

- A engenharia de combate será empregada em apoio aos elementos em 1º escalão na preparação da posição defensiva e na execução dessa defesa, além de apoiarem a F Ptç da Bda Bld.

- As VA à área edificada e no seu interior devem ser bloqueadas por obstáculos e batidas por fogos. O número e tipo de obstáculos a empregar são limitados apenas pelo tempo, materiais, equipamentos e mão de obra disponíveis.

- Devem ser construídas barreiras anticarro pela abertura de grandes crateras, valas anticarro, pela demolição de paredes, descarrilhando trens, virando veículos e utilizando destroços de demolições. Estes obstáculos devem ser reforçados por minas AC e protegidos por minas AP, arame farpado e fogos de armas de tiro tenso e anticarro, envolvendo o duplo propósito de deter elementos, blindados e a pé.

- As vias subterrâneas (metrô, esgotos etc.) que não forem utilizadas para contra-ataques e para outras finalidades pela Bda Bld devem ser bloqueadas, para negar seu uso ao inimigo.

g) As Comunicações da Bda Bld na Defesa em Área Edificada

- As comunicações da Bda devem basear-se no emprego de telefone e de mensageiros. O emprego do rádio é restrito, particularmente para os menores escalões, devido às condições de funcionamento desfavoráveis numa área edificada.

h) A Logística da Bda Bld na Defesa em Área Edificada

- Todas as classes de suprimento são dispersas e estocadas em diferentes áreas de defesa, em quantidade suficiente para permitir que as FT U Bld e os elementos de apoio ao combate possam manter-se por um período prolongado quando isolados.

- O suprimento e a distribuição de água para o pessoal e para o combate ao incêndio, podem tornar-se problemas de capital importância, pela contaminação ou destruição das fontes de suprimento.

- O plano logístico deve prever a utilização dos meios aéreos disponíveis para o transporte de suprimento e para a realização de evacuação aeromédica.

4.7.6 OPERAÇÃO COMPLEMENTAR DE SEGURANÇA

4.7.6.1 A Operação Complementar de Segurança é a operação militar que tem por objetivo geral a manutenção da liberdade de manobra e a preservação do poder de combate necessário ao emprego eficiente da força principal.

4.7.6.2 Essa operação possui, como finalidade, negar ao inimigo o uso da surpresa e do monitoramento; impedir que o inimigo interfira, de modo decisivo, nas ações da força principal; restringir a liberdade de atuação do inimigo nos ataques a pontos sensíveis; manter a iniciativa das ações da força principal; e preservar o sigilo das operações.

4.7.6.3 São graus de segurança proporcionados a uma força pela Operação Complementar de Segurança a cobertura, a proteção e a vigilância.

4.7.6.4 A Operação Complementar de Segurança é realizada em proveito do escalão superior que enquadra a tropa que a executa. Dependendo do grau de segurança desejado pela força principal ou grosso, em proveito da qual é realizada, a segurança será proporcionada por Forças de Cobertura, Forças de Proteção e Forças de Vigilância, que atuam para cobrir os movimentos do grosso, proteger essa força da ação inimiga ou vigiar a ação do inimigo em proveito dessa força principal.

4.7.6.5 São, também, consideradas F Seg aquelas que estabelecem a ligação entre duas forças de maior valor, visando a preencher áreas não ocupadas, chamadas de Forças de Ligação, e aquelas que realizam a Segurança da Área de Retaguarda (SEGAR). As tropas que mobiliam os PAG e os PAC também são consideradas Forças de Segurança de Área, atuando na área de segurança à frente do LAADA.

4.7.6.6 A Bda Bld, em princípio, não deve ser empregada em uma Operação Complementar de Segurança, sendo preservada para as ações decisivas do combate.

4.7.6.7 A Bda Bld, não será a tropa mais vocacionada para realizar operações de segurança. No entanto, poderá, em determinadas situações específicas ou críticas, ser engajada no cumprimento de operações de segurança, particularmente nas Op Def. O emprego das Bda Bld nas operações complementares de segurança será realizado de forma similar a da Bda C Mec (GU mais apta para executar essa operação complementar).

4.7.6.8 Para mais informações sobre o emprego da Bda C Mec nas operações de segurança, consultar os Manuais de Campanha A Cavalaria nas Operações (EB70-MC-10.222), 1ª Ed, 2018, e Brigada de Cavalaria Mecanizada (EB70-MC-10.309), 3ª Ed, 2019.

4.8 AÇÕES COMUNS ÀS OPERAÇÕES BÁSICAS

4.8.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

4.8.1.1 No contexto das operações terrestres, existe um rol de ações comuns às operações, que podem ser realizadas por tropas de qualquer natureza desde que estas tenham as capacidades necessárias. Essas ações relacionam-se às funções de combate, às atividades e tarefas a serem conduzidas pelos elementos da F Ter e apresentam um grau de intensidade variável, de acordo com a operação militar planejada e conduzida.

4.8.1.2 São exemplos de ações comuns às operações terrestres as ações de reconhecimento, vigilância e segurança; a substituição de unidades de combate; e o cerco.

4.8.1.3 Considerando o grau de coordenação que requerem e a sua abrangência, a Bda Bld e suas peças de manobra podem conduzir ou participar de uma série de ações comuns às operações terrestres.

4.8.1.4 Este Manual de Campanha abordará somente as ações comuns de reconhecimento, vigilância e segurança, substituição de unidades de combate e cerco.

4.8.1.5 Para mais informações sobre as ações comuns às operações terrestres abordadas neste Manual de Campanha e sobre as demais ações comuns citadas no item 4.8.1.2, acima, deverão ser consultados os Manuais de Campanha Operações (EB70-MC-10.223), 5ª Ed, 2017; Operações Aeroterrestres (EB70-MC-10.217), 1ª Ed, 2017; Operações Aeromóveis (EB70-MC-10.218), 1ª Ed, 2017; Operações de Dissimulação (EB20-MC-10.215), 1ª Ed, 2104; Operações Especiais (EB70-MC-10.212), 3ª Ed, 2017; e outros manuais específicos da F Ter que apresentam informações sobre as ações comuns às operações terrestres.

4.8.2 AÇÕES DE RECONHECIMENTO, VIGILÂNCIA E SEGURANÇA (Rec, Vig e Seg)

4.8.2.1 Generalidades

4.8.2.1.1 As ações comuns às operações terrestres de Rec, Vig e Seg são realizadas por todas as tropas presentes num TO ou A Op, em proveito próprio e por sua própria iniciativa. Elas objetivam a aquisição de informações sobre o inimigo e o terreno, na Z Aç dessas tropas, e a proteção de suas instalações, posições, material e de seu pessoal.

4.8.2.1.2 As ações de Rec, Seg e Vig completam-se. Os dados e a segurança obtida propiciam melhores condições para a tomada de decisão e uma maior proteção à tropa.

4.8.2.1.3 Diferente das demais ações comuns a todas as operações, as ações de Rec, Vig e Seg são executadas em proveito da própria tropa que as realiza e não do seu escalão superior. Estas ações não devem ser confundidas com a Operação Complementar de Segurança que poderá ser realizada pela Bda Bld em proveito do seu escalão superior (DE ou Corpo de Exército). Da mesma forma, a ação comum de reconhecimento (realizada em proveito próprio da OM que a executa) não pode ser confundida com a ação de reconhecimento, integrante da Operação Complementar de Segurança.

4.8.2.2 Reconhecimento

4.8.2.2.1 A ação comum de reconhecimento é conduzida por qualquer tropa com o propósito de obter informes sobre o inimigo e o terreno em sua Z Aç, em proveito próprio, para o seu próprio planejamento e emprego operacional.

4.8.2.2.2 Normalmente, a ação comum de reconhecimento é executada segundo os mesmos fundamentos do reconhecimento, parte de uma Operação Complementar de Segurança.

4.8.2.2.3 Os Pel C Mec do Esqd C Mec e os Pel Exp dos BIB e RCC são as frações que realizam a ação comum de reconhecimento, em proveito de suas próprias OM. Os informes obtidos por essas frações, durante a execução das ações de Rec em proveito de suas OM, poderão ser, também, úteis ao planejamento das ações da Bda, ajudando a compor o quadro de situação do inimigo ou sobre o terreno em uma determinada parte da Z Aç da GU.

4.8.2.3 Vigilância

4.8.2.3.1 A ação comum de vigilância (também denominada vigilância de combate) é executada por todas as OM em todas as operações, por ordem de seus comandantes, com base em suas necessidades operacionais, com o propósito de detectar, registrar e informar o ocorrido em determinado setor de observação sob sua responsabilidade, protegendo ou alertando sua OM, com antecedência, dessa ação inimiga. Os dados e informes obtidos devem ser informados ao escalão superior, que poderá utilizá-los em suas operações ou para compor a consciência situacional em sua A Op.

4.8.2.3.2 Os Pel C Mec do Esqd C Mec, os Pel Fuz Bld dos BIB e os Pel Exp dos BIB e RCC são as frações mais aptas a realizarem a ação comum de vigilância em proveito de suas OM, em qualquer tipo de operação, em situações de guerra ou de não guerra.

4.8.2.3.3 Essa vigilância compreende todas as técnicas disponíveis na OM para realizar uma contínua e sistemática observação sobre o campo de batalha em sua Z Aç, em particular de áreas críticas, estradas, pontes, áreas de lançamento e de aterragem. São tipos dessa vigilância a visual, a eletrônica e a fotográfica. Os seus conceitos encontram-se detalhados no Manual de Campanha Operações (EB70-MC-10.223), 5ª Ed, 2017.

4.8.2.3.4 A vigilância de combate constitui uma das principais formas para a identificação e localização de alvos e monitoramento de atividades do oponente na Z Aç de uma determinada OM.

4.8.2.3.5 Essas ações comuns de vigilância (ou vigilância de combate) não podem ser confundidas com o grau “VIGILÂNCIA” de uma Operação Complementar de Segurança, executado em benefício de seu escalão superior, cumprindo ordens daquele escalão.

4.8.2.3.6 Em determinadas situações táticas, a Bda Bld pode valer-se da vigilância de combate realizada por seus elementos subordinados, enquanto conduzem outras operações, orientando essa ação comum, como na:
a) determinação, por meio da observação, de atividade com significação militar (mesmo as realizadas por civis) ou ausência dessas atividades, em determinadas áreas;
b) localização de alvos para serem atacados pela força aérea, fogos de artilharia, agentes químicos e outros;
c) observação e o controle dos fogos indiretos orgânicos e não orgânicos ou aéreos;
d) avaliação de danos;
e) localização e identificação de unidades inimigas, em movimento ou estacionadas, no interior da A Op;
f) observação de VA do inimigo e vias de transportes; e
g) observação de eixos e acidentes importantes do terreno no interior da área de retaguarda.

4.8.2.3.7 As unidades da Bda Bld poderão valer-se das seguintes orientações, para o planejamento de suas ações de vigilância de combate:
a) as técnicas e os procedimentos adotados por uma força com a missão de vigilância de combate assemelham-se àquelas utilizadas no desempenho das missões de vigilância;
b) uma tropa, no desempenho da vigilância de combate, deve prever a substituição periódica dos elementos nela engajados, seja pela rotatividade de missões, seja pela atribuição de frentes que permitam o rodízio entre os elementos subordinados. O emprego desta técnica proporciona uma vigilância mais eficiente durante um longo período. As unidades da Bda Bld podem realizar uma vigilância de combate eficiente, sobre uma extensa área, desde que respeitadas as substituições periódicas de pessoal e material designado;

c) postos de observação, de escuta e patrulhas são estabelecidos para proporcionar observação contínua e sistemática. Uma Força de Vigilância não é constituída para oferecer uma forte resistência ao inimigo. Contudo, ela deve ser capaz de dispor de segurança própria;
d) na execução da vigilância de combate, normalmente, é adotado um dispositivo linear, relativamente estático;
e) a unidade que realiza a missão de vigilância de combate é responsável apenas pela sua própria segurança. Quando, no desenrolar das operações, for exigido o emprego de uma Força maior valor do que a necessária às ações de autoproteção, o Cmt deve solicitar uma redução da frente anteriormente atribuída. O aumento progressivo das forças inimigas em contato pode obrigar a uma redução da Z Aç ou à execução de um retraimento;
f) nas operações diurnas, emprega-se, particularmente, a vigilância visual. À noite, as operações exigem tanto a vigilância de escuta como o emprego de meios fotográficos, eletrônicos e os equipamentos optrônicos (termais e intensificadores de imagem) das viaturas blindadas. Todos os dados obtidos pela observação na área vigiada são transmitidos sem perda de tempo; e
g) a vigilância de combate, estabelecida na área de retaguarda, limita-se, em princípio, à instalação de postos de observação ou escuta. O patrulhamento de rodovias é incluído, normalmente, na missão de defesa de área de retaguarda. A vigilância de combate é uma missão eminentemente passiva. Entretanto, a força que a realiza pode, algumas vezes, receber pequenos encargos, como bloqueios de estradas, desde que não a obrigue ao emprego permanente de parte de seu efetivo.

4.8.2.3.8 Os fatores principais que influenciam a execução da vigilância de combate são as condições de visibilidade, o terreno, as cobertas naturais e artificiais, a ameaça aérea e as características dos próprios equipamentos de vigilância.

4.8.2.3.9 Nas ações de vigilância de combate diurnas emprega-se, particularmente, a vigilância visual. À noite, as operações exigem tanto a vigilância de escuta como o emprego de meios eletrônicos e fotográficos. Todos os dados obtidos pela observação na área vigiada devem ser transmitidos ao escalão superior.

4.8.2.4 Segurança

4.8.2.4.1 Generalidades
a) A ação comum de segurança compreende o conjunto de medidas adotadas por uma tropa, visando a prevenir-se e proteger-se da inquietação, da surpresa e da observação por parte do oponente, em sua Z Aç.
b) Essa ação comum de segurança não deve ser confundida com a Operação Complementar de Segurança. A principal diferença entre a Segurança (operação complementar) e a Segurança (ação comum a todas as operações)

está na finalidade de sua execução. A Operação Complementar de Segurança é executada por determinação do escalão superior em benefício de suas operações. Já a segurança, ação comum a todas as operações, é executada por iniciativa de cada OM presente no TO, independente de ordem do escalão superior e em proveito próprio.
c) São ações comuns de segurança: a Segurança de Área de Retaguarda (SEGAR), as Ações Contra Blindados, as Ações Contra Forças Aeroterrestres e Forças Aeromóveis, as Ações Contra Forças de Infiltração e as Ações Contra Forças Irregulares.
d) A Bda Bld poderá coordenar a execução de todas essas ações comuns de segurança ou determinar que cada OM subordinada as execute (por iniciativa própria), quando a situação tática exigir, para proteger-se da inquietação, da surpresa e da observação por parte do inimigo, para preservar o sigilo de suas operações, manter a iniciativa delas e obter sua liberdade de ação.
e) Algumas dessas ações de segurança serão executadas desde as frações mais elementares em 1º escalão até a reserva, as OM de apoio ao combate e de logística na retaguarda da Bda Bld, devendo ser planejadas, integradas e coordenadas pela Bda, como, por exemplo, a defesa contra blindados ou defesa anticarro numa Op Def.
f) A segurança, proporcionada pelas ações comuns de segurança, é obtida, efetivamente, pela detecção antecipada de uma ameaça; pelo tempo e espaço suficientes para a manobra, a fim de que a força possa reagir a uma ameaça; e evitando, neutralizando ou destruindo uma ameaça. É, também, proporcionada pelas informações oportunas e precisas, bem como pelo movimento rápido e agressivo.

4.8.2.4.2 Segurança de Área de Retaguarda (SEGAR)
a) São ações executadas na área de retaguarda de todas as OM no TO ou A Op (independente do escalão), para evitar a interferência do inimigo ou para mitigar seus efeitos, além de controlar os efeitos de uma catástrofe (naturais ou provocadas pelo homem), visando a preservar o poder de combate dessa tropa.
b) Essas ações não devem ser confundidas com as ações realizadas por uma Força de Segurança de Área de Retaguarda (Operação Complementar de Segurança), como a realizada pelo Esqd C Mec na área de retaguarda da Bda, em proveito da GU.
c) No transcurso das operações, a área de retaguarda de uma força pode, rapidamente, se tornar vulnerável a possíveis ações inimigas. Assim, no planejamento da SEGAR, devem ser considerados:
- as largas frentes com espaços não ocupados;
- os diversos tipos de ameaças;
- as ações em profundidade;
- a não linearidade; e
- a não continuidade do campo de batalha.

d) A segurança de área de retaguarda, ação comum executada por todas as OM, assemelha-se à segurança executada por uma Força de Defesa de Área de Retaguarda (Operação Complementar de Segurança), na área de retaguarda de seu escalão superior, com as adaptações necessárias.
e) Para mais informações sobre a execução da SEGAR, deve-se consultar os Manuais de Campanha Operações (EB70-MC-10.223), 5ª Ed, 2017; Operações Ofensivas e Defensivas (EB70-MC-10.202), 1ª Ed, 2017; e A Cavalaria nas Operações (EB70-MC-10.222), 1ª Ed, 2018.

4.8.2.4.3 Ações Contra Blindados
a) A ação comum contra blindados (ou defesa anticarro) deverá ser planejada pela Bda Bld em todas as suas operações, onde o inimigo possa atuar com blindados. Essa ação difere do combate aproximado, no compartimento de combate, realizado pelas VBC CC do RCC e pelas VBC Fuz dos BIB; e pelo emprego das VBR do Esqd C Mec contra CC e outros blindados, de posições cobertas ou abrigadas. Essa ação comum de defesa contra blindados envolve todas as unidades e subunidades da Bda.
b) É uma ação que permeia todo o dispositivo da Bda Bld, seja numa operação ofensiva, numa operação defensiva ou nas operações complementares.
c) O planejamento de combate contra blindados (anticarro) da Bda Bld deverá envolver o emprego das FT U Bld, do Esqd C Mec e de todas as demais unidades e subunidades da Bda, em suas Z Aç ou áreas de responsabilidade (ARP), empregando todo o seu armamento orgânico (granadas de bocal anticarro, lança-rojões, lança-granadas, canhões das viaturas blindadas, mísseis anticarro, morteiros pesados, artilharia de campanha e, se disponível, o apoio de fogo da F Ae e da Av Ex).
d) Numa Op Def esse planejamento deve abordar a destruição de blindados pela F Seg (cobertura, proteção, PAG ou PAC), pelas unidades em 1º escalão, cobrindo as prováveis VA de blindados inimigos, inclusive as áreas do terreno aparentemente desfavoráveis ao seu emprego (à frente, flancos e retaguarda); a destruição de blindados nas AE; e em toda a área de retaguarda da Bda pela reserva e pelos elementos de apoio ao combate e de apoio logístico.
e) De modo semelhante ao da defensiva, o planejamento da defesa contra blindados nas operações de segurança (cobertura ou proteção), ou nas Op Ofs, deverá engajar os elementos em 1º escalão e os demais integrantes da operação. A Bda Bld deve tirar proveito da capacidade AC do armamento dos RCC e dos Esqd C Mec (e das VBC Fuz quando dotadas de canhão e Msl AC), empregados na força de cobertura ou de proteção (à frente, flancos ou retaguarda da Bda), força de aproveitamento do êxito ou força de perseguição, posicionando-os de forma a barrar ações de blindados à frente, flancos e retaguarda da Bda.
f) O planejamento contra blindados da Bda Bld deve tirar o máximo proveito dos obstáculos naturais, das crateras e dos campos de minas anticarro, para facilitar a destruição dos meios do adversário ou para canalizá-los para as AE e para os campos de tiro das armas anticarro.

g) Todas as OM de apoio ao combate e de apoio logístico devem estar em condições de realizar a defesa anticarro de suas instalações ou áreas sob sua responsabilidade, empregando seu armamento orgânico.

4.8.2.4.4 Ações Contra Forças Aeroterrestres e Aeromóveis
a) As ações contra um envolvimento aeroterrestre ou um assalto aeromóvel iniciam-se com o estudo para identificar possíveis Zonas de Lançamento (ZL), Zonas de Desembarque (Z Dbq), Locais de Aterragem (Loc Ater), Zonas de Pouso de Helicópteros (ZPH) e campos de pouso.
b) O plano de fogos deve incluir concentrações nessas áreas, e o plano de barreiras deve prever o lançamento de obstáculos para interditar tais locais e para bloquear as VA orientadas para o interior da P Def.
c) Identificado o risco do emprego dessas forças, cabe ao comandante estabelecer um sistema de vigilância para dar o alerta antecipado. A rapidez na contenção e no contra-ataque sobre o inimigo, que conseguiu realizar um envolvimento vertical ou um assalto aeromóvel, é vital para impedir a sua reorganização.
d) A defesa contra Forças Aeroterrestres e Aeromóveis (F Aet e F Amv) inclui sistemas de armas de defesa aérea, medidas de identificação e alarme, tropas em condições de defender prováveis ZL e Z Dbq e uma reserva com mobilidade tática. Forças blindadas e mecanizadas são eficientes contra F Aet e Amv inimigas, particularmente no momento do desembarque. É uma ação que deve ser planejada e controlada pela Bda Bld.

4.8.2.4.5 Ações Contra Forças de Infiltração
a) O planejamento da Bda Bld contra forças de infiltração deve considerar particularmente:
- a não linearidade e não continuidade da Z Aç;
- que o aumento da dispersão de meios nas Op Ofs, em profundidade ou em larga frente, facilita a infiltração de forças inimigas entre os elementos de manobra da Bda e entre estes e os elementos de apoio ao combate e apoio logístico; e
- que as forças de infiltração do inimigo visam, especialmente, à área de retaguarda para atacar, destruir e causar confusão nas instalações de comando e de logística.

b) A Bda, ao planejar ações contra forças de infiltração, deve considerar o monitoramento das áreas prováveis de infiltração de forças inimigas e o combate a estas forças pelo emprego de patrulhas de combate, medidas de contrainteligência, obstáculos antipessoal e dispositivos de alarme e vigilância aéreos e terrestres.
c) O planejamento das ações contra forças de infiltração deve enfatizar o esforço para a identificação das prováveis Z Reu na área de retaguarda da Bda e a prioridade para a destruição ou neutralização dessas forças, antes mesmo que possam se organizar e desencadear suas ações.

4.8.2.4.6 Ações Contra Forças Irregulares
a) As forças e as infraestruturas localizadas na área de retaguarda da Bda Bld são vulneráveis às ações de forças irregulares. A Bda deve dar atenção às medidas para impedir o apoio externo a essas forças, em coordenação com o planejamento da SEGAR.
b) A efetividade das ações das forças irregulares depende, em grande parte, do apoio da população da área e de informações atualizadas sobre as nossas operações, exigindo atenção à segurança das comunicações.
c) Para impedir ou neutralizar a ação de forças irregulares, é importante que a Bda localize as possíveis áreas para o estabelecimento de suas bases, identifique seus líderes e colaboradores e negue o uso de suas fontes de suprimento e meios de comunicações.

4.8.2.4.7 Contrarreconhecimento (C Rec)
a) Generalidades
- O C Rec é uma tarefa tática que engloba todas as medidas tomadas por um comandante para combater os esforços de reconhecimento do inimigo. Ele é a soma de todas as ações tomadas em cada escalão para combater os esforços de reconhecimento e vigilância do inimigo, em toda a área de operações.
- A finalidade do C Rec é destruir, derrotar ou repelir elementos de reconhecimento inimigos, seguindo os critérios de engajamento estabelecidos pela Bda.
- O C Rec não é uma missão distinta, mas um componente de todas as operações. O C Rec é uma tarefa inerente em todas as operações de segurança.
- O C Rec deve ser realizado para negar ao comandante inimigo a capacidade de realizar o seu reconhecimento e desenvolver sua compreensão situacional.
- O combate com sucesso ao reconhecimento do inimigo é o primeiro e, possivelmente, o mais importante passo para garantir que a Bda Bld possa executar com sucesso a sua missão.
- A natureza estática das atividades na área de retaguarda contribui para aumentar sua vulnerabilidade. Um inimigo pode estudar os aspectos operacionais das unidades instaladas nessa área para levantar as condições de segurança estabelecidas. Dessa forma, as ações de C Rec agregam profundidade fora dos limites da retaguarda, garantindo a continuidade das atividades logísticas com mínima interferência.

4.8.2.5 Coordenação das Ações de Contrarreconhecimento na Bda Bld

4.8.2.5.1 A Bda Bld deverá elaborar um plano de C Rec, a fim de coordenar todas as ações de C Rec de seus elementos subordinados.

4.8.2.5.2 O plano de C Rec da Bda Bld deve abordar como adquirir e derrotar os elementos de reconhecimento do inimigo. Esse plano deve definir claramente quem tem a missão de observar os elementos de Rec do inimigo e informar a sua localização; e quem tem a missão de neutralizar ou destruir esses inimigo.

4.8.2.5.3 A 2ª Seção do EM Bda Bld deverá fornecer as informações mais importantes para esse planejamento. Compete ao E2 identificar as vias de acesso à Z Aç da Bda Bld (e de cada elemento de manobra); levantar que tipos de elementos de reconhecimento inimigo a Bda e as suas FT e Esqd C Mec devem esperar que atuem em suas Z Aç; e quando serão mais propensos a entrar nessas Z Aç.

4.8.2.5.4 A Bda Bld poderá determinar que o C Rec seja executado:
a) por uma força de C Rec, integrada pelo Esqd C Mec orgânico ou por uma de suas FT U Bld, com os apoios necessários à missão, atuando em toda a frente da Bda, sob coordenação desta; ou
b) por elementos de cada FT U Bld e Esqd C Mec em suas respectivas Z Aç, sob o controle e coordenação desses elementos de manobra.

4.8.2.5.5 O elemento de manobra da Bda com a missão de constituir a F C Rec da Bda Bld, com base no plano de C Rec da Bda Bld, deverá formular o seu plano de C Rec, designando as subunidades que deverão executá-lo.

4.8.2.5.6 Normalmente, o plano de C Rec da Bda Bld deverá designar um de seus elementos de manobra para realizar a missão de vigilância inicial, para adquirir e identificar as forças de reconhecimento inimigas e realizar as ações de destruição destas forças inimigas. Em princípio, o Esqd C Mec deverá ser o elemento de manobra mais indicado para constituir a Força de C Rec da Bda Bld, preservando, se possível, as FT U Bld para as ações mais decisivas do combate.

4.8.2.5.7 O C Rec deve ser organizado pela Bda Bld para cumprir sua missão de acordo com o inimigo. Seja qual for a opção empregada pelo Cmt Bda Bld, a luta contra o reconhecimento deve ser firmemente controlada, monitorada no nível mais alto de comando, coordenada o mais cedo possível e completamente ensaiada. Um efetivo combate de C Rec anula o esforço de reconhecimento inimigo, forçando o inimigo a atacar sem informações sobre o dispositivo da força amiga.

4.8.2.5.8 Na execução do C Rec, o Esqd C Mec (ou uma FT U Bld designada pela Bda Bld) deverá operar ofensivamente ou defensivamente, utilizando as técnicas, táticas e procedimentos que melhor se enquadrem em cada situação tática. Normalmente, nessa tarefa são empregados o ataque de oportunidade, emboscadas, AE, fogos indiretos etc.

4.8.2.5.9 A Força de C Rec deve possuir os meios necessários para sobrepujar os elementos de reconhecimento inimigo, sem necessitar do emprego dos demais elementos de manobra da Bda.

4.8.2.5.10 A Bda Bld deve enfatizar para a sua Força de C Rec que o esforço de C Rec é essencial para o sucesso no campo de batalha moderno. Muitos comandantes sofreram derrota tática e operacional porque o inimigo penetrou nas suas F Seg.

4.8.2.6 Para mais detalhes sobre o C Rec, consultar os Manuais de Campanha Operações (EB70-MC-10.223), 5ª Ed, 2017; Operações Ofensivas e Defensivas (EB70-MC-10.202), 1ª Ed, 2017; A Cavalaria nas Operações (EB70-MC-10.222), 1ª Ed, 2018; e Brigada de Cavalaria Mecanizada (EB70-MC-10.309), 3ª Ed, 2019.

4.8.3 SUBSTITUIÇÃO DE UNIDADES DE COMBATE

4.8.3.1 Generalidades

4.8.3.1.1 As substituições de unidades empregadas em combate são realizadas para conservar o poder de combate, manter a eficiência operacional, atender às imposições dos planos táticos e reequipar, reinstruir e ensaiar forças para operações especiais.

4.8.3.1.2 Quando as operações táticas se desenvolvem por um período prolongado de tempo, ou mesmo no combate continuado, as substituições deverão ocorrer com frequência. As substituições são executadas por meio de uma substituição em posição, por uma ultrapassagem ou por um acolhimento, conforme o Manual de Campanha Operações (EB70-MC-10.223), 5ª Ed, 2017.

4.8.3.1.3 As Bda Bld podem participar de uma operação de substituição ou podem, elas mesmas, conduzir e controlar esse tipo de operação. Tendo em vista as suas características de emprego, as Bda Bld participarão, com maior frequência, de operações de ultrapassagem e de acolhimento.

4.8.3.2 Substituição em Posição

4.8.3.2.1 Generalidades
a) A substituição em posição é uma operação de combate na qual, por ordem do Esc Sp, uma força ou parte dela, é substituída por outra, em uma área de combate.
b) As responsabilidades pela missão de combate e pela Z Aç das forças substituídas são assumidas pela força que a substitui. A força ou parte da força que substitui continua a operação, conforme for determinado. Uma substituição em posição é realizada para o prosseguimento da defesa ou para a preparação

de um ataque subsequente.
c) Quando a substituição em posição é executada para continuar a defesa, deve ser feita na base de unidade por unidade, subunidade por subunidade, homem a homem, arma por arma. O Cmt da força que substitui adota um dispositivo que se ajuste ao plano do Cmt da organização substituída. As modificações no plano de defesa somente poderão ser introduzidas pelo Cmt substituto após ter completado a substituição.
d) Quando é realizada uma substituição em posição para prosseguir ou retomar um ataque, o Cmt substituto a procede somente em determinada(s) parte(s) da Z Aç, visto que sua missão principal é a de se preparar para o ataque e dar prosseguimento ao mesmo. Assume, contudo, a responsabilidade pela defesa de toda a área, embora disponha suas forças para facilitar a retomada ou desencadeamento do ataque. Na maioria das vezes, adota um dispositivo que permita aos principais comandos subordinados executarem seus planos de ataque ou que permita uma mudança de direção do mesmo.

4.8.3.2.2 Planejamento
a) Quando a Bda Bld realiza a substituição de outra GU em posição, recebe, do Esc Sp, uma ordem preparatória que deve especificar a hora do início e do término da substituição, bem como as suas condições de execução, quanto aos aspectos relacionados com a visibilidade, prazos e as prioridades para utilização das estradas e itinerários necessários aos deslocamentos.
b) Após receber a ordem do Esc Sp, o Cmt Bda, com o seu EM, analisa a missão, expede suas ordens e estabelece as ligações necessárias com a GU a ser substituída.

4.8.3.2.3 Coordenação
a) Troca de Planos e de Pessoal de Ligação
- A GU substituída deverá fornecer à Bda todas as informações necessárias, dispositivos e planos defensivos existentes, inclusive os planos de fogos, de barreiras e de contra-ataques. A força substituída, normalmente, fornecerá elementos de ligação à Bda e estes serão distribuídos em cada posto de comando, a partir do escalão subunidade.
- O efetivo do pessoal de ligação e a duração de sua permanência com a Bda variam com a situação e se estende, normalmente, até ao domínio da situação pelos diversos escalões substitutos.
b) Sequência da Substituição
- Tendo em vista não enfraquecer a defesa durante a sua realização e quando não especificada pelo comando que ordena a operação, a substituição é executada por fases, da retaguarda para frente ou da frente para a retaguarda.
- Para a determinação da sequência da substituição, os seguintes aspectos devem ser considerados: a missão subsequente atribuída à Bda que está executando a substituição, as características da área de operações, o efetivo e a eficiência de combate da unidade substituída, as possibilidades de o inimigo

tomar conhecimento da substituição e de reagir contra a mesma, a necessidade de variar os padrões ou processos de substituição, o valor e o tipo dos elementos envolvidos na substituição e a necessidade de manter o sigilo.

c) Passagem do Comando

- A ocasião e as circunstâncias em que o Cmt Bda assume a responsabilidade pela área devem ser claramente estabelecidas por acordo mútuo ou pelo Esc Sp.

- Até que se realize a passagem do comando, o comando da GU substituída é responsável pela área e pelo cumprimento da missão e exerce o controle operacional sobre todos os elementos subordinados da Bda Bld que tenham completado sua parte na substituição. Durante esse período, as unidades substitutas devem se enquadrar aos planos de defesa do elemento que está sendo substituído.

- Normalmente, o Cmt Bda Bld assume o comando quando os seus comandantes subordinados tiverem assumido as responsabilidades das unidades substituídas e quando os meios adequados de comunicações para controlar toda a Z Aç já tiverem sido estabelecidos. Após a passagem de comando, o Cmt Bda assume o controle operacional de todas as unidades que devem sair e que, ainda, não tenham sido substituídas.

d) Reconhecimento

- Um completo Rec diurno, sempre que possível, deverá ser realizado pelo Cmt Bda, seu EM e todos os comandantes de elementos envolvidos na substituição.

- Os Rec devem incluir o terreno à frente da posição, as instalações defensivas, os itinerários de substituição, as Z Reu, as posições dos elementos de apoio ao combate e as instalações de apoio logístico.

e) Segurança

- Deverá ser feito o máximo de esforço para evitar que o inimigo tome conhecimento da substituição. A execução da substituição deverá, em princípio, ser feita durante os períodos de visibilidade reduzida.

- As atividades normais na A Op devem ser mantidas, durante a substituição. A Bda mantém os fogos de inquietação e interdição, patrulhas, tráfego de comunicações e movimentos anteriormente empregados pela GU que sai.

- São adotadas restrições iniciais quanto ao valor dos destacamentos avançados e dos destacamentos de Rec da Bda. Tais destacamentos deslocam-se para a A Op por infiltração.

- As redes de comunicações da GU substituída são utilizadas até que a operação de substituição seja completada.

- Os registros e os repertórios de tiro das forças que substituem são coordenados pela força que é substituída, até que se realize a passagem do comando.

- Um plano integrado de dissimulação é executado, tanto pela Bda Bld como pela GU substituída.

- A defesa antiaérea fica permanentemente em alerta e em condições de atuar, durante a substituição.

f) Controle de Movimento

- A Bda Bld e a GU substituída estabelecem um único comando de trânsito, para o controle das unidades que se deslocam para dentro e para fora da área.

- Tal controle inclui os itinerários a serem utilizados e prioridades para o seu uso, a responsabilidade pelo controle do trânsito, a localização da Z Reu, o fornecimento de guias para as unidades que substituem e a utilização comum dos meios de transporte.

g) Inteligência

- A GU substituída transfere para a Bda Bld todas as informações relacionadas com o inimigo e com a A Op e outras informações adicionais necessárias.

h) Apoio de Fogo

- O processo de substituição das unidades de apoio de fogo deverá ser claramente estabelecido. A unidade de artilharia substituída permanecerá em posição, até que as unidades de 1° escalão tenham sido substituídas. Esse procedimento permite que a unidade de artilharia, que está familiarizada com os planos de apoio de fogo e com a A Op, permaneça em condições de atirar, durante o período crítico da substituição das unidades avançadas.

- Caso a artilharia substituta não venha a ocupar as mesmas posições da artilharia substituída, deverá ocupar posições por bateria, sob o controle do grupo e em condições de assumir as missões de tiro, antes que a artilharia substituída desocupe as posições.

- Quando não existirem outras posições de tiro, a artilharia pode ser substituída na própria posição. Nesse caso, é necessário executar a substituição por seções ou peças, para evitar congestionamento e emassamento do pessoal e material.

- Os O Lig e os OA da unidade que substitui se juntam, o mais cedo possível, às unidades que saem, para familiarizarem-se com os planos de fogos.

- Até que o comando seja passado, os fogos de regulação e demais fogos da unidade de artilharia que substitui são controlados pelo Cmt da artilharia substituída.

i) Troca de Equipamentos

- No que for compatível, e em virtude da dificuldade na substituição do armamento coletivo durante a noite, o Cmt GU substituída e o da Bda Bld acertam a troca das armas que não podem ser facilmente removidas ou que sejam necessárias para assegurar o emprego eficiente dos fogos.

- Ordens são expedidas aos comandantes subordinados para que, de acordo com seus planejamentos, executem as trocas que julgarem necessárias, tais como os reparos das metralhadoras pesadas e as placas-base dos morteiros. A troca é na base de arma por arma.

- As unidades subordinadas deverão deixar na posição os suprimentos volumosos e em excesso, tais como munições, materiais de fortificação de

campanha, fios telefônicos já lançados e outros suprimentos e equipamentos de difícil remoção.
j) Apoio Logístico
- A Bda Bld e a GU substituída coordenam a transferência de suprimento, o uso das instalações, a transferência de PG, o controle de refugiados, o desdobramento dos órgãos de apoio, o uso dos meios de transporte e o controle de trânsito.
- O Cmt Bda, normalmente, estabelecerá seu PC nas vizinhanças do PC da GU a ser substituída.
- Trabalhos conjuntos são executados entre os comandantes e EM da Bda Bld e da GU que será substituída, visando aos pormenores da ação e ao estabelecimento de critérios que não tenham sido definidos pelo Esc Sp.

4.8.3.2.4 Planejamento Simultâneo
a) A Bda Bld e a GU substituída expedem ordens de operações determinando as substituições, de acordo com os procedimentos coordenados na fase de planejamento.
b) Antes da expedição de ordens de operações, são distribuídas ordens fragmentárias às unidades subordinadas, para permitir o planejamento simultâneo em todos os escalões interessados

4.8.3.2.5 Execução
a) Sequência da Substituição
- A substituição em posição é executada em etapas, a fim de permitir a preservação do poder de combate durante a operação.
- As reservas podem ser substituídas em primeiro lugar, seguidas pela substituição dos elementos avançados, ou vice-versa.
- Normalmente, quando a maioria das forças está desdobrada no LAADA, a substituição é conduzida da frente para a retaguarda.
- A possibilidade de o inimigo descobrir ou interferir na operação, aliada às características da região de operações e ao prazo disponível para execução da substituição, são os fatores que o Cmt Bda Bld considera na escolha do processo de substituição dos elementos desdobrados no LAADA.
b) Processos para a Substituição dos Elementos Desdobrados no LAADA
- 1º Processo: quando duas unidades estão desdobradas à frente, a substituição de uma delas deverá ser completada antes de se iniciar a substituição da seguinte;
- 2º Processo: quando três unidades forem desdobradas à frente, a substituição de duas de flanco deve ser feita simultaneamente, seguida pela substituição da unidade do centro. Dependendo das circunstâncias, poder-se-á inverter a ordem; e
- 3º Processo: substituição simultânea de todas as unidades desdobradas à frente da posição.

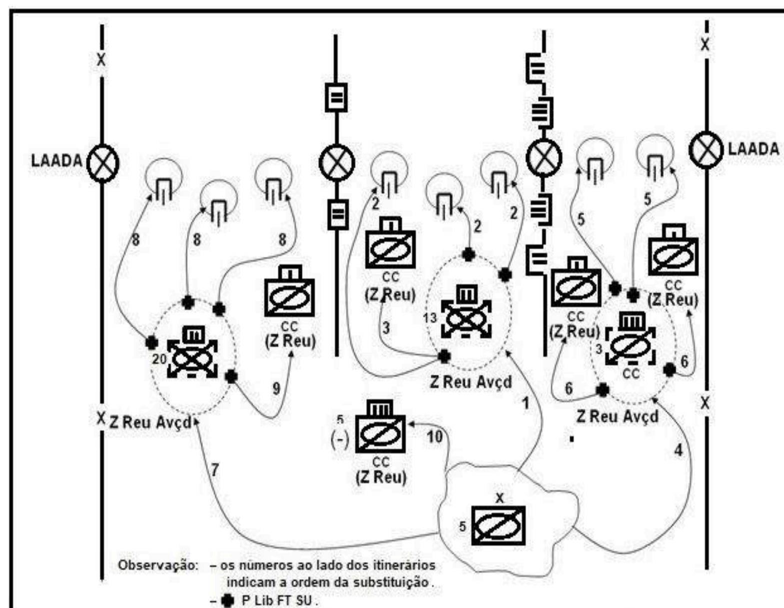


Fig 4-44 Substituição em posição executada por uma Bda Bld

c) Conduta da Substituição

- A fim de reduzir a vulnerabilidade a que são expostas as tropas, durante a execução da substituição, medidas apropriadas de contrainteligência deverão ser empregadas para evitar que a operação seja revelada. Deverão ser previstas medidas de GE e a continuidade de atividades normais, tais como fogos de apoio, utilização do rádio, tráfego de veículos e outras.
- Os fogos da GU substituída e da Bda Bld devem assegurar o sucesso da operação e neutralizar a reação do inimigo, no caso da operação ser descoberta.
- O EM da Bda deverá elaborar um meticuloso planejamento a ser seguido nas substituições executadas pelas unidades subordinadas, a fim de reduzir ao mínimo o movimento de tropas na A Op.
- As substituições, durante as horas de luz, são, sempre que possível, evitadas. Contudo, fumígenos podem ser empregados no local ou sobre observatórios inimigos para cobrir a visibilidade sobre a operação.
- A substituição é conduzida tão rapidamente quanto possível, para assegurar o controle e o sigilo. A tropa da GU substituída fornece Seg e Vig, durante a execução da operação.
- A coordenação com as GU vizinhas e com os elementos de apoio de fogo e logístico é de responsabilidade da Bda Bld.
- A Bda designará Z Reu para seus elementos subordinados. As Z Reu serão separadas para diminuir a vulnerabilidade aos fogos inimigos. A permanência excessiva dentro das Z Reu será evitada.

- A operação propriamente dita consistirá em uma série de substituições a serem realizadas por unidades subordinadas e controladas pela Bda. O planejamento é centralizado e a execução é descentralizada.
- Uma vez iniciada a substituição em posição, o EM da Bda tem como tarefas principais supervisionar o horário e o movimento das unidades subordinadas, coordenar a utilização conjunta dos meios de transporte, supervisionar o controle de trânsito, preparar-se para exercer o controle geral da operação, após a passagem de comando e permanecer a par da situação, de forma a poder auxiliar o Cmt a reagir rapidamente a qualquer modificação no plano para a substituição.
- Durante a substituição, os comandantes de cada escalão instalam os seus PC e postos de observação próximos aos da força substituída.
- Quando da passagem do comando, o Cmt Bda assume o controle de todas as unidades na Z Aç, inclusive daquelas que ainda não foram substituídas.
- Se ocorrer um ataque, antes de o Cmt Bda ter assumido a responsabilidade pela Z Aç, os elementos já desdobrados passam ao controle operacional da GU a ser substituída, para fazer face à ação inimiga.
- As mudanças na organização da defesa somente serão iniciadas após a troca de responsabilidade pela Z Aç.

4.8.3.3 Ultrapassagem

4.8.3.3.1 Generalidades

a) A ultrapassagem é uma operação na qual uma fração ataca através de outra que se encontra em contato com o inimigo. A Bda Bld executa uma ultrapassagem para substituir uma unidade desgastada ou desfalcada, para prosseguir ou iniciar um ataque ou para mudar o ritmo de uma operação.

b) Ela exige planejamento cuidadoso e coordenação cerrada entre as forças que participam da operação. Os elementos da tropa ultrapassada permanecem em posição e apoiam a força que ultrapassa, até que seus fogos se tornem ineficazes. A tropa em contato provê todo o apoio possível à força que vai ultrapassá-la.

4.8.3.3.2 Planejamento

a) As normas de planejamento de uma ultrapassagem são semelhantes às de uma substituição em posição.

b) O Cmt e o EM da Bda Bld, ao receberem uma ordem preparatória para uma operação que exija ultrapassagem, ligam-se, o mais cedo possível, com a GU a ser ultrapassada.

c) O PC da Bda Bld deve, se a situação permitir, ser estabelecido nas vizinhanças do PC da GU a ser ultrapassada.

d) Imediatamente após o recebimento da ordem preparatória, os elementos que vão realizar a ultrapassagem e os que estão em contato organizam uma reunião de planejamento para acertarem os pormenores da operação.

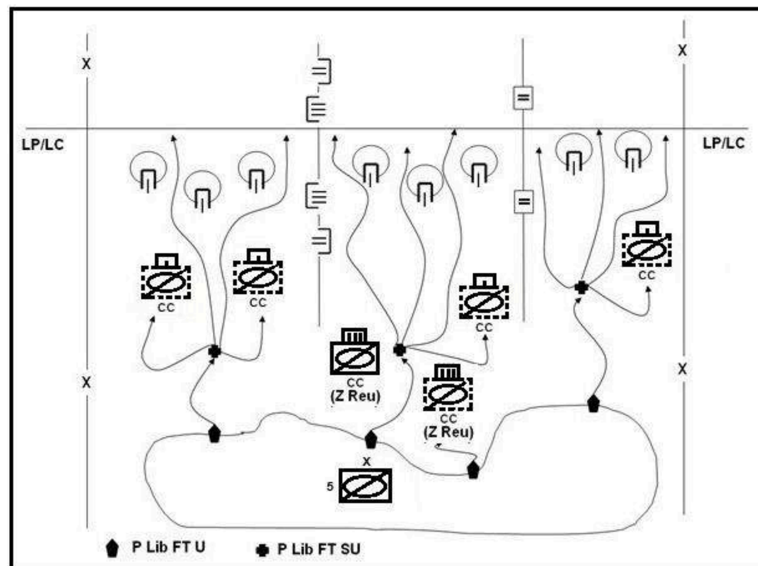


Fig 4-45 Bda Bld na ultrapassagem de uma outra Bda

4.8.3.3.3 Coordenação

a) Durante o planejamento, os pormenores, abaixo especificados, devem ser coordenados pelos comandantes e EM envolvidos na operação e normas deverão ser estabelecidas para que os comandos subordinados, dentro das respectivas Z Aç, possam efetuar as ligações necessárias.

b) Troca de Informações

- A GU em contato fornece todas as informações possíveis, do inimigo e do terreno, para a Bda Bld. Esses informes devem incluir o valor, dispositivo e composição das forças inimigas, bem como a localização de seus blindados, das armas anticarro e dos obstáculos.

c) Troca de Planos Táticos

- as trocas de planos devem ser executadas entre a Bda Bld e a GU a ser ultrapassada.

d) Reconhecimento

- Um completo Rec deve ser feito pelo Cmt e EM da Bda, bem como pelos comandantes subordinados, até o nível pelotão.
- O Rec deve abranger os itinerários para os locais de ultrapassagem, o local propriamente dito e a localização das tropas em posição.

e) Segurança

- Deve ser feito o máximo esforço para evitar que o inimigo tome conhecimento da ultrapassagem.
- O movimento, através das posições, deve ser conduzido à noite, o que exige um estrito controle e Rec antecipado.

- O fogo de artilharia deve ser empregado, durante o movimento, para encobrir o ruído das viaturas.

- Se o movimento através das posições for conduzido durante o dia, fumígenos podem ser empregados sobre os postos de observação identificados e à frente das posições inimigas.

- Enquanto a ultrapassagem está se realizando, a concentração de tropa apresenta um excelente alvo para o inimigo. Assim, a ultrapassagem deve ser realizada o mais rapidamente possível. Durante o período de concentração de tropa, medidas de defesa contra ataques aéreos devem ser tomadas.

f) Seleção das Áreas de Ultrapassagem

- Quando possível, as áreas selecionadas para ultrapassagem não devem estar ocupadas, mas localizadas entre os elementos das unidades em posição ou em seus flancos.

- Este procedimento reduz a vulnerabilidade que se cria quando uma força ultrapassa diretamente através de posições ocupadas por outras tropas.

- Pode ser necessário que a GU em contato reajuste seu dispositivo, a fim de permitir uma ultrapassagem mais satisfatória.

- Deve ser dada prioridade para utilização de itinerários e áreas bem delimitadas ou facilmente identificadas.

- O comando que dirige a ultrapassagem, normalmente, estabelece uma prioridade nas estradas e em determinadas áreas.

- A força que vai ultrapassar deve ter prioridade para a utilização de itinerários que conduzam à área da tropa que está sendo ultrapassada.

- Informações detalhadas sobre as estradas a serem utilizadas e áreas a serem ocupadas devem ser difundidas o mais cedo possível.

- Os itinerários estabelecidos para os deslocamentos através da posição devem ser bem sinalizados e controlados. O ideal é que a Bda Bld e a GU em contato proporcionem guias até o escalão pelotão.

- O controle do trânsito na área da GU ultrapassada é da responsabilidade desta, até que a responsabilidade pela Z Aç seja transferida para a Bda Bld.

g) Passagem do Comando

- A hora e as condições em que a responsabilidade pelo controle da Z Aç será transferida devem resultar de um acordo entre os dois comandantes interessados ou serem determinadas pelo Esc Sp.

- Normalmente, o Cmt Bda Bld assume a responsabilidade pela Z Aç na hora do ataque. A responsabilidade pela Z Aç pode ser transferida na ocasião do desencadeamento dos fogos de preparação, ou mais cedo, mediante ordem do comando que determina a ultrapassagem.

- Em princípio, o Cmt GU em contato exerce o controle operacional sobre os elementos da Bda Bld em sua Z Aç, até que a responsabilidade por essa área seja transferida. Nessa ocasião, o Cmt Bda Bld assume o controle das operações táticas de ambas as forças, até que seja completada a ultrapassagem.

h) Apoio ao Combate e Apoio Logístico

- A GU em contato proporciona todo o apoio à Bda Bld, particularmente, em relatórios de campos de minas, fornecimento de guias, apoio de fogo e outros apoios ao combate.
- Os elementos de apoio de fogo das unidades em contato são, normalmente, integrados aos planos de apoio de fogo das unidades da Bda Bld, que, por sua vez, estão em consonância com a matriz de sincronização da Bda. A artilharia da tropa ultrapassada deverá reforçar os fogos do GAC da Bda, após o início da operação.
- O O Lig de artilharia, os OA e o O Lig aérea da Bda Bld devem manter contato com seus correspondentes para a troca de informações e tomar conhecimento dos pormenores do plano de apoio de fogo.
- Devido às dificuldades de coordenação e controle, apenas os meios de fogos indiretos das unidades em contato devem ser empregados para apoiar a Bda Bld, durante a realização da ultrapassagem propriamente dita.
- Dentro de suas possibilidades, a GU que está sendo ultrapassada fornece o apoio logístico para a Bda Bld, durante e imediatamente após a ultrapassagem. Esse apoio pode incluir a condução de PG, o controle de trânsito, o controle de extraviados e o auxílio no manuseio de mortos.

i) Outras Coordenações

- A abertura de brechas através de campos minados e obstáculos amigos, para permitir uma rápida ultrapassagem, é executada pela GU que está sendo ultrapassada.
- Planos de dissimulação, para manter o sigilo e facilitar a obtenção da surpresa, devem ser realizados entre a Bda Bld e a GU a ser ultrapassada.

4.8.3.3.4 Execução

a) Os elementos de manobra da Bda Bld iniciam seus deslocamentos da Z Reu para a LP, na ocasião prevista. Cuidadosos cálculos de marcha devem ser feitos para que as unidades ataquem na hora determinada, sem necessidade de usar posições de ataque. Esse procedimento reduz ao mínimo o tempo de concentração de tropas na área avançada.

b) Em algumas situações, é preferível deslocar as reservas da GU em contato para Z Reu à retaguarda, imediatamente antes do início da ultrapassagem, para reduzir a densidade de tropas durante a operação. Tal procedimento, normalmente, é prescrito pelo comando que ordena a ultrapassagem.

4.8.3.4 Acolhimento

4.8.3.4.1 Generalidades

a) Acolhimento é uma operação na qual uma força, em movimento retrógrado, passa através da Z Aç de outra que ocupa uma posição defensiva ou uma posição de retardamento à sua retaguarda. A força acolhida realiza um retraimento através de uma posição.

b) O acolhimento pode ocorrer com ou sem contato com o inimigo. Quando

conduzido em contato com o inimigo, este perdurará até que as forças que retraem se coloquem sob a proteção dos fogos do elemento que executa o acolhimento.
c) O objetivo dessa operação é a substituição de uma tropa exaurida ou empregada em uma ação além de sua capacidade. Pode, também, ser realizada como parte de um movimento retrógrado ou para permitir à força que retrai o cumprimento de outra missão.
d) Após a acolhida, a força que retrai poderá deslocar-se para área de repouso, a fim de reorganizar-se e passar por novo período de instrução, cobrir o retraimento de outra força e deslocar-se para outra área, para que possa ser empregada em nova missão.

4.8.3.4.2 Planejamento
a) Coordenação
- Nenhum Cmt, tanto o que retrai, quanto o que se encontra em posição, exerce o comando sobre o outro, mas cada força pode apoiar a outra pelo fogo e pela manobra.
- Após o recebimento da ordem preparatória, o Cmt e o EM da Bda Bld estabelecem ligações com seus correspondentes da GU em posição, para coordenar o planejamento da operação. A troca de elementos de ligação é feita até o nível pelotão e estes, no âmbito de seus respectivos escalões, coordenam os pormenores da operação.
- Um plano detalhado de Rec deve ser elaborado e cuidadosamente coordenado entre a Bda Bld e a GU que se encontra em posição.
b) Seleção das Áreas de Passagem
- Sempre que possível, as áreas ou pontos selecionados para a passagem das tropas que retraem devem estar desocupados e localizados entre os elementos da força em posição ou em seus flancos.
- O dispositivo na posição defensiva, os planos de fogos, a segurança, a vulnerabilidade e a missão subsequente da Bda Bld devem ser levados em consideração na seleção das áreas ou pontos de passagem.
- A vulnerabilidade aos ataques do inimigo pode ser reduzida pela seleção de áreas ou de pontos que possibilitem à Bda Bld passar pelos flancos ou áreas desocupadas da GU em posição.
c) Itinerários de Retraimento
- A Bda Bld deverá utilizar vários itinerários de retraimento e evitar a utilização de Z Reu ou paradas dentro da posição ou área de retaguarda da GU que faz o acolhimento.
- A Bda Bld deve ter prioridade na utilização dos itinerários e instalações.
- Quando possível, os itinerários de retraimento, particularmente para VBC CC e VBR devem evitar locais organizados da P Def (núcleos de defesa).
- O Cmt Bda Bld é o responsável pelo controle do tráfego à frente da P Def . O Cmt da força em posição é responsável pelo controle do tráfego no interior da P Def.

d) Passagem de Comando

- A hora e as condições em que a responsabilidade pelo controle da Z Aç é transferida para o Cmt GU em posição são determinadas por entendimentos entre os dois comandantes interessados ou fixadas pelo Esc Sp;
- Normalmente, em uma operação de acolhimento, o Cmt GU em posição assume a responsabilidade pelo controle da Z Aç no momento em que a tropa que retrai atinja uma linha de segurança de apoio de artilharia ou uma linha de controle designada. Pode ser, também, em uma hora predeterminada; e
- Na ação retardadora, a responsabilidade pela Z Aç, por parte da Bda Bld, termina por ocasião de seu acolhimento na posição. A cooperação e a coordenação são essenciais para que o retraimento se processe em boas condições.

e) Apoio ao combate e logístico

- A Bda Bld deve receber todo o apoio possível por parte da GU em posição.
- O apoio de fogo prestado pela GU em posição é de grande importância, especialmente com relação à cobertura a ser dada aos destacamentos deixados em contato com o inimigo.
- Os fogos devem ser coordenados entre as duas forças participantes da operação.
- Áreas de abastecimento devem ser localizadas à retaguarda dos elementos que farão o acolhimento para proporcionar abastecimento de emergência, quando necessário.

4.8.3.4.3 Medidas de Coordenação e Controle

a) Rigoroso controle é necessário para um retraimento ordenado através de uma posição à retaguarda.

b) As medidas por meio das quais a operação deve ser controlada e coordenada são previstas pelo Esc Sp ou acertadas entre os comandantes interessados.

c) Qualquer alteração das medidas de controle planejadas deve ser coordenada entre os comandos envolvidos e levada ao conhecimento de todos os elementos interessados.

d) As medidas de coordenação e controle normalmente usadas são: os pontos de ligação, os pontos de passagem, os itinerários de retraimento, a hora de passagem e os sinais de Rec.

e) Pontos de Ligação

- Nesse tipo de operação, são designados pelo comando enquadrante ou por combinação entre os comandantes envolvidos na operação.
- Para assegurar uma perfeita coordenação, um ponto de ligação principal e outro alternativo devem ser designados em cada setor de unidade. Esses pontos são efetivados pelos elementos de ligação e são localizados dentro do alcance das armas do limite anterior da área de defesa avançada ou posição de retardamento. Os comandos subordinados deverão, dentro de suas respectivas Z Aç, estabelecer P Lig para suas peças de manobra.

- Os elementos da ADA, ou posição de retardamento, enviam patrulhas de ligação, equipadas com rádio e guias para os P Lig.

f) Pontos de Passagem

- Esses pontos são localizados no limite anterior da ADA ou posição de retardamento e, através deles, as forças são acolhidas. Devem ser reconhecidos pelas forças que retraem.
- Os pontos de passagem são, também, empregados para proporcionar um meio de referenciar locais específicos e informações para o controle das unidades.
- Os guias das unidades que realizam o acolhimento, normalmente, encontrarão os elementos que executam o retraimento no P Lig e os guiarão através dos pontos de passagem sobre o limite anterior da ADA, ou posição de retardamento, e daí para a retaguarda da unidade.

g) Itinerários de Retraimento

- São caminhos designados através da posição à retaguarda e que facilitam um retraimento ordenado e contínuo.
- No interior da posição, é obrigatório que as tropas se mantenham sobre os itinerários prescritos.

h) Hora da Passagem

- A hora da passagem é designada pelo Cmt que ordenou a operação. Horas específicas são designadas para cada unidade.
- Um representante de cada unidade que retrai, com rádio, precederá a unidade de marcha no ponto de passagem. Esses representantes informam à unidade que acolhe o número de veículos que estão retraindo e a identificação do último veículo a retrair.

i) Sinais de Reconhecimento

- São incluídos na ordem de operações e devem ser baseados nas Instruções para a Exploração das Comunicações e Eletrônica (IE Com Elt) e nas normas gerais de ação das forças interessadas.
- Os sinais de Rec são acertados entre as duas forças e, normalmente, cobrem tanto o retraimento diurno quanto o noturno.

4.8.3.4.4 Execução do Retraimento

a) Na hora prevista, os elementos da Bda Bld iniciam o deslocamento para a retaguarda, dentro de suas respectivas Z Aç. Esse deslocamento deverá ser realizado durante períodos de visibilidade reduzida, evitando-se a utilização de Z Reu e paradas na área de retaguarda da GU em posição, uma vez que isso provoca um aumento de densidade de tropas na A Op.

b) Os comandantes das unidades subordinadas são responsáveis pela identificação do último elemento de sua organização a passar através da unidade em posição.

c) A fim de reduzir a densidade de tropas durante o acolhimento, é conveniente que o retraimento seja executado na seguinte sequência: os elementos de apoio logístico, a reserva, os elementos de C², de apoio ao combate e de combate.

4.9 MOBILIDADE E CONTRAMOBILIDADE

4.9.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

4.9.1.1 O apoio de engenharia é realizado com objetivo de facilitar a execução da manobra planejada de maneira rápida e eficaz, seja apoiando a mobilidade das tropas amigas ou a contramobilidade do inimigo.

4.9.1.2 Devido às características das ações no escalão Bda, os trabalhos de engenharia realizados pelo BE Cmb Bld são sumários e rápidos. Para trabalhos mais demorados, que exijam o emprego de equipamentos especializados, ou trabalhos mais técnicos, a Bda deverá ser apoiada pela engenharia de seu escalão superior.

4.9.2 EMPREGO DA ENGENHARIA DE COMBATE DA BDA BLD

4.9.2.1 Nas operações realizadas pela Bda Bld, o apoio à mobilidade e à contramobilidade estão diretamente ligados às ações de combate da manobra tática planejada, sendo necessária uma íntima ligação entre a tropa apoiada e a tropa de engenharia.

4.9.2.2 O apoio de engenharia é realizado, geralmente, com um Pel E Cmb Bld por FT U Bld, sendo possível, de acordo com a situação tática, apoiar aqueles elementos de manobra com mais de um Pel E Cmb Bld. O apoio poderá ser realizado em apoio direto ou na situação de comando de reforço, de acordo com o planejamento da Bda Bld.

4.9.2.3 As demais frações do BE Cmb Bld da Bda Bld serão empregadas em Apoio ao Conjunto, em condições de aumentar o apoio de engenharia às peças de manobra empregadas em primeiro escalão e apoiar a reserva quando empregada.

4.9.2.4 O apoio de engenharia tanto na mobilidade, quanto na contramobilidade, deverá respeitar os princípios gerais de emprego da arma de engenharia: emprego como arma técnica, emprego centralizado, permanência nos trabalhos, utilização imediata dos trabalhos, manutenção dos laços táticos, engenharia em reserva, prioridade e urgência e emprego por elementos constituídos.

4.9.2.5 A engenharia é organizada em elementos de trabalho, cada qual com capacidades de realizar tarefas com volumes e tipos específicos. O Pel E Cmb Bld é a fração básica de emprego junto aos elementos de manobra da Bda Bld. As necessidades em meios especializados de pontes e de equipamentos mecânicos, por exemplo, podem exigir o apoio de elementos especializados de engenharia. Para detalhamento sobre o emprego da engenharia, deverá ser

consultado o Manual de Campanha Emprego da Engenharia (C 5-1), 3ª Ed, 1999.

4.9.3 TAREFAS DE ENGENHARIA NA MOBILIDADE E NA CONTRAMOBILIDADE

4.9.3.1 Para que possa apoiar as peças de manobra de maneira rápida e eficaz, as frações de engenharia podem executar as seguintes tarefas na mobilidade e na contramobilidade:

4.9.3.1.1 Em Apoio à Mobilidade
a) executar reconhecimentos de engenharia;
b) realizar trabalhos de abertura de trilhas e brechas em barreiras e em obstáculos;
c) realizar a limpeza de áreas minadas;
d) realizar a desativação de artefatos explosivos improvisados ou explosivos não detonados;



Fig 4-46 Viatura Blindada Especial Lança Pontes do BE Cmb Bld

e) utilizar a viatura blindada especial de engenharia para desobstrução de determinados obstáculos e utilizar a viatura blindada especial lança pontes para transpor fossos e pequenos cursos de água;
f) transpor cursos de água utilizando os meios de transposição orgânicos do Batalhão;
g) conservar e reparar pistas e estradas, priorizando a rede mínima necessária para o movimento e a manobra;
h) construir estradas, aeródromos e heliportos sumários, a fim de facilitar o movimento e a manobra; e
i) destruir posições organizadas, que se constituírem obstáculos à progressão.



Fig 4-47 Meios de transposição orgânicos
do BE Cmb Bld

4.9.3.1.2 Em Apoio à Contramobilidade
a) executar reconhecimentos de engenharia;
b) lançar obstáculos antipessoais;
c) lançar barreiras;
d) lançar campos de estacas;
e) lançar campos minados e áreas minadas;
f) realizar agravamentos de cursos de água;
g) construir fossos anticarro;



Fig 4-48 Viatura Blindada Especial de Engenharia
do BE Cmb Bld

h) armadilhar e destruir pontes, estradas e demais instalações para dificultar, impedir ou canalizar o movimento do inimigo; e
i) utilizar a viatura blindada especial de engenharia para construção de fossos, para agravamento de outros obstáculos e para construção de diversos obstáculos.

4.9.4 APOIO DE ENGENHARIA

4.9.4.1 Nas operações ofensivas

4.9.4.1.1 A missão genérica da engenharia de combate na ofensiva é a de apoiar, particularmente por meio de trabalhos técnicos, os elementos de manobra da Bda Bld como um todo, realizando destruições de obstáculos, melhorando e balizando vaus, recuperando pontes ou lançando meios de passagem contínuos no local de pontes destruídas pelo inimigo, recuperando as condições de transitabilidade de estradas etc.

4.9.4.2 Nas operações defensivas

4.9.4.2.1 Nas Op Def, as ações de engenharia visam a aumentar o poder combativo da Bda Bld, particularmente, por intermédio de trabalhos que tenham como objetivo a contramobilidade do inimigo.

4.9.4.2.2 As barreiras são utilizadas pela Bda Bld para retardar ou canalizar o avanço do inimigo para uma área onde seja mais vulnerável aos fogos e para permitir a destruição deste por meio de uma ação ofensiva. A utilização de barreiras, incluindo o emprego de fumígenos, concorre para ganhar tempo. O plano de barreiras da Bda reúne todas as ações de contramobilidade a serem executadas em determinada operação.

4.9.4.2.3 O plano de barreiras é coordenado pelo Esc Sp para evitar interferência nas operações futuras e preparado como um anexo ao plano ou à ordem de operações. O Cmt BE Cmb Bld coopera na formulação deste plano de barreiras da Bda e na sua execução. Para isso, trabalha em íntima ligação com os elementos do EM da Bda e sob a orientação do seu Cmt.

4.9.4.2.4 Nesse planejamento, é levada em consideração a realização do grosso dos trabalhos sob a responsabilidade dos elementos que vão ocupar a posição, cabendo à engenharia a execução dos obstáculos que exijam uma técnica mais apurada ou equipamentos especializados.

4.9.4.2.5 A engenharia prepara destruições importantes, lança campos de minas e executa o agravamento mecânico dos obstáculos. Compete as FT o preparo dos núcleos defensivos.

4.9.4.2.6 Os núcleos de aprofundamento podem ser preparados pela engenharia, quando a tropa prevista para ocupá-los estiver empenhada em outra missão. Os elementos de primeiro escalão contam com a colaboração da engenharia, no preparo de seus núcleos em terreno difícil.

4.9.4.2.7 A engenharia tem ainda o encargo de manter condições de trânsito nas estradas e pistas necessárias à manobra e que não estejam sob a responsabilidade da engenharia do Esc Sp. A ênfase é manter e melhorar o sistema viário existente.

4.9.4.2.8 Nos contra-ataques, a engenharia auxilia o movimento da reserva da Bda, realizando os trabalhos de abertura de passagens em obstáculos.

4.9.4.2.9 A engenharia da Bda realiza outros trabalhos de fortificações (postos de comando, postos de observação, instalações etc.) e presta assistência em todas as medidas concernentes à camuflagem.

4.9.4.3 A Bda Bld pode colocar elementos de engenharia em apoio às suas FT U Bld. Em geral, antes de o inimigo abordar a P Def, a engenharia trabalha como um todo, em proveito do conjunto da Bda, particularmente no estabelecimento de obstáculos especiais do sistema de barreiras.

4.9.4.4 Quando a engenharia da Bda Bld for insuficiente para atender a todos os trabalhos na defensiva ou ofensiva, o Esc Sp pode fornecer à Bda o apoio de engenharia necessário para o trabalho de sua engenharia orgânica.

4.10 OPERAÇÕES EM AMBIENTES COM CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS

4.10.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

4.10.1.1 A Bda Bld pode ser empregada em ambientes operacionais com características tão peculiares que exijam de seus elementos subordinados Táticas, Técnicas e Procedimentos (TTP) específicos para o cumprimento de sua missão.

4.10.1.2 Para fins de preparo e emprego dos elementos da Bda Bld, os ambientes operacionais com características especiais estão divididos em selva, pantanal, caatinga e montanha.

4.10.1.3 Para mais informações, consultar os Manuais de Campanha EB-70-MC-10.223 – Operações (5ª Ed, 2017), EB-70-MC-10.202 – Operações Ofensivas e Defensivas (1ª Ed, 2017) e EB-70-MC-10.222 – A Cavalaria nas Operações (1ª Ed, 2018).

CAPÍTULO V

INTELIGÊNCIA

5.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

5.1.1 A função de combate inteligência compreende o conjunto de atividades, tarefas e sistemas inter-relacionados, empregados para assegurar a compreensão sobre o ambiente operacional, as ameaças (atuais e potenciais), o inimigo, o terreno e as considerações civis.

5.1.2 É uma atividade particularmente complexa, que abrange as demais funções de combate e que deve considerar um número elevado de variáveis, de forma a possibilitar ao comando obter plena consciência situacional do entorno operativo onde se desdobram as forças militares.

5.1.3 No nível tático, a inteligência contribui para a consciência situacional do comandante operativo, pois permite o conhecimento do ambiente operacional e das ameaças presentes. É no nível tático que a função de combate inteligência tem aplicação plena, podendo influenciar no campo de batalha de forma imediata.

5.1.4 Esse planejamento exige um conhecimento profundo da organização das forças oponentes, das suas capacidades, das suas limitações e vulnerabilidades, das características técnicas de seus materiais, das formas de emprego, bem como do terreno, do clima, além das peculiaridades sociais, políticas e econômicas da população local e do ambiente operacional.

5.1.5 Os combates modernos têm se caracterizado pelo uso maciço de tecnologia, pela presença de civis e da mídia no ambiente operacional, pelo emprego de estruturas de combate com maior proteção coletiva, velocidade e letalidade seletiva, pela utilização de aeronaves remotamente pilotadas e pela capacidade de operar no espaço cibernético.

5.1.6 Um dos aspectos a ser levado em conta é que a dinâmica e velocidade das batalhas alteram a situação tática constantemente, ocasionando uma série de eventos que podem afetar diretamente a manobra da Bda Bld.

5.1.7 Desta forma, cresce de importância o princípio da oportunidade, uma vez que as novas condições do ambiente operacional e do espaço de batalha obrigam o Cmt a reavaliar a situação e rever suas decisões com maior frequência, exigindo que o ciclo de inteligência seja permanentemente atualizado.

5.1.8 A função de combate inteligência é muito mais que a simples obtenção de dados e informações. É um processo contínuo que integra a análise da informação com o desenvolvimento das operações, de maneira que se possa visualizar e entender a situação. O seu papel mais importante é o de servir de base para o desenvolvimento das operações, apoiando o processo decisório, numa atividade contínua e dinâmica.

5.2 A ORGANIZAÇÃO DA INTELIGÊNCIA NA BRIGADA BLINDADA

5.2.1 A 2ª Seção da Bda Bld é a responsável por planejar, orientar, coordenar e supervisionar todas as atividades de inteligência na sua área de responsabilidade.

5.2.2 Deve incorporar pessoal e meios que possibilitem a máxima integração e a adequada análise de dados provenientes das diversas fontes, com o foco na manutenção da compreensão dos Cmt, em todos os níveis, acerca do espaço de batalha e do oponente.

5.2.3 Para isso, coordena o emprego dos meios de obtenção disponíveis e estabelece a prioridade e a urgência para obtenção de dados, especificando a fonte mais adequada, sempre que isso for possível.

5.2.4 O E2 é o principal assessor do Cmt em assuntos de inteligência e contrainteligência. Ele orienta e auxilia outros oficiais do EM, inclusive o Oficial de Comunicações e Eletrônica (OCE) e o de Guerra Eletrônica (OGE), no trato da produção de conhecimentos de inteligência em suas áreas funcionais.

5.2.5 Como principal assessor, cabe ao oficial de inteligência da Bda Bld:
a) estabelecer e manter atualizado um banco de dados que compreenda todas as informações relevantes sobre o ambiente operacional e as ameaças;
b) identificar as características da área de operações, incluindo as considerações civis, que influenciarão as nossas operações e as do inimigo;
c) estabelecer a área de interesse, de acordo com as diretrizes do comandante;
d) levantar e consolidar as necessidades de inteligência;
e) monitorar e difundir previsões contínuas sobre as condições meteorológicas, determinando as suas influências nas operações correntes e planejadas;
f) identificar os riscos existentes na área de operações, incluindo riscos de doenças e materiais industriais tóxicos;
g) identificar as características do ambiente informacional que poderão ser influenciadas pelas operações do inimigo;
h) determinar a doutrina, técnicas, táticas e procedimentos empregados pelo inimigo;
i) identificar as possibilidades do inimigo, as matrizes doutrinárias e apoiar a identificação dos Alvos de Alto Valor;
j) determinar as diversas LA possíveis do inimigo, antecipando suas ações

futuras, capacidades ou situações;
k) integrar as informações do Processo de Integração Terreno, Condições Meteorológicas, Inimigo e Considerações Civis (PITCIC) no Exm Sit; e
l) planejar, em conjunto com todos os oficiais do EM, as atividades de Inteligência, Reconhecimento, Vigilância e Aquisição de Alvos (IRVA).

5.2.6 Todas as unidades têm a responsabilidade de transmitir, com oportunidade, dados e conhecimentos sobre o inimigo para o Esc Sp. Na Bda Bld, devido às suas características, o Esqd C Mec é a tropa mais apta para a busca de dados sobre o inimigo e o terreno.

5.2.7 Atuando em proveito de suas próprias unidades, os Pel Exp dos BIB e dos RCC são as tropas mais aptas para a atividade de Inteligência, por terem a capacidade de reconhecer eixos, Z Aç, bases de fogos e locais de passagem, além de estabelecer postos de observação e vigia.

5.2.8 Com relação a inteligência de imagens, os meios disponíveis para a busca de dados nas unidades da Bda Bld podem incluir o SARP, responsável pela obtenção de imagens de média e alta resolução de toda a A Op, que permitirá a visualização desta área em tempo real ou quase real, dando resposta às necessidades de inteligência do Cmt.

5.2.9 Quando não existirem cartas militares e mapas, as imagens produzidas pelo SARP (recebido em reforço) poderão ser utilizadas em sua substituição, servindo também para a atualização de cartas militares e mapas existentes, além de auxiliarem a execução metodológica de tarefas relativas à integração do Terreno, Condições Meteorológicas, Inimigo e Considerações Civis.

5.2.10 A busca de dados sobre o inimigo conta ainda com o emprego do radar de vigilância terrestre, operado pela Seção de Vigilância Terrestre e Observação, orgânica das U de Infantaria e Cavalaria da Bda Bld. Essa seção possui a capacidade de executar operações de vigilância, aquisição, classificação, localização, rastreamento e exibição gráfica automática de alvos em terra, tais como, indivíduos em solo, tropas, blindados, caminhões e trens.

5.2.11 Os meios de GE do Esc Sp devem, sempre que possível, apoiar as operações da Bda Bld, ampliando a capacidade de busca de informações sobre o inimigo e disponibilizando estes dados.

5.2.12 A função de combate inteligência não inclui apenas os meios que a integram. Dela também fazem parte todos aqueles que realizam atividades de inteligência. Todo militar é um meio de obtenção de dados em potencial. Assim, ressalta-se a importância da ação de comando em todos os níveis e a instrução/adestramento de tropa. Cabe ressaltar a importância de um sistema em que os dados, levantados de forma contínua pela tropa desdobrada no terreno, cheguem com oportunidade aos especialistas.

5.2.13 As turmas de caçadores, orgânicas das U da Bda Bld, também devem ser utilizadas como fonte de dados de inteligência. As informações do inimigo, levantadas por essas frações, devem ser repassadas com oportunidade para o EM Bda Bld, a fim de auxiliar no processo de tomada de decisão da GU.

5.2.14 Neste contexto, a tropa deve ser instruída acerca do trato não especializado com as fontes humanas, particularmente no que se refere ao inimigo, população local, membros de Organizações Não Governamentais (ONGs), policiais e demais pessoas envolvidas no conflito.

5.3 A BRIGADA BLINDADA E A CONSCIÊNCIA SITUACIONAL

5.3.1 O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO TERRENO, CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS, INIMIGO E CONSIDERAÇÕES CIVIS E O PLANEJAMENTO DAS OPERAÇÕES DA BRIGADA BLINDADA

5.3.1.1 O PITCIC é um processo cíclico de caráter gráfico que permite, mediante análise integrada, a visualização de como o terreno, as condições meteorológicas e as considerações civis condicionam as próprias operações e as do inimigo, fornecendo dados reais e efetivos para auxiliar a tomada de decisões adequadas. É um processo de apoio ao Exm Sit, particularmente durante a montagem das LA

5.3.1.2 Apesar do oficial de inteligência da Bda Bld ser o responsável pela condução do PITCIC, tal processo exige a participação de todos os membros do EM. Por sua vez, o EM necessita do apoio de todos os elementos que possam proporcionar dados, podendo este apoio ser materializado por outros organismos e unidades, tais como os engenheiros especialistas em análise do terreno, equipes meteorológicas, escalão superior, unidades vizinhas etc.

5.3.1.3 O fluxo de informações e os relatórios dos subordinados são vitais para a obtenção da consciência situacional. Desta forma, todo militar, desde os integrantes dos menores escalões, pode fornecer informações úteis, o que caracteriza o conceito IRVA. O fluxo constante dessas informações é imprescindível para que os produtos do PITCIC possam ser mantidos atualizados.

5.3.1.4 O PITCIC integra todo o PPCOT, desde a identificação dos conhecimentos necessários até o apoio ao processo decisório, sendo revisado e atualizado durante a execução das operações. Os conhecimentos que não estão disponíveis são identificados durante o PITCIC, o que serve para orientar os esforços dos diversos meios de obtenção existentes na Bda Bld.

5.3.1.5 Os Cmt e os EM empregam o Exm Sit para desenvolver LA para a decisão e produção de planos ou ordens. Os produtos do PITCIC são

essenciais para apoiar esse processo decisório. Outras informações sobre o Exm Sit podem ser encontradas no Manual de Campanha Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres (EB20-MC-10-211), 1ª Ed, 2014.

5.3.1.6 Durante o recebimento da missão, a 2ª Seção realiza uma avaliação dos dados disponíveis para identificar lacunas no conhecimento. Da mesma forma, o EM busca atualizar os bancos de dados, em suas áreas funcionais, com dados de diversas fontes.

5.3.1.7 A 2ª Seção deve inteirar-se da ordem de operações do Esc Sup e do seu Anexo de Inteligência. Além disso, deve iniciar a confecção dos calcos das forças inimigas, com base nos bancos de dados, estimativas da situação atual do inimigo e nos dados do terreno e condições meteorológicas. A confecção ou atualização, de forma antecipada, dos calcos das forças inimigas facilitará os trabalhos da seção no prosseguimento do Exm Sit.

5.3.1.8 Durante a primeira fase do Exm Sit, o EM realiza a primeira fase do PITCIC, além da definição do ambiente operacional, com a identificação da Z Aç e determinação da área de interesse. Além disso, a seção de inteligência verifica as condições de execução da operação, especialmente em relação aos seguintes itens:
a) plano de dissimulação tática do escalão superior;
b) considerações iniciais sobre a A Op;
c) condicionantes e riscos relacionados à inteligência;
d) facilidades e restrições ao planejamento da operação e de inteligência;
e) meios de inteligência e reconhecimento recebidos;
f) influência dos fatores operativos (políticos, econômicos, social, infraestrutura, informações, ambiente físico e tempo);
g) considerações iniciais sobre o inimigo presente;
h) considerações civis preliminares;
i) atualização das estimativas correntes; e
j) proposta inicial das necessidades de inteligência.

5.3.1.9 Durante a análise da missão, todas as seções do EM da Bda Bld devem iniciar a definição dos elementos essenciais de informação (EEI) que serão necessários para o planejamento da operação em suas áreas funcionais. Mesmo durante o planejamento, podem surgir EEI não observados anteriormente que contribuam para o desenvolvimento das nossas LA, bem como as do inimigo.

5.3.1.10 Durante a segunda fase do Exm Sit, a 2ª Seção realiza, também, a segunda fase do PITCIC, com a identificação dos efeitos ambientais sobre as operações, e inicia a terceira fase de avaliação da ameaça. Nessa oportunidade, a seção deve realizar as seguintes atividades:
a) retificar ou ratificar a determinação da área de operações, em coordenação

com os demais integrantes do EM;
b) levantar os dados disponíveis acerca da A Op;
c) confeccionar o Calco de Restrição ao Movimento;
d) confeccionar o Calco de Vias de Acesso;
e) realizar a análise do terreno e das condições meteorológicas;
f) analisar as considerações civis;
g) atualizar os Calcos Doutrinários do Inimigo;
h) analisar a situação do Inimigo e produzir os calcos respectivos;
i) apoiar o EM na determinação dos Alvos de Alto Valor e Alvos Altamente Compensadores;
j) identificar as vulnerabilidades críticas do inimigo;
k) levantar os fatores de força e fraqueza do inimigo;
l) analisar o PRC, em conjunto com o oficial de operações;
m) atualizar as estimativas correntes;
n) consolidar as necessidades de inteligência; e
o) expedir matrizes do Plano de Obtenção de Conhecimento (POC) para as OM da Bda Bld, direcionando o esforço de obtenção.

5.3.1.11 A descrição dos efeitos do ambiente operacional identifica restrições às possíveis LA da Bda Bld e aspectos essenciais do ambiente operacional, como VA, AE e Zonas de Aterragem (Z Ater).

5.3.1.12 A avaliação do inimigo fornece informações detalhadas sobre seu dispositivo, composição, valor, atividades recentes e atuais, peculiaridades e deficiências, dados fundamentais para o planejamento do EM. Deve proporcionar uma clara compreensão do CG do inimigo, para que possa ser explorado pelas nossas forças.

5.3.1.13 As capacidades e vulnerabilidades do inimigo, identificadas durante a 3ª fase do PITCIC (Avaliação da Ameaça), permitem ao Cmt e ao EM da Bda Bld estabelecer hipóteses sobre o poder relativo de combate entre as nossas forças e o inimigo.

5.3.1.14 A avaliação do inimigo e a determinação das suas LA são facilitadas quando cada integrante do EM da Bda Bld utiliza os conhecimentos de sua função de combate nestas atividades. Um esforço combinado de todo o EM reduz o prazo inicial para executar o PITCIC e permite ao Cmt decidir em menos tempo.

5.3.1.15 Após analisar a situação, tendo a compreensão do inimigo e de nossas forças, inicia-se a fase de estudo das possibilidades do inimigo com o objetivo de chegar às suas possíveis LA e, na sequência, levantar as nossas próprias LA.

5.3.1.16 O EM da Bda Bld formula LA para cumprir a missão, baseado nas análises realizadas no PITCIC e fases anteriores do Exm Sit. O emprego dos

resultados do PITCIC na formulação das nossas LA assegura que cada uma delas tire proveito das vantagens que o ambiente operacional e a situação do inimigo oferecem.

5.3.1.17 Uma vez que o PITCIC é um processo cíclico e contínuo, as LA do inimigo são estabelecidas inicialmente, mas devem ser revisadas e atualizadas continuamente. A realização de uma análise detalhada do inimigo permite que o EM levante de forma antecipada as suas ações.

5.3.1.18 A 2ª Seção deve determinar a maior quantidade possível de LA do inimigo, de acordo com o tempo disponível, iniciando pela LA mais provável e pela LA mais perigosa. Ao considerar todas as opções disponíveis para o inimigo, o EM assegura-se de que o planejamento possui flexibilidade, de forma a se adaptar as diversas situações que o inimigo possa criar.

5.3.1.19 Prosseguindo no planejamento, o EM confronta cada uma das LA da Bda Bld com todas as LA do inimigo, no chamado jogo da guerra. Nessa oportunidade, o oficial de inteligência desempenha o papel de comandante inimigo. As conclusões obtidas no confronto das LA, permitem o aperfeiçoamento destas e proporcionam a base para que, na fase seguinte, tenham suas vantagens e desvantagens devidamente relacionadas.

5.3.1.20 Baseado nos resultados do confronto de cada uma das LA com as LA do inimigo, o EM será capaz de:
a) preparar o Calco de Apoio à Decisão e sua matriz;
b) aperfeiçoar as necessidades de inteligência;
c) selecionar os alvos altamente compensadores, a partir dos alvos de alto valor identificado;
d) aperfeiçoar os calcos de situação, calco de eventos e suas matrizes, incluindo Regiões de Interesse Para a Inteligência (RIPI) em apoio aos pontos de decisão;
e) priorizar as LA do inimigo, de acordo com a sua probabilidade de adoção; e
f) considerar todas as capacidades relevantes das funções de combate do inimigo, seus pontos de decisão, EFD e vulnerabilidades.

5.3.1.21 Após o jogo da guerra, o E2 finalizará o seu estudo de Inteligência. O EM compara as nossas LA para identificar a que tem maior probabilidade de sucesso contra o conjunto das LA do inimigo. O oficial de inteligência compara as nossas LA, baseado na capacidade de apoiar a operação com os meios de Inteligência disponíveis na Bda Bld.

5.3.1.22 Por fim, após a avaliação das vantagens de cada LA, com base nas análises apresentadas pelo seu EM, o Cmt Bda Bld selecionará aquela que, a seu ver, melhor atenda ao cumprimento da missão.

5.3.1.23 O E2 deve priorizar a lista das necessidades de inteligência, apresentando-a ao Cmt para aprovação e definição dos Elementos Essenciais de Inteligência iniciais. O Calco de Eventos e sua matriz, o Calco de Apoio à Decisão e a Matriz de Sincronização de Inteligência são concluídos após a decisão do Cmt. Além disso, o planejamento de IRVA também é finalizado, sendo materializado no POC.

5.3.1.24 Os produtos do PITCIC devem ser disseminados o mais rápido possível, de forma a permitir o planejamento das OM da Bda Bld nas melhores condições e dentro do tempo previsto.

5.3.2 A COMPREENSÃO DO AMBIENTE OPERACIONAL DA BDA BLD

5.3.2.1 Ambiente Operacional é o conjunto de condições e circunstâncias que afetam o emprego das forças militares e influenciam nas decisões do comandante. A Bda Bld, pelas características dos seus meios, é capaz de permitir ao combatente blindado sobrepujar o oponente e combater em ambientes operacionais favoráveis ao seu emprego, evitando terrenos impeditivos ou restrições climáticas.

5.3.2.2 A Bda Bld não é a mais adequada para atuar em Z Aç com limitada observação e reduzidos campos de tiro, como, por exemplo, algumas localidades, áreas matosas e excessivamente compartimentadas. Estes ambientes operacionais forçam a Bda Bld a reduzir sua velocidade de progressão, expondo suas vulnerabilidades. Ademais, obrigam as Unidades a combater a curtas distâncias, reduzindo a assimetria e o poder de choque próprios da Bda Bld.

5.3.2.3 A identificação das características significativas do ambiente operacional onde a Bda Bld atuará permitirá focar os esforços de coleta e de busca nas áreas e características que influenciarão no cumprimento da missão, economizando tempo e recursos.

5.3.3 O TERRENO

5.3.3.1 O terreno terá uma influência fundamental sobre o emprego da Bda Bld e, portanto, uma análise detalhada com o levantamento da observação e campos de tiro, cobertas e abrigos, obstáculos naturais e artificiais, direções de aproximação, consistência do solo e espaço para a manobra permitirá ao E2 concluir sobre a provável atuação do inimigo e ao E3, desenvolver a LA mais adequada ao emprego da Bda.

5.3.3.2 O terreno determinará, ainda, a organização para o combate do inimigo, a localização do seu esforço principal, o provável eixo prioritário de transporte e a provável localização das suas unidades de apoio ao combate e logísticas.

5.3.3.3 O estudo detalhado do terreno permitirá também ao E3 e aos comandantes subordinados planejarem suas ações respectivas e visualizarem o desenvolvimento provável dos combates, especialmente no que se refere ao uso dos meios de CC, tropa de infantaria ou mecanizada, suas formações de combate iniciais e suas mudanças previsíveis.

5.3.3.4 Na observação e campos de tiro deverão ser consideradas as elevações e a vegetação. Quanto às cobertas e abrigos, incluir, para ambos os lados, as condições de desenfiamento e disfarce proporcionadas pela existência de vegetação, edificações e elevações.

5.3.3.5 Em virtude das características da Bda Bld, torna-se imprescindível a verificação, na A Op da Bda, da existência de obstáculos naturais e artificiais, tais como pântanos, matas, rios e localidades.

5.3.4 O INIMIGO, AMEAÇAS ATUAIS E POTENCIAIS

5.3.4.1 A ameaça é parte fundamental de um ambiente operacional. Pode ser definida como a conjunção de atores, estatais ou não, entidades ou forças com intenção e capacidade de realizar ação hostil contra o país e seus interesses nacionais com possibilidades de causar danos à sociedade e ao patrimônio.

5.3.4.2 As ameaças híbridas são atores não estatais providos de armas sofisticadas e que possuem capacidades e utilizam técnicas, táticas e procedimentos próprios das guerras irregulares. Combinam táticas convencionais e não convencionais para evitar nossos pontos fortes, como a mobilidade, a vigilância de longo alcance e os fogos de precisão, enquanto buscam atacar nossas vulnerabilidades.

5.3.4.3 O inimigo de uma Bda Bld são tropas blindadas e mecanizadas, que podem deslocar-se pelo campo de batalha. Neste sentido, a Bda Bld buscará manter atualizado os antecedentes referentes às características, capacidades, limitações e vulnerabilidades do inimigo, bem como a doutrina do emprego, técnica, tática e procedimentos de combate, de forma a levantar as suas frentes e profundidades, a velocidade de progressão e formações de combate adotada e os elementos que permitirão elaborar os modelos doutrinários do adversário.

5.3.4.4 Na composição do inimigo, deverão ser incluídas todas as unidades, inclusive forças irregulares, de apoio, aéreas e navais, com suas respectivas identificações, que podem influenciar no cumprimento da missão da Bda Bld.

5.3.4.5 Deverão ser consideradas, ainda, suas unidades de apoio de fogo terrestres, empregadas contra as nossas tropas, e que podem se opor a qualquer LA selecionada pelo comandante do escalão considerado.

5.3.4.6 As tropas em condições de reforçar deverão ser listadas, incluindo a identificação e sua provável localização, levando em consideração os fatores de análise, espaço e tempo.

5.3.4.7 Levantar se o inimigo tem condições de realizar operações químicas, biológicas e nucleares (quando for o caso), realizando a estimativa, conforme o caso, do número, tipo, potência e sistema de lançamento de armas nucleares e de agentes químicos e biológicos disponíveis do inimigo.

5.3.4.8 Com base no conhecimento da doutrina, das práticas anteriores, dos princípios de guerra do inimigo, da A Op e da situação inimiga, o E2 relacionará os assuntos que permitam o levantamento de vulnerabilidades e a determinação da possibilidade relativa de adoção das LA inimigas.

5.3.5 AS CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS

5.3.5.1 A análise das condições meteorológicas implica em descrever as previsões da temperatura, velocidade do vento, precipitações e visibilidade em um local e momento específicos, com a finalidade de apoiar as operações futuras da Bda Bld. Os elementos meteorológicos a serem analisados serão o crepúsculo, as fases da lua, temperatura, umidade, nebulosidade, precipitações e ventos.

5.3.5.2 O acompanhamento das alterações das condições meteorológicas será fundamental, pois, ocorridas em determinados locais e períodos de tempo, poderão alterar as características do terreno e influenciar a atuação das nossas tropas blindadas e também do inimigo.

5.3.5.3 Para a obtenção de dados relativos a este fator, será de suma importância contar com o boletim meteorológico informado pelo escalão superior.

5.3.6 AS CONSIDERAÇÕES CIVIS

5.3.6.1 Por considerações civis se entende o conjunto de atividades referentes ao relacionamento do comandante e dos demais componentes de uma organização ou força militar com as autoridades civis e a população da área ou território, sob a responsabilidade ou jurisdição do comandante desta organização ou força.

5.3.6.2 Devem ser voltadas para analisar a influência da cultura e das atividades da população local sobre a A Op da Bda e a condução das operações sobre civis. Nessas considerações, incluem-se os efeitos da infraestrutura, das instituições e organizações civis e da liderança política/civil local.

5.3.6.3 O E2 da Bda Bld deve analisar e avaliar, como as considerações civis podem afetar as operações e que apoio pode ser obtido por parte das autoridades civis.

5.3.6.4 A construção da consciência situacional considera a cultura (a própria e a dos outros atores existentes no TO/A Op), as crenças, valores, normas de conduta social, costumes e tradições e seus possíveis reflexos sobre as operações. O que uma cultura considera ético e racional, outra pode considerar irracional ou antiético. Compreender a cultura de determinada sociedade ou grupo social produz reflexos diretos no modo como a força cumprirá a missão.

5.3.6.5 Os aspectos, a serem levantados por ocasião do estudo sobre as considerações civis, buscarão responder a quatro questões:
a) como nossa própria cultura afeta a percepção sobre a situação?
b) quais os principais aspectos culturais na região onde são realizadas as operações?
c) que aspectos históricos são relevantes para entender a cultura da região onde são realizadas as operações?
d) quais as diferenças de cultura organizacional e *modus operandi* das demais agências (civis e militares) envolvidas nas operações?

5.3.6.6 É igualmente importante a compreensão da cultura organizacional de órgãos governamentais e não governamentais nas operações em ambiente interagências. Com o objetivo de obter unidade de esforços entre todos os vetores participantes da operação, é crucial conhecer essas culturas para a construção da confiança mútua, entendimento da situação e tomada de decisões.

5.3.6.7 Novas capacidades têm sido requeridas na formulação de soluções aos problemas militares. As operações militares desencadeadas em áreas humanizadas induzem à preponderância do elemento humano do Espaço de Batalha que, de forma crescente, tem tido o seu protagonismo ressaltado.

5.3.6.8 Sem atribuir a devida relevância às considerações civis, corre-se o risco de o EFD não ser alcançado. Outros aspectos significativos relacionados às considerações civis são as questões jurídicas e o direito internacional, que se aplicam à considerável parcela das operações militares. A legitimidade, no ambiente operacional contemporâneo, é um dos princípios mais importantes em relação à conquista do apoio interno e/ou internacional.

5.3.6.9 Ao final de todo processo de integração, o oficial de inteligência apresentará ao Cmt as LA mais prováveis e mais perigosas do inimigo e irá dispor de uma metodologia que permita o acompanhamento da evolução da situação do inimigo para outra LA e facilite o esforço de busca de dados.

5.3.6.10 A metodologia empregada na fase da integração evitará que o comandante e o seu EM sejam surpreendidos com uma ação inimiga inesperada. O EM será capaz de passar rapidamente de uma LA inimiga, escolhida como prioritária, para outra.

5.3.7 ESTUDO DO OFICIAL DE INTELIGÊNCIA SOBRE O INIMIGO

5.3.7.1 A possível atitude do inimigo (ataque, defesa, retardamento etc.) será definida no estudo do inimigo, sendo a base para determinar seus prováveis objetivos. Quanto mais clara for a intenção do adversário, menor será o número de LA.

5.3.7.2 Os objetivos são suposições baseadas no estudo do inimigo e nas conclusões sobre o terreno, condições meteorológicas e considerações civis. Esses objetivos poderão ser lançados no(s) futuro(s) calco(s) de LA do inimigo ou no calco das VA.

5.3.7.3 O oficial de inteligência da Bda Bld deverá colocar-se no lugar do Cmt e do EM inimigo no levantamento dos prováveis objetivos. Da mesma forma, deve determinar qual o EFD pelo inimigo.

5.3.7.4 Estando o inimigo na defensiva, serão consideradas, normalmente, as regiões favoráveis à defesa (que barram as VA levantadas), as linhas de defesa e os locais favoráveis aos contra-ataques.

5.3.7.5 Nas Op Ofs do inimigo, poderão ser considerados os objetivos favoráveis ao lançamento de forças aeromóveis, os objetivos iniciais, bem como os possíveis objetivos intermediários e finais e o seu relacionamento com a reserva.

5.3.7.6 O conhecimento de operações anteriores do inimigo pode auxiliar na determinação de seus prováveis objetivos e EFD. Objetivos políticos, sociais e econômicos podem ser tão importantes quanto objetivos militares e podem ter uma influência direta nas LA do inimigo.

5.4 O PLANEJAMENTO E A EXECUÇÃO DA BUSCA DE INFORMAÇÕES

5.4.1 O PLANEJAMENTO DE INTELIGÊNCIA

5.4.1.1 As operações de inteligência são ações voltadas para a coleta e busca de dados protegidos, no contexto da obtenção de dados e integradas ao conceito IRVA.

5.4.1.2 As fontes protegidas são aquelas cujos dados não estão disponíveis a qualquer pessoa, normalmente necessitando de técnicas apropriadas para que

se tenha acesso a eles. O fato de um dado não estar protegido não significa que ele esteja disponível.

5.4.1.3 O planejamento de inteligência na Bda Bld elabora e difunde respostas às necessidades de inteligência levantadas durante o Exm Sit. O conhecimento elaborado é difundido, em seguida, por meio dos escalões subordinados e superiores, para todos aqueles em operações.

5.4.2 O ACOMPANHAMENTO DAS AÇÕES E A PRODUÇÃO CONTÍNUA DE CONHECIMENTO EM APOIO AO PLANEJAMENTO DA BRIGADA BLINDADA

5.4.2.1 A função de combate inteligência é muito mais que a simples obtenção de dados e informações. É um processo contínuo que integra a análise da informação com o desenvolvimento das operações, de maneira que se possa visualizar e entender a situação.

5.4.2.2 Sua missão é apoiar o planejamento, a preparação, a execução e a avaliação de todos os tipos de operações. Portanto, o papel mais importante que desempenha é o de servir de base para o desenvolvimento das operações, apoiando o processo decisório, numa atividade contínua e dinâmica.

5.4.2.3 A função de combate inteligência, orientada pela definição das necessidades de inteligência, obtém os dados necessários por meio de um esforço de obtenção (recebido pelo escalão superior ou obtido pelo escalão de emprego), analisando e integrando-os para apoiar a manobra da Bda Bld.

5.4.2.4 A estrutura de inteligência deve incluir sistemas, sensores, procedimentos e organizações de inteligência, orgânicas ou não, capazes de gerar conhecimento de maneira oportuna e contínua, com uma estrutura de comunicações adequada, de forma a complementar a função de combate.

5.4.3 A EXECUÇÃO DAS AÇÕES DE INTELIGÊNCIA, RECONHECIMENTO, VIGILÂNCIA E AQUISIÇÃO DE ALVOS

5.4.3.1 O conceito IRVA remete ao processo de integração das atividades e tarefas de reconhecimento, vigilância e aquisição de alvos com a Inteligência Militar, com o fim de melhorar o entendimento da situação pelos comandantes em todos os níveis (consciência situacional) e, consequentemente, os seus processos decisórios.

5.4.3.2 A obtenção de dados é a principal tarefa do IRVA. O esforço de obtenção deve estar orientado para atender às necessidades de inteligência.

5.4.3.3 O reconhecimento é a missão empreendida para obter-se informações sobre as atividades, instalações ou meios de forças oponentes (atuais ou potenciais), bem como para confirmar dados relativos à meteorologia, à

hidrografia ou às características geográficas de uma área definida. Esta obtenção de dados ocorre mediante a observação visual e/ou o emprego de outros métodos específicos, sendo uma atividade limitada no tempo e no espaço.

5.4.3.4 A vigilância é a observação sistemática do ambiente operacional, tendo por objetivo áreas, pessoas, instalações, materiais e equipamento, utilizando o auxílio de meios eletrônicos, cibernéticos, fotográficos, óticos ou acústicos, entre outros. São exemplos de missões de vigilância o monitoramento de eixos de progressão e/ou corredores de mobilidade, de possíveis RIPI.

5.4.3.5 A vigilância pode ser passiva ou ativa. A primeira utiliza-se de meios eletrônicos, fotográficos ou acústicos (sensores), operados remotamente, para monitorar as atividades da ameaça em amplos espaços ou em áreas passivas. Já a vigilância ativa se diferencia da passiva por necessitar da participação do elemento humano na execução da observação visual ou na operação de determinado meio de obtenção.

5.4.3.6 A vigilância aérea é caracterizada por maior possibilidade de observação direta. Esta não depende do terreno para os deslocamentos e nem para a instalação dos sensores, bem como, adapta-se, rapidamente, às novas exigências. A mobilidade das aeronaves de asas fixas e rotativas, bem como, das aeronaves remotamente pilotadas conferem capacidade de operação a grandes altitudes e de cobrir grandes distâncias, permitindo, assim, a execução da vigilância sobre áreas extensas.

5.4.3.7 A vigilância na superfície terrestre é caracterizada por limitações quanto ao desenfiamento (exige linha de visada direta) e pela dependência do terreno, tanto para os deslocamentos dos meios de vigilância em tempo oportuno como na instalação dos sensores, a fim de atender às necessidades do Cmt em novas áreas de emprego.

5.4.3.8 A aquisição de alvos trata da detecção, localização e identificação de um objetivo com o detalhamento e a precisão suficientes para permitir o emprego eficaz de armas. A busca de alvos vai além de possibilitar o apoio de fogo, apoiando o emprego de outros vetores, inclusive os não cinéticos, como a guerra eletrônica e a guerra cibernética.

5.4.3.9 Todos os elementos subordinados à Bda Bld devem desenvolver ações de Rec e de Vig em benefício próprio, para a obtenção de dados e conhecimentos que terão reflexos direto no cumprimento de suas missões e na segurança de suas instalações e pessoal, independente de receberem missões específicas no planejamento de inteligência da Bda. Dados obtidos pelos elementos subordinados em proveito de sua própria missão ou segurança, por iniciativa própria, poderão contribuir para uma maior consciência situacional, compreensão da situação tática, da região de operações e do inimigo.

5.4.3.10 Além das ações de IRVA que devem ser realizadas por todos os elementos subordinados em benefício próprio, na Bda Bld, o Esqd C Mec é a tropa que poderá executar em melhores condições as missões de reconhecimento terrestre e de vigilância de combate (grau de segurança) em proveito de toda a Bda e em toda a extensão de sua Z Aç, preservando o poder de combate das FT U Bld para as ações mais decisivas da Bda Bld.

5.4.4 A OBTENÇÃO DA CONSCIÊNCIA SITUACIONAL

5.4.4.1 Consciência situacional é a percepção precisa dos fatores e condições que afetam a execução da tarefa, durante um determinado período de tempo, permitindo ou proporcionando ao decisor estar ciente do que se passa ao seu redor e, assim, ter condições de focar o pensamento à frente do objetivo, decidindo pelo emprego de meios na medida certa, no momento e locais decisivos, proporcionalmente à ameaça.

5.4.4.2 A utilização dos diversos meios de inteligência orgânicos da Bda Bld permite a efetiva execução do PITCIC, o acompanhamento das ações em desenvolvimento e o apoio constante para as atividades de proteção, o que confere ao comandante uma clara consciência situacional do ambiente operativo em que atuarão suas forças.

5.4.5 A INTEGRAÇÃO DA INTELIGÊNCIA ÀS DEMAIS FUNÇÕES DE COMBATE

5.4.5.1 A função de combate inteligência permeia o papel das demais funções de combate, pois todos os participantes de um ambiente operativo são fontes de dados que, com a devida integração, produzem conhecimentos de significativo valor para o comandante da Bda.

5.4.5.2 A inteligência e a manobra são atividades inseparáveis e complementares na dinâmica do combate, pois a sua aplicação conjunta requer uma efetiva integração, permitindo ao comandante dispor melhor de seus meios por conta da gama de informações disponíveis que propiciam um ambiente conhecido e favorável à melhor execução do movimento e da manobra.

5.4.5.3 A integração do C^2 com a atividade de inteligência é impositiva, pois os meios de Tecnologia da Informação e Comunicações (TIC), que viabilizam a comunicação no espaço de batalha, são determinantes para o trabalho de análise de dados e para a integração de conhecimentos. Além disso, as tarefas abrangidas pela CI estão intimamente ligadas à eficácia operativa do C^2, uma vez que estão balizadas pela capacidade de negar às forças adversas dados sobre os meios amigos e de interferir nas comunicações do oponente.

5.4.5.4 A integração das funções de combate inteligência e fogos é materializada, particularmente no que se refere à aquisição, identificação e

designação de alvos, pois conhecer o dispositivo inimigo e sua capacidade é fundamental para que o esforço de emprego dos fogos se faça pontual e preciso.



Fig 5-1 Integração das funções de combate

5.4.5.5 A função de combate proteção e inteligência se integram quando antevemos as potenciais vulnerabilidades de nossas tropas, adotando as medidas protetivas. A C Intlg tem por objetivo proteger os sistemas operativos e as estruturas de inteligência das nossas tropas. Os meios de guerra eletrônica e guerra cibernética, quando em apoio às atividades de inteligência, representam ferramentas de proteção das tropas amigas e negação de dados ao oponente.

5.4.5.6 A relação existente entre a logística e a inteligência está baseada na disponibilidade de dados para que o apoio logístico seja eficaz para as nossas tropas empregadas no combate. De igual forma, presta-se a atender aos meios logísticos com informações que proporcionam proteção durante o combate.

5.4.6 O CICLO DE INTELIGÊNCIA

5.4.6.1 O ciclo de inteligência militar é definido como uma sequência ordenada de atividades, segundo a qual dados são obtidos e conhecimentos são produzidos e colocados à disposição dos usuários de forma racional.

5.4.6.2 As fases do ciclo de inteligência compreendem a orientação, a obtenção, a produção e a difusão para o comandante, seu EM e para outros decisores. O Manual de Campanha Planejamento e Emprego da Inteligência Militar (EB70-MC-10.307), 1ª Ed, 2016, detalha todo o ciclo de inteligência.

5.4.6.3 Para que o produto da inteligência militar seja efetivo, é necessário que haja uma constante realimentação no ciclo, envolvendo direta e indiretamente todos os integrantes da Força, de modo que ele se mantenha atualizado e capaz de responder às necessidades do usuário.



Fig 5-2 Ciclo de Inteligência

CAPÍTULO VI

FOGOS

6.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS

6.1.1 O fogo é um dos meios de que dispõe o comandante da Bda Bld para intervir no combate. A coordenação de fogos estabelece regras e procedimentos que evitam o fratricídio e ampliam a eficiência do apoio de fogo às FT U Bld.

6.1.2 O comando da Bda Bld é responsável pelo emprego eficiente de todos os elementos de apoio de fogo que integram a GU ou que forem postos sob seu controle direto. É ainda de sua responsabilidade a coordenação dos fogos com a manobra, assessorado para isso pelo Coordenador de Apoio de Fogo (CAF).



Fig 6-1 Pelotão de Morteiros Pesados das FT U Bld

6.1.3 O apoio de fogo de que dispõe a Bda Bld é fornecido pelo GAC orgânico e pelas frações dos morteiros pesados das FT U Bld. Esse apoio de fogo orgânico da Bda poderá ser ampliado pelos fogos de outras unidades de artilharia do Esc Sp, pelo apoio de fogo aéreo e pelo apoio de fogo naval, quando disponíveis.

6.1.4 A Func Cmb fogos compreende um conjunto de tarefas e sistemas inter-relacionados que permitem a aplicação e o controle dos fogos, orgânicos ou não, integrados pelos processos de planejamento e coordenação.

6.1.5 As atividades específicas da Func Cmb fogos dentro da Bda Bld são: o planejamento, a coordenação e a execução do apoio de fogo contínuo aos

elementos de manobra da Bda Bld. A composição desta por meio de FT não implica a descentralização do comando e do tiro.

6.1.6 Em razão do poder de choque e mobilidade que possui, é essencial que o apoio de fogo fornecido à Bda Bld seja oportuno, preciso e contínuo para o sucesso das operações. Para isso, faz-se necessário que a sincronização do fogo com a manobra seja buscada durante todas as fases das operações e que a centralização dos fogos seja priorizada, sempre que possível.

6.2 PLANEJAMENTO E COORDENAÇÃO DE FOGOS

6.2.1 GENERALIDADES

6.2.1.1 A fim de coordenar o emprego dos meios de Artilharia de Campanha disponíveis, o Cmt do GAC orgânico da Bda é o responsável pela consolidação, publicação e distribuição do PFA. Este é consolidado por meio da confecção de uma parte escrita, uma lista de alvos, um calco de alvos e uma ou mais tabelas de apoio de fogo de artilharia.

6.2.1.2 Para a elaboração desse plano, deve-se observar o emprego judicioso dos meios de apoio de fogo disponíveis, optando-se por utilizar o menor calibre para bater os alvos, sempre que possível. As duplicações também devem ser eliminadas, permitindo a economia de munição e a otimização do apoio.

6.2.1.3 A confecção do PFA da Bda, bem como a de seus componentes, é regulada pelo Manual de Campanha Planejamento e Coordenação de Fogos (EB70-MC-10.346), 3ª Ed, 2017.

6.2.1.4 Nas situações onde houver a necessidade de maior rapidez no planejamento do apoio de fogo, como em um contra-ataque, pode-se utilizar o Plano Sumário de Apoio de Fogo de Artilharia (PSAFA). Esse plano é elaborado na Central de Tiro do GAC orgânico da Bda Bld e é composto por tabelas de apoio de fogo que contém informações sobre os alvos provenientes das Listas de Alvos dos O Lig das unidades e da Bda.

6.2.1.5 O assessoramento ao Cmt Bda para o emprego eficiente dos meios de apoio de fogo disponíveis, para o engajamento de alvos inopinados e para a resolução de conflitos eventuais entre os diversos meios de apoio dá-se através do CCAF. Este se localiza no PC da Bda em ligação com o E3 e é composto pelo Oficial de Ligação de Artilharia (Art), adjunto do CAF, pelos representantes das armas de apoio e pelo pessoal necessário para conduzir as operações e informações sobre alvos e comunicações. Quando for necessário, participarão do CCAF o E3 do Ar, as equipes de controle aerotático e os representantes do apoio de fogo naval.

6.2.1.6 A coordenação de fogos dentro do GAC orgânico da Bda ocorre por meio da Central de Tiro do Grupo, sob a responsabilidade do S3, auxiliado pelo seu adjunto, tendo por finalidade planejar e coordenar o emprego dos meios de fogos disponíveis do GAC dentro da Z Aç da Bda e solicitar ao escalão superior a coordenação de fogos, bem como o apoio de fogo adicional quando for necessário.

6.2.1.7 O processo de planejamento do apoio de fogo deve considerar todos os sistemas de armas superfície-ar, ar-superfície e superfície-superfície disponíveis. Esses sistemas são compostos de armas de tiro tenso, morteiros, artilharia, fogo aéreo e naval, sendo uma atividade claramente conjunta.

6.2.1.8 Os OA de artilharia do GAC orgânico da Bda são destacados para apoiar às subunidades da arma-base, sendo responsáveis por assessorar o comandante quanto às possibilidades e limitações dos meios de fogos do GAC, bem como quanto ao apoio que a sua unidade e escalões superiores de artilharia podem prestar à subunidade.

6.2.1.9 O O Lig Art é designado pelo GAC orgânico para compor os CCAF das U e da Bda. Nos CCAF, os O Lig Art têm por responsabilidade manter atualizada a situação e as possibilidades dos meios de fogos disponíveis; coordenar o apoio de fogo terrestre, de acordo com as diretrizes do Cmt U/Bda; solicitar apoio de fogo necessário à manobra da U/Bda; e assegurar a rápida tramitação dos pedidos de apoio de fogo, oriundos de frações subordinadas, intervindo quando necessário. O O Lig do CCAF da Bda tem, ainda, a missão de assessorar o comandante na consolidação de suas diretrizes de fogos.

6.2.1.10 A distribuição dos OA e O Lig Art na Bda Bld é definida na tabela abaixo:

DISTRIBUIÇÃO DE OA E O LIG			
Unidade	**O Lig**	**SU**	**OA**
RCC	O Lig 1	1º Esqd CC	OA 1
		2º Esqd CC	OA 2
		3ºEsqd CC	OA 3
		4 Esqd CC	OA 4
RCC	O Lig 2	1º Esqd CC	OA 5
		2º Esqd CC	OA 6
		3ºEsqd CC	OA 7
		4 Esqd CC	OA 8
BIB	O Lig 3	1ª Cia Fuz Bld	OA 9
		2ª Cia Fuz Bld	OA 10
		3ª Cia Fuz Bld	OA 11
		4ª Cia Fuz Bld	OA 12
BIB	O Lig 4	1ª Cia Fuz Bld	OA 13
		2ª Cia Fuz Bld	OA 14
		3ª Cia Fuz Bld	OA 15
		4ª Cia Fuz Bld	OA 16
Esqd C Mec	-	-	OA 17
CCAF Bda	O Lig 5	-	-

Fig 6-2 Distribuição de OA e O Lig em uma Bda Bld

6.2.1.12 Quando a Bda Bld estiver atuando como o escalão designado como Força Terrestre Componente (FTC) do Comando Operacional deverá constituir uma Célula de Fogos, composta pelo Elemento de Coordenação e Apoio de Fogo (ECAF), cujo chefe comandará a Célula de Fogos, por representantes da Célula de Coordenação Naval (CCN) e da Equipe de Controle Aerotático/Oficial de Ligação Aérea (ECAT/OLA), bem como outros representantes necessários ao cumprimento da sua missão.

6.2.1.13 Cabe à Célula de Fogos coordenar as atividades e sistemas que propiciam a utilização coletiva e coordenada dos fogos indiretos, coordenar o apoio de fogo da Bda com outros meios de Apoio de Fogo Conjunto e conduzir o processo de coordenação do emprego de atuadores não cinéticos por intermédio das atividades do Grupo de Integração de Seleção e Priorização de Alvos. A composição e finalidade da Célula de Fogos é regulada pelo Manual de Campanha Força Terrestre Componente (EB70-MC-10.225), 1ª Ed, 2019.

MEDIDAS DE COORDENAÇÃO DE APOIO DE FOGO	
Permissivas	**Restritivas**
Linha de Segurança de Apoio de Artilharia (LSAA)	Linha de Restrição de Fogos (LRF)
Linha de Coordenação do Apoio de Fogo (LCAF)	Área de Restrição de Fogos (ARF)
Área de Fogo Livre (AFL)	Área de Fogo Proibido (AFP)
Quadrícula de Interdição	

Fig 6-3 Medidas de Coordenação de Apoio de Fogo

6.2.1.14 Durante o planejamento do apoio de fogo serão estabelecidas medidas de coordenação, a fim de otimizar o apoio à manobra e propiciar segurança às tropas no terreno.

6.2.1.15 As medidas de coordenação de apoio de fogo, consolidadas na figura 6-3, encontram-se pormenorizadas no Manual de Campanha Planejamento e Coordenação de Fogos (EB70-MC-10.346), 3ª Ed, 2017.

6.2.2 PLANO DE APOIO DE FOGO E PLANO DE FOGOS

6.2.2.1 A intenção do Cmt Bda no tocante ao apoio de fogo é expressa pelas diretrizes do PAF, elaborado pelo coordenador do apoio de fogo.

6.2.2.2 O E3, assim como todo o EM da Bda Bld, deve atentar para a coordenação geral do PAF com o esquema de manobra, de acordo com a intenção do Cmt. Os representantes de todos os meios de apoio de fogo e o E3 trabalham juntos nessa integração.

6.2.2.3 O PAF pode constar da ordem de operações da Bda Bld, no subparágrafo “apoio de fogo” do parágrafo terceiro, ou ser expedido como um anexo a essa ordem, caso as prescrições relativas ao apoio de fogo sejam em grande número. Deve-se mostrar aos elementos subordinados como o Cmt Bda Bld organizou o apoio de fogo disponível, suas prioridades, como obter esse apoio de fogo, as limitações existentes e as medidas de coordenação necessárias.

6.2.2.4 Um plano de fogos é um documento específico referente a um determinado meio de apoio de fogo, indicando seu emprego. Assim, poderá haver planos de fogos de artilharia, plano de fogos de morteiro, plano de fogos navais etc. Esses planos de fogos são expedidos como anexos à ordem de operações, se o PAF estiver no corpo da ordem de operações; ou em apêndices ao PAF, se este for um anexo à ordem de operações.

6.2.3 PLANEJAMENTO DE FOGOS DE ARTILHARIA

6.2.3.1 O planejamento de fogos de artilharia, no nível SU de 1º escalão, tem início com os OA de artilharia, que preparam as respectivas listas e calcos de alvos de artilharia, orientados pelos comandantes de subunidade.

6.2.3.2 Essas listas, após aprovadas pelo Cmt de SU, são remetidas para os respectivos O Lig de artilharia, no CCAF das unidades de manobra.

6.2.3.3 No CCAF das unidades de manobra, o O Lig de artilharia prepara o Plano Provisório de Apoio de Artilharia (PPAA) à unidade, coordenando-o com o Plano Provisório de Fogos de Morteiro (PPFM), após o exame das listas dos OA.

6.2.3.4 As necessidades das unidades incluem, normalmente, alvos situados além dos objetivos das subunidades e de interesse da unidade como um todo. Pedidos de apoio de fogo para outros meios disponíveis, tais como a Força Aérea, são encaminhados pelos canais específicos.

6.2.3.5 Após aprovado pelos comandantes de unidade, PPAA/Unidade é encaminhado à Central de Tiro (C Tir) do GAC orgânico.

6.2.3.6 No CCAF da Bda, o coordenador do apoio de fogo, ou seu representante, elabora e remete à C Tir do GAC orgânico o PPAA da Bda, que contém as necessidades de apoio de artilharia à Bda.

6.2.3.7 Na C Tir do GAC orgânico é organizado o PFA, como resultado da consolidação dos PPAA recebidos dos CCAF das unidades e da Bda Bld, após a eliminação de duplicações.

6.3 APOIO DE FOGO DE ARTILHARIA

6.3.1 GENERALIDADES

6.3.1.1 O apoio de fogo de artilharia consiste em um poderoso meio que dispõe o Cmt Bda para intervir no combate, no momento e locais necessários para o apoio à manobra.

6.3.1.2 Durante o Exm Sit do Cmt Bda serão levantadas as necessidades de apoio de fogo em função dos efeitos desejados para o apoio à manobra. Devem ser consolidados no PFA da Bda os alvos oportunos aos fogos de Artilharia.

6.3.1.3 As missões de tiro poderão ser previstas ou inopinadas. Os alvos levantados antes do início do combate, a preparação ou a contrapreparação são consolidados no PFA. Os fogos inopinados compreendem o desencadeamento de missões a pedido dos OA e as intensificações de fogos, realizadas durante o combate com os meios disponíveis.

6.3.1.4 A prioridade de atendimento dos pedidos de fogos decorre da missão tática atribuída e de acordo com os meios disponíveis.

6.3.1.5 Os pedidos de apoio de fogo em missões conjuntas estão regulados pela publicação Apoio de Fogo em Operações Conjuntas (MD33-M-11), 1ª Ed, 2013.

6.3.2 PECULIARIDADES DO EMPREGO DO GRUPO DE ARTILHARIA DE CAMPANHA AUTOPROPULSADO

6.3.2.1 A concepção geral da atual doutrina militar terrestre preconiza grande ímpeto e valorização da manobra, com ação simultânea em toda a profundidade do campo de batalha, com a abertura de vários eixos de progressão a serem apoiados por fogos. Dessa maneira, é provável que em algumas situações a atuação do GAC seja descentralizada, porém, sempre que possível, deverá ser buscada a centralização dos fogos.

6.3.2.2 Devido à natureza das operações da Bda Bld, e também a essa concepção, o grupo de artilharia orgânico autopropulsado apresenta algumas peculiaridades de emprego, particularmente no que se refere à organização para o combate, ao desdobramento, à segurança, à organização e conduta do tiro, à observação avançada e ao planejamento de fogos. Particularidades de cada tipo de operação, especificamente, encontram-se no Manual de Campanha Artilharia de Campanha nas Operações (EB70-MC-10.224), 1ª Ed, 2019.



Fig 6-4 Apoio de Fogo do GAC AP da Bda Bld

6.3.3 ORGANIZAÇÃO PARA O COMBATE

6.3.3.1 Em operações de movimento é normal o emprego fracionado ou descentralizado do GAC, em apoio às peças de manobra. Nessas operações, é possível a articulação de baterias com a missão tática de apoio direto ou mesmo o fracionamento do grupo com baterias em reforço às FT, a fim de atender às largas frentes e ao apoio cerrado e contínuo da ação desses elementos pelos diversos eixos de progressão. Assim, as baterias devem estar em condições de atuar com um maior grau de autonomia, desdobrando-se fora da posição do grupo, deslocando-se por itinerários diferentes, reconhecendo, ocupando posição e atirando com sua própria Central de Tiro. Os meios de apoio de fogo de artilharia não ficam em reserva, devendo todas as unidades de tiro do Grupo atuar em apoio às peças de manobra.

6.3.3.2 A artilharia desloca-se de acordo com a possibilidade de contato com o inimigo. Se o contato for remoto, desloca-se com a formação de coluna de marcha, segundo as técnicas e princípios adotados nas marchas administrativas. Se for pouco provável, visando a não retardar os trabalhos de reconhecimento, escolha e ocupação de posição e a posterior abertura do fogo, articula-se na coluna da Bda, lançando à frente os seus reconhecimentos e seus grupos de ligação e observação avançada. Quando o contato é iminente, articula-se no dispositivo da Bda visando a apoiar, inicialmente, as ações da vanguarda, proteger o desdobramento do grosso e, finalmente, apoiar as ações da Bda como um todo.

6.3.3.3 As missões gerais que a artilharia executará em apoio às U da Bda privilegiarão o apoio de fogo contínuo e flexível nas Op Ofs e a centralização máxima possível nas Op Def.

6.3.3.4 Em operações descentralizadas, é frequente a atribuição de meios pela artilharia do Esc Sp em reforço à Bda, aumentando o poder de fogo desta. Neste caso, o meio disponibilizado pelo Esc Sp pode atuar centralizado com o grupo orgânico, formando um agrupamento-grupo, ou de forma descentralizada nos eixos de progressão da Bda, prestando apoio de fogo cerrado e contínuo aos elementos da manobra.

6.3.4 DESDOBRAMENTO

6.3.4.1 A rapidez das ações, típica da Bda Bld, e a constante possibilidade de receber fogos de contrabateria impõem as mudanças de posição com uma frequência muito grande. Os elementos apoiados atingem, em curto prazo, o alcance máximo do material, acarretando o constante deslocamento para sucessivas posições de manobra, próximas aos eixos de progressão, a fim de possibilitar a continuidade do apoio.

6.3.4.2 Os elementos de reconhecimento do grupo e das baterias se posicionam o mais à frente possível, reconhecendo as prováveis áreas de desdobramento levantadas na carta e realizando, se for o caso, o reconhecimento minucioso e o preparo de posições que possibilitem a rápida ocupação e abertura do fogo.

6.3.4.3 As Regiões de Procura de Posição (RPP) de um GAC AP de uma Bda Bld, por ser composto por 4 (quatro) baterias de obuses, possuem as dimensões de 2200 m por 1100 m, conforme a figura abaixo:

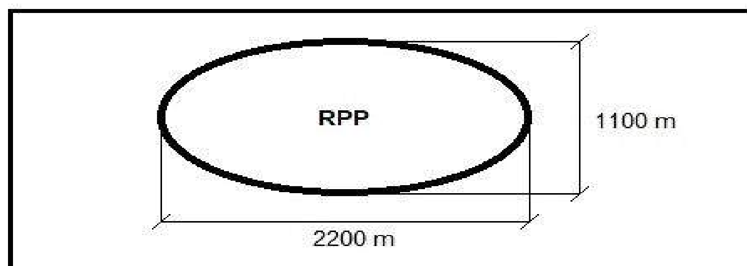


Fig 6-5 Dimensões da RPP

6.3.4.4 As demais características das RPP estão discriminadas no Manual de Ensino Grupo de Artilharia de Campanha nas Operações de Guerra (EB60-ME-12.301), 1ª Ed, 2017 .

6.3.5 SEGURANÇA

6.3.5.1 Devido ao desdobramento em posições avançadas e a natural fluidez das operações da Bda Bld, os problemas de segurança são maiores, seja nos deslocamentos, seja em posição durante a execução dos fogos.

6.3.5.2 Caso o inimigo possua meios de busca de alvos, devem ser adotadas medidas que reduzam a vulnerabilidade do grupo, tais como: deslocamento das baterias para ocupar posição por diferentes itinerários desenfiados e com escalonamento de tempo; as unidades de tiro deverão procurar maior dispersão dos obuseiros das unidades de tiro, sempre que possível; menor tempo de permanência na posição após a realização de fogos; realização de regulações apenas quando extremamente necessárias e, se possível, feitas pelo ponto médio; e a utilização de trajetória mais tensa e com menor duração do trajeto, evitando, assim, a localização e identificação pelos radares inimigos.

6.3.6 ORGANIZAÇÃO E CONDUTA DO TIRO

6.3.6.1 A velocidade das operações, acarretando mudanças de posição frequentes e a curto prazo, exige, normalmente, a execução de Reconhecimento, Escolha e Ocupação de Posição (REOP) com tempo restrito, o emprego de mensagens de tiro e regulações abreviadas e a adequação da prancheta de tiro às possibilidades do levantamento topográfico e ao tempo disponível. O levantamento topográfico deve ser sempre realizado com a maior precisão possível, de acordo com o material existente.

6.3.6.2 As missões gerais de fogo da artilharia nas Op Ofs são: neutralizar a capacidade de combate do inimigo; facilitar o movimento dos elementos de manobra que atacam durante as diferentes fases; impedir os fogos indiretos do inimigo; proteger flancos; e impedir ou dificultar a atuação de reservas.

6.3.6.3 Nas Op Def, os fogos concentrados da artilharia serão essenciais para o sucesso da defesa. Se a frente é tão extensa que não permite a concentração de uma extremidade à outra, devem ser elaborados planos para concentrar os fogos nas direções de abordagem mais prováveis e nas áreas a serem atacadas pelo inimigo.

6.3.6.4 É frequente o emprego de munição fumígena com o objetivo de cegar a observação inimiga, impedindo a pontaria e o guiamento de armamento anticarro, cobrindo e dissimulando a progressão de nossas unidades. Os fumígenos podem ser empregados à noite, a fim de neutralizar alguns dispositivos de visão noturna, e nas operações de transposição de curso de água.

6.3.6.5 Durante o movimento, particularmente nos assaltos embarcados, podem ser desencadeadas concentrações, com tiro de tempo, poucos metros à

frente, a fim de manter o inimigo abrigado no interior de espaldões, impedido de atirar contra a força atacante.

6.3.7 OBSERVAÇÃO AVANÇADA

6.3.7.1 Os Quadros de Dotação de Material (QDM) das subunidades blindadas e mecanizadas da Bda Bld prevêem que os Cmt SU/CAFSU e os S Cmt SU operem embarcados em viaturas blindadas (VBC CC, VBR, VBC Fuz, VBTP ou VBMT-Rec), coerentes com a natureza das operações dessa tropa da GU. A condução do tiro do interior da viatura blindada em movimento, exige uma preocupação constante do CAFSU e do S Cmt SU em manterem-se sempre orientados.

6.3.7.2 Os OA dos Pel Mrt P dos BIB e dos RCC e das baterias do GAC AP, devem estar embarcados em viaturas blindadas (previstas nos QDM de suas frações ou OM), com a mesma proteção e mobilidade das utilizadas pelos CAF e S Cmt das SU que apoiam. Devem, também, contar com meios de comunicações necessários para a ligação com seu pelotão ou bateria e com os equipamentos de observação e de condução do tiro para a execução de suas tarefas. O Esqd C Mec e as FT SU Bld não têm como apoiar em transporte, meios de comunicações, equipamentos de observação e de condução do tiro os OA que as apoiam.

6.3.7.3 Nas operações da Bda Bld, exceto nos momentos estáticos do combate, são pouco frequentes as ocupações de postos de observação fixos ou instalados no terreno. Caso seja necessário, o posto de observação poderá ser instalado, tendo por base, a Viatura Blindada Multitarefa Leve Sobre Rodas Observador Avançado (VBMT-LSR OA) de dotação da equipe do OA.

6.3.8 ALVOS

6.3.8.1 A seleção de alvos considerará a execução de fogos para diminuir o poder de combate do inimigo, sendo oportuno bater alvos fugazes, Z Reu do inimigo e a realização de fogos de contrabateria. O Manual de Campanha Planejamento e Coordenação de Fogos (EB70-MC-10.346), 3ª Ed, 2017, estabelece as condições a serem observadas na análise dos alvos.

6.3.8.2 O emprego da Busca de Alvos consiste em assinalar e verificar um fato ou ocorrência de valor militar. Ele é essencial para que a Artilharia possa proporcionar contínuo e eficiente apoio à arma base, empregando, para isso, meios visuais, acústicos, eletrônicos e fotográficos. Para tal fim, deve ser levada em conta a complementação da observação terrestre pela aérea e, ainda, pela realizada por outros meios.

6.3.8.3 O Esc Sp determinará as diretrizes de fogos a serem seguidas pelos meios disponíveis da Bda Bld.

6.3.9 COMUNICAÇÕES

6.3.9.1 As comunicações do grupo orgânico da Bda Bld são estabelecidas com o emprego de seus meios próprios, a fim de viabilizar as ligações necessárias para a coordenação e o planejamento de fogos, bem como para a solicitação de pedidos de fogo adicional ao escalão superior, quando se fizer necessário.

6.3.9.2 O planejamento e a execução das comunicações na Artilharia de Campanha encontram-se no Manual de Ensino Grupo de Artilharia de Campanha nas Operações de Guerra (EB60-ME-12.301), 1ª Ed, 2017 .

6.3.10 METEOROLOGIA

6.3.10.1 Por meio do levantamento meteorológico são obtidas as correções necessárias para a execução do apoio de fogo preciso e eficaz. Tal subsistema é operado pela Artilharia Divisionária da DE enquadrante.

6.3.11 LOGÍSTICA

6.3.11.1 Tendo em vista as necessidades do apoio cerrado e contínuo nas operações e a prioridade atribuída às ações da Bda Bld, deve-se zelar pela manutenção da dotação orgânica de munição do GAC.

6.3.11.2 A dotação orgânica do GAC AP da Bda Bld é a capacidade de transporte de munição por peça de uma U de tiro, acrescida da capacidade de transportes de suas viaturas de remuniciamento.

6.3.11.3 Caso uma bateria de obuses seja passada em reforço (situação de comando) à determinada peça de manobra, deve conduzir para essa missão um destacamento logístico da Bia C do GAC AP em condições de apoiá-la (Tu Aprov, Tu Ev, Tu Mnt etc.).

6.3.11.4 A logística no GAC orgânico da Bda Bld é regulada pelo Manual de Ensino Grupo de Artilharia de Campanha nas Operações de Guerra (EB60-ME-12.301), 1ª Ed, 2017.

6.3.12 PEDIDOS DE APOIO DE FOGO

6.3.12.1 Para fins de pedidos de apoio de fogo de artilharia, tais solicitações de fogos são feitas pelo OA, de acordo com as necessidades da subunidade apoiada, e transmitidas, logo após, diretamente à C Tir do GAC.

6.3.12.2 Os pedidos de fogos de artilharia originados das Unidades da Bda são remetidos, também, diretamente à C Tir do GAC. O O Lig, no CCAF da Bda, analisa estas solicitações de fogos adicionais, intervindo quando alterações no pedido ou medidas de coordenação adicionais sejam necessárias. A C Tir do

GAC solicita as necessidades de fogos exigidos à unidade de artilharia em reforço, quando for o caso, ou ao Centro de Operações Táticas (COT) da Artilharia Divisionária.



Fig 6-6 Bateria de Obuses do GAC AP da Bda Bld

6.3.13 COORDENAÇÃO DE APOIO DE FOGO

6.3.13.1 A eficiência com que um Cmt emprega o apoio de fogo disponível pode ser um fator decisivo para o sucesso da operação planejada. O fogo e a manobra são interdependentes e devem ser planejados simultaneamente, cabendo a responsabilidade da coordenação ao Cmt de cada escalão.

6.3.13.2 O artilheiro é o CAF em todos os escalões, exceto no nível subunidade, onde a coordenação compete ao seu próprio Cmt SU.

6.3.13.3 As medidas de coordenação do apoio de fogo devem ser adotadas sempre que necessárias, sendo imprescindíveis no combate não linear, no qual as peças de manobra atuam escalonadas, dentro da mesma Z Aç. Pelo estabelecimento de normas a serem seguidas, durante um determinado período de tempo, facilitam-se as operações e evita-se a necessidade de contínua coordenação do apoio de fogo.

6.4 APOIO DE FOGO NAS OPERAÇÕES CONJUNTAS

6.4.1 GENERALIDADES

6.4.1.1 O apoio de fogo em operações conjuntas é utilizado durante o emprego de forças de dois ou mais componentes de um Centro de Operações Conjuntas em ação coordenada para produzir efeitos desejados no escopo de um objetivo comum.

6.4.1.2 O apoio de fogo conjunto inclui o apoio de fogo aéreo, terrestre, naval e de forças especiais que contribua para a locomoção, as manobras, o controle do território, de populações, do espaço aéreo e das águas. A integração e a sincronização do apoio de fogo conjunto com o movimento e manobra da força apoiada são essenciais.

6.4.2 APOIO DE FOGO AÉREO

6.4.2.1 Generalidades

6.4.2.1.1 O apoio de fogo aéreo permite o acréscimo de potência de fogo às unidades blindadas, já que proporciona um potente, móvel e flexível apoio de fogo à manobra.

6.4.2.1.2 A execução do apoio de fogo aéreo supre as limitações ou a indisponibilidade dos meios de apoio de fogo de superfície.

6.4.2.1.3 Os objetivos do apoio aéreo, por estarem fora do alcance dos demais meios de apoio de fogo, são: centros de comunicação, postos de comando, instalações logísticas e meios em reserva do inimigo.

6.4.2.1.4 Em função da necessidade de sincronização do fogo e do movimento das aeronaves com a manobra da tropa de superfície, devem ser observadas as medidas de coordenação planejadas e as impostas, conforme estabelece a publicação Apoio de Fogo em Operações Conjuntas (MD33-M-11), 1ª Ed, 2012.

6.4.2.1.5 Os pedidos de missão das forças de superfície à Força Aérea Componente (FAC) deverão, normalmente, ser efetuados através das Células de Coordenação.

6.4.2.2 Missões de Apoio de Fogo da Força Aérea

6.4.2.2.1 As missões de apoio de fogo aéreo da Força Aérea podem ser pré-planejadas ou imediatas.

6.4.2.2.2 As missões pré-planejadas são executadas contra alvos fixos ou transitórios, resultando de planejamento detalhado.

6.4.2.2.3 As missões imediatas são solicitadas quando a natureza do alvo e a situação tática exigirem que o mesmo seja atacado com urgência, devido à necessidade de apoio aéreo aproximado.

6.4.2.2.4 O pedido de apoio de fogo aéreo será atendido pelos prazos discriminados na figura abaixo, estabelecidos pela publicação Apoio de Fogo em Operações Conjuntas (MD33-M-11), 1ª Ed, 2012.

APOIO DE FOGO AÉREO	
Planejado	Imediato
Prazo de 24 h a 72 h	Prazo menor que 24 h

Fig 6-7 Prazos para o Apoio de Fogo Aéreo

6.4.2.3 Planejamento de Apoio de Fogo Aéreo

6.4.2.3.1 O planejamento do apoio de fogo aéreo (pré-planejado) é processado entre os S3 das unidades e o Adj do E3 da Bda, em conjunto com os coordenadores do apoio de fogo, com base nos pedidos pré-planejados de apoio de fogo aéreo aprovados.

CCAF/SU
Cmt SU – CAF OFSU Observador Avançado (OA) Adj OFSU Obs Pel (1 Obs por Pel) Representante do fogo aéreo (SFC) Representante do fogo naval (SFC) Outros elementos conforme necessidade da operação (SFC)

Fig 6-8 Centro de Coordenação e Apoio de Fogo de Subunidade (CCAF/SU)

6.4.2.3.2 O plano de fogos aéreos é integrado com os demais planos de fogos e expedido à semelhança do PFA.

6.4.2.3.3 A SU, em princípio, poderá contar com um Guia Aéreo Avançado (GAA) da Força Aérea. Contudo, caso isso não seja possível, um militar da F Ter, habilitado a guiar aeronaves da Força Aérea, poderá desempenhar a função de GAA.

6.4.2.3.4 Para mais informações sobre o assunto, consultar o Manual de Campanha Planejamento e Coordenação de Fogos (EB70-MC-10.346), 3ª Ed, 2017.

6.4.2.4 Pedido de Apoio Aéreo

6.4.2.4.1 No CCAF das Bda Bld e das FT U Bld existem as ECAT. Nessas ECAT, existe o OLA, que tem a missão de coordenar o apoio de fogo aéreo e o trabalho dos GAA.



Fig 6-9 Apoio de fogo da Força Aérea

6.4.2.4.2 A FT Bld poderá receber um GAA, integrante do sistema de controle aerotático da Força Aérea, que prestará o assessoramento do apoio de fogo aéreo.

6.4.2.4.3 Os pedidos de apoio aéreo podem ser formulados no escalão FT nível U, por meio do preenchimento de formulários próprios. Estes pedidos são coordenados e consolidados em todos os escalões e encaminhados por intermédio de uma rede de comunicações que deverá interligar os diversos escalões de comando.

6.4.2.4.4 Os pedidos de apoio de fogo aéreo devem ser efetuados por meio das respectivas Células de Coordenação de Operações Aéreas (CCOA) do Corpo de Exército.

6.4.2.4.5 Os pedidos de missões pré-planejadas de apoio aéreo serão coordenados no Corpo de Exército e na Força Naval Componente (FNC) pela CCOA e enviados às células de coordenação das respectivas Forças Componentes (F Cte) no COAT/FAC.

6.4.2.4.6 Esses pedidos devem dar entrada no COAT com até 48 horas de antecedência, a fim de permitir a sua inclusão no ciclo de planejamento normal da FAC. Novos pedidos ou modificações podem ser feitos até 24 horas antes do início da missão.

6.4.2.4.7 No decorrer do combate, normalmente surgem missões de apoio de fogo imediatas que, por sua natureza, não foram planejadas. Essas necessidades devem ser coordenadas entre as F Cte, quando extrapolam as possibilidades dos meios orgânicos.

6.4.2.4.8 Os procedimentos de desencadeamento de missões de apoio de fogo aéreo imediato e pré-planejado estão regulados pela publicação Apoio de Fogo em Operações Conjuntas (MD33-M-11), 1ª Ed, 2012.

6.4.2.4.9 Os pedidos de apoio de fogo aéreo pré-planejados são processados pelas unidades e pela Bda, da mesma forma que para os outros fogos. Tais pedidos são transmitidos através dos canais de pedido aéreo pelo Adj do E3 da Bda ao elemento de apoio aerotático no COT da DE.

6.4.2.4.10 Após aprovação no COT/DE, o pedido é avaliado, recebe uma prioridade e é consolidado antes de ser submetido ao COT do Corpo de Exército.

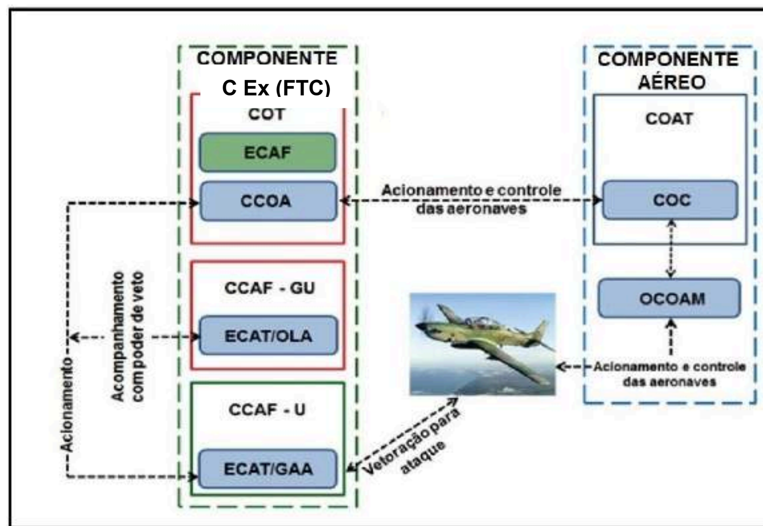


Fig 6-10 Ciclo de Acionamento de Missões Imediatas
(Apoio Aéreo Aproximado)

6.4.2.4.11 Os pedidos para apoio aéreo imediato se originam nas unidades e são transmitidos diretamente ao E3 do Ar da DE. O Adj E3 da Bda não interfere ou toma qualquer providência, a menos que o pedido seja desaprovado pelo seu Cmt, caso em que o Adj E3 entra na rede de pedidos aéreos para comunicar a desaprovação.

6.4.2.4.12 Pedidos imediatos podem ser expedidos diretamente das unidades de manobra se o Controlador Aéreo Avançado (CAA), dotado com adequados meios de comunicações, estiver presente. Em tal situação, a equipe de controle aerotático da unidade funciona da mesma maneira que as equipes de controle aerotático de comandos intermediários.

6.4.2.4.13 Quando o apoio aéreo naval estiver disponível, os pedidos são feitos através do elemento de apoio de fogo aeronaval à disposição da Bda.

6.4.3 APOIO DE FOGO NAVAL

6.4.3.1 Os pedidos de apoio de fogo naval são feitos pelo pessoal de ligação de fogo naval à disposição da Bda. Quando é empregado, o fogo naval é executado pelos navios em apoio direto ou em ação de conjunto, de acordo com as normas de apoio de fogo naval. O Plano de Fogos Naval é elaborado pelo representante do apoio de fogo naval junto aos CCAF da Bda.

6.4.3.2 O apoio do Componente Naval do Comando Operacional a outras forças inclui o fogo naval, os fogos desencadeados pelos meios aéreos orgânicos das forças navais, o emprego da artilharia de campanha de fuzileiros navais e outros determinados pelo Cmt Op.

6.4.3.3 Um representante do apoio de fogo naval está presente na organização dos ECAF e CCAF das forças terrestres. Nas unidades do Componente Naval do Comando Operacional, há observadores de tiro naval, adjudicados pela FNC para trabalho junto às subunidades.

6.4.3.4 No escalão unidade, o controle do apoio de fogo naval é executado pelo Destacamento Terrestre de Direção de Tiro Naval (DETEDITINA) composto do Grupo de Ligação de Fogo Naval (GRULIFONA), que opera no CCAF, e de um Grupo de Observação de Tiro Naval (GRUOBTINA), cuja missão é solicitar, controlar e ajustar o fogo naval, em apoio às subunidades em 1º escalão.

6.4.3.5 Normalmente, o apoio de fogo naval é proporcionado nas seguintes bases:
a) navios em ação conjunta (com maior poder de fogo) – em apoio a mais de uma GU ou a um G Cmdo Op; e
b) navios em apoio direto (menor poder de fogo) – em apoio a uma unidade de manobra.

6.4.3.6 Os pedidos de tiro são feitos diretamente aos navios de apoio direto por meio dos seguintes elementos da equipe:
a) Observador do Tiro Naval (OBTINA);
b) Observador Aéreo de Apoio de Fogo Naval; e
c) Oficial de Ligação de Fogo Naval (OLIFONA) das unidades de manobra.

6.4.3.7 Os OA e aéreos da artilharia de campanha da força terrestre podem solicitar diretamente o apoio de fogo naval, caso seus meios de comunicações possuam condições técnicas para o contato direto com o navio. Caso contrário, os pedidos de fogos serão feitos por meio do OLIFONA do escalão considerado.

6.4.3.8 Os pedidos de apoio de fogo para os navios em ação de conjunto são conduzidos a partir do escalão grande unidade e superiores.



Fig 6-11 Apoio de fogo da Força Naval

6.4.3.9 Para a coordenação e o controle do apoio de fogo conjunto, em operação típica superfície-superfície, são necessárias ligações previstas entre a FNC e a FTC.

CAPÍTULO VII

LOGÍSTICA

7.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

7.1.1 O combate contemporâneo é intenso e dinâmico, caracterizado pela grande mobilidade, pelo emprego de meios de alta tecnologia e pela constante evolução da situação tática no campo de batalha, exigindo das OM Log agilidade, adaptabilidade e flexibilidade na execução do Apoio Logístico (Ap Log).

7.1.2 O elemento básico da estrutura do Ap Log na Bda Bld é o B Log, orgânico dessa GU.

7.2 ESTRUTURA DO APOIO LOGÍSTICO NA BRIGADA BLINDADA

7.2.1 O Ap Log na Bda Bld, de um modo geral, segue a mesma sistemática e estrutura adotadas para as demais Bda da F Ter. Entretanto, os atuais conceitos doutrinários introduzem algumas particularidades que devem ser consideradas no planejamento logístico, visando à obtenção do apoio mais adequado, eficiente e oportuno nas operações.

7.2.2 As características de emprego da Bda Bld exigem a adoção de técnicas e soluções que permitam maior flexibilidade na execução do apoio logístico. O Cmt B Log deve ter condições de descentralizar os elementos das diversas SU logísticas, sob a forma de módulos logísticos agrupados em destacamentos logísticos (Dst Log), sendo esses variáveis, de acordo com as necessidades e empregados para apoiar situações específicas ditadas pela situação tática.

7.2.3 Os Dst Log são desdobrados com a finalidade de manter ou cerrar o Ap Log para o elemento apoiado.

7.2.4 A forma de apoio e a situação de comando das quais as tropas descentralizadas são empregadas serão ditadas, de acordo com a análise de logística e da situação tática.

7.2.5 Cabe, ainda, destacar que o êxito do apoio tornar-se-á dependente da integração entre os Sistemas Logísticos e de C².

7.3 DESDOBRAMENTO LOGÍSTICO

7.3.1 Em qualquer forma de manobra ou tipo de operação da Bda Bld, a escolha do local de desdobramento da Base Logística de Brigada (BLB) não deve interferir com a manobra da GU e do Escalão Superior. Para a localização da BLB, devem ser levadas em consideração todas as informações disponíveis, bem como as imposições do escalão superior.

7.3.2 O posicionamento da BLB, bem como a análise da localização das futuras BLB, devem ser planejados de acordo com os fatores para localização dessa Base, previstos no Manual de Campanha A Logística nas Operações (EB70-MC-10.216), 1ª Ed, 2019, especialmente a segurança e a continuidade do apoio.

7.3.3 A necessidade da continuidade e do alcance do apoio prestado, podem implicar em mudanças de posição de BLB. Tais mudanças ocorrem para regiões previamente selecionadas e de forma sincronizada com a manobra tática da GU. Será extremamente importante a coordenação entre o Cmdo Bda e os comandantes das diversas OM subordinadas, principalmente os das FT U Bld com o comandante do B Log, para que seja executada a mudança da posição da BLB, caso seja necessária, sem que se prejudique a continuidade do apoio.

7.3.4 A Distância Máxima de Apoio (DMA) do B Log da Bda Bld é a maior distância por estrada entre a BLB e as Áreas de Trens de Estacionamento (ATE) ou Áreas de Trens (AT) dos elementos apoiados. Para a determinação da DMA da BLB do B Log, independentemente do tipo de operação ou da forma de manobra, deve-se levar em consideração os seguintes aspectos: condições das malhas viárias; de segurança e meteorológicas; terreno; número de viaturas; velocidade média das viaturas; e número de motoristas (Fig 7-1).

7.3.5 A Distância de Segurança corresponde à menor distância, em linha reta, admitida para a localização da BLB. Para o cálculo da distância de segurança (alcance máximo menos alcance mínimo), leva-se em consideração a Artilharia de Foguetes do maior escalão da Força oponente em presença. Sempre que as condições operacionais e de terreno permitirem, é desejável que as BLB também estejam resguardadas dos fogos da artilharia orgânica da GU inimiga em presença. Essa distância pode variar em função da natureza das operações, do material empregado pelo inimigo ou do risco admitido pelo comandante (Fig 7-1).

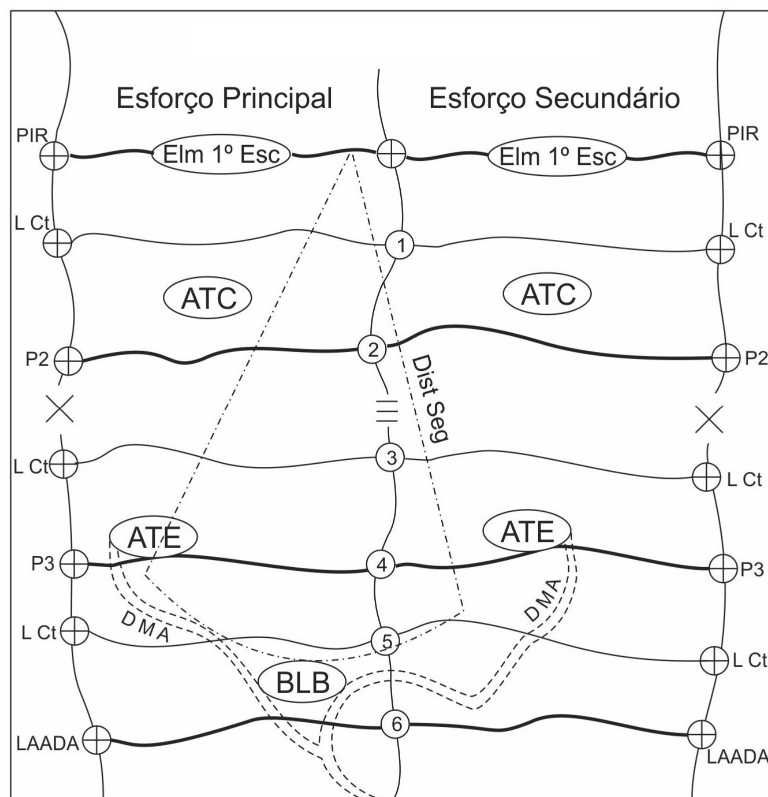


Fig 7-1 Distância máxima de apoio e distância de segurança

7.3.6 As EPS, principal e alternativa, são os itinerários de ligação entre as ATE/AT das unidades apoiadas e a BLB. Fatores como segurança das vias e instalações devem ser levados em consideração na escolha das vias de transporte a serem utilizadas para o Ap Log, bem como a rapidez nos deslocamentos.

7.3.7 Os limites da BLB devem estar calcados em linhas nítidas no terreno, visando a uma fácil identificação pelas tropas amigas. Além disso, a BLB deve estar próxima à EPS, a fim de facilitar a ligação com os escalões apoiados e apoiadores.

7.3.8 Nas Op Def, as necessidades de segurança e de continuidade do apoio têm grande influência na seleção de regiões para a localização da BLB da GU. Frequentemente, o desdobramento do B Log realiza-se na área de retaguarda da DE e próximo ao limite da DMA, objetivando diminuir a concentração de meios na P Def e evitar a necessidade da realização de mudanças para a retaguarda, em virtude das flutuações do combate.

7.3.9 A EPS, por sua vez, deve suportar a máxima tonelagem/dia da Bda Bld, que é muito superior às demais GU da F Ter. Além disso, é recomendável a utilização de eixos pavimentados que possibilitem, nas melhores condições, o transporte para a retaguarda dos blindados indisponíveis, por intermédio dos meios da companhia logística de transporte/B Log.

7.3.10 Em qualquer situação, os movimentos dos elementos de manobra, em particular da reserva, não devem sofrer interferência do tráfego decorrente do fluxo logístico. Sempre que possível, esse fluxo deve ocorrer em estradas distintas daquelas utilizadas para o deslocamento da reserva da Bda Bld, principalmente quando só há vias de pequena capacidade disponíveis. Não havendo alternativas, é necessário o estabelecimento de um rigoroso Plano de Circulação e de Controle de Trânsito.

7.4 RESPONSABILIDADES LOGÍSTICAS

7.4.1 O B Log apoiará as OM subordinadas à Bda Bld nas funções logísticas recursos humanos, saúde, suprimento, manutenção, salvamento, engenharia e transporte. Cabe ressaltar que esse apoio dependerá da situação tática e dos meios recebidos do Escalão Superior, podendo ser realizado de forma modular, isto é, com a constituição de módulos logísticos adaptáveis às necessidades dos elementos apoiados.

7.4.2 Cabe ao B Log da Bda Bld prestar o Ap Log por meio da execução de atividades e tarefas previstas em sua Base Doutrinária.

7.4.3 A responsabilidade de apoio do B Log, a princípio, vai até as AT/ATE das OM apoiadas, podendo, caso necessário e se a situação tática permitir, ser realizado até as Áreas de Trens de Combate (ATC) das tropas em 1º escalão.

7.4.4 Dependendo da função logística, o apoio prestado poderá ocorrer na BLB ou na AT/ATE das OM subordinadas à Bda Bld.

7.5 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DO APOIO LOGÍSTICO

7.5.1 O Exm Sit do Comandante Logístico é realizado em duas fases. Na primeira, o comandante do B Log é o assessor do comandante da Bda Bld, por meio do E4 ou mesmo diretamente. Na segunda fase, o Cmt B Log executa seu planejamento no âmbito de seu EM. Os trabalhos visam ao planejamento da manobra logística do batalhão, para o apoio à manobra tática da Bda, e à solução de problemas de Ap Log ou de natureza técnica.

7.5.2 O Planejamento da manobra logística (Análise de Logística e Exame de Situação Logístico) envolve um encadeamento lógico de procedimentos que

visam a alocar recursos nos locais certos e nos momentos oportunos à manutenção do suporte ao elemento apoiado. Um conjunto de informações pertinentes ao planejamento da manobra logística é extraído da Ordem de Operações da Bda Bld.

7.5.3 Os produtos da Análise de Logística auxiliarão na confecção do parágrafo 4º da Ordem de Operações da Bda e no Anexo de Logística (se for o caso), bem como na confecção da Ordem de Operações do B Log.

7.5.4 No que diz respeito à execução do Ap Log, quando a Bda Bld for empregada de forma descentralizada e em larga frente, surgirão dificuldades para a execução de algumas tarefas, exigindo um planejamento minucioso e o correto entendimento das ações a realizar, a fim de sincronizar as ações operacionais com as atividades logísticas. Para tanto, cresce de importância a Análise de Logística, bem como as formas de apoio e situações de comando para a descentralização seletiva de meios.

7.6. FUNÇÃO LOGÍSTICA RECURSOS HUMANOS

7.6.1 As atividades da Função Logística Recursos Humanos correspondem àquelas relacionadas à execução de serviços voltados à sustentação do pessoal, bem como ao gerenciamento do capital humano. A execução das atividades de apoio ao pessoal possui características peculiares no âmbito da Bda Bld.

7.6.2 Deve-se buscar a otimização de capacidades nesta área por meio da identificação, coordenação e execução de tarefas logísticas relacionadas à preparação do pessoal, ao recompletamento, ao bem-estar e à manutenção do moral, aos serviços em campanha e à assistência religiosa.

7.6.3 Deverá haver um fluxo de informações contínuo, adequado e seguro entre a Bda e suas OM subordinadas, permitindo que a 1ª Seção da Bda Bld mantenha controle sobre os diversos efetivos, de forma a preservar o poder de combate de cada OM e impedir que o inimigo obtenha informações sobre a situação de pessoal da Bda.

7.6.3.1 Relatório de Situação de Pessoal: o relatório de situação de pessoal é o produto final do processo de gerenciamento dos efetivos prontos, que se utiliza dos registros lançados em sistemas de informações de controle de pessoal. Permite mensurar a efetividade da F Ter no tocante aos efetivos prontos e é responsabilidade das seções de pessoal de todos os escalões.

7.6.3.2 Tabelas de Perdas de Pessoal: registram os coeficientes dos diferentes tipos de perdas que, normalmente, ocorrem nas várias situações de emprego nas quais uma força possa ser empregada.

7.6.3.3 Sumário Diário de Pessoal (SUDIPE): compreende os dados gerais sobre a prontidão do pessoal pertencente a uma OM ou força relacionados às ações realizadas durante certo período. As informações constantes desse sumário servem para subsidiar o planejamento da distribuição de artigos de suprimento que se baseiem no quantitativo de pessoal.

7.6.3.4 Relatório Periódico de Pessoal: é a exposição da situação dos recursos humanos de uma OM ou força, abrangendo todas as atividades relacionadas ao pessoal referentes a certo período. Tem por finalidade permitir a recapitulação periódica dos fatos mais relevantes relacionados ao gerenciamento dos efetivos prontos

7.6.4 As perdas são a base para a execução dos recompletamentos no âmbito da Bda. A 1ª Seção da Bda Bld deve manter atualizadas as informações sobre as perdas ocorridas nas diversas OM subordinadas. O E1 pode estabelecer níveis de alerta para que as U/SU informem de imediato quando seus efetivos atingirem valores que impliquem na perda da capacidade combativa e haja tempo suficiente para que sejam providenciados os recompletamentos.

7.6.5 O E1, com o assessoramento do Cmt B Log, deve visualizar, durante o Exm Sit, os locais e os momentos mais adequados para a realização dos recompletamentos. As situações de relativa inatividade, de reserva ou quando a Bda Bld estiver em Z Reu são as mais adequadas para que as U/SU recebam os seus recompletamentos.

7.6.6 Os serviços em campanha, tais como as tarefas de banho e lavanderia, são centralizados pelo B Log, que deve prestar o apoio da forma mais cerrada possível, desdobrando os Postos de Banho (P Ban) em locais que facilitem o acesso do pessoal das unidades a essas instalações. Normalmente, as situações em que a Bda estiver em Z Reu ou em situação de relativa inatividade são as mais adequadas para a execução da tarefa de banho. Eventualmente, poderá instalar P Ban nas ATE ou AT, mediante rodízio, de forma a atender a maioria dos elementos interessados.

7.6.7 O recolhimento dos uniformes para o Posto de Lavagem (P Lav) ocorre quando as unidades são apoiadas na tarefa de banho. Essas ocasiões também são aproveitadas para realização da desinfecção e/ou descontaminação do restante dos uniformes dos integrantes da Bda.

7.6.8 Normalmente, a Bda Bld utiliza as instalações de repouso do Esc Sp. O E1 coordena a distribuição de vagas para as unidades/subunidades. Nas situações estáticas ou de pouca atividade o E1 também coordena o envio de unidades para a área de recuperação; ou de pessoal para o(s) centro(s) de recreação do Esc Sp.

7.7 FUNÇÃO LOGÍSTICA SAÚDE

7.7.1 As atividades da Função Logística Saúde devem ser cuidadosamente planejadas pelo EM da Bda Bld, tendo em vista sua influência no moral da tropa. As características de atuação na fase decisiva do combate e de centralização das ações, normalmente presentes nas operações da Bda, trazem peculiaridades para o apoio de saúde.

7.7.2 O B Log da Bda recebe, em controle operativo, a Companhia de Saúde Avançada, do Batalhão de Saúde, integrante da Base Logística Terrestre que apoia o componente terrestre empregado. A Companhia de Saúde Avançada, entre outras atividades e tarefas, desdobra um Posto de Atendimento Avançado para prestar o apoio de saúde à Bda Bld.

7.7.3 A tarefa de evacuação de pessoal é dificultada pela intensidade das ações características da Bda Bld, pela previsão de grande número de baixas, tendo em vista a atuação da Bda geralmente no esforço principal, e pelos deslocamentos em terreno desprovido de estradas. A atribuição de prioridades na evacuação aeromédica é do Comando Logístico da Força Terrestre Componente (CLFTC), mediante ligação com o batalhão de saúde e de acordo com as necessidades das unidades apoiadas. A Bda Bld deve receber prioridade de evacuação aeromédica pelo Esc Sp, para os casos mais graves em que não for possível a evacuação por seus meios orgânicos. Nesse caso, devem ser previstos locais próprios para recolhimento dos feridos, de modo que seja facilitada a Evacuação Aeromédica.

7.8 FUNÇÃO LOGÍSTICA SUPRIMENTO

7.8.1 Na Bda Bld, dependendo da natureza das operações e da situação tática, são priorizados os processos de distribuição de suprimento nas U, excepcionalmente, distribuição nas instalações de suprimento ou processos especiais de suprimento, podendo também ser necessário o emprego combinado dos meios de transporte do B Log e das U. Deve-se sempre priorizar o processo de distribuição nas AT/ATE, para não sobrecarregar os meios logísticos das U em primeiro escalão, levando-se em consideração, para isso, a segurança nos eixos de suprimento. Excepcionalmente, a distribuição será feita na instalação de suprimento.

7.8.2 Em situações eventuais, de acordo com as características da operação ou do terreno, a Bda Bld pode receber apoio do Esc Sp, por meio do desdobramento de Destacamentos Logísticos nas proximidades da BLB ou pela utilização de processos especiais de suprimento.

7.8.3 Nos movimentos retrógrados, pode ser utilizado o pré-posicionamento de suprimentos na região de operações, para agilizar o Ap Log ou mesmo por medida de segurança.

7.8.4 A reserva orgânica de todas as classes de suprimento, incluindo aquela a ser transportada pelo B Log, deve estar completa no início de cada operação. Caso seja consumida, ainda que parcialmente, torna-se imperioso o seu recompletamento no menor prazo possível, para garantia das condições necessárias ao prosseguimento da Bda em combate.

7.8.5 Nas operações de movimento, é mais conveniente a utilização das rações operacionais (R-2A, R-2B, R-3 e AE), devido às restrições para o funcionamento das cozinhas. Entretanto, a fim de que sejam evitados os efeitos indesejáveis da monotonia alimentar, deve-se buscar toda e qualquer oportunidade para o consumo de ração quente pela tropa.

7.8.6 Quando a Bda Bld não se encontrar em Z Reu, normalmente será utilizado o intervalo de ração 5 (cinco), a fim de aumentar a flexibilidade proporcionada pela existência de maior número de dias de suprimento no B Log. No entanto, tendo em vista que o recebimento das rações e que a sua distribuição ocorrem em dias distintos, há necessidade de prever locais de armazenamento desse suprimento, desde que não seja prejudicada a mobilidade da unidade logística.

7.8.7 Para garantir a continuidade do movimento, o B Log pode desdobrar postos de distribuição de suprimento classe III móveis junto às AT/ATE, integrados por viaturas cisternas de combustíveis que tenham condições de abastecer várias viaturas.

7.9 FUNÇÃO LOGÍSTICA MANUTENÇÃO

7.9.1 Devido à extensão das frentes, intensidade do combate e complexidade do fluxo de manutenção, essa atividade tem sua execução muito dificultada. Dessa forma, deve ser realizada o mais cerrado possível, levando-se em consideração a situação tática e a disponibilidade de tempo e recursos. Isso é feito sob a forma de descentralização do apoio, com frações de manutenção sendo lançadas à frente, normalmente sob a forma de apoio direto aos elementos de primeiro escalão.

7.9.2 A Companhia Logística de Manutenção/B Log tem o encargo de destacar as Seções Leves de Manutenção em apoio aos elementos de manobra em primeiro escalão ou aos elementos de apoio ao combate, caso seja necessário. Para isso, essas seções devem ter mobilidade igual ou superior a desses elementos.

7.9.3 Diante do exposto, a atividade de planejamento da demanda cresce de importância, podendo, assim, haver necessidade de transporte de grande quantidade de itens para a execução da manutenção aos elementos apoiados. Além disso, deve ser intensificada a manutenção por troca direta.

7.10 FUNÇÃO LOGÍSTICA SALVAMENTO

7.10.1 Em função das características de emprego da Bda Bld, é comum o apoio do Esc Sp para a execução da evacuação do material salvado e/ou capturado. Para essas atividades da Função Logística Salvamento será necessário o emprego de meios blindados de evacuação.

7.10.2 A adoção de medidas para o reaproveitamento do material salvado, a partir dos menores escalões, implica na redução das necessidades de manutenção, fazendo com que diminua também a necessidade de evacuação de material.

7.10.3 Para a realização da coleta e evacuação do material salvado e capturado, a Companhia Logística de Manutenção instala e opera um Posto de Coleta de Salvados. A estimativa de maior ou menor densidade dos materiais a serem evacuados, as prioridades para artigos críticos, bem como a disponibilidade de meios, devem ser levados em conta no planejamento.

7.11 FUNÇÃO LOGÍSTICA ENGENHARIA

7.11.1 Dentro dessa função logística, o B Log tem a seu encargo a logística de material das classes IV e VI; e o planejamento e a execução do tratamento de água. A gestão ambiental de interesse militar e a execução de obras e serviços de engenharia ficam, na Bda Bld, a cargo do BE Cmb Bld.

7.11.2 A previsão e a provisão de material das classes IV (construção e fortificação) e VI (engenharia e cartografia) envolvem a determinação de necessidades, a obtenção, a distribuição e a manutenção dos materiais e equipamentos dessas duas classes para a Bda Bld desdobrada. A Função Logística Engenharia guarda estreita relação com as Funções Logísticas Suprimento e Manutenção.

7.11.3 Os equipamentos dessas classes são manutenidos em OM Log de manutenção, sendo que tanto o suprimento quanto a manutenção desses itens devem contar com especialistas de engenharia para assessoria técnica especializada.

7.11.4 O planejamento e a execução do tratamento de água exige, entre outras ações, a determinação de necessidades; a identificação do(s) ponto(s) de

obtenção; a definição de locais de tratamento e armazenamento; e a coordenação da distribuição junto ao Pelotão de Suprimento Classe I e água/Companhia Logística de Suprimento.

7.12 FUNÇÃO LOGÍSTICA TRANSPORTE

7.12.1 A quantidade de meios para o transporte de viaturas blindadas sobre lagartas (VTNE Cavalo Mecânico com prancha, com tonelagem adequada) para a A Op deve ser suficiente para executar, com oportunidade, deslocamentos desses veículos a grandes distâncias. No mínimo, o B Log da Bda Bld deve ter condições de transportar em suas “pranchas”, de uma só vez, uma FT SU Bld quaternária (Cmdo, Seç Cmdo e 04 pelotões de CC e de Fuz Bld).

7.12.2 Para fins logísticos, os meios de transporte disponíveis na Bda Bld são os existentes na Companhia Logística de Transporte/B Log, que está estruturada para enquadrar módulos de transporte recebidos do Esc Sp.

7.12.3 Por suas características de emprego, a Bda Bld tende a necessitar de maior quantidade de meios para transporte e evacuação de pessoal (mortos, feridos e PG) e de material (salvado e capturado).

7.12.4 Avulta de importância um eficiente planejamento para a circulação e para o controle de trânsito, sob responsabilidade do E4, devido ao fato de os elementos de manobra serem empregados, normalmente, centralizados, e ao grande número de viaturas circulando nos eixos existentes na Z Aç da Bda.

7.12.5 Para a perfeita execução das atividades logísticas da Função Logística Transporte em operações, é fundamental o apoio de engenharia, na preparação e manutenção da rede mínima de estradas, principalmente dos eixos de suprimento, e o emprego de viaturas de transporte com capacidade de transitar em qualquer terreno.

7.13 PECULIARIDADES DO APOIO LOGÍSTICO NA BRIGADA BLINDADA

7.13.1 Em qualquer situação, seja estática ou de movimento, a missão do B Log da Bda Bld é a de prestar apoio contínuo e o mais cerrado possível a todos os elementos subordinados e/ou recebidos em reforço ou apoio, o que pode implicar em mudanças de posição da BLB, emprego de destacamentos logísticos ou processos especiais de suprimento. Tais mudanças ocorrem para regiões previamente selecionadas, de acordo com os fatores para localização da BLB, e de forma sincronizada com a manobra tática da GU.

7.13.2 A sincronização das mudanças da BLB com as operações deve ser feita por meio de pontos ou L Ct, estabelecidas pelo E3 de acordo com a manobra tática. O E4 deverá confeccionar e enviar ao E3 a matriz de sincronização logística, necessária para coordenar o movimento do B Log e o apoio às unidades de combate e apoio ao combate.

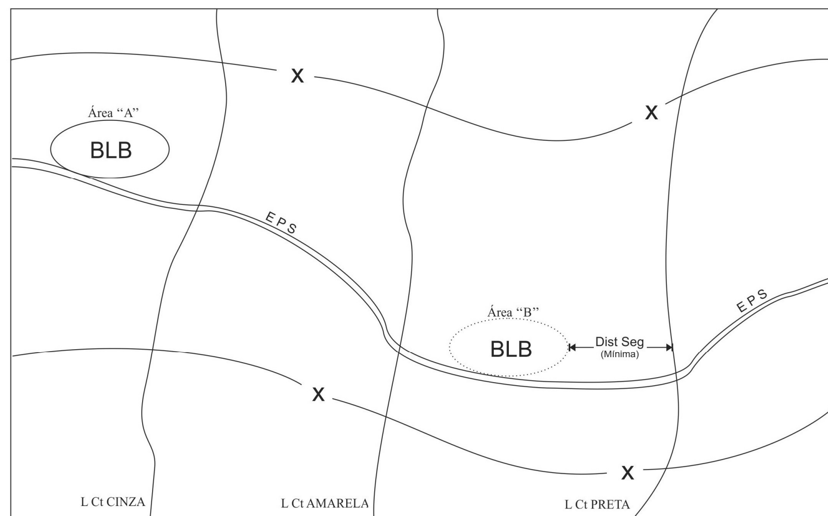


Fig 7-2 Mudança de Posição da BLB

7.13.3 Na Figura 7-2, a título de ilustração, considera-se que o B Log, posicionado na Área "A", necessita cerrar o apoio para acompanhar o movimento da Bda e, para isso, planejou ocupar a Área "B". Essa segunda área, que obedece à distância de segurança em relação à L Ct PRETA, só é ocupada quando os elementos de primeiro escalão da Bda Bld alcançarem a referida linha. Procedimento análogo é adotado para outras mudanças de BLB que se fizerem necessárias, até o final do movimento da Bda.

7.13.4 A descentralização dos meios de apoio, por intermédio de Dst Log, e o emprego de processos especiais de suprimento constituem-se em alternativas para proporcionar o apoio cerrado e contínuo às unidades da Bda Bld, ao mesmo tempo em que reduzem a necessidade de deslocamentos do B Log como um todo, garantindo, dessa forma, maior eficiência no apoio à manobra. No entanto, tais medidas reduzem a capacidade de apoio ao conjunto do B Log na BLB.

7.13.5 Os deslocamentos executados pelas unidades da Bda Bld, caso ela seja empregada em operações de movimento, podem fazer com que as distâncias entre a BLB e as ATE, ou AT, das FT U Bld aumentem rapidamente. Admite-se, nessas operações, que o Ap Log seja executado a distâncias que se aproximem do valor da distância máxima de apoio, tendo em vista não prejudicar a continuidade do apoio com mudanças frequentes de posição.

7.13.6 No caso de deslocamentos rápidos e manobras dinâmicas da Bda Bld, em função do ritmo das operações, o B Log pode deixar de ocupar algumas das regiões previamente selecionadas nos planejamentos logísticos, ou nelas desdobrar-se apenas parcialmente, ficando na iminência de permanecer por tempo reduzido. Nessa situação, fica em condições de pronto deslocamento, ocasião em que mantém a maioria dos seus meios sobre rodas.

7.13.7 O lançamento de Dst Log, com a finalidade de cerrar ou manter o apoio aos elementos de primeiro escalão, ocorre com maior frequência nas operações de movimento. Esses Dst Log mantêm vínculos de subordinação com o B Log, o que obriga a localização da BLB, respeitando a DMA relativa às AT/ATE dos elementos apoiados.

7.13.8 Quando a Bda Bld está em Z Reu ou em situações estáticas, o B Log é empregado sob a forma de apoio ao conjunto, e as atividades logísticas são executadas com a maior intensidade possível, de acordo com o tempo disponível e em função da situação tática. É a oportunidade mais favorável para o apoio, uma vez que as unidades estão próximas e ultimando seus preparativos para o cumprimento de missões futuras. Nessa situação, os elementos de Ap Log devem se empenhar em colocar os materiais de emprego militar no maior índice possível de disponibilidade, bem como em executar ao máximo as atividades e serviços de apoio ao pessoal.

CAPÍTULO VIII

PROTEÇÃO

8.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

8.1.1 INTRODUÇÃO

8.1.1.1 Proteção é a preservação da eficácia e da capacidade de sobrevivência dos militares e civis relacionados com a missão, equipamentos, instalações, informações e infraestrutura implantada ou localizada dentro ou fora dos limites de uma determinada área operacional. Os comandantes e Estados-Maiores devem sincronizar, integrar e organizar as capacidades e recursos em todo o processo das operações para preservar o seu poder de combate e minimizar os efeitos das ameaças e dos perigos. A proteção é uma atividade contínua que procura salvaguardar a força, o pessoal e os sistemas.

8.1.1.2 A Bda Bld e seus elementos subordinados podem, também, receber a missão de empregar seus meios para proteger os civis envolvidos nas operações. Isso pode incluir a ação contra a violência generalizada e garantir um ambiente seguro para a população e demais parceiros.

8.1.1.3 O emprego dos recursos de proteção sincronizados e integrados com os reforços preserva o poder de combate e proporciona flexibilidade às operações militares. A colaboração, integração e sincronização entre as funções de combate – comando e controle, movimento e manobra, inteligência, fogos, logística e proteção – auxiliam na identificação e prevenção de ameaças e perigos e na mitigação de seus efeitos.

8.1.1.4 A proteção deve ser considerada em todo o processo das operações para identificar as ameaças e perigos, implementar medidas de controle para prevenir ou mitigar ações do oponente e gerenciar os efeitos e o tempo de reação para ganhar superioridade e manter a iniciativa.

8.1.1.5 Os recursos disponíveis na Bda Bld para a função de combate proteção devem ser articulados de modo a permitir:
a) a execução de medidas ativas de defesa para proteger as informações, as suas instalações, a infraestrutura crítica e linhas de comunicação ou um ataque do oponente;
b) a execução de medidas defensivas passivas para conquistar a população e dificultar a localização e destruição dos sistemas e instalações;
c) a aplicação da tecnologia de processos para reduzir o risco de fratricídio; e
d) o gerenciamento da resposta de emergência para reduzir a perda de pessoal e capacidades devido a acidentes, ameaças à saúde e/ou desastres naturais.

8.1.2 CONCEITO

8.1.2.1 O conceito de proteção fornece à Bda Bld as ferramentas para garantir a higidez de seus subordinados, a integridade de seu equipamento e a salvaguarda de seu conhecimento e imagem.

8.1.2.2 A Func Cmb Ptç é verificada na Bda Bld quando de seu emprego em operações, onde torna-se necessário o planejamento e a execução de atividades que visem a garantir a preservação do seu PRC e de seus meios desdobrados para emprego oportuno e eficiente.

8.1.2.3 A Func Cmb Ptç da Bda Bld deve reunir o conjunto de atividades empregadas na preservação da Bda e de seus elementos subordinados, permitindo que os comandantes em todos os níveis disponham do máximo poder de combate para emprego. As tarefas de proteção permitem identificar, prevenir e mitigar as ameaças à Bda e aos meios considerados vitais para as suas operações, de modo a preservar o seu poder de combate e sua liberdade de ação. Essas tarefas permitem, também, a preservação das populações e infraestruturas civis na Z Aç da Bda.

8.1.3 PRINCÍPIOS DA PROTEÇÃO

8.1.3.1 Os princípios da proteção são a base para o planejamento e a condução das atividades de proteção em campanha. Eles permitirão aos planejadores, em todos os escalões, compreender em que contexto as operações estão sendo realizadas.

8.1.3.2 Os princípios da proteção são cinco: abrangência, integração, complementaridade, redundância e permanência. Esses princípios encontram-se detalhados no Capítulo I do Manual de Campanha Proteção (EB20-MC-10.208), 1ª Ed, 2015.

8.1.4 AMEAÇA

8.1.4.1 Ameaça é o conjunto de atores, motivação e capacidade de realizar ação hostil real ou potencial, com possibilidade de, por intermédio da exploração de deficiências, comprometer as informações, afetar o material, o pessoal e seus valores, bem como as áreas e instalações, podendo causar danos.

8.1.4.2 As ameaças à Bda Bld em operações podem ter origem na ação de forças oponentes, nas condições ambientais adversas, nas ações conduzidas pela própria Bda e forças amigas e nos elementos alheios às operações militares e suas respectivas estruturas.

8.1.4.3 A ação do inimigo é a ameaça mais característica pelo seu cunho deliberado de causar desgaste à Bda e para obter vantagem nas operações. A ação do inimigo deve ser o foco principal do planejamento das tarefas de proteção da Bda.

8.1.4.4 As condições ambientais adversas constituem-se em ameaça por interferirem na capacidade de combate da Bda, particularmente de seus subordinados, equipamentos e instalações e, por causar modificações no terreno que podem comprometer as operações. Essas situações podem ser traduzidas por temperaturas e umidades extremas, regime de chuvas e suas consequências, ventos, abalos sísmicos, zoonoses etc.

8.1.4.5 As ações conduzidas pela própria Bda em operações podem comprometer o seu poder de combate quando da ocorrência de acidentes ou incidentes. O emprego dos armamentos, o movimento das viaturas e a operação de equipamentos pesados exigem a previsão de medidas que garantam a sua realização da forma mais segura possível e evitem acidentes, incidentes e o fratricídio.

8.1.4.6 O fenômeno da guerra em meio à população aproximou elementos não combatentes e as zonas urbanas das A Op dos conflitos modernos. Esse fator é de extrema relevância para a Bda Bld sob a ótica da Func Cmb Ptç, pois na infraestrutura urbana existem várias ameaças potenciais, como produtos químicos e redes elétricas, que podem comprometer a integridade humana e física dos elementos subordinados.

8.1.5 MEIOS CRÍTICOS

8.1.5.1 Os meios críticos são aqueles que, por diversos motivos, devem ser defendidos pela Bda Bld, sob pena de comprometer o cumprimento de sua missão, constituindo-se no foco do seu planejamento e na condução das atividades de proteção.

8.1.5.2 Poderão ser considerados como meios críticos pela Bda os seus militares especializados, cujos claros sejam de difícil recompletamento, os equipamentos e as instalações da tropa, que por sua vulnerabilidade, importância, recuperabilidade ou prioridade que lhe foi atribuída são de fundamental importância para as operações ou, ainda, as áreas do terreno na Z Aç da Bda ou nas suas áreas de interesse, que nas mãos do inimigo possam influenciar de maneira decisiva a manobra.

8.1.5.3 Essa classificação de situação crítica desses meios deverá ser definida pelo Cmt Bda Bld, assessorado por elementos que constituam a estrutura de Proteção da Bda, com base no estudo das ameaças. A prioridade a eles atribuída será função da disponibilidade de meios existentes para executar as atividades de proteção.

8.1.6 ATIVIDADES DE PROTEÇÃO

8.1.6.1 Atividades de proteção são o conjunto de tarefas afins, reunidas segundo critérios de relacionamento, interdependência ou similaridade, cujos resultados concorrem para o desenvolvimento da proteção na Bda Bld.

8.1.6.2 Essas tarefas podem ser executadas individualmente, através da utilização de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) ou de alguma técnica específica, caracterizando a proteção individual. Normalmente, será executada de forma coletiva, dando origem a proteção orgânica, que pode ser conduzida com o emprego de pessoal ou equipamento especializado na proteção orgânica ou por elementos de qualquer natureza.

8.1.6.3 As atividades de proteção destinam-se, primordialmente, a proteger o pessoal, os equipamentos, as instalações e o fluxo de informações.

8.1.6.4 A proteção humana é aquela que atua, prioritariamente, em favor dos recursos humanos da Bda ou os colocados à sua disposição.

8.1.6.5 A proteção física é aquela direcionada para a proteção dos equipamentos e instalações da Bda ou na sua Z Aç, que tenham importância para as suas operações.

8.1.6.6 A proteção informacional está relacionada a manutenção da segurança do fluxo de informações da Bda, necessárias às suas operações.

8.1.6.7 Essas medidas podem ser executadas atuando sobre a ameaça – proteção ativa – ou sofrendo sua ação – proteção passiva.

8.1.6.8 As atividades de proteção mais importantes realizadas na Bda Bld são a defesa antiaérea; o apoio de engenharia; a contrainteligência; as medidas de defesa química, biológica, radiológica e nuclear; as medidas de guerra eletrônica; as medidas de guerra cibernética; as medidas de dissimulação; e a defesa anticarro.

8.1.6.9 Para mais informações sobre a função de combate proteção, consultar o Manual de Campanha Proteção (EB20-MC-10.208), 1ª Ed, 2015.

8.2 DEFESA ANTIAÉREA

8.2.1 A atividade de proteção de defesa antiaérea é fundamental para minimizar os efeitos da ameaça aérea inimiga, contribuindo para preservar o poder de combate, a eficácia e as capacidades da Bda Bld.

8.2.2 A Bda Bld conta, em sua estrutura organizacional, com uma Bateria de Artilharia Antiaérea Autopropulsada. Essa bateria está organizada com um comando, uma seção de comando, uma seção de logística e 04 (quatro) seções de artilharia antiaérea.



Fig 8-1 VBC AAe Gepard 1 A2 das Bia AAAe AP das Bda Bld

8.2.3 O Cmt Bda Bld, assessorado pelo Cmt Bia AAAe AP, estabelecerá as prioridades de Defesa Antiaérea na Z Aç da Bda, baseado na vulnerabilidade, importância e recuperabilidade do meio a ser defendido, bem como nas possibilidades do inimigo aéreo contra cada um deles.

8.2.4 Para que a Bda possa realizar um planejamento de emprego eficaz de sua artilharia antiaérea, permitindo que atue dentro do alcance útil do seu armamento, é fundamental que receba, do seu escalão superior, informações oportunas sobre a ameaça aérea em sua Z Aç.

8.2.5 As informações sobre a ameaça aérea devem conter as possibilidades do inimigo aéreo. Essas possibilidades, conjugadas com outros fatores, permitirão ao Cmt Bia AAAe AP assessorar o Cmt Bda Bld na determinação do grau de probabilidade do inimigo realizar um ataque aéreo na Z Aç da Bda.

8.2.6 Os aspectos mais importantes da ameaça aérea inimiga para o planejamento da atividade de proteção defesa antiaérea na Bda são:
a) os tipos de aeronaves em operação;
b) o raio de ação dessas aeronaves;
c) o armamento empregado;
d) as táticas e técnicas de ataque que domina e tem condições de executar;
e) o número de surtidas por aeronaves;
f) a localização de suas bases;
g) a sua capacidade de reabastecimento em voo;

h) a capacidade de empregar guerra eletrônica;
i) a capacidade de lançamento de mísseis balísticos e de cruzeiro;
j) a capacidade de executar reconhecimentos táticos e estratégicos; e
k) a capacidade de supressão de DA Ae.

8.2.7 Em face das dimensões da Z Aç da Bda Bld, particularmente nas Op Ofs de grande mobilidade e profundidade, deve-se considerar, que a defesa antiaérea da Bda não pode ser garantida integralmente pela sua Bia AAAe AP. Por mais mobilidade e capacidades que a bateria tenha, nem todos os Pontos Sensíveis (P Sen) ou Elementos de Manobra poderão obter uma defesa total contra um vetor aéreo inimigo, possuidor de características muito específicas e vantajosas, além do fator surpresa.

8.2.8 As unidades subordinadas e suas instalações que, pelo grau de prioridade que lhes for atribuído, não puderem dispor de DA Ae, deverão prover sua autodefesa antiaérea com o armamento orgânico. Nesse caso, passarão a merecer ênfase as medidas de defesa antiaérea passivas e ativas.

8.2.8.1 Defesa passiva: é o conjunto de ações e medidas tomadas antes, durante e depois de um ataque, reduzindo seus efeitos, sem, contudo, hostilizar o inimigo. São exemplos de defesa passiva a dispersão, simulação, dissimulação e mascaramento. A ocultação de veículos grandes, como carros de combate e viaturas blindadas de transporte de pessoal, não é uma tarefa simples. Os comandantes das unidades blindadas devem considerar o emprego de técnicas de dissimulação para disfarçar suas intenções e uma defesa aérea ativa com seus supostos meios.

8.2.8.2 Defesa ativa: embora as medidas passivas sejam a primeira linha de defesa contra ataques aéreos, as tropas devem estar preparadas para atacar aeronaves inimigas com seus próprios meios. A decisão de combater uma ameaça aérea é baseada na situação imediata e no aumento das capacidades do sistema de armas de combate. As medidas de defesa ativa são aquelas que buscam a destruição das aeronaves inimigas ou, ao menos, dificultar sua ação, mediante a concentração de fogos das armas em um espaço relativamente reduzido, sendo, para isso, fundamental a identificação da aeronave.

8.2.9 Na M Cmb, a bateria realiza a DA Ae dos P Sen ao longo do itinerário, com a missão de apoio geral à Bda Bld. Para a eficiência da DA Ae móvel em uma marcha para o combate, são considerados 03 (três) aspectos básicos: a possibilidade de detecção em proveito da força como um todo, a redundância de emprego de equipamentos críticos e o esforço de esclarecimento.

8.2.10 No ataque, normalmente, as ações principais caracterizam-se pela centralização de meios em frentes menores, o que indica o emprego dos meios AAe com o Cmdo centralizado e com um elevado grau de coordenação das ações e da cobertura radar pelo maior Esc AAAe presente na operação.



Fig 8-2 AAAe AP protegendo o deslocamento de uma FT Bld

8.2.11 A ação de reconhecimento em força segue os mesmos conceitos previstos para o ataque com relação ao emprego dos meios AAe. Nesse tipo de operação, deve-se considerar a possibilidade de defesa passiva dos elementos que realizam o reconhecimento em força, particularmente os elementos mecanizados, e a necessidade de DA Ae das tropas que permanecem estacionadas em Z Reu.

8.2.12 No Apvt Exi, o planejamento do emprego da AAAe é feito de maneira semelhante ao da M Cmb, considerando-se que, se for necessário descentralizar os meios AAe, a centralização deve ser retomada quando a situação permitir.

8.2.13 Nos movimentos retrógrados, a Bia AAAe AP atua, basicamente, na proteção das forças que retraem e dos P Sen ao longo dos itinerários de retraimento.

8.2.14 Para mais informações sobre o assunto Defesa Antiaérea, consultar os Manuais de Campanha Defesa Antiaérea (EB70-MC-10.231), 1ª Ed, 2017, e Defesa Antiaérea nas Operações (EB70-MC-10.235), 1ª Ed, 2017.

8.3 APOIO DE ENGENHARIA

8.3.1 GENERALIDADES

8.3.1.1 A engenharia é a arma de apoio ao combate que tem como missão principal no apoio à Bda Bld prover a mobilidade, a contramobilidade e a proteção, caracterizando- se como um fator multiplicador do poder de combate.

8.3.1.2 O apoio de engenharia na proteção pode ser entendido como o conjunto de trabalhos que visa reduzir ou anular os efeitos das ações do inimigo e das intempéries sobre a tropa e o material, proporcionando abrigo, segurança e bem-estar e ampliando a capacidade de sobrevivência das forças em campanha. Os engenheiros, em função do conhecimento técnico, do pessoal e dos materiais especializados, prestam assistência técnica às tropas em combate ou realizam trabalhos de fortificações, camuflagem e instalações, visando ao aumento do valor defensivo das posições.

8.3.1.3 Na Bda Bld, o BE Cmb Bld, orgânico da GU, é a OM que deverá prover e prestar o apoio técnico para a Proteção, no que tange aos trabalhos de engenharia.

8.3.2 EMPREGO DA ENGENHARIA

8.3.2.1 A organização da engenharia tem por base a centralização dos meios nos escalões mais elevados, permitindo que estes possam suprir as deficiências de engenharia dos escalões subordinados, em face das necessidades específicas de cada situação e, ainda, atender ao apoio em profundidade, de modo a liberar os escalões subordinados de encargos na retaguarda.

8.3.2.2 O apoio de engenharia nos trabalhos de proteção na Bda Bld serão realizados:
a) pelos Pel E Cmb Bld, orgânicos do BE Cmb Bld da Bda, que se encontram em apoio direto ou em reforço às FT U Bld, empregados em primeiro escalão;
b) pelos Pel E Cmb Bld orgânicos do BE Cmb Bld da Bda, que se encontram trabalhando em Apoio ao Conjunto aos diversos elementos subordinados à Bda Bld, ou em apoio a esta, que se encontram atuando na sua Z Aç;
c) pela engenharia dos escalões superiores, no Apoio Suplementar Específico, para determinados trabalhos dentro da Z Aç da Bda Bld; e
d) pela engenharia do escalão superior, através do Apoio Suplementar por Área, onde essa engenharia assume todos os trabalhos de engenharia em uma linha traçada na área anterior da retaguarda das peças de manobra em primeiro escalão, denominada Limite Avançado dos Trabalhos (LAT), de modo que o BE Cmb Bld da Bda Bld possa prestar apoio cerrado às FT U Bld da Bda. O LAT define, no sentido da profundidade, a área em que a engenharia de um determinado escalão presta apoio suplementar por área à Engenharia do escalão subordinado. Representa, no espaço, o limite até onde a engenharia em apoio pode receber missões que beneficiem a engenharia do escalão apoiado.

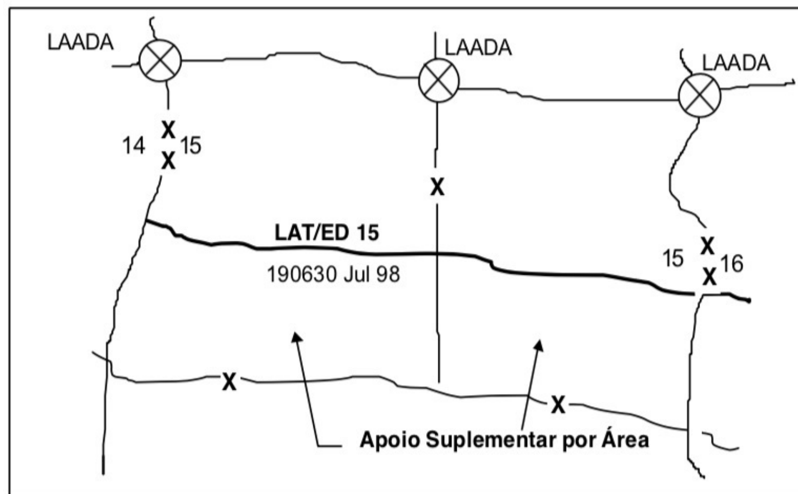


Fig 8-3 Exemplo do Limite Avançado dos Trabalhos – LAT

8.3.2.3 Para os trabalhos de Proteção, assim como os de apoio à mobilidade e contramobilidade, a engenharia deve respeitar os princípios gerais de emprego da arma: emprego como arma técnica, emprego centralizado, permanência nos trabalhos, utilização imediata dos trabalhos, manutenção dos laços táticos, engenharia em reserva, prioridade e urgência e emprego por elementos constituídos.

8.3.2.4 O Pel E Cmb Bld é a fração básica de emprego para os trabalhos de engenharia na Proteção. Para detalhamento sobre o emprego da engenharia, deverá ser consultado o Manual de Campanha A Engenharia nas Operações (EB70-MC-10.237), 1ª Ed, 2018.

8.3.3 TAREFAS DA ENGENHARIA NA PROTEÇÃO

8.3.3.1 As principais tarefas que podem ser propiciadas pela engenharia, na função de combate Proteção para a Bda Bld, são a execução e a orientação técnica para a construção de fortificação de campanha.

8.3.3.2 Essas tarefas compreendem a construção de locais de tiro, limpeza de campos de tiro, instalação de órgãos de comando ou de observação, abrigos para o pessoal, órgãos de combate e de serviço, lançamento de obstáculos naturais e artificiais.



Fig 8-4 VBC O AP M 109 A3 em espaldão para blindados

8.3.3.3 Podem ser citados como exemplos dessas tarefas a construção de crateras melhoradas; espaldões para metralhadoras, tipo antiaéreo, para morteiros, para blindados e para radar; sapas e trincheiras; abrigos; postos de comando enterrados etc.

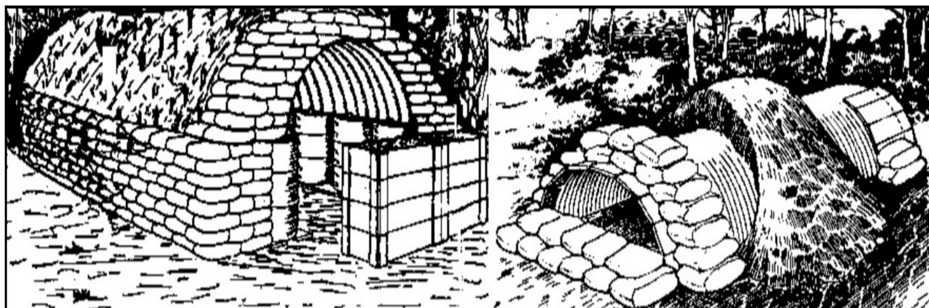


Fig 8-5 Exemplo de construção de abrigos

8.3.3.4 O apoio de engenharia pode ocorrer, ainda, para realizar trabalhos de camuflagem; executar reconhecimentos de engenharia; lançar campos de mina, obstáculos de arame, armadilhas e demais obstáculos para proteção de áreas de interesse; prover apoio de remoção e destruição de engenhos falhados; e prover apoio de desativação e de destruição de artefatos explosivos improvisados.



Fig 8-6 Exemplo de obstáculos de arame

8.4 CONTRAINTELIGÊNCIA

8.4.1 CONTRAINTELIGÊNCIA NAS OPERAÇÕES

8.4.1.1 A contrainteligência (C Intlg) é uma atividade da função de combate proteção que visa a obstrução e a neutralização da atuação da inteligência inimiga e das ações de qualquer natureza que possam se constituir ameaças à salvaguarda de dados, informações, conhecimento e seus suportes.

8.4.1.2 Para atingir seu objetivo, a C Intlg avalia as vulnerabilidades existentes na gestão do pessoal, nas instalações e nos sistemas de comunicação que possam fornecer ao inimigo dados que ele não deva ter acesso.

8.4.1.3 Normalmente, o esforço de contrainteligência é complementado pelas atividades de segurança de área, guerra eletrônica e guerra cibernética.

8.4.1.4 A contrainteligência na Bda Bld tem por finalidades:
a) impedir que uma força inimiga, real ou potencial, adquira conhecimentos sobre nossa ordem de batalha, situação em material, pessoal, planos, vulnerabilidades e possibilidades da Bda e de seus elementos subordinados;
b) impedir ou reduzir os efeitos das atividades de espionagem, sabotagem, desinformação, propaganda adversa e terrorismo contra a Bda;
c) proporcionar liberdade de ação para o Cmt Bda Bld;
d) contribuir para a obtenção da surpresa nas operações da Bda;
e) impedir ou limitar as ações que possibilitem a força inimiga de obter a surpresa sobre as atividades ou operações da Bda Bld;

f) impedir ou neutralizar as ações hostis que possam afetar o potencial de Bda e de seus elementos subordinados ou em apoio; e
g) induzir o centro de decisão inimigo à tomada de decisões equivocadas.

8.4.1.5 A C Intlg deve detectar, identificar e analisar a ameaça inimiga oriunda das fontes humanas, de sinais, de imagens, cibernética e outras, planejando ações e medidas para neutralizar ou eliminar essas ameaças.

8.4.1.6 Para uma melhor execução da C Intlg, deve-se admitir que a atividade de Inteligência inimiga seja tão eficiente quanto a C Intlg da Bda.

8.4.1.7 Os dados e/ou conhecimentos que mais interessam ao inimigo são os seguintes:
a) as possibilidades, vulnerabilidades e limitações dos elementos de manobra, de apoio ao combate e Ap Log da Bda;
b) a ordem de batalha da Bda Bld;
c) as intenções e planos de emprego da Bda;
d) os sistemas de Ap Log e administração da Bda Bld;
e) a doutrina empregada pela Bda Bld;
f) a perda de homens, equipamentos e suprimentos;
g) os dados biográficos e personalidade do Cmt Bda Bld e de seus elementos subordinados, particularmente das peças de manobra;
h) a estrutura e funcionamento da Inteligência na Bda Bld;
i) as medidas de segurança em execução;
j) o relacionamento com a população em geral;
k) as normas e medidas de segurança em vigor; e
l) a situação logística da Bda, particularmente quanto aos suprimentos de Classe III e V e dificuldades na execução do Ap Log.

8.4.1.8 O inimigo tentará de todas as formas obter as informações que necessita sobre a Bda Bld para realizar seus planejamentos operacionais. Entre as mais importantes origens dessas informações, destacam-se:
a) a observação e o reconhecimento;
b) os prisioneiros de guerra e refugiados;
c) as transmissões eletromagnéticas;
d) as atividades cibernéticas;
e) imagens obtidas de diversas formas;
f) documentação e material capturado;
g) o noticiário dos órgãos de mídia;
h) as indiscrições acidentais ou não dos integrantes da Bda;
i) seus agentes de inteligência e colaboradores na Z Aç Bda; e
j) a população em geral.

8.4.2 PLANEJAMENTO DE CONTRAINTELIGÊNCIA

8.4.2.1 O planejamento de C Intlg está baseado nas atividades relacionadas às possibilidades das forças inimigas em obter dados e/ou conhecimentos sensíveis e em executar ações de sabotagem, propaganda adversa, espionagem, terrorismo e desinformação.

8.4.2.2 O Cmt e o EM Bda Bld (e os de seus elementos subordinados) devem elaborar planejamentos visando a eliminar ou neutralizar aquelas possibilidades, fornecer diretrizes para a execução da C Intlg e supervisionar o seu cumprimento.

8.4.2.3 O planejamento de C Intlg realiza-se simultaneamente com o planejamento e execução dos demais planos/ordens de operações da Bda Bld.

8.4.2.4 O oficial de inteligência da Bda deverá propor as medidas a serem adotadas para alcançar o grau de segurança necessário, em todo seu espectro de execução. Para isto, a realização do Exm Sit de C Intlg obterá o necessário embasamento para a confecção do Plano de Contrainteligência. O Plano de Contrarreconhecimento da Bda Bld deverá ser elaborado com base no Exame de Situação de C Intlg ou ser um anexo a esse plano.

8.4.2.5 Faz-se necessário identificar a ameaça inimiga na função de combate Inteligência, buscando abordar as seguintes peculiaridades e deficiências:
a) a capacidade de executar a desinformação;
b) o nível operativo dos órgãos de busca inimigos;
c) a excessiva dependência de um ou mais tipos de fontes de dados;
d) a ineficiência do serviço de Inteligência inimigo; e
e) a eficácia das medidas de contrainteligência.

8.4.3 Para mais informações sobre a C Intlg, deve-se consultar os Manuais de Campanha Proteção (EB20-MC-10.208), 1ª Ed, 2015, e Planejamento e Emprego da Inteligência Militar (EB70-MC-10.307), 1ª Ed, 2016.

8.5 MEDIDAS DE DEFESA QUÍMICA, BIOLÓGICA, RADIOLÓGICA E NUCLEAR

8.5.1 GENERALIDADES

8.5.1.1 A DQBRN é uma atividade da função de combate Proteção e compreende as ações relacionadas ao reconhecimento, à detecção e à identificação de agentes químicos, biológicos, radiológicos e nucleares, bem como à descontaminação de pessoal e de material expostos a tais agentes.

8.5.1.2 A atividade de DQBRN compreende desde ações básicas de proteção, realizadas por todo o efetivo das OM subordinadas à Bda Bld (uso de equipamentos de proteção individual, por exemplo), até aquelas que exijam o emprego de OM especializadas (identificação de agentes QBRN, por exemplo) do escalão superior, que poderão ser empregadas em apoio às operações da Bda (ou uma determinada fase dessas operações).

8.5.2 ATIVIDADES DQBRN

8.5.2.1 As atividades DQBRN são o sensoriamento, a segurança e a sustentação QBRN. Estas atividades são coordenadas pelo Sistema QBRN do TO.

8.5.2.2 O sensoriamento QBRN (detecção de agentes QBRN) consiste na atividade de determinar a presença ou não de agente QBRN em determinado local ou área, para contribuir com o objetivo de evitar a contaminação.

8.5.2.3 A segurança QBRN (proteção), uma das formas de evitar a contaminação, deve ser adotada no caso da iminência de uso de substâncias QBRN, ou da presença confirmada dessas substâncias. Pode ser de ordem individual, coletiva ou tática.

8.5.2.4 A sustentação QBRN (descontaminação) compreende todos os trabalhos realizados com a finalidade de tornar inofensivos, dentro do possível, os agentes QBRN que se tenham acumulado sobre pessoal, material, equipamentos, viaturas e até mesmo áreas reduzidas.

8.5.2.5 Elementos do TO ou do Corpo de Exército de DQBRN poderão atuar em proveito da Func Cmb Ptç da Bda Bld, realizando o reconhecimento, a detecção e descontaminação de pessoal e material exposto a agentes químicos, biológicos, radiológicos e nucleares.

8.5.2.6 Uma pequena quantidade de agentes QBRN pode causar grande número de baixas, em um curto espaço de tempo, com um efeito psicológico negativo sobre a tropa, comprometendo a execução de operações militares.

8.5.2.7 As tarefas de DQBRN exigem material, técnicas e procedimentos especializados, além de treinamento prévio para sua correta e eficiente utilização.

8.6 GUERRA ELETRÔNICA

8.6.1 GENERALIDADES

8.6.1.1 A GE coopera com a Func Cmb proteção executando procedimentos operacionais e empregando tecnologias de proteção eletrônica, que proporcionam o uso efetivo do espectro eletromagnético e resguardam a integridade dos meios eletrônicos amigos, a despeito do emprego de ações ativas e passivas de GE pelo oponente.

8.6.1.2 O E3, assessorado pelo O Lig GE, planeja e coordena o apoio de GE e preparar as instruções de GE do parágrafo 3º da O Op.

8.6.1.3 O Cmt Cia Com Bld, O Com Elt, é responsável por planejar, coordenar e controlar os procedimentos das medidas de proteção eletrônica que envolvam a emissão de energia eletromagnética no âmbito da Bda.

8.6.2 MEDIDAS DE PROTEÇÃO ELETRÔNICA (MPE)

8.6.2.1 As ações das MPE visam a assegurar a utilização eficaz e segura das próprias emissões eletromagnéticas, a despeito da existência de ações ofensivas de GE, empreendidas pela ameaça e/ou pelas forcas amigas, ou, ainda, de fontes de interferência não intencionais.

8.6.2.2 As MPE são realizadas por todas as tropas que utilizam sistemas radiantes de energia eletromagnética, não se constituindo, portanto, em ações especializadas e exclusivas de sistemas e elementos de GE.

8.6.3 AÇÕES DAS MPE

8.6.3.1 As ações das MPE têm o objetivo de salvaguardar pessoal e material dos efeitos decorrentes do uso do espectro eletromagnético que degradem, destruam ou inviabilizem a capacidade de combate das forcas amigas. Essas ações envolvem o gerenciamento das emissões, o emprego de recursos tecnológicos e o planejamento e adoção de procedimentos operacionais.

8.6.3.2 Quanto ao objetivo, elas dividem-se em anti-MAGE e anti-MAE.

8.6.3.3 As ações anti-MAGE têm por finalidade negar ao oponente efetividade nas suas ações de busca de interceptação, monitoração, localização eletrônica, registro e análise das emissões amigas.

8.6.3.4 As ações anti-MAE visam a anular ou minimizar o efeito das MAE oponentes ou, ainda, reduzir os danos colaterais decorrentes do emprego das MAE por parte das forças amigas.

8.6.3.5 As ações e os objetivos das MPE estão descritas no Manual A Guerra Eletrônica na Força Terrestre (EB70-MC-10.201), 1ª Ed, 2019.

8.6.4 MEDIDAS DE GUERRA CIBERNÉTICA (G Ciber)

8.6.4.1 A G Ciber atuará em proveito da Func Cmb Ptç, executando ações de Proteção Cibernética, a fim de garantir o uso efetivo dos meios de comunicações que integram a rede de dados. Essas ações serão executadas pelo pessoal especializado em G Ciber da companhia de comunicações da GU.

8.6.4.2 Para mais informações sobre o assunto, consultar o Manual de Campanha Guerra Cibernética (EB70-MC-10.232), 1ª Ed, 2017.

8.7 MEDIDAS DE DISSIMULAÇÃO

8.7.1 GENERALIDADES

8.7.1.1 A ação de dissimulação é aquela que se destina a iludir o inimigo, levando-o a levantar de forma incorreta ou incompleta o dispositivo das tropas amigas, suas possibilidades e intenções, de tal forma que reaja de uma maneira que lhe seja desvantajosa.

8.7.1.2 A operação de dissimulação contribui para a segurança, para a surpresa e aumenta a probabilidade de sucesso, no contexto de uma operação de maior vulto. Ela pode ser usada para compensar um poder relativo de combate desfavorável e permitir o emprego judicioso de meios e tempo.

8.7.1.3 As medidas e ações que não caracterizam, por sua envergadura, uma operação de dissimulação são consideradas ações comuns às operações militares. Nesse contexto, a Bda Bld pode participar de uma operação de dissimulação bem como utilizar táticas, medidas e ações de dissimulação em seu proveito nas ações comuns às operações militares.

8.7.1.4 A Dissimulação Militar é uma atividade de considerável grau de complexidade e de elevado risco. Está condicionada às características da operação apoiada e aos impositivos de cada situação. Todavia, pode ser executada dentro do contexto de qualquer tipo de operação de guerra e não guerra no amplo espectro dos conflitos.

8.7.1.5 Assim como as nossas forças, o oponente poderá empregar a dissimulação para nos enganar. A utilização da contradissimulação protegerá os comandantes amigos da dissimulação do oponente, garantindo a liberdade de ação por ocasião da tomada de decisão. A contradissimulação visa a identificar e a explorar as tentativas do oponente de desorientar as nossas forças.

8.7.2 TÁTICAS DA DISSIMULAÇÃO MILITAR

8.7.2.1 As táticas de dissimulação militar consistem na arte de dispor, movimentar e empregar forças militares com o intuito deliberado de enganar o oponente. As táticas mais empregadas são a projeção de uma tropa de maior valor, a finta, a demonstração e os deslocamentos furtivos.

8.7.2.2 Projeção de uma tropa de maior valor

8.7.2.2.1 A tropa que recebe a missão de projetar uma força de maior valor pode fazê-lo, normalmente, um escalão acima do seu, ou seja, se uma tropa valor unidade da Bda Bld recebe essa tarefa pode projetar uma Bda.

8.7.2.2.2 Para que isso seja possível, esta tropa deve ser reforçada pelo escalão que planeja a dissimulação, com meios compatíveis, para que a projeção se torne crível pelo oponente.

8.7.2.3 Finta: a finta é uma ação ofensiva secundária com objetivo limitado, visando a iludir o oponente quanto à real localização ou hora da ação ofensiva principal.

8.7.2.4 Demonstração

8.7.2.4.1 A demonstração é uma exibição de força executada fora do local decisivo e sem o contato com o oponente.

8.7.2.4.2 Sua intenção é levar o oponente a adotar uma LA que seja favorável às forças amigas.

8.7.2.5 Deslocamentos Furtivos

8.7.2.5.1 Deslocando-se furtivamente e à noite, uma tropa pode confundir todo sistema de inteligência oponente, surgindo ao amanhecer em outra Z Aç e desestruturando toda manobra defensiva oponente.

8.7.2.5.2 Para que isso seja factível, a tropa deve estar muito bem adestrada em assuntos como: orientação noturna, uso de equipamentos de visão noturna, ocupação de Z Reu e posições de ataque à noite, camuflagem, além de ter rigorosas medidas de coordenação e controle.

8.7.2.5.3 Os deslocamentos furtivos podem ser empregados em ataques coordenados, mudando o dispositivo inicial de ataque, nas infiltrações, surpreendendo o oponente com um ataque pela retaguarda etc.

8.7.3 TÉCNICAS DE DISSIMULAÇÃO MILITAR

8.7.3.1 As técnicas de dissimulação militar consistem de métodos e de particularidades de caráter prático com o intuito deliberado de enganar o oponente. As técnicas mais utilizadas são o ardil, a simulação, a utilização de armas de tiro curvo, a repetição incessante e a utilização de sistemas de alto-falantes.

8.7.3.1.1 Ardil
a) O ardil é concebido para, valendo-se de astúcia, iludir o oponente, a fim de obter vantagem para as forças amigas.
b) Caracteriza-se pela deliberada exposição de informação falsa ou confusa para coleta e interpretação pelo oponente.

8.7.3.1.2 Simulação
a) A simulação consiste na utilização de simulacros, disfarces e/ou a representação de objetos, unidades ou capacidades amigas, durante a projeção da estória de dissimulação. Tais capacidades podem não existir de fato, mas, por intermédio da simulação, cria-se a ilusão de que realmente existem.
b) O uso de simulacros é bem documentado na história militar e, mesmo com todo o aparato tecnológico dos dias de hoje, a sua utilização é perfeitamente aplicável. Pode-se empregá-los na simulação de blindados, viaturas sobre rodas, aviões e, até mesmo, instalações fixas. O emprego correto pode levar o oponente a avaliar de forma equivocada o poder de combate das forças amigas, garantindo vantagens táticas e, ainda, atraindo fogos de artilharia e ataques aéreos em áreas onde não há tropas, apenas simulacros.

8.7.3.1.3 Utilização de armas de tiro curvo
a) O emprego das armas de tiro curvo, em proveito das Operações de Dissimulação, é extremamente valioso, pois pode auxiliar a confundir o oponente na sua avaliação do dispositivo de nossas tropas.
b) Do emprego de armas de tiro curvo, destacam-se os aspectos que se seguem:
- prever o apoio de artilharia a um Batalhão ou o apoio de morteiros a uma subunidade que fazem a simulação de elementos um nível acima;
- executar fogos de preparação com intensidade superior nas Z Aç secundárias, nos momentos que antecedem ao lançamento do Atq Pcp;
- ocupar falsas posições de artilharia e morteiro e, propositalmente, revelar tais posições para o oponente; e
- utilizar simulacros com dispositivos explosivos e luminosos, que representem os disparos em posições que desviem a atenção do oponente em relação às verdadeiras já ocupadas.

8.7.3.1.4 Repetição incessante

a) Quando se repete uma ação, diversas vezes, sem efeito decisivo, há a tendência natural de que o oponente relaxe suas medidas de segurança. O sistema de inteligência amigo tem que identificar esse momento para executar uma ação contundente e com efeito decisivo, adotando-se manobras ou modelos semelhantes aos que vinham sendo usados.

b) Sendo assim, pode-se empregar sistematicamente ações como demonstrações, inquietações e incursões de pequena monta, para causar o efeito psicológico no oponente de que todas as ações realizadas são apenas um blefe e que nada de importante ocorrerá naquela frente de combate.

8.7.3.1.5 Utilização de sistemas de alto-falantes

a) Os sistemas de alto-falantes podem ser utilizados aumentando a credibilidade da dissimulação formulada, na medida em que reproduzem ruídos típicos de deslocamentos de viaturas e armamentos de uma maneira geral.

b) É importante, todavia, que sejam empregados em terrenos adequados e em frentes de ataque onde haja possibilidade e viabilidade de desdobramento de tropa orgânica do escalão que realiza a dissimulação, com os meios que estão tendo seus ruídos reproduzidos.

8.7.4 MEDIDAS DE DISSIMULAÇÃO PARA POSTOS DE COMANDO E PARA LOCAIS DE APOIO LOGÍSTICO

8.7.4.1 Localização de postos de comando

8.7.4.1.1 Os PC são de importância capital para a condução das operações, por isso devem ser tomados todos os cuidados necessários para que os órgãos de busca do oponente não os identifiquem. Esses cuidados podem contribuir para o esforço da dissimulação e, ainda, aumentar a segurança dessas instalações. Com essa finalidade, devem ser utilizadas as seguintes medidas:

a) redução das dimensões dos PC, para induzir o oponente da existência de uma tropa com o valor menor do que o existente. Essa redução pode ser realizada com a descentralização das instalações, isto é, dispersando seus elementos e áreas funcionais pelo terreno, como, por exemplo, o afastamento do sítio de antenas que servem o PC; e

b) outra medida factível é a redução do tráfego de viaturas e pessoal junto à área do PC. Devem ser previstos pontos de desembarque afastados e caminhos desenfiados que conduzam elementos a pé ao PC.

8.7.4.2 Localização e operação de locais de apoio logístico

8.7.4.2.1 A dimensão e localização de locais de Ap Log podem definir o escalão presente e até mesmo onde será realizado o esforço principal. A dissimulação militar pode ser empregada para diminuir a vulnerabilidade das instalações logísticas, mas, também, a localização e operação dessas áreas podem ser utilizadas como mais um componente da estória de dissimulação

que está sendo retratada.

8.7.4.2.2 Na inclusão das instalações logísticas, no contexto da dissimulação militar, devem ser adotadas certas medidas, tais como:
a) deslocamento de viaturas isoladamente, evitando-se a formação de comboios, sempre que possível;
b) deslocamento de viaturas em períodos de visibilidade reduzida;
c) falsos locais de Ap Log, com falsos meios de defesa antiaérea;
d) a utilização, ao máximo, de viaturas civis para transportar suprimentos;
e) utilização de casas abandonadas, fábricas, túneis, cavernas, subterrâneos e celeiros para a estocagem e distribuição dos diversos suprimentos;
f) utilização de simulacros de instalações logísticas, como postos de distribuição de suprimento; e
g) projeção de eixos alternativos de suprimento para não sobrecarregar a EPS, diminuindo a possibilidade de sua identificação pelo oponente.

8.7.5 DISSIMULAÇÃO MILITAR, A CAMUFLAGEM E A COBERTURA

8.7.5.1 Embora as atividades de camuflagem e de cobertura estejam relacionadas à dissimulação militar, elas são essencialmente diferentes.

8.7.5.2 Camuflagem é a utilização de material natural ou artificial sobre pessoal, objetos ou posições táticas com a finalidade de confundir, iludir ou provocar a evasão do oponente.

8.7.5.3 Cobertura é a proteção contra observação e vigilância.

8.7.5.4 Esses dois elementos proporcionam proteção para as ações de dissimulação militar, particularmente no nível tático, por intermédio da manipulação das aparências ou obscurecimento das reais atividades do dissimulador.

8.7.6 A CONTRADISSIMULAÇÃO

8.7.6.1 A contradissimulação visa a identificar e a explorar as tentativas do oponente de desorientar as nossas forças.

8.7.6.2 A identificação protegerá os comandantes amigos da dissimulação adversária, garantindo a liberdade de ação por ocasião da tomada de decisão.

8.7.6.3 Uma vez identificada essa dissimulação, esta não deve ser simplesmente desmascarada e sim aproveitada a favor das forças amigas, forçando o oponente a expandir os recursos utilizados. Em suma, devemos reforçar a percepção de que as forças amigas não estão cientes dessas operações, tirando o máximo proveito.

8.7.6.4 A detecção da dissimulação adversária é difícil, pois suas reais intenções e objetivos estarão mesclados com ações reais e fictícias. O conhecimento das técnicas e métodos de dissimulação, empregados pelo oponente, é importante para o esforço de revelar suas reais intenções.

8.7.6.5 As atividades de contradissimulação abrangem medidas ativas e passivas para forçar o oponente a revelar suas intenções e objetivos reais e de dissimulação.

8.8 DEFESA ANTICARRO (DAC)

8.8.1 GENERALIDADES

8.8.1.1 O principal objetivo da Defesa Anticarro (DAC) é a neutralização ou destruição de viaturas blindadas inimigas, que se constituam em ameaça aos objetivos da Bda.

8.8.1.2 Cabe ao Cmt Bda Bld coordenar o emprego eficiente de todos os meios anticarro disponíveis na Bda. A DAC deve ser complementada pelo plano de fogos dos armamentos indiretos e diretos, o plano de barreiras e emprego da aviação, a fim de assegurar que todos se apoiem.

8.8.1.3 Para a DAC, a Bda pode empregar meios passivos e ativos de defesa, de maneira coordenada e sincronizada. Os meios passivos compreendem todos os conjuntos de obstáculos naturais que impedem ou retardam o movimento das viaturas blindadas. Os ativos compreendem o emprego de fossos e armamentos AC.

8.8.1.4 A maior capacidade de DAC ativa que a Bda Bld dispõe é caracterizada pelos canhões de suas VBC CC e VBR e pelo armamento AC das suas Unidades subordinadas.

8.8.1.5 A DAC deve ser entendida como um sistema que é desdobrado em largura e em profundidade em toda a Z Aç da Bda e empregado em todas as operações realizadas pela Bda Bld (Op Básicas, Complementares e Ações Comuns). Integram esse sistema (como medidas ativas) os armamentos AC existentes nas FT U Bld e no Esqd C Mec da Bda:
a) nos BIB: os lança-rojões descartáveis dos Pel Fuz Bld das Cia Fuz Bld, dos Pel Exp e dos demais pelotões da CCAp; os canhões AC sem recuo dos Pel AP das Cia Fuz Bld; e os Msl AC do Pel AC da CCAp;
b) nos RCC: os canhões dos CC dos Esqd CC e do Pel CC do Esqd C Ap; os lança-rojões descartáveis das Seç Cmdo e pelotões dos Esqd CC e Esqd C Ap; e os Msl AC da Seç Msl AC do Esqd C Ap; e
c) no Esqd C Mec: os lança-rojões descartáveis dos Pel C Mec e Pel C Ap; os lança-granadas veiculares; e os canhões das VBR dos Pel C Mec.

8.8.1.6 O sistema AC deve ser reforçado pelos fogos do sistema de apoio de fogo da Bda Bld, com os seus Mrt Me e Mrt P das FT U Bld e do Esqd C Mec e os obuseiros da artilharia de campanha orgânica da Bda. O sistema poderá, também, ser reforçado pelos fogos das aeronaves da Av Ex e da F Ae, quando disponíveis para a Bda e, em situações extremas e críticas, com os fogos das VBC AAe da Bia AAAe AP da Bda.

8.8.2 O COMBATE ANTICARRO

8.8.2.1 A Bda Bld tem no combate anticarro sua forma básica de emprego em todas as suas operações. Realiza, prioritariamente, operações ofensivas e defensivas. Na ofensiva, cerrando sobre o inimigo, a fim de destruí-lo ou neutralizá-lo e, na defensiva, destruindo ou desorganizando o ataque inimigo, atuando preferencialmente contra um inimigo blindado ou mecanizado.

8.8.2.2 Esse combate anticarro adquire características diferentes em cada operação básica realizada pela Bda:
a) nas operações ofensivas e nas ações dinâmicas da defesa, o combate anticarro se dá o mais à frente possível, com os canhões das VBC CC e VBR, com as armas anticarro das FT U Bld e do Esqd C Mec, com a finalidade de destruir o inimigo blindado o mais à frente possível;
b) nas operações defensivas, seja nos movimentos retrógrados ou na defesa em posição, o combate anticarro inicia o mais à frente possível, batendo o inimigo à frente do LAADA, e continuando por toda a Z Aç da Bda em profundidade, canalizando a força blindada inimiga para AE previamente escolhidas. O inimigo será destruído com os fogos anticarro das FT U Bld e Esqd C Mec em posições de combate nos flancos das AE e por intermédio de contra-ataques das FT U Bld, em combate aproximado. As armas anticarro dos Pel AC e Seç Msl AC das FT U Bld e Esqd C Mec podem, também, aprofundar o combate anticarro e auxiliar no desengajamento das FT SU Bld em 1º escalão, numa ação retardadora ou na defesa de área, enquanto essas deslocam-se para novas posições de combate mais à retaguarda; e
c) nas operações ofensivas de elevada mobilidade e a grande profundidade, nas ações dinâmicas da defesa e nos movimentos retrógrados, a Bda Bld deve planejar e ficar em condições de conduzir o combate anticarro, também, a partir de sua força de proteção, atuando contrário às forças blindadas inimigas que incidam nos flancos ou retaguarda da Bda e de suas FT U Bld.

8.8.2.3 Nas operações ofensivas e nas ações dinâmicas das operações defensivas o combate anticarro será executado, primordialmente, pelos CC das FT U Bld. As demais armas AC da Bda complementam a ação dos CC, seja reforçando os fogos de seu ataque, seja aprofundando a defesa AC da Bda. Nessas duas situações, o combate AC será apoiado pelo sistema de apoio de fogo da Bda, com os morteiros das FT U Bld e com os obuseiros da artilharia de campanha. Caso estejam disponíveis para emprego pela Bda, o combate AC poderá ser apoiado, também, pelos fogos da artilharia de campanha do escalão superior e pelos fogos das aeronaves da Av Ex e da F Ae.

8.8.2.4 Para o planejamento das ações dinâmicas da defesa, nas operações defensivas, o Cmt Bda Bld deverá ser assessorado pelo E3 e pelo engenheiro da Bda, sobre o sistema de barreiras das demais Bda da área de defesa.

8.8.2.5 O planejamento do combate AC (emprego de todo o armamento AC da Bda e do sistema de apoio de fogo contra meios blindados e mecanizados do inimigo) deve ser consolidado, nas operações defensivas, num Plano de Defesa AC da Bda. Nas operações ofensivas, o combate AC constará do Plano de Operações das Bda Bld.

8.8.2.6 O plano de DAC é preparado pelo E3, mediante a integração, consolidação e sincronização na execução das ações constantes dos planos de DAC das unidades subordinadas, do plano de barreiras e do PAF.

ANEXO A

MATRIZ DE SINCRONIZAÇÃO DA BDA BLD

EXEMPLO DE MATRIZ DE SINCRONIZAÇÃO NÍVEL BRIGADA – Ataque coordenado					
		H-24	**H**	**H+24**	**H+48**
FORÇA OPONENTE (FOROP)		- Monitorar os movimentos	- Realizar a defesa de área	- Empregar a reserva	- Iniciar a retirada dos meios para retaguarda
CIVIS		- Evacuação ordenada da Área de Operações	- Evacuação ordenada da Área de Operações	- Evacuação ordenada da Área de Operações	- Evacuação ordenada da Área de Operações
MOVIMENTO E MANOBRA	**FT 20º BIB**	- Dslc Reu– LP	- Transpor LP – Direção Obj ALFA	- Conq Obj ALFA - Ficar ECD de se contrapor aos C Atq das FOROP	- Iniciar o Apvt Exi para Conq Obj DELTA
	FT 5º RCC	- Dslc Reu – LP	- Transpor LP – Direção Obj BRAVO	- Conq Obj BRAVO – Localidade X - Ficar ECD de se contrapor aos C Atq das FOROP	- Ocupar e pacificar o Obj BRAVO – Localidade X
	FT 13º BIB	- Dslc Reu – LP	- Transpor LP – Direção Obj CHARLIE	- Conq Obj CHARLIE - Ficar ECD de se contrapor aos C Atq das FOROP	- Consolidar Obj CHARLIE e passar a reserva
	FT 3º RCC (Reserva)	- Permanecer em Z Reu	- Permanecer em Z Reu - Ficar ECD emprego em qualquer parte de frente - Prio Aç Pcp	- Dslc da Z Reu para ultrapassagem	- Iniciar o Apvt Exi para Conq Obj ECO
INTELIGÊNCIA		- Gerar o conhecimento de inteligência com os últimos dados para o ataque	- Acompanhar o desenvolvimento da situação e a movimentação do inimigo	- Manter a busca de ameaças às operações	- Manter a busca de ameaças às operações

Fig A-1 Matriz de Sincronização Nível Brigada (Parte A)

EXEMPLO DE UMA MATRIZ DE SINCRONIZAÇÃO NÍVEL BRIGADA – Ataque coordenado					
		H-24	**H**	**H+24**	**H+48**
FOGOS	**Fogos Art/AC**	- Realizar a busca de alvos - Realizar os fogos de preparação em H-5, na Rg Altu do P Cot XX - Apoiar aberturas de passagens do 5º BE Cmb Bld	- Realizar fogos nos Obj - Prioridade de fogos para FT 20º BIB - Conduzir fogos de contrabateria - Neutralizar Cia Inf L realizando trabalhos de OT em Rg Altu P Cot XX	- Aprofundar os fogos nas Pcp VA das reservas das FOROP - Conduzir fogos de contrabateria - Interditar entroncamento da Rdv XX com a Rdv XX impedindo C Atq Ini	- Realizar fogos em proveito das ações
PROTEÇÃO	**5º Esq C Mec**	- Prover a SEGAR - Rlz Rec da frente - Manter o Ctt	- Prover a SEGAR	- Prover a SEGAR	- Prover a SEGAR - Atuar como F Chq e participar das Aç de C Atq
	Guerra Eletrônica	- Garantir a proteção das informações, priorizando a FT 20º BIB	- Manter a Seg das emissões eletromagnéticas	- Manter a Seg das emissões eletromagnéticas	- Garantir a proteção das informações
	AAAe	- Prover a Def AAe - Permitir bater Art e AC Ini confirmados	- Prover a Def AAe - Ativar a partir do desencadeamento da contrapreparação	- Prover a Def AAe - Ativar a partir do desencadeamento da contrapreparação	- Prover a Def AAe - Ativar a partir do desencadeamento da contra preparação
	DQBRN	- Monitorar, Idt e Rec possíveis ameaças QBRN	- Monitorar, Idt e Rec possíveis ameaças QBRN	- Monitorar, Idt e Rec possíveis ameaças QBRN	- Monitorar, Idt e Rec possíveis ameaças QBRN

Fig A-1 Matriz de Sincronização Nível Brigada (Parte B)

EXEMPLO DE UMA MATRIZ DE SINCRONIZAÇÃO NÍVEL BRIGADA – Ataque coordenado					
		H-24	**H**	**H+24**	**H+48**
LOGÍSTICA		- Completar níveis em H – 72	- Recompletar os níveis e manutenir o material avariado - Realizar a evacuação de feridos	- Recompletar os níveis e manutenir o material avariado - Realizar a evacuação de feridos	- Deslocamento da A Ap Log e lançamento de um P Sup Mv
COMANDO E CONTROLE	**C2**	-	- Apoiar o esforço Pcp – FT 20º BIB	- Apoiar o esforço Pcp – FT 20º BIB	-
	Op Info	- Finalizar o levantamento e avaliação de alvos para as Op Info - Lançamento de panfletos e notícias via rádio para a rendição	- Lançamento de panfletos e notícias via rádio para a rendição	- Distribuição de panfletos para a população da localidade X em apoio às forças amigas	-
	As Civ	- Conduzir negociações com e entre agências governamentais e não governamentais	- Auxiliar na evacuação de civis	- Apoiar a ocupação da localidade X e aos civis residentes	-
	Com Soc	- Divulgar dentro do país a finalidade das operações que se iniciam	- Alcançar a narrativa das ações e legitimizar as ações da Bda.	Divulgar orientações à população da Loc X sobre o objeto das operações	-
	Guerra Eletrônica	- Interferir no Comando e Controle da FOROP	- Interferir no Comando do Controle da FOROP	- Interferir no Comando e Controle da FOROP	-

Fig A-2 Matriz de Sincronização Nível Brigada (Parte C)

ANEXO B

A BRIGADA BLINDADA NA MARCHA PARA O COMBATE
(Exemplo de Decisão)

1. DECISÃO

A fim de cooperar com o (Esc Sp)............., na missão de .... (depende da Mis Esc Sp), Rlz uma M Cmb, coberta (ou descoberta), a partir de D/H, na Dire ...., empregando:

a. Até a L Ct AZUL

1) Como F Cob:

- o ...., a N, na Dire ...., só devendo Ultr a(s) L Ct AZUL, Mdt O. Ligar-se com a .... nos P Lig Nr .... e ..... Ficar ECD Conq os Obj .... e ....;

2) Como F Ptç

- atuando como Vgd ....
- atuando como Fg.............
- atuando como Rtgd...............

3) Como F Pcp

a) Em 1º Esc:

- a .... pelo E Prog .... , ficando ECD substituir Elm da .... no Obj.......

b) Em 2º Esc:

- a .... pelo E Prog .... e pelo E Prog............ (eixo Pcp).
- o .... (-) pelo E Prog........... e o............ (-) pelo E Prog.......... na esteira do.............

4) Manter em Res a ....

5) Prio F para.......................

b. Após a L Ct AZUL

1) Como F Ptç

- atuando como Vgd ....
- atuando como Fg.............
- atuando como Rtgd...............

2) Como F Pcp

- a .... pelo E Prog .... para Conq e Mnt a Região de .... (Obj.......) e a .... pelo E Prog .... para Conq e Mnt a Região de .... (Obj.......).

3) Manter em Res a ....

4) Prio F para.......................

ANEXO C

A BDA BLD NO ATAQUE

(Exemplos de decisão e esquema de manobra)

1. DECISÃO

a. Ultrapassando elementos da ...., atacar em ...., na Dire G .... - ...., empregando:

1) O .... a W, realizando o ataque principal, para conquistar e manter a região de .... (O2).

2) O .... ao C, para fixar o inimigo em sua Z Aç.

3) O .... a E, para conquistar e manter a região de .... (O1)

b. Manter em reserva o ....

c. Prioridade de fogos para o ....

d. Após a conquista de O2 ficar ECD.............................

2. ESQUEMA DE MANOBRA

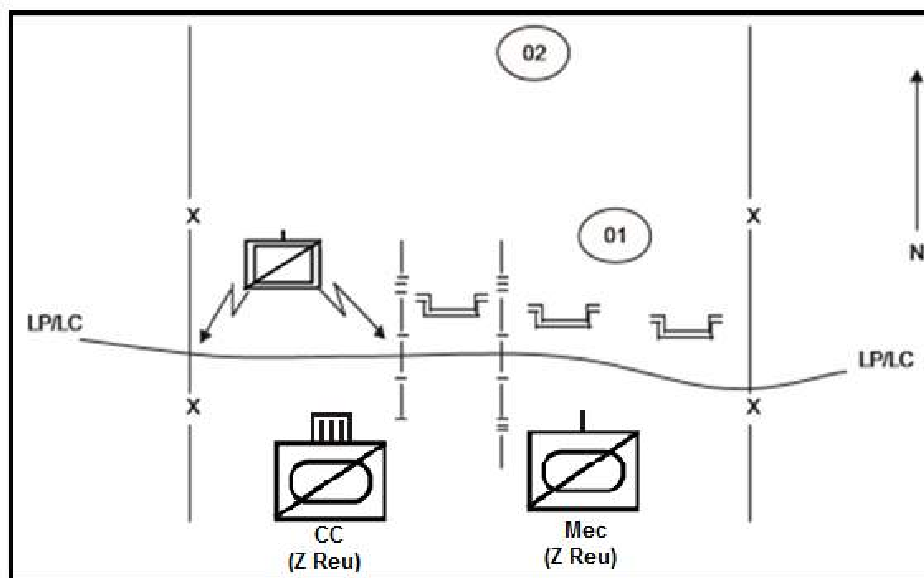


Fig C-1 A Bda Bld no Ataque
Exemplo de Esquema de Manobra

ANEXO D

A BDA BLD NO APROVEITAMENTO DO ÊXITO

(Exemplo de Decisão e Esquema de Manobra)

1. DECISÃO

A fim de permitir ao .... (Esc Sp) o .... (Mis Esc Sp), Ultr Elm da .... e Rlz um Apvt Exi a partir da L Ct .... em D/H, na Dire G .... - ...., empregando:

a. Como F Apvt Exi:

- a .... FT BIB, pelo E Prog ...., para Conq e Mnt a região P Cot ..... (O..);
- a .... FT RCC, pelo E Prog ...., para Rlz a Jç com a Bda Inf Pqdt na região P Cot .... (O..), mantendo-a;

b. Como F Acomp Ap:

- a ...... FT BIB pelo E Prog............
- o .... Btl Inf Mtz (meio recebido), pelo E Prog ....;
- deslocar o grosso da Bda pelo E Prog ....;

c. O Esqd C Mec para Estb a Seg no Flc ......;

d. Manter em reserva a FT ....;

e. Prio F para.................

f. Ficar ECD participar da destruição do Ini cercado.

2. ESQUEMA DE MANOBRA

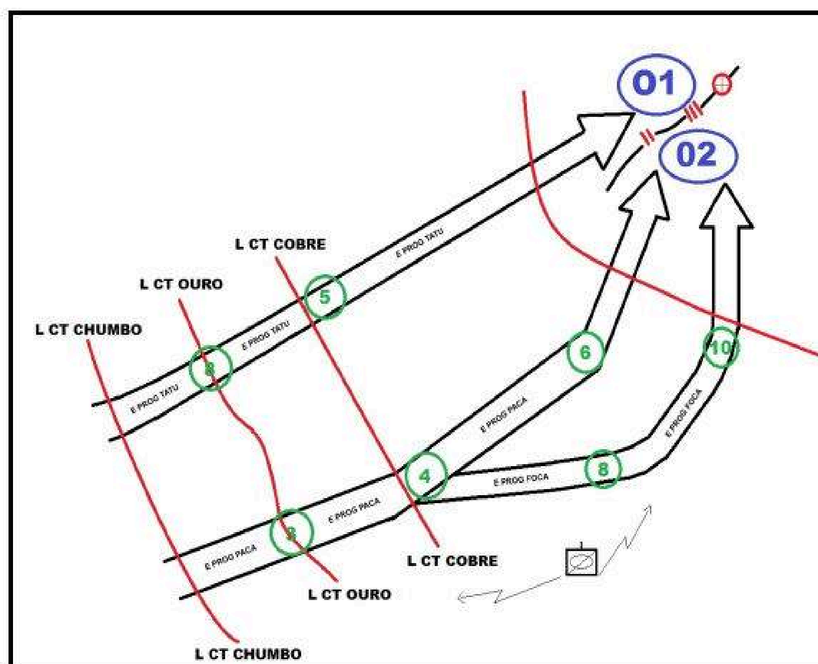


Fig D-1 A Bda Bld no Aproveitamento do Êxito - Exemplo de Esquema de Manobra

ANEXO E

A BDA BLD NA PERSEGUIÇÃO

1. ORDEM FRAGMENTÁRIA

1.1 Exemplo de uma ordem fragmentária. Utiliza-se o mesmo modelo de cinco parágrafos da ordem de operações, porém, apenas descrevendo aquilo que foi alterado, omitindo-se as informações já conhecidas:

1.2 MODELO DE ORDEM FRAGMENTÁRIA DA 25ª BDA BLD

1. SITUAÇÃO
a. F Ini: busca o desengajamento e há indícios de que tenta fugir para o S em retirada.
b. F Amg: Elm FE infiltrados na Loc de PARAGUAÇU e CANOAS PEQUENAS.

2. MISSÃO
a. Perseguir, desde já, da atual Pos, na Dir G S, até a Loc de PARAGUAÇU. Ficar ECD Pross para o S, até a Loc de CANOAS PEQUENAS, Mdt O, ao sinal de FALCÃO.
b. Minha intenção é destruir as Forças Ini e manter uma pressão constante sobre o mesmo, impedindo-o de reorganizar-se e organizar novas defesas.

3. EXECUÇÃO
a. <u>Conceito da operação</u>
1) Manobra
a) A 25ª Bda Bld perseguirá o Ini empregando:
(1) Em 1º Esc como Força Pressão Direta, a FT 251º RCC pela Rdv C5 e a FT 252º RCC pela Rdv C6.
(2) Em 2º Esc como Força de Cerco, a FT 253º BIB pela Rdv C6 até o PCt 17 e a partir daí pela Rdv B1, até a Loc de PARAGUAÇU.
(3) Ficará ECD Pross para o S, até a Loc de CANOAS PEQUENAS, Mdt O, ao sinal de FALCÃO.
2) Fogos: Prioridade de fogos para a FT 251º RCC.

b. <u>FT 253º BIB</u>
1) Manter em suas atuais Pos, e aguardar o sinal de COELHO para Pross na esteira da FT 252º RCC.
2) Ficar ECD investir na Loc de PARAGUAÇU.

c. FT 251º RCC

1) Perseguir o Ini que se encontre ao longo da Rdv C5.

2) Estreitar contato com Elm Eng que devem balizar as Rg de passagem sobre o Ribeirão do GANACHA.

d. FT 252º RCC

1) Perseguir o Ini que se encontre ao longo da Rdv C6.

2) Estreitar contato com Elm Eng que devem balizar as Rg de passagem sobre o Ribeirão do GAROUPA e BUGIO.

e. Reserva

- FT 254º BIB e 25º Esqd C Mec.

1) Manter em suas atuais Pos, e aguardar o sinal de LEBRE para Pross.

2) Ficar ECD investir na Loc de CANOAS PEQUENAS.

f. Instruções de Coordenação

1) Limite S está suspenso e 25º Pel PE Mec autorizado a Prog na Z Aç da FT 251º RCC, com Prio para condução de PG.

2) As FT devem Info ao Cmdo da Bda quanto a Loc de PG por Coor geográfica.

4. LOGÍSTICA

- Os Elm Log Emp para resgatar Mat capturado e salvado, devem atentar para Mat armadilhado deixado pelo Ini.

5. COMANDO E COMUNICAÇÕES

- Sem Alterações.

Acuse estar ciente.

a) ____________________
Cmt 25ª Bda ... Bld

An:..........................
Distribuição: …........
Confere: ________________”
E/3

ANEXO F

A BDA BLD NA AÇÃO RETARDADORA EM POSIÇÕES ALTERNADAS

(Exemplo de decisão e esquema de manobra)

1. DECISÃO

A fim de impedir que o inimigo aborde a P Def da DE, antes de D........,realizar uma ação retardadora, em posições alternadas, entre a linha........... e a linha .... (P Def DE). Para isto:

a. Estabelecer a PIR na linha ..... e realizar uma ação retardadora, em posições alternadas, entre aquela linha ...... e o Rio ....., nas seguintes condições:

1) Na PIR e P3, ganhar .... jornada(s) em cada posição, empregando a FT.....RCC a .....(N, S, ...) e a FT.....RCC ao .....(N, S, ...).

2) Na P2 e P4, ganhar .... jornada(s) em cada posição, empregando a FT.....BIB ao .....(N, S, ...) e a FT.....BIB ao .....(N, S; .....).

b. Ligar-se com .....

c. Retrair através da P Def da .....DE.

d. Deslocar a Bda (-) pela Rdv .....

e. Manter em reserva:

1) na PIR e P3: .....

2) na P2 e P4: .....

f. Prioridade de Fogos para:

1) na PIR e P3: .....

2) na P2 e P4: .....

2. ESQUEMA DE MANOBRA

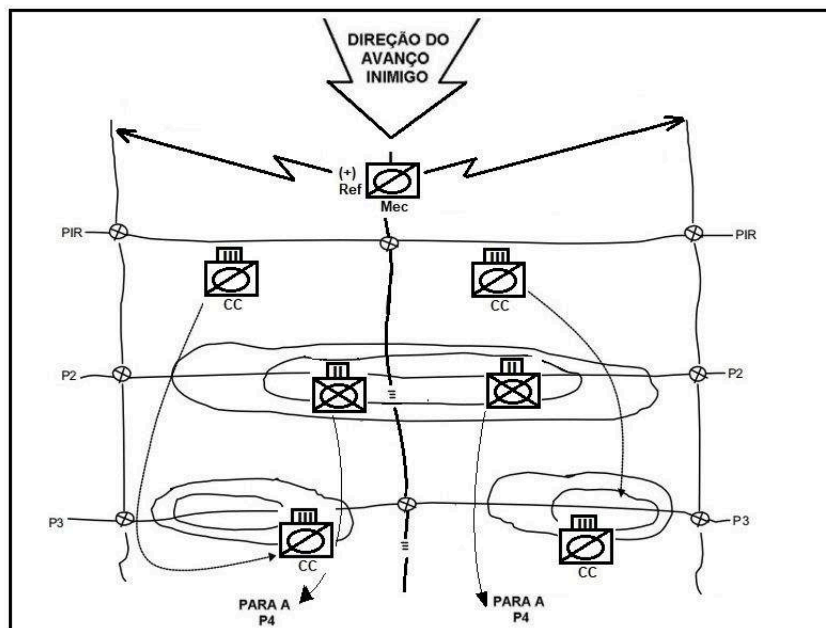


Fig F-1 A Bda Bld na Aç Rtrd em posições alternadas
Exemplo de Esquema de Manobra

ANEXO G

A BDA BLD NA AÇÃO RETARDADORA EM POSIÇÕES SUCESSIVAS
(Exemplo de decisão e esquema de manobra)

1. DECISÃO

A fim de impedir que o inimigo aborde a P Def da DE, antes de D........, realizar uma ação retardadora, em posições sucessivas, entre a linha........... e a linha .... (P Def DE). Para isto:

a. Estabelecer a PIR na linha ..... e realizar uma ação retardadora, em posições sucessivas, entre aquela linha ...... e o Rio ....., nas seguintes condições:

1) Na PIR, ganhar .... jornada (s), empregando a FT.....RCC a .....(N, S, ...), a FT.....RCC ao centro e a FT .....BIB ao .....(N, S, ...).

2) Na P2 e P3, ganhar .... jornada (s), empregando a FT.....RCC a .....(N, S, ...), a FT.....RCC ao centro e a FT .....BIB ao .....(N, S, ...).

b. Ligar-se com .....

c. Retrair através da P Def da .....DE.

d. Deslocar a Bda (-) pela Rdv .....

e. Manter em reserva:

- na PIR, P2 e P3: .....

f. Prioridade de Fogos para:

- na PIR, P2 e P3: .....

2. ESQUEMA DE MANOBRA

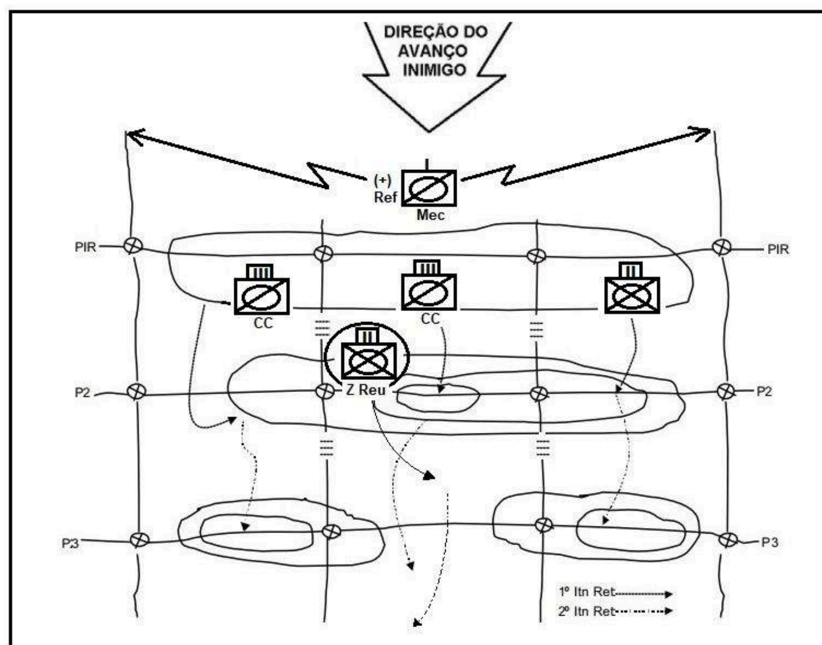


Fig G-1 A Bda Bld na ação retardadora em posições sucessivas
Exemplo de Esquema de Manobra

ANEXO H

A BDA BLD NA DEFESA MÓVEL COMO FORÇA DE CHOQUE

1. ORDEM DE OPERAÇÕES

1.1 Exemplo de uma ordem de operações de Bda Bld na defesa móvel, como Força de Choque (extrato: parágrafos 2º e 3º e Esquema de Manobra):

1.2 MODELO DE ORDEM DE OPERAÇÕES NR 1

1. SITUAÇÃO

…..

2. MISSÃO

a. A fim de cooperar com a 101ª DE em sua missão de manter a integridade do País AZUL, a 51ª Bda Bld deverá participar de uma Defesa Móvel, atuando como F Chq para destruir o Ini por meio de C Atq. Para isso:

- ultrapassar Elm da 30ª Bda C Mec;
- atacar, Mdt O, a partir da LP/LC, para destruir o Ini em sua Z Aç.
- em final de missão, ficar ECD Ocp uma nova Z Reu e participar da C Ofs a partir de D+2.

b. Intenção do Comandante

- Minha intenção é realizar C Atq pelos flancos do Ini, a partir da LP/LC, a fim de surpreendê-lo e de destruir seus meios Bld e Mec. Em final de missão, ficar ECD Ocp uma nova Z Reu e participar da C Ofs a partir de D+2.

3. EXECUÇÃO

a. <u>Conceito da operação</u>

1) Manobra

a) A 51ª Bda Inf Bld ultrapassará Elm da 23ª Bda C Mec na L Ct AÇO, Mdt O, e atacará, na Dire G S-N, empregando:

(1) A FT 131º BIB a W, realizando o Atq Pcp para Dstr o Ini em sua Z Aç; e

(2) a FT 31º RCC a E, realizando o Atq Sec, para Dstr o Ini em sua Z Aç.

b) Em final de missão, ficará ECD Ocp uma nova Z Reu e participar da C Ofs a partir de D+2.

c) Anexo “B” – Calco de Operações.

2) Fogos
a) Alvos de alta prioridade
b) Diretrizes de Apoio de Fogo
(1) Prioridade de fogos:
- FT 131º BIB
(2) Diretrizes de fogos
3) Guerra Eletrônica
- Plano de Guerra Eletrônica
4) Barreiras
- Plano de Barreiras

b. FT 131º BIB
1) Coor as ações de ultrapassagem na LP/LC com Elm da 23ª Bda C Mec.
2) Ficar ECD Ocp uma nova Z Reu na Rg de CERRO AZUL e participar da C Ofs a partir de D+2.
3) Preparar o núcleo de aprofundamento.

c. FT 31º RCC
1) Coor as ações de ultrapassagem na LP/LC com Elm da 23ª Bda C Mec.
2) Ficar ECD Ocp uma nova Z Reu na Rg de CERRO AZUL e participar da C Ofs a partir de D+2.
3) Preparar o núcleo de aprofundamento.

d. 30º Esqd C Mec
1) Ligar-se com Elm das 21ª, 22ª e 23ª Bda C Mec, a fim de colher Info sobre o Ter e sobre o Ini.
2) Após a LP/LC, ficar ECD prover a segurança do flanco N da Bda.

e. Apoio de fogo
1) Anexo D: Plano de Apoio de Fogo (omitido).
2) Prio DA Ae

f. Mobilidade, contramobilidade e proteção
1) Anexo E: Plano de Barreiras (a cargo do 12º BE Cmb Bld).
2) 212º BE Cmb Bld: ficar ECD participar da C Ofs a partir de D+2.
3) Rlz a Mnt da rede mínima de estrada.
4) Apoiar as FT U na preparação dos núcleos de aprofundamento da 101ª DE.

g. 40º B Log

- Planejar o apoio logístico à Bda considerando a possibilidade de participar da C Ofs a partir de D+2.

h. 30ª Cia Com Bld

....

i. Tr Bda

1) Cia Cmdo

2) 251º Pel PE

j. Reserva

....

k. Prescrições diversas

- EEI

a) Qual a localização das Forças Vermelhas em 1º escalão?

b) Qual a localização das Res Ini?

c) Quais os meios de apoio de fogo disponíveis e suas localizações?

d) Qual o dispositivo, composição e o valor do Ini na Z Aç da Bda?”

2. ESQUEMA DE MANOBRA

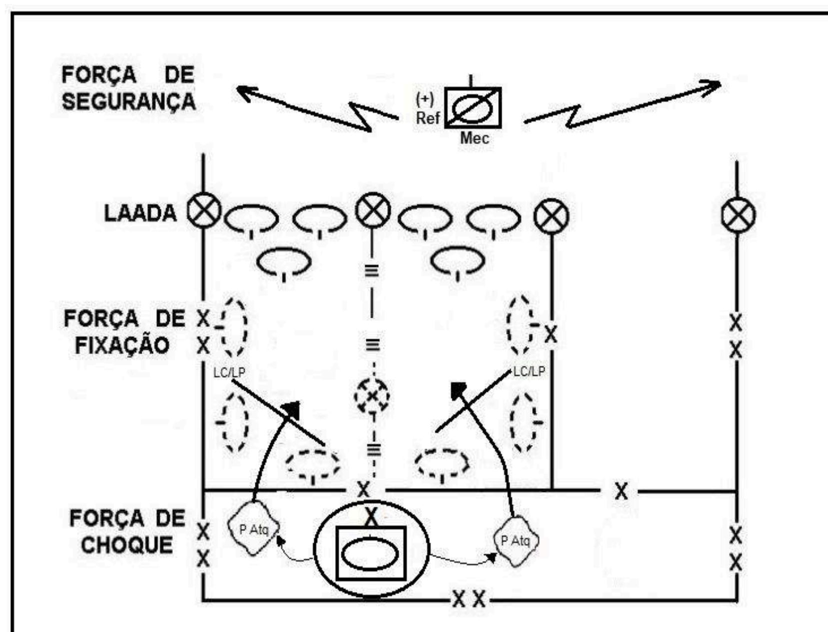


Fig H-1 Bda Bld na Def Móvel como Força de Choque
Exemplo de Esquema de Manobra

ANEXO I

PREVENÇÃO DE INCIDENTES DE FRATRICÍDIO E DE FOGO AMIGO

1. GENERALIDADES

1.1 Neste anexo, será enfocada a experiência de exércitos envolvidos em recentes operações de combate, onde ocorreram situações de fratricídio ou incidentes de fogo amigo.

1.2 Com base nestas experiências, serão abordadas medidas e ações que buscam reduzir o risco desses incidentes durante as operações de combate.

2. O RISCO DE FRATRICÍDIO NO COMBATE MODERNO

2.1 O campo de batalha moderno é mais letal que qualquer um da história conhecida. O ritmo das operações é muito rápido e a sua natureza não linear cria desafios para o comando e controle das forças.

2.2 A precisão e a letalidade das armas modernas tornaram possível o engajamento e a destruição de alvos a grandes distâncias. Porém, ao mesmo tempo em que a tropa possui uma grande capacidade para adquirir alvos com equipamentos de imagem térmica e outros sistemas de visão sofisticados, por vezes, lhe faltam as condições de, identificar com precisão estes alvos como amigo ou inimigo. Em consequência, forças amigas podem ser engajadas e destruídas inadvertidamente, em poucos segundos, sem que a tropa se aperceba de seu engano.

2.3 Some-se ao descrito acima o obscurecimento do campo de batalha, em função da destruição de viaturas, da queima de combustível, das explosões de granadas, do uso de fumígenos, entre outros. Este problema torna-se crítico, quando equipamentos de visão térmica são empregados na localização e identificação de alvos. A chuva, a poeira, a névoa e a fumaça também degradam a capacidade de identificação, reduzindo a intensidade das imagens térmicas.

2.4 No campo de batalha moderno, a identificação visual não pode ser critério de comprovação exclusivo de alvos situados a mais de 1.000 metros, sob o risco de a tropa envolver-se em um incidente de fratricídio. O perfeito conhecimento da situação é a chave para evitar-se este tipo de incidente.

2.5 O fratricídio resulta em perdas inaceitáveis e aumenta o risco do não cumprimento da missão. Alguns efeitos podem vir a ser sentidos por Unidades onde ocorrem incidente de fratricídio:
a) perda de confiança na liderança da unidade;
b) aumento da incerteza entre os comandantes;
c) hesitação no emprego de elementos de apoio ao combate;
d) supervisão excessiva de unidades subordinadas;
e) hesitação na condução de operações noturnas;
f) perda de agressividade na manobra (fogo e movimento);
g) perda da iniciativa;
h) interrupção excessiva das Operações; e
i) perda da coesão, moral e poder de combate das unidades.

3. DEFINIÇÕES BÁSICAS

3.1 INCIDENTE DE FRATRICÍDIO

3.1.1 Um incidente de fratricídio ocorre quando armas amigas são empregadas com a intenção de matar o inimigo, destruir seu equipamento ou suas instalações mas, de forma imprevista e não intencional, resultam em morte ou sério dano a pessoal amigo.

3.2 INCIDENTE DE FOGO AMIGO

3.2.1 Incidente de Fogo Amigo é um ataque sofrido por homem ou unidade, onde o atacante pertence ao mesmo comando ou ao comando aliado, confundindo a tropa amiga com o inimigo, sem causar baixas ou danos sérios.

3.3 CONSCIÊNCIA SITUACIONAL

3.3.1 Para a redução de incidentes de fratricídio e de fogo amigo, a Consciência Situacional é o conhecimento e a compreensão imediata da situação tática na zona de ação da tropa considerada, nas zonas de ação vizinhas ou áreas de interesse para a mesma.

3.3.2 O conhecimento e compreensão da situação tática devem ser constantemente buscado por todos os integrantes da Bda Bld, particularmente, pelos integrantes das OM em 1º escalão.

3.3.3 A Consciência Situacional permite a todos os integrantes de uma tropa (Bda Bld, FT U Bld ou Esqd C Mec, FT SU Bld e frações menores) uma avaliação oportuna, precisa, atualizada e relevante na identificação e avaliação de alvos e forças inimigas, de forças amigas e de elementos neutros.

3.4 IDENTIFICAÇÃO DO ALVO

3.4.1 Identificação do Alvo é a caracterização precisa e oportuna de um objeto detectado na zona de ação de uma tropa (Bda Bld, FT U Bld, Esqd C Mec, FT SU Bld e frações menores) ou nas zonas de ação vizinhas, como amigo, neutro ou inimigo.

3.4.2 Essa identificação deve ser feita em tempo oportuno e servirá de apoio à decisão do comandante da tropa considerada, para ordenar a abertura ou não de fogo sobre esse alvo.

3.5 IDENTIFICAÇÃO DE COMBATE

3.5.1 Identificação de Combate é o processo de obtenção de características de um alvo, tropa, equipamento ou elemento desconhecido, localizado ou identificado precisamente como amigo, inimigo ou neutro na zona de ação da tropa considerada ou nas zonas de ação de tropas vizinhas (ou áreas de interesse da mesma), relacionado com a consciência situacional do comandante, de forma a garantir, com segurança, a tomada de decisão para destruí-lo ou neutralizá-lo se for o caso.

3.6 DETECTAR, IDENTIFICAR, DECIDIR, ENGAJAR E AVALIAR (DIDEA)

3.6.1 O DIDEA é um processo sistematizado e padronizado de cinco etapas, empregado na abordagem, identificação e engajamento de alvos.

3.6.2 Esse processo deve ser empregado por todos os integrantes da Bda Bld, de forma individual, pelas guarnições de armas coletivas e pelas tropas em 1º escalão, constituindo-se em efetiva medida de prevenção de incidentes de fratricídio e de fogo amigo. Deve ser objeto de verificação nos ensaios. Recomendações sobre o seu emprego devem constar do planejamento para redução de incidentes de fratricídio ou de fogo amigo.

3.6.3 O DIDEA é processo prático para evitar-se o tiro impulsivo sobre um alvo não corretamente identificado, ou que não possa ser precisamente caracterizado como inimigo, num ambiente com a presença de forças amigas.

3.6.4 O processo deve ser treinado e verificado por ocasião dos ensaios para a missão, particularmente, pelos elementos de manobra da Bda Bld e pelos observadores avançados dos fogos de apoio.

4. PLANEJAMENTO DA BRIGADA BLINDADA PARA A REDUÇÃO DE INCIDENTES DE FRATRICÍDIO E DE FOGO AMIGO

4.1 GENERALIDADES

4.1.1 É altamente improvável que as forças do Exército Brasileiro participem de operações de combate ou de situações de crise no futuro, de forma independente. Esse emprego da F Ter deverá ocorrer, em princípio, em conjunto com a Força Aérea Brasileira e/ou a Marinha do Brasil ou, combinado com forças terrestres/aéreas/navais de outros países amigos.

4.1.2 Essas operações de combate forçarão a aproximação de unidades do Exército Brasileiro de outras unidades de países amigos. O conhecimento sobre o equipamento, uniforme e a forma de emprego das forças amigas e do inimigo, somados às medidas de prevenção de incidentes fratricídio e de fogo amigo, às táticas, técnicas e procedimentos de identificação de combate e às regras de engajamento de alvos serão de grande importância neste contexto.

4.1.3 Em uma operação ofensiva**,** muitas vezes, o objetivo da Bda Bld ou de suas FT U Bld será outra tropa blindada ou mecanizada e não uma região do terreno ou uma tropa aferrada a ele. Essa tropa inimiga durante a operação poderá deslocar-se pela zona de ação, alterando a localização inicial do objetivo da brigada ou da FT U Bld, impondo que a direção da ação ofensiva seja também alterada, levando à necessidade de serem, rapidamente, reajustadas as medidas de coordenação e controle da operação. Essa rapidez com que o combate blindado evolui poderá levar a incidentes de fratricídio ou de fogo de amigo, exigindo um planejamento para a sua redução e treinamento da tropa para um combate com essas características.

4.1.4 Para reduzir os riscos desses incidentes, é impositivo que a Bda Bld elabore antes das operações um planejamento e realize o treinamento de suas tropas visando a reduzir ao máximo esses incidentes.

4.2 PLANEJAMENTO DA BDA BLD PARA A REDUÇÃO DE INCIDENTES DE FRATRICÍDIO E DE FOGO AMIGO

4.2.1 Não existe um modelo fixo a ser seguido na elaboração desse planejamento. Entretanto, ele deverá conter, no mínimo, os seguintes itens, que serão explorados mais adiante nesse anexo:

4.2.1.1 Forças Amigas

a) informações sobre características do uniforme, equipamento, armamento, viaturas e aeronaves utilizadas pelas Forças Amigas na operação em que a Bda Bld tomará parte;

b) informações sobre a forma de emprego ou características do emprego das tropas amigas, particularmente, daquelas que irão operar em zonas de ação vizinhas à da Bda Bld, ou que a brigada deverá ultrapassar; e
c) medidas de coordenação e controle empregadas na condução da operação pelo escalão superior, que possam aproximar a Bda Bld e suas tropas das forças amigas (pontos de ligação, pontos de coordenação de fogos, áreas de engajamento etc.).

4.2.1.2 Forças Inimigas
a) dados conhecidos sobre uniforme, equipamento, armamento, viaturas e aeronaves empregadas pelo inimigo; e
b) natureza da tropa e características da forma de emprego do inimigo esperado na Z Aç da Bda Bld.

4.2.1.3 Identificação do Risco de Fratricídio e Avaliação da Taxa de Risco da Operação
a) a identificação do risco de fratricídio deve ser realizada na fase de planejamento da operação e mantida durante a sua preparação e execução. Os riscos identificados devem ser analisados e informados à tropa. A análise da Ordem de Operações de uma operação pode fornecer diversos indícios do risco de fratricídio dessa operação; e
b) a avaliação da taxa de risco de uma operação deve ser cuidadosamente administrada sempre que fatores de risco de fratricídio forem identificados. Normalmente são empregadas tabelas para levantar essa taxa de risco.

4.2.1.4 Normas para Enfrentar Incidentes de Fratricídio e de Fogo Amigo na Operação
a) a Bda Bld deve estabelecer para as suas OM subordinadas essas normas em função da situação tática e do tipo de operação a ser realizada; e
b) o escalão superior poderá baixar normas sobre esse assunto, que deverão ser incluídas nas normas a serem estabelecidas pela brigada.

4.2.1.5 Identificação de Combate
a) a maioria dos incidentes de fratricídio e de fogo amigo ocorre por falhas de identificação em combate. Essas falhas podem ocorrer entre forças terrestres e entre essas e aeronaves amigas; e
b) a Bda Bld deve estabelecer normas sobre essa identificação e enfatizar as TTP mais importantes em seu planejamento.

4.2.1.6 Regras para Engajamento de Alvos
a) essas regras são normalmente estabelecidas pelo mais alto escalão presente no Teatro de Operações, devendo constar do planejamento da Bda Bld; e
b) elas estabelecem as circunstancias e limitam o engajamento de outras forças que poderão ser encontradas na Z Aç da Bda Bld.

4.2.1.7 Treinamento da Tropa para a Redução de Incidentes de Fratricídio e de Fogo Amigo
a) a Bda Bld deve estabelecer o que deve constar desses treinamentos; quando ele deverá ser realizado; quem deve, obrigatoriamente, participar dos treinamentos e quais padrões devem ser atingidos por todas as OM subordinadas;
b) nos treinamentos, deve ser enfatizado o processo do DIDEA, particularmente para os elementos em 1º escalão, guarnições e observadores do tiro de armas coletivas e de apoio de fogo; e
c) a realização de treinamentos realísticos possibilitará a identificação e correção dos erros da tropa. Os ensaios devem ser repetidos até que os riscos sejam eliminados.

4.2.1.8 Outros Assuntos
a) a experiência em combate, a vivência dos comandantes em todos os níveis e as lições aprendidas pela F Ter e pelas forças amigas ditarão outros assuntos a serem acrescentados nos planejamentos de redução do risco de incidentes de fratricídio e de fogo amigo.

5. IDENTIFICAÇÃO DO RISCO DE FRATRICÍDIO E MEDIDAS PREVENTIVAS

5.1 GENERALIDADES

5.1.1 A redução do risco de fratricídio começa na fase de planejamento de uma operação e continua durante sua preparação e execução. A identificação do risco de fratricídio deve ser preocupação constante de todos os escalões de comando. Os riscos identificados devem ser comunicados claramente à cadeia de comando, de forma que a taxa de risco da operação possa ser minimizada.

5.1.2 A seguir, serão abordadas algumas considerações que influem na identificação do risco, bem como algumas medidas que o comandante da brigada pode implementar para que o levantamento do risco possa ser mais efetivo, impedindo que os incidentes de fogo amigo ocorram em sua GU.

5.2 NA FASE DE PLANEJAMENTO

5.2.1 Quando o planejamento completo da operação é bem compreendido por todos os envolvidos, a probabilidade da ocorrência de fratricídio é minimizado. As seguintes considerações indicam ao Cmt e seu Estado-Maior o potencial para fratricídio de uma determinada operação, o esclarecimento da situação inimiga, o esclarecimento da situação amiga, a clara intenção do Cmt, a complexidade da operação e o tempo de planejamento disponível para cada escalão.

5.2.2 Os calcos de operações são as ferramentas básicas para os comandantes de todos os escalões aclararem a sua intenção. Estes documentos devem representar fielmente o conceito da operação, utilizando convenções gráficas e medidas de coordenação e controle regulamentares, de forma que os subordinados possam compreendê-las corretamente. Os calcos são uma ferramenta bastante útil na redução do risco de fratricídio.

5.3 NA FASE DE PREPARAÇÃO

5.3.1 Os seguintes aspectos podem influir no grau de risco de fratricídio, durante a fase preparação, a quantidade e os tipos de ensaios realizados, o nível de treinamento e de eficiência em combate das peças de manobra e de seus integrantes, a existência de laços táticos e de relacionamento habitual entre as unidades e subunidades que realizarão a operação, o estado físico (resistência) das tropas que realizarão a operação, a realização de reuniões de coordenação e de sincronização.

5.3.2 A matriz de sincronização é uma ferramenta fundamental nesta fase. Nessas reuniões devem ser destacados os aspectos que poderão suscitar dúvidas, frisando-se as partes julgadas complexa ou que possam gerar erros nos planejamentos. Deve-se priorizar a clareza, precisão e concisão das ordens expedidas e a compreensão da intenção do Cmt Bda.

5.4 NA FASE DE EXECUÇÃO

5.4.1 Durante a execução de uma operação, ao se enfrentar situações imprevistas, é fundamental a capacidade de rapidamente analisar-se o risco de fratricídio e intervir para impedi-lo. Na avaliação desse risco de fratricídio, após o início das operações, devem ser consideradas a visibilidade entre unidades vizinhas, o nível de obscurecimento do campo de batalha, a habilidade ou inabilidade para identificar corretamente os alvos, as semelhanças e as diferenças de equipamento, veículos e uniformes entre as forças amigas e o inimigo, a densidade de veículos no campo de batalha e o ritmo do combate.

5.4.2 O acompanhamento do combate e a informação contínua de sua evolução, para todos os escalões envolvidos, é fator-chave na redução do risco de fratricídio. Neste processo de acompanhamento da situação do combate, as medidas que auxiliam os comandantes podem incluir permanente escuta da rede do escalão superior, perfeita comunicação entre tropas vizinhas, conhecimento preciso da localização de todas as forças vizinhas e o escalão superior.

6. AVALIAÇÃO DA TAXA DE RISCO DE UMA OPERAÇÃO

6.1 GENERALIDADES

6.1.1 A taxa de risco de uma operação deve ser cuidadosamente administrada por todos os escalões durante cada uma das fases da operação. Os fatores de risco identificados são informados a todos os escalões, de modo que medidas para a sua redução possam ser implementadas com oportunidade.

6.2 TABELA REFERÊNCIA PARA AVALIAÇÃO DA TAXA DE RISCO DE UMA OPERAÇÃO

FATORES CRÍTICOS QUE AFETAM O FRATRICÍDIO	CATEGORIAS DE RISCOS POTENCIAIS (com condições variáveis e pontuação)		
	BAIXO RISCO (01 ponto)	MÉDIO RISCO (02 pontos)	ALTO RISCO (03 pontos)
COMPREENSÃO DO PLANEJAMENTO			
Intenção do comandante	clara		vaga
Complexidade	simples		complexa
Situação das ameaças	conhecida		desconhecida
Situação das forças amigas	conhecidas		desconhecida
Regras de engajamento	claras		não clara
Regras e normas para emprego com forças amigas	claras		Não clara
FATORES AMBIENTAIS			
Visibilidade entre os participantes da operação	favorável		desfavorável
Obscurecimento	claro		escuro
Ritmo das operações	lento		rápido
Identificação positiva dos alvos	100%		nula (0%)
MEDIDAS DE COORDENAÇÃO E CONTROLE			
Relação entre comandos	mesma Unidade		Unidades distintas
Comunicação rádio	alto e claro		baixo e não claro
Comunicação visual	facilmente visível		difícil localização
Comunicação gráfica	padronizada		não padronizada
Procedimentos operacionais padronizados	utilizados		não utilizados
Elementos de ligação	eficientes		sem treinamento
Localização, orientação, navegação	segura		não segura
EQUIPAMENTOS			
Forças amigas	similar		diferente
Ameaças - inimigo	diferente		similar
TREINAMENTO			
Certificação padronizada individual	realizada e aprovada		não realizada
Certificação padronizada coletiva	realizada e aprovada		não realizada

Tab I-1 Avaliação na taxa de risco

6.2.1 A tabela acima é um referencial na avaliação da taxa de risco de fratricídio de uma operação. Nesta tabela, são apresentados alguns aspectos importantes, que influem no grau de risco de fratricídio.

6.2.2 O risco potencial em cada um dos aspectos é avaliado, atribuindo-se um conceito e um valor numérico: baixo (um ponto), médio (entre 1 e 3 pontos) ou alto (três pontos).

6.2.3 Somando-se as avaliações parciais, chegar-se-á a um parâmetro, o qual estima a taxa de fratricídio global. Esta taxa de risco resultante deve ser utilizada apenas como um guia.

6.2.4 A taxa global será baseada em aspectos observáveis, como os da tabela, e no discernimento do planejador para os fatores imensuráveis que afetam a operação. Nota-se que, na tabela, somente estão listados os valores (conceitos) extremos.

6.2.5 Os oficiais do Estado-Maior da Bda determinarão qual a interpolação a ser feita e qual a graduação (entre 1 e 3) a ser atribuída a cada aspecto na coluna do risco médio.

6.2.6 Cálculo da Taxa de Fratricídio Global:
a) BAIXA: 21 a 36 pontos;
b) MÉDIA: 37 a 48 pontos;
c) ALTA: 49 a 63 pontos.

6.2.7 A soma total dos pontos pode não refletir o risco de fratricídio com precisão, devendo ser utilizada apenas como base de referência na avaliação do risco real.

6.3 QUESTIONÁRIO SOBRE O RISCO DE FRATRICÍDIO DE UMA OPERAÇÃO

6.3.1 A título de exemplo, no questionário abaixo é traçado um paralelo com os cinco primeiros parágrafos de uma Ordem de Operações, levantando-se considerações importantes para a redução do risco de fratricídio. Este questionário não esgota o assunto, cabendo ao estado-maior levantar outras considerações julgadas pertinentes.

6.3.2 Situação

6.3.2.1 Forças Inimigas
a) Há semelhanças entre o nosso idioma, uniforme, viaturas, armamento e equipamento com os do inimigo que poderiam aumentar o risco de fratricídio durante as operações?

b) Que idioma falam as forças inimigas? Este idioma é tão semelhante ao nosso que poderia contribuir para o risco de um fratricídio?
c) Qual é a capacidade de dissimulação do inimigo? Há registro de atividades anteriores de dissimulação?
d) Nós sabemos com precisão a localização das forças inimigas?

6.3.2.2 Forças Amigas
a) Existem semelhanças entre o idioma, uniforme, viaturas e equipamentos de alguma força amiga com os do inimigo (nas operações conjuntas ou combinadas), que podem aumentar o risco de fratricídio?
b) Quais diferenças, em equipamento e uniformes, entre nossas forças e as forças amigas, devem ser ressaltadas para a tropa, a fim de se prevenir o fratricídio?
c) Qual é o plano de dissimulação de nossas forças amigas (e vizinhas)?
d) Qual a localização exata de nossas forças vizinhas (à esquerda, à direita, à retaguarda e à frente)?
e) Existem grupos neutros, de não combatentes, civis refugiados, entre outros, em nossa zona de ação ou próxima dela? Qual a localização exata desses grupos?
f) Qual é o nível de desgaste, eficiência e confiança do equipamento das forças amigas?

6.3.2.3 Nossas Forças
a) Qual é o nível de adestramento das OM de nossa brigada, dos elementos em reforço ou em apoio? Nossa tropa possui experiência de combate? Qual a eficiência em combate de nossa brigada?
b) Qual o nível de desgaste e de fadiga de nossa tropa? Existe um plano eficaz de "sono" (descanso) em andamento?
c) Nossa Bda e as forças amigas estão aclimatadas a essa região? Possuem uniforme adequado?
d) Qual é o nível de desgaste, eficiência e confiança de nosso equipamento? Foi distribuído algum equipamento novo à Bda, recentemente? Qual a situação do adestramento da tropa com este novo equipamento?

6.3.2.4 Meios Recebidos e Retirados
a) Os elementos recebidos possuem completo conhecimento da situação, do equipamento, do uniforme e das demais informações sobre as forças amigas e inimigas?
b) Os elementos retirados receberam informações corretas sobre a força que passarão a integrar?

6.3.2.5 Condições Climáticas
a) Quais são as condições esperadas de visibilidade para a operação?
b) Que efeitos terão o calor, o frio ou a chuva sobre os soldados, o equipamento, o armamento e as viaturas?

6.3.2.6 Informações Sobre o Terreno
a) Nós conhecemos perfeitamente a topografia e a vegetação da área onde operaremos (áreas urbanas, regiões pantanosas ou alagadiças, campos, cerrados, áreas de mata, regiões de bosques, cursos de água, represas, lagos etc.) ?
b) Avaliamos corretamente o terreno com base no Processo de Integração Terreno, Condições Meteorológicas e Inimigo e Considerações Civis (PITCI)?

6.3.3 Missão
a) Nossa missão (bem como todas as ações a executar, as responsabilidades logísticas, de apoio de fogo, de apoio da engenharia etc.) está claramente compreendida?
b) A intenção do comandante é do conhecimento de todos?

6.3.4 Execução

6.3.4.1 Organização da Bda Bld
a) As tropas que estão reforçando a Bda já trabalharam conosco em alguma operação de combate?
b) As NGA da Bda são compatíveis com as NGA das forças que reforçam a Bda? Estas forças já foram instruídas sobre as nossas NGA?
c) São necessárias marcas ou símbolos especiais para a identificação das viaturas, dos uniformes ou dos equipamentos da Bda (tipo sinais representativos das U, painéis, códigos de letras e números nas viaturas, faixas ou sinais afixados nos uniformes etc.)?
d) Serão empregados nas operações novas viaturas, equipamentos ou armamentos? Eles são semelhantes aos do inimigo?

6.3.4.2 Conceito Da Operação
a) Manobra
- Foram identificados riscos de fratricídio nas zonas de ação das unidades que realizarão a ação principal e as ações secundárias?
- A tropa tem consciência destes riscos e foram tomadas medidas para evitá-los?

b) Fogos (diretos e indiretos)
- As prioridades de fogos estão bem identificadas?
- Foram confeccionadas listas de alvos?
- Os procedimentos para desencadeamento dos fogos são do conhecimento de todos?
- As áreas restritas foram identificadas e são de conhecimento da tropa (campos de minas, áreas com restrições de fogos etc.)?
- Existe previsão de apoio aerotático ou da aviação do exército para a operação da Bda? Os objetivos das aeronaves estão claramente definidos? Foram planejados sinais de identificação para as viaturas e instalações da Bda? Existe coordenação do espaço aéreo sobre a zona de ação da Bda?
- O apoio de fogo foi sincronizado com a manobra?

- Os limites de cada zona de ação foram identificados pelas unidades?
- Foram realizados ensaios para um perfeito funcionamento do sistema de apoio de fogo?
- As comunicações do sistema de apoio de fogo foram testadas? Existem meios alternativos para as comunicações entre os elementos do sistema de apoio de fogo?

c) Missão das Unidades
- As missões das unidades estão coerentes com as suas possibilidades?

d) Engenharia
- O apoio de engenharia do escalão superior é suficiente para apoiar a manobra da Bda?
- Foram estabelecidas missões e prioridades de apoio para a engenharia?
- Os obstáculos e campos de minas lançados pelo inimigo foram identificados? Há um plano para abertura de brechas?
- Foi estimado o tempo necessário para a abertura de brechas nos obstáculos identificados?

e) Prescrições Diversas
- Serão realizados ensaios?
- Estão previstas reuniões coordenadas pelo Ch EM Bda, com a participação de todos os comandantes diretamente subordinados e dos chefes de seções do estado-maior, para a sincronização da manobra, do apoio ao combate e do apoio logístico?
- As guarnições de blindados praticam os exercícios de identificação de alvos (silhuetas características e particularidades dos blindados inimigos e amigos)?
- As unidades conhecem perfeitamente os procedimentos a serem realizados caso sejam surpreendidas por fogo amigo? Conhecem os sinais visuais, rádio ou pirotécnicos para a sinalização de "CESSAR FOGO" e "SOMOS AMIGOS"? Estes procedimentos foram ensaiados?

6.3.5 Logística

a) A localização das ATU, das EPS e das Z Aç de cada unidade são do conhecimento das frações de apoio logístico e dos elementos encarregados da execução da Manobra Logística?

b) Os sinais de reconhecimento foram difundidos a todos os elementos encarregados de executar o apoio logístico?

c) A localização dos postos de socorro das unidades e do Posto de Atendimento Avançado da brigada são do conhecimento de todos?

d) Os elementos logísticos possuem equipamentos optrônicos para deslocamento noturno (OVN, termal etc.)?

6.3.6 Comando e Controle

6.3.6.1 Postos de Comando

a) Onde estarão o comandante, o Estado-Maior e os demais elementos-chave da Bda, durante a operação?

b) A cadeia de comando é do conhecimento de todos? Quem assumirá as funções de comando e controle, de apoio ao combate e de apoio logístico, no impedimento dos titulares destas funções?

6.3.6.2 Comunicações
a) As IE Com Elt incluem palavras códigos e sinais visuais para as situações de emergência?
b) Constam das IE Com Elt os sinais e códigos para a identificação de aeronaves e forças amigas?
c) Todos os elementos que se utilizam do rádio ou necessitam conhecer sinais e códigos de identificação de forças amigas possuem cópias das IE Com Elt ou foram instruídos sobre este assunto?

7. MEDIDAS PARA A REDUÇÃO DO RISCO DE FRATRICÍDIO

7.1 As medidas citadas abaixo são um guia para a redução do risco de fratricídio. Não são impositivas ou restritivas, devendo ser aplicadas com base nos fatores da decisão e no estudo da situação tática.

7.2 No âmbito da brigada, a redução do risco de fratricídio passa, normalmente, pela aplicação das seguintes medidas:
a) identificação e avaliação do risco real de fratricídio durante o Exame de Situação. Este risco deve ser expresso na Ordem de Operações ou nas Ordens Fragmentárias;
b) manutenção do pleno conhecimento sobre a evolução da situação tática, particularmente sobre a localização das peças de manobra, de áreas restritas (minas, obstáculos, fogos etc.), de áreas contaminadas por agentes químicos (gás, fumaça etc.), bem como as alterações nos fatores da decisão;
c) correta identificação dos alvos. A tropa, em particular as guarnições de carros de combate, deve ter perfeito conhecimento das características, assinaturas térmicas e silhuetas das viaturas blindadas e dos principais armamentos do inimigo e das forças amigas. É importante saber a que distância é possível a identificação correta das viaturas blindadas do inimigo, considerando-se o tipo de terreno e as condições climáticas;
d) efetivo controle de fogo. Os comandos de fogo das armas coletivas e dos carros de combate devem ser precisos, concisos e claros. Inclusão nas NGA da Bda, como conduta obrigatória, que as guarnições de armas coletivas e dos carros de combate, quando não entenderem com clareza todo o comando de tiro, solicitem a repetição completa do mesmo. Ênfase na importância da cadeia de comando no processo de controle de fogo. Os atiradores de carro de combate e das armas coletivas de tiro tenso devem solicitar a confirmação do reconhecimento do alvo e a permissão para realizarem o tiro aos seus comandantes de carro de combate e chefes de peça, antes de engajarem um alvo que presumam ser inimigo;

e) ênfase na prevenção de fratricídio. Colocar-se em prática as medidas de proteção contra o fratricídio, conforme previstas nas NGI. Os comandantes de todos os escalões supervisionam a execução das ordens e verificam, constantemente, se o desempenho individual e o das frações estão conforme a padronização da Bda, a fim de evitar que os efeitos do combate, a tensão emocional e o desgaste físico possam comprometer a segurança da tropa. Quanto menor a experiência de combate da Bda, maior atenção deve ser dada aos desvios de conduta por tensão emocional e fadiga de combate;

f) manutenção da coesão da tropa e busca do reconhecimento dos sinais de tensão, atuando-se rápida e efetivamente para aliviá-la;

g) programação de instruções individuais, coletivas e para os comandantes dos diversos escalões sobre risco de fratricídio, identificação e reconhecimento de alvos e disciplina de fogo;

h) estabelecimento de um plano de operações simples, claro e coerente com as possibilidades da Bda e de suas unidades;

i) ordens claras, concisas e precisas;

j) utilização das NGA da Bda. Periódica atualização das mesmas, verificando-se sua coerência com a doutrina em vigor, se adota as normas, símbolos e convenções cartográficas regulamentares, e se está de acordo com as ordens emanadas pelo escalão superior;

k) busca do máximo de tempo para planejamento, seja para o comando da Bda, seja para os escalões subordinados;

l) utilização de terminologia prevista na doutrina, de medidas de coordenação e controle padronizadas e de vocabulário corrente, de fácil entendimento pela tropa;

m) perfeita compreensão da intenção do comandante e do planejamento expedido para a operação por todos os escalões envolvidos;

n) planejamento de emprego das comunicações claro e correto, com previsão da duplicação dos meios de comunicações para situações de emergência, principalmente nas ligações com os meios de apoio de fogo;

o) localização do Posto de Comando Tático em local onde o comandante da brigada possa efetivamente intervir na condução do combate;

p) designação e emprego de Oficiais/Elementos de Ligação, sempre que necessário;

q) estabelecimento de objetivos claros e compatíveis com o valor e a natureza da tropa que deverá conquistá-los;

r) realização de ensaios sempre que o tempo disponível o permitir;

s) durante o combate, pleno conhecimento da posição do comando da brigada, dos elementos subordinados e dos elementos vizinhos. Manutenção do deslocamento tático das peças de manobra sempre sincronizado. No caso de desorientação durante o combate, solicitação imediata da ajuda de auxiliares, dos elementos subordinados ou do escalão superior;

t) discussão sobre incidentes de fratricídio nas críticas após o combate, explorando-se as experiências dos subordinados e colhendo-se ensinamentos para operações futuras; e

u) inclusão da análise do risco de fratricídio, durante o Exame de Situação.

8. ENFRENTANDO UM INCIDENTE DE FOGO AMIGO

8.1 A brigada, ou uma de suas peças de manobra, pode ser envolvida em um incidente de fogo amigo de três maneiras: como vítima do fogo amigo, como elemento realizador do fogo ou como um observador que intervém em um ataque de uma força amiga sobre outra.

8.2 As seguintes medidas são recomendadas para a tropa que for vítima de fogo amigo: reagir ao fogo até que ele seja reconhecido como fogo amigo, cessar fogo, executar ações imediatas para proteger os soldados e os equipamentos, utilizar os sinais convencionados para o reconhecimento visual, na direção da tropa que realiza os disparos, na tentativa de fazê-la cessar fogo, informar ao escalão superior que sua tropa está recebendo fogo amigo, informar a localização e a direção dos veículos ou da força que realiza os disparos e se a força que está atirando já foi identificada. Essas medidas (e outras consideradas necessárias) devem constar do Planejamento de Redução de Incidentes de Fratricídio e de Fogo Amigo da Bda Bld.

8.3 São medidas a serem adotadas quando a tropa engaja pelo fogo uma força amiga:
a) Cessar Fogo.
b) Informar ao Esc Sp:
- a identificação da força amiga engajada (se não for identificada, informar o seu valor, o tipo de viaturas etc.);
- a localização da sua tropa e da força amiga engajada;
- a direção e a distância dos elementos engajados;
- o tipo de fogo realizado; e
- o efeito dos fogos nos alvos atingidos.

8.4 São ações recomendadas para uma força que observa um incidente de fogo amigo:
a) Buscar cobertura e proteção para sua tropa.
b) Usar o sinal de reconhecimento visual “cessar fogo”, na direção da força que dispara.
c) Informar ao Esc Sp:
- a identificação da força amiga comprometida (se não for identificada, informar os tipos, a quantidade de veículos etc.);
- a localização do incidente;
- a direção e a distância da tropa engajada e da força que atira;
- o tipo de fogo; e
- o efeito dos fogos nos alvos atingidos.
d) Providenciar auxílio, se necessário (quando a sua tropa já estiver em segurança).

8.5 RESPONSABILIDADE DOS COMANDANTES

8.5.1 Em todas as situações que envolvem o risco de fogo amigo, os comandantes devem estar preparados para entrar em ação imediatamente, a fim de evitar vítimas, danos ou destruição dos equipamentos.

8.5.2 As seguintes ações são recomendadas em situações de fratricídio:
a) identificação do incidente e ordem às partes envolvidas para cessar fogo;
b) rápida avaliação da taxa de risco da situação; e
c) identificação e implementação de medidas que impeçam a repetição do incidente.

9. IDENTIFICAÇÃO DE COMBATE

9.1 MEDIDAS DE IDENTIFICAÇÃO DE COMBATE

9.1.1 As medidas de identificação de combate, normalmente, são estabelecidas pelo Corpo de Exército (mais alto escalão da Força Terrestre no Teatro de Operações ou Área de Operações), devendo constar do Planejamento de Redução de Incidentes de Fratricídio e de Fogo Amigo da Bda Bld. Caso não sejam estabelecidas por aquele escalão, a brigada estabelecerá essas medidas para os seus elementos subordinados, antecedendo os planejamentos operacionais. Todos os elementos da brigada devem estar de posse dessas medidas antes da emissão de suas ordens de operações, de forma os elementos subordinados possam entendê-las corretamente e ter a oportunidade de implementar todas as medidas estabelecidas antes de entrar em combate. Elas devem ser difundidas pela brigada para todos os seus elementos subordinados, para as tropas vizinhas e às em apoio.

9.1.2 As medidas de identificação de combate devem ser coerentes com as regras de engajamento estabelecidas e não devem interferir indevidamente nas unidades de combate, tolhendo a iniciativa e a responsabilidade individual no engajamento de ameaças ou do inimigo.

9.1.3 O planejamento e o emprego de medidas e procedimentos de identificação de combate pode contribuir para uma maior eficácia em combate e para a redução do risco de fratricídio e de fogo amigo.

9.1.4 Um sistema de identificação de combate deve incluir a consciência situacional; a compreensão da doutrina; as táticas, técnicas e procedimentos adotados; as regras de engajamento padronizadas e a tecnologia disponível (equipamentos) para a abordagem direta da prevenção do fratricídio. Embora já existam tecnologias eficazes para auxiliar na identificação de combate, deve ser considerado que nem todas as forças presentes num teatro ou área de

operações, ou numa determinada zona de ação, podem dispor desses equipamentos.

9.1.5 Outra consideração importante é que nenhuma das tecnologias em uso, disponíveis ou em desenvolvimento, realmente identifica o amigo ou o inimigo. Elas só podem identificar o amigo ou o desconhecido.



Fig I-1 Identificação de Combate
(Consciência situacional + identificação do alvo)

9.2 SISTEMAS DE IDENTIFICAÇÃO DE COMBATE

9.2.1 Equipamentos Disponíveis para a Identificação de Combate

9.2.1.1 Atualmente estão disponíveis uma grande quantidade de equipamentos e sistemas de identificação de combate, dos mais sofisticados empregando tecnologia de ponta até os mais acessíveis, empregando soluções simples e baratas. São exemplos de dispositivos de identificação (ou de marcação) disponíveis atualmente:

a) os painéis de identificação de combate (marcação das viaturas blindadas com painéis que permitem a identificação da fração ou da unidade a que pertencem), sensíveis à luz infravermelho ou não;

b) os painéis de identificação térmica (com a mesma finalidade do anterior, só que com dispositivos de emissão de calor que permitem a observação apenas com as câmaras de imagem térmica veiculares ou portáteis);

c) bastões de luz química (tipo cyalume), emissores de luzes infravermelhas ou comum (para viaturas, equipamentos ou soldados a pé); e

d) dispositivos de reconhecimento de alvo automatizados, tipo IFF (identificação amigo – inimigo).

9.2.1.2 O sistema de identificação hoje disponível para a Bda Bld é o que emprega painéis de identificação de combate visíveis à luz do dia (ou artificial). Esses painéis são, normalmente, faixas de tecido, plástico ou outro material, adesivo ou não, fixados na lateral, na parte traseira ou superior da viatura blindada, formando sinais, letras, números etc., que identifiquem as frações, as subunidades, unidades e a brigada, permitindo assim a sua identificação em combate a considerável distância, reduzindo os riscos de incidentes de fogo amigo e de fratricídio.

9.2.1.3 Os sinais de identificação formados por esses painéis podem ser fixos, isso é, permanecerem os mesmos para cada fração/tropa durante toda a operação ou, serem alterados, como um código, de acordo com o período do dia, um dia, uma semana, um mês ou uma fase de uma operação. Quem estabelece os sinais que identificam as viaturas de uma tropa é o seu escalão enquadrante.

9.2.1.4 A adoção desses painéis de identificação de combate é uma medida que contribui para reduzir o risco de fratricídio mas, também, aumenta a possibilidade de identificação da viatura pelo inimigo. Seu uso e emprego devem ser bem avaliados pela brigada, só devendo ser empregado em situação de alto risco de incidentes de fratricídio.

9.2.2 Utilização de Marcas e Sinais de Identificação de Combate nas Viaturas da Bda Bld

9.2.2.1 Generalidades

a) Para evitar falhas de identificação e prevenir incidentes de fratricídio e de fogo amigo, poderão ser empregadas pela Bda Bld as marcas e sinais de identificação, nas viaturas dos elementos em 1º escalão ou em todas as viaturas da brigada, se necessário.

b) A identificação mais simples e disponível é a que emprega os painéis de identificação de combate, constituídos, normalmente, de faixas de tecido, de plástico ou outro material, adesivo ou não, formando sinais convencionados que identificam a que tropa pertence a viatura, possibilitando a sua identificação a uma considerável distância.

c) Os sinais convencionados de identificação a serem fixados nas viaturas deverão ser estabelecidos pelo Comando da Bda Bld.

d) Esses sinais (códigos) podem ser fixos, permanecendo em vigor durante toda a operação, podem ser alterados de acordo com o período do dia, o dia de uma semana ou uma fase da operação. Ao estabelecer esse código de sinais a brigada deve estabelecer, também, o período em que serão empregados.

e) As dimensões dos sinais e o local onde deverão ser afixados nas viaturas devem, também, ser determinados pela brigada. Uma modificação no tamanho desses sinais, uma alteração do local onde devem ser fixados na viatura ou a sua utilização fora do período determinado poderão levar a uma identificação positiva de alvo inimigo, acarretando um incidente de fogo amigo.

9.2.2.2 Emprego dos Sinais e Marcas de Identificação

a) Os sinais e marcas a serem utilizados na identificação de combate das viaturas da Bda Bld poderão representar as FT U Bld e o Esqd C Mec, as suas FT SU Bld e os Pel C Mec e, também, os pelotões que as integram as FT SU Bld. Na figura abaixo, exemplos de sinais que poderão ser utilizados para representar as citadas tropas em suas viaturas.

FT 1° RCC ou FT 4ª/29° BIB	FT 4° RCC ou FT 2ª/7° BIB	FT 29° BIB ou FT 1°/1° RCC	FT 7° BIB ou FT 3°/4° RCC	6° Esqd C Mec

Fig I-2 Exemplo de figuras utilizadas para representar tropas da Bda Bld

b) Os sinais e marcas de identificação poderão representar também números. Esses sinais colocados nas viaturas poderão indicar a sua ordem num comboio, as frações de uma subunidade, subunidades de uma unidade etc.

1	2	3	4	5

Fig I-3 Exemplo de figuras para representar a números
ou a numeração de tropas da Bda Bld

c) Num mesmo sinal de identificação poderão ser representados uma determinada FT U Bld, com o sinal ou marca atribuído à OM, e a sua FT SU Bld, representados por barras acrescidas àquele sinal, ou uma FT SU Bld com os seus pelotões. No exemplo abaixo estão representados os sinais de identificação das FT SU Bld da FT 1º RCC, utilizando o sinal atribuído ao regimento pela sua brigada **(<)**, acrescido de barras que identificam as suas FT SU Bld (/). As barras identificadoras da numeração podem ser previstas todas numa mesma posição no símbolo ou em locais diferentes para cada tipo de SU, por exemplo.

FT 1º Esqd CC	FT 3º Esqd CC	FT 1ª/29º BIB	FT 3ª29º BIB	Esqd C Ap

Fig I-4 Sinais de identificação de Combate das FT SU Bld e do Esqd C Ap do 1º RCC

9.2.2.3 Posicionamento do Sinal ou Marca de Identificação na Viatura

a) O Planejamento de Redução de Incidentes de Fratricídio e de Fogo Amigo da Bda Bld, na parte referente à identificação de combate, deve estabelecer o código de símbolos de identificação que serão utilizados pelos elementos subordinados, na elaboração dos painéis de identificação de combate. Esse documento deve prever o tamanho dos painéis, o seu tempo de utilização e o local onde deverão ser fixados nas viaturas.

b) Esses símbolos devem ser fixados nos dois lados (maiores) da viatura, só no chassi, só na torre ou em ambos.

c) Nas VBC CC e nas VBR, a marcação pode ser feita, também no tubo de seus canhões. Essa marcação no tubo pode identificar, por exemplo, o pelotão de uma FT SU Bld ou Esqd C Mec.



Fig I-5 Identificação de combate no chassi e na torre de uma VBC CC e de uma VBR

d) A brigada blindada poderá determinar a identificação de combate de seus elementos de manobra blindados de duas formas:

- pela FT U Bld que integram (FT 1º RCC, FT 4º RCC, FT 7º BIB e FT 29º BIB), o mesmo podendo ocorrer nas FT SU Bld. Nesse caso, todas as SU ou FT SU que integram uma FT U Bld utilizarão a mesma marca dessa FT U Bld atribuída pela Bda Bld; ou
- por OM subordinada (3º RCC, 5º RCC, 13º BIB, 20º BIB e 5º Esqd C Mec). Nesse caso, as SU ou FT SU quando integrarem uma FT U Bld continuarão a utilizar a marca atribuída à sua OM Bld de origem.

9.2.2.4 Identificação da Subunidade de uma FT U Bld ou Pelotão do Esqd C Mec no Tubo do Canhão das suas VBC CC ou VBR (ou Viatura Blindada com Can do Pel Fuz Bld)

a) A identificação da numeração dos escalões (pelotão ou esquadrão) poderá ser feita, também, pela colocação de faixas bem visíveis no tubo dos canhões das VBC CC ou das VBR. O número de faixas no tubo poderá indicar o 1º, 2º 3º ou 4º esquadrões de um regimento; ou os pelotões de um esquadrão (CC ou Mec).

b) De forma idêntica à marcação do chassi e da torre, a marcação no tubo deverá ser regulada pela Bda Bld, que definirá o local, as dimensões e o período de utilização dessas marcas.

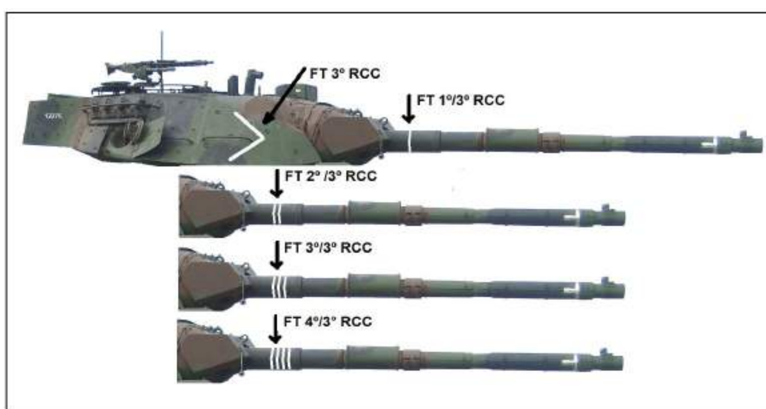


Fig I-6 Identificação das SU do 3º RCC pela marcação do tubo nos canhões de suas VBC CC

9.2.2.5 Identificação da Numeração da Tropa e de sua Subordinação por Painéis

a) A identificação das viaturas de uma subunidade (ou FT SU Bld) blindada ou mecanizada poderá ser realizada, também, pela fixação de painéis removíveis na retaguarda da torre ou do chassi das viaturas (ou em sua parte frontal).

b) Esses painéis podem conter um código de identificação para cada viatura ou o indicativo numérico (ou alfa-numérico) do pelotão e da subunidade enquadrante (ou da SU e da unidade).

c) Esse tipo de identificação permite que uma tropa à retaguarda (identificação na parte traseira das viaturas), ou uma tropa que irá realizar o acolhimento (identificação na parte frontal das viaturas), possa identificar claramente as viaturas.



Fig I-7 Identificação das Viaturas Blindadas por painéis com um código numérico ou alfa-numérico

9.2.2.6 Identificação de Viaturas para Situações de Apoio Aéreo e/ou Evacuação Aeromédica

a) As viaturas podem ser identificadas por painéis coloridos, com ou sem a identificação de código ou da numeração da tropa a que pertencem, para as situações de combate que envolvam o apoio aéreo aproximado e/ou uma evacuação aeromédica, a fim de evitar o fogo amigo e permitir a aproximação segura de um helicóptero ou a correta identificação da tropa por uma aeronave de ataque.

b) A utilização desses painéis na parte superior da viatura deve ser bem avaliada, pois facilita a observação e a identificação das posições da tropa pela aviação inimiga.

9.2.2.7 Identificação das Viaturas para Operações de Ultrapassagem

a) Nas operações de ultrapassagem em posição, quando uma FT U Bld (ou FT SU Bld) for ultrapassar uma tropa que está em posição, a fim de se evitar situações de fogo amigo, as viaturas podem ser identificadas com painéis convencionados (coloridos, com ou sem código) fixados na retaguarda das viaturas, nas operações diurnas.

b) Nas operações de ultrapassagem noturna, as viaturas poderão ser identificadas por bastões de luz química, fixados na parte traseira das viaturas. A cor, a quantidade e o local para fixação desses bastões devem ser estabelecidos pelo escalão que coordena a ultrapassagem.

9.3 REGRAS DE ENGAJAMENTO DE ALVOS (REA)

9.3.1 As REA definem as circunstâncias e limitações sob as quais uma tropa (ou seus integrantes) poderá iniciar e/ou continuar um engajamento com outras forças encontradas em sua zona de ação. Caso não sejam previstas pelo escalão superior à Bda Bld, está deverá fazê-lo e informar aos elementos vizinhos de sua zona de ação.

9.3.2 As REA refletem as legislações internacionais e outras considerações operacionais, tendo como principal preocupação as restrições sobre o uso da força. As REA são o principal instrumento utilizado pela Bda Bld para transmitir as orientações legais, políticas, diplomáticas e militares aos seus elementos subordinados sobre o emprego da força e de seu armamento. As FT U Bld e o Esqd C Mec devem planejar e executar treinamentos sobre sua aplicação, certificando-se que seus subordinados conhecem e possuem perfeito entendimento dessas normas e regras, antes de envolvê-los em qualquer ação de combate.

9.3.3 Durante a condução das operações, os comandantes, em todos os níveis na Bda Bld, devem garantir que seus subordinados apliquem adequadamente as REA e não realizem ações inadequadas. Em ações de não guerra ou em operações de guerra em áreas com presença de civis, um disparo de arma de fogo intencional e ferimentos provocados por esse disparo poderão degradar as relações com a população local, a imprensa e o governo, prejudicando toda a operação.

9.3.4 Dependendo do ambiente operacional onde a Bda Bld irá operar, o conhecimento e a aplicação exata dessas REA será de fundamental importância para o êxito da missão. Em função disso, os comandantes de todas as OM da brigada, e as recebida em apoio ou em reforço, devem realizar exaustivos treinamentos de reação a engajamento com forças adversas/inimigos, explorando as REA para o ambiente operacional onde irão atuar. Devem constar desses treinamentos situações extremas e complexas, mais realísticas possíveis, para preparar a tropa para as situações reais da operação a ser executada.

9.4 IDENTIFICAÇÃO DE ALVOS E MARCAÇÃO DE POSIÇÃO DA TROPA AMIGA EM OPERAÇÕES COM APOIO DA AVIAÇÃO (Av Ex OU F Ae)

9.4.1 Nas operações com apoio aerotático podem acontecer grande parte dos incidentes de fogo amigo e de fratricídio, em função da velocidade das aeronaves, de condições climáticas adversas e de falhas na identificação da posição da tropa amiga.

9.4.2 Para maximizar os efeitos dos sistemas de armas das aeronaves e reduzir a incidência de fratricídio ou de fogo amigo, deve ser estabelecido um

eficiente sistema de identificação da tropa amiga nas ações onde for previsto o apoio aerotático ou o emprego de aeronaves. Esse sistema deve garantir que a tripulação da aeronave possa realizar uma identificação positiva de alvos terrestres e das posições amigas, antes de disparar suas armas. Esta capacidade é um fator crítico na redução do fratricídio e de incidentes de fogo amigo.

9.4.3 A coordenação entre a tropa terrestre e o elemento aéreo requer o conhecimento prévio de todos os procedimentos necessários de marcação e identificação da posição do alvo e da tropa amiga, com base em vários fatores táticos, como:
a) o sinal ou combinação de sinais utilizados devem ser feitos com itens normalmente transportados pela força terrestre (verificar se a tropa conduz para a operação a sinalização correta para o caso de um apoio aéreo);
b) os sinais convencionados devem ser observados a olho nu ou por meio de equipamentos optrônicos;
c) os sinais convencionados devem ser treinados pela tropa terrestre; e
d) considerar sempre a influência de eventos atmosféricos na visibilidade da aeronave para o alvo e para a posição da tropa amiga (colocar-se na posição do piloto da aeronave e não na posição da tropa amiga, para verificar se existem as condições necessárias para uma observação positiva: nuvens, neblina, chuva etc.).

9.4.4 Qualquer que seja o método preestabelecido pela Bda Bld para emprego nessas situações, eles devem sempre ser adaptados à situação tática existente no momento do apoio aéreo. A comunicação solo-ar é essencial para coordenar e autenticar os procedimentos de marcação do alvo e da tropa amiga.

9.4.5 Muitas vezes, os métodos mais simples e expeditos são os que funcionam melhor. Dispositivos tradicionais de sinalização como fumígenos, munição traçante, bastões de luz química ou luzes de sinalização, espelhos de sinalização e painéis de identificação de combate no solo podem ser, às vezes, mais eficazes na marcação de posições amigas que sofisticados equipamentos optrônicos. Fatores existentes no local do apoio, como a iluminação do solo, contraste térmico e obstruções intermediárias podem influenciar a eficácia desses dispositivos luminosos.

9.5 O TREINAMENTO PARA A REDUÇÃO DO FRATRICÍDIO E DO FOGO AMIGO

9.5.1 O princípio fundamental para o treinamento da prevenção do fratricídio é simples: As FT U Bld e o Esqd C Mec, as suas SU e frações menores devem saber, a todo momento, quem são e onde estão os seus comandados, as forças amigas e os inimigos que querem destruir ou neutralizar.

9.5.2 O risco de fratricídio só será reduzido por meio de treinamentos e de ensaios, assegurando que a tropa atinja os padrões estabelecido pela brigada. Um treinamento o mais realístico possível permite que a tropa cometa erros, possibilitando que correções e repetições sejam feitas, até que seja possível reduzir ou eliminar risco de erros que podem ocorrer em combate.

9.5.3 É fundamental nesse treinamento para redução do risco de fratricídio e do fogo amigo que todos os envolvidos saibam em quem atirar e quando atirar. A tropa deve aprender e praticar todas as fases do DIDEA, controlando-se seus integrantes quando sob fogo desconhecido, de forma a terem a necessária calma para detectar de onde estão recebendo os disparos e identificar quem está atirando. Dessa forma poderão decidir com segurança se devem ou não responder a esse fogo. Após engajar o alvo, devem realizar uma avaliação sumária desse engajamento e dos resultados obtidos.

9.5.4 A brigada deve intensificar os treinamentos para os seus comandantes de viaturas blindadas de forma a sempre confirmarem a identidade de um alvo como hostil/amigo/neutro, antes de emitir e executar qualquer comando de fogo com o armamento coletivo de sua viatura. Essa ordem de engajamento deve ser clara e empregar linguagem padronizada para evitar mal entendido e erros no emprego do armamento.

9.5.5 O planejamento e os treinamentos previstos pela Bda Bld devem enfatizar que todos os comandantes de frações devem conhecer em detalhes o programa de treinamento para a redução do fratricídio e do fogo amigo e os padrões e normas estabelecidas pela brigada. Nos treinamentos e ensaios devem esforçar-se para atingir esses padrões, certificando-se que seus comandados conhecem e sabem aplicar as normas e regras previstas para a operação ou as constantes das NGA de suas OM enquadrantes.

9.5.6 Abaixo são apresentados alguns assuntos que devem constar de um programa de treinamento da Bda Bld para redução de incidentes do fratricídio ou de fogo amigo:
a) realizar o treinamento das fases do DIDEA com todos os integrantes das frações dos elementos de manobra da brigada. O padrão a ser estabelecido pela brigada deve exigir que todos saibam como detectar, identificar, decidir sobre o engajamento ou não de um alvo, como engajar e avaliar o resultado dos tiros de suas frações (ou do armamento individual) sobre esse alvo;
b) realizar treinamento intensivo sobre identificação de viaturas, armamentos, equipamentos diversos, aeronaves e uniformes empregados pelas forças amigas e pelo inimigo, na Z Aç da Bda Bld, em situações variadas de luminosidade e distâncias;
c) treinar os comandantes de viaturas blindadas e atiradores do armamento coletivo na transmissão e correta execução dos comandos de tiro do seu armamento;

d) treinar, em situações diversas, a aplicação das medidas padronizadas para relatar e parar um incidente de fogo amigo;
e) treinar o correto entendimento e a aplicação das medidas de coordenação e controle de fogo;
f) intensificar o treinamento da orientação e da navegação, particularmente a embarcada e escotilhada;
g) treinar e ensaiar as regras para engajamentos de alvos, prevista no planejamento da Bda Bld;
h) realizar treinamentos de pedidos de tiro de morteiros e de artilharia de campanha e a correção desses tiros;
i) realizar treinamentos que levem à correta e detalhada identificação numa carta militar, de posições ocupadas pela tropa no terreno e à avaliação de distâncias por processos expeditos; e
j) realizar treinamentos que permitam a identificação pela tropa de tiros de metralhadora, canhão, morteiros e artilharia de campanha.

ANEXO J

OPERAÇÕES CONTINUADAS

1. GENERALIDADES

1.1 As operações continuadas são executadas para manter pressão constante sobre o inimigo. A habilidade para efetivamente sustentar esta pressão é frequentemente a chave do sucesso no campo de batalha.

1.2 Este tipo de operação será, sem dúvida, o desafio mais difícil que uma tropa blindada enfrentará. Nas operações continuadas, as guarnições dos blindados, os elementos dos sistemas de comando e controle, apoio ao combate e apoio logístico, as viaturas e o equipamento em geral são colocados sob enorme tensão e desgaste. Os comandantes de todos os escalões devem estar emocional e fisicamente preparados para conduzirem seus soldados à vitória. Somente através de uma liderança forte, um sistema de comando e controle eficiente e um treinamento adequado para este tipo de operação é que a tropa poderá ser bem-sucedida no combate.

2. EFEITOS DO COMBATE CONTINUADO SOBRE A TROPA

2.1 A fadiga é provavelmente a primeira causa da degradação do desempenho individual em combate. A performance e a eficiência individuais começam a deteriorar-se após 14 a 18 horas de combate contínuo e alcançam um nível muito baixo após 22 a 24 horas ininterruptas de combate. A maioria das tarefas que envolvem habilidades de percepção começa a mostrar uma degradação de desempenho depois de 36 a 48 horas sem sono. Os soldados deixam de ser efetivos após 72 horas sem sono. A natureza do combate embarcado, principalmente das guarnições de carros de combate, agrava a fadiga e a tensão emocional inerente ao combate, seja pelo confinamento dos homens durante longos períodos de tempo no interior dos blindados, seja pela natureza das tarefas que executam, exigindo atenção e concentração, sem ter quem os substitua nem possibilitar descanso, por ser cada função imprescindível à operação do blindado.

2.2 Os comandantes de todos os escalões devem saber reconhecer os sinais de perda de sono ou degradação do desempenho individual de seus comandados. Estes efeitos são caracterizados pelos seguintes sintomas:
a) tempo de reação mais lento;
b) aumento do tempo necessário para a realização de uma tarefa conhecida e de rotina;
c) decréscimo da memória de fatos ocorridos recentemente;

d) deterioração da velocidade de aprendizagem;
e) erros em omissão;
f) lapsos de atenção;
g) irritabilidade;
h) depressão; e
i) desempenho irregular.

2.3 O ciclo de dia/noite tem um efeito significativo sobre o desempenho individual. Quando os soldados estão acostumados a um determinado padrão de trabalho e a períodos de descanso, eles se tornam fisiologicamente adaptados a este horário. Qualquer modificação neste horário resultará em decréscimo de desempenho. A adaptação fisiológica para determinado ritmo ou horários de trabalho e descanso pode durar de 20 a 30 dias.

2.4 Um plano de sono rígido e obrigatório será vital para o desempenho coletivo. Ele deve ser colocado em prática sempre que possível. Em operações continuadas cada soldado deve dormir durante quatro horas ininterruptas, pelo menos a cada 24 horas (cinco horas se o sono for interrompido). Este ritmo de quatro horas de sono a cada 24 horas não pode ser mantido por mais de duas semanas, sem antes recuperar-se o descanso da tropa.

2.5 Outro aspecto de perda de sono que deve ser considerado é o tempo que o indivíduo leva para recuperar-se dos efeitos da perda de sono. Depois de uma operação continuada de 36 a 48 horas sem sono, são exigidas, normalmente, 12 horas de sono ou descanso para devolver-se aos soldados a eficiência e o desempenho normal de suas funções. Entretanto, o estado de fadiga pode demorar até três dias, em determinados elementos. Depois de 72 ou mais horas sem sono, os soldados precisam, normalmente, de dois ou três dias de descanso para recuperar seu desempenho normal.

2.6 Para minimizar os efeitos de perda de sono, os comandantes em todos os níveis têm várias opções. Possivelmente a melhor solução para o pessoal são os intervalos periódicos durante o trabalho e a realização de exercícios moderados, diariamente. Esta solução é valida, normalmente, para os elementos dos sistemas de comando e controle, apoio de fogo e logística, sendo de difícil aplicação nas peças de manobra. Para as peças de manobra, poderá ser realizado, em função da situação tática, um revezamento de frações mais desgastadas dos elementos em 1° escalão com frações similares da reserva, ou mesmo, substituindo-se uma subunidade/unidade inteira da linha de frente pela subunidade/unidade da reserva.

2.7 Nas guarnições dos blindados, dependendo do nível de adestramento da tropa, para minimizar o problema da perda de sono, pode ser realizado um revezamento de funções individuais, permitindo, assim, uma diminuição da fadiga pela mudança de tarefas a executar. Esta rotação de funções só terá efeito sobre o estado de fadiga individual se as novas tarefas incluírem

exigências diferentes, como, por exemplo, o atirador de carro de combate passar a ser o motorista, durante períodos de menor intensidade ou mais estáticos do combate.

2.8 Existem dois tipos de militares que tendem a apresentar mais rapidamente os sinais de fadiga, o primeiro é o soldado imaturo e jovem, que não está seguro de si, e o segundo é o soldado mais velho, já temperado em combate, em quem os outros confiam e que os tem sustentado, com prejuízo para si próprio. Outros militares que devem merecer atenção de todos são os comandantes, em todos os escalões, que se consideram, frequentemente, como sendo invulneráveis à fadiga. Por suas tarefas exigirem grande responsabilidade, reação rápida, razoável complexidade e planejando detalhado, os comandantes são os militares mais vulneráveis à privação do sono e do descanso diário. As demonstrações de abnegação, de autocontrole e resistência a fatiga, normalmente realizadas pelos comandantes, são extremamente contraproducentes e de alto risco para as suas unidades ou frações em combate.

3. ASPECTOS A CONSIDERAR NO PLANEJAMENTO E NA PREPARAÇÃO PARA O COMBATE CONTINUADO

3.1 A administração do tempo é a chave do sucesso nas operações continuadas. Durante as fases de planejamento e de preparação para a operação, os comandantes da Bda Bld e da cada FT U Bld subordinada devem elaborar um plano rígido com as prioridades de trabalho, de descanso e de segurança da tropa, do estado-maior e para si próprio. Estas prioridades, com os NÍVEIS DE PRONTIDÃO da Força-Tarefa, possibilitarão ao estado-maior desenvolver um Quadro Horário que permita uma adequada preparação para o combate. Com base nestas prioridades do comandante, nos procedimentos-padrão para aprestamento e prontidão das OM (níveis de prontidão), nas NGA das Unidades e no Quadro Horário estabelecido, as tropas desenvolverão seu aprestamento para o combate.

3.2 Os procedimentos padrão para o aprestamento e prontidão da tropa, são níveis de prontidão a serem atingidos, semelhantes ao planejamento existente em tempo de paz para as situações extraordinárias da tropa e para as situações de apronto operacional e ordem de marcha, que permitem à Força-Tarefa dar respostas rápidas à situações diversas e asseguram a conclusão dos trabalhos de aprestamento e planejamento no prazo determinado. O comandante da FT U Bld utiliza os níveis de prontidão (NP) como uma forma padronizada para, rapidamente, colocar as unidades em condições de entrar em combate.

3.3 A seguir serão exemplificados os níveis de prontidão de uma Força-Tarefa blindada, que as FT subordinadas deverão adaptar conforme a situação do combate, a peculiaridade de seu material, o seu nível de adestramento e de organização.

3.3.1 NP-1 é o nível de prontidão utilizado para ALERTA TOTAL. A FT U Bld está pronta para deslocamento e para entrar em combate. A FT U Bld poderá adotar dois tipos de NP-1, as viaturas com os motores em funcionamento ou com os motores desligados.

3.3.1.1 A tropa está alimentada, as viaturas foram reabastecidas, as armas foram remuniciadas, os suprimentos necessários à operação foram distribuídos ou estão acondicionados nas viaturas de suprimento.

3.3.1.2 O sistema de alarme da FT U Bld está em funcionamento (vigias a postos e os sensores disponíveis estão ligados), todos receberam suas ordens e estão em condições de executá-las.

3.3.1.3 A tropa está embarcada nas viaturas, com o armamento pronto para emprego e as redes rádio em funcionamento.

3.3.1.4 As viaturas estão com motores ligados (ou desligados, variação da NP-1).

3.3.1.5 A FT U Bld está pronta para deslocar-se imediatamente.

3.3.2 NP-2 é o nível de prontidão empregado para ALERTA. A FT U Bld está pronta para entrar em combate.

3.3.2.1 Todo o equipamento e o suprimento estão embarcados nas viaturas.

3.3.2.2 A verificação antes do combate foi realizada pelos comandantes de todos os escalões, conforme previsto na NGA (tropa alimentada, equipamento pronto, armas municiadas, viaturas abastecidas, ordens e planos distribuídos e compreendidos por todos).

3.3.2.3 Tropa embarcada nas viaturas, armamento guarnecido.

3.3.2.4 As redes rádio foram testadas e estão em condições de operar.

3.3.2.5 A FT U Bld está em condições de deslocar-se no prazo de 15 minutos, após receber a ordem de deslocamento.

3.3.2.6 OBSERVAÇÃO: dependendo da situação tática, o comandante poderá determinar que os PO permaneçam em funcionamento e a segurança aproximada da tropa, desembarcada, continue ativada.

3.3.3 NP-3 é o nível de prontidão empregado para ALERTA REDUZIDO.

3.3.3.1 Cinquenta por cento da FT U Bld está empenhada no planejamento da operação e no aprestamento das subunidades e frações.

3.3.3.2 Os demais elementos da FT U Bld executam o plano de segurança. Com base nas determinações do comandante e na situação tática, alguns elementos que executam a segurança da tropa poderão ser desviados para realizarem tarefas referentes ao aprestamento da FT U Bld.

3.3.3.3 A FT U Bld está em condições de deslocar-se dentro de 30 minutos, após receber a ordem para deslocamento.

3.3.4 NP-4 é o nível de prontidão empregado para ALERTA MÍNIMO.

3.3.4.1 Os postos de observação e de segurança estão guarnecidos.

3.3.4.2 Um homem por pelotão (CC, Fuz, Exp, Mec e Mrt) está guarnecendo a torre da viatura blindada, o armamento coletivo da viatura e monitorando o rádio veicular (escuta).

3.3.4.3 A FT U Bld está pronta para deslocar-se em uma hora, após receber a ordem de deslocamento.

3.4 Cada seção do Estado-Maior, e unidade subordinada, deve desenvolver um plano de trabalho, a fim de facilitar seu aprestamento para o combate. De posse da orientação do comandante da Bda Bld, do quadro horário elaborado pelo estado-maior, do nível de prontidão determinado e das NGA de cada OM, o plano de trabalho é elaborado pelo seu respectivo comandante, de modo a permitir o esforço coordenado de todos na manutenção das viaturas e do equipamento, na realização das atividades logísticas e no trabalho de comando exigido para a operação.

3.5 Em princípio, um plano de trabalho das peças de manobra deve conter:
a) execução de reconhecimentos, caso seja possível;
b) expedições de ordens preparatórias à tropa;
c) ensaios e treinamentos específicos;
d) manutenção das viaturas, armamentos e demais equipamentos;
e) preparação das viaturas de combate (camuflagem, água, alinhamento e teste do armamento, teste do equipamento rádio, verificação e teste dos demais equipamentos);
f) preparação individual das guarnições das viaturas blindadas e do restante da tropa (treinamentos, ordens, ensaios);
g) ressuprimento (classes I, III, e V);
h) preparação das posições de combate (defensiva e ação retardadora);
i) melhoramento e reforço dos obstáculos em sua Z Aç (defensiva e ação

retardadora);
j) expedição da ordem de operações; e
k) aprestamento e inspeção da fração.

3.6 O planejamento do trabalho a ser realizado deve permitir que uma parte da tropa possa dormir enquanto outros executam as prioridades de trabalho estabelecidas pelo comandante e mantenham a segurança. Para ser eficiente em um combate continuado, um soldado deve ter, pelo menos, de 4 a 6 horas de sono ininterrupto, num período de 24 horas. Menos do que 4 horas de sono, antes de uma operação desta natureza, pode comprometer significativamente o desempenho da tropa em combate.

3.7 Planejar e decidir são as atividades que ficam dramaticamente comprometidas quando os soldados não podem descansar e ter um período mínimo de sono. As NGA dos elementos subordinados tem que prever uma divisão adequada do trabalho, para permitir que a tropa e os comandantes de todos os escalões possam dormir e descansar antes de um combate continuado. Esta divisão do trabalho exigirá que se acumulem as funções durante determinado período (comandante, subcomandante, E1/E4, E2/E3 etc.). Quando os soldados estão cansados, o planejamento de atividades simples, a expedição de ordens e a execução de tarefas normalmente realizadas com facilidade ficam críticas e passíveis de erros que comprometerão o desempenho coletivo.

3.8 Para as subunidades de carros de combate, sustentar operações continuadas é uma tarefa crítica, em função do desgaste físico e psicológico das guarnições de carros de combate. Nas situações estáticas do combate, os fuzileiros blindados devem assumir parte das missões de segurança das guarnições de carros de combate, como a segurança aproximada das viaturas e o patrulhamento no intervalo das frações durante os períodos de baixa visibilidade, permitindo um relativo descanso àquelas guarnições.

GLOSSÁRIO

PARTE I - ABREVIATURAS E SIGLAS

A

Abreviaturas/Siglas	Significado
AAAe	Artilharia Antiaérea
AC	Anticarro
Aç Rtrd	Ação Retardadora
ADA	Área de Defesa Avançada
Ae	Aérea
AE	Área de Engajamento
Anv	Aeronave
AOC	Área Operacional do Continente
A Op	Área de Operações
Ap	Apoio
AP	Autopropulsado
Apvt Exi	Aproveitamento do Êxito
Art	Artilharia
Art Cmp	Artilharia de Campanha
ARP	Área de Responsabilidade
AT	Área de Trens
ATC	Área de Trens de Combate
ATE	Área de Trens de Estacionamento
Atq	Ataque
Atq AAe	Ataque Antiaéreo
Av	Aviação
Av Ex	Aviação do Exército

B

Abreviaturas/Siglas	Significado
BCS	Busca, Combate e Salvamento
Bda	Brigada
Bda C Bld	Brigada de Cavalaria Blindada
Bda Inf Bld	Brigada de Infantaria Blindada
Bda Inf Mtz	Brigada de Infantaria Motorizada
BE Cmb	Batalhão de Engenharia de Combate
Bia AAAe AP	Bateria de Artilharia Antiaérea Autopropulsada

Abreviaturas/Siglas	Significado
Bia C	Bateria de Comando
Bia O	Bateria de Obuses
BIB	Batalhão de Infantaria Blindado
BLB	Base Logística da Brigada
Bld	Blindada, Blindagem, Blindar
B Log	Batalhão Logístico

C

Abreviaturas/Siglas	Significado
CAA	Controlador Aéreo Avançado
CAF	Coordenador de Apoio de Fogo
CC	Carro de Combate
C^2	Comando e Controle
CCAF	Centro de Coordenação de Apoio de Fogo
CCN	Célula de Coordenação Naval
CCOA	Células de Coordenação de Operações Aéreas
C Com	Centro de Comunicação
CCOp	Centro de Coordenação de Operações
Cia	Companhia
Cia C	Companhia de Comando
Cia C Ap	Companhia de Comando e Apoio
Cia Com Bld	Companhia de Comunicações Blindada
C Dan	Controle de Danos
CDN	Conselho de Defesa Nacional
CG	Centro de Gravidade
Ch	Chefe
Cia E	Companhia de Engenharia
Cia E Pnt	Companhia de Engenharia de Pontes
Cia E Cmb Bld	Companhia de Engenharia de Combate Blindada
Cia Fuz Bld	Companhia de Fuzileiros Blindada
C Intlg	Contrainteligência
CIMIC (Sigla em inglês)	Cooperação Civil-Militar
CLFTC	Comando Logístico da Força Terrestre Componente
Cmt	Comandante
CN	Centros Nodais
COMAE	Comando de Operações Aeroespaciais
Com Soc	Comunicação Social
COT	Centro de Operações Táticas

Abreviaturas/Siglas	Significado
C Rec	Contrarreconhecimento
C Tir	Central de Tiro

D

Abreviaturas/Siglas	Significado
DAC	Defesa Anticarro
DE	Divisão de Exército
Def	Defesa
Def A	Defesa Aérea
DEFAR	Defesa da Área de Retaguarda
Def Mv	Defesa Móvel
DETEDITINA	Destacamento Terrestre de Direção de Tiro Naval
DMA	Distância Máxima de Apoio
DMT	Doutrina Militar Terrestre
DPED	Diretriz Presidencial de Emprego de Defesa
DQBRN	Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear
Dst Log	Destacamento Logístico

E

Abreviaturas/Siglas	Significado
EB	Exército Brasileiro
ECAF	Elemento de Coordenação e Apoio de Fogo
ECAT	Equipe de Controle Aerotático
EEI	Elementos Essenciais de Informação
EFD	Estado Final Desejado
Elm	Elemento
EMCFA	Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas
EM	Estado-Maior
EMG	Estado-Maior Geral
EMP	Estado-Maior Pessoal
Eng	Engenharia
EPI	Equipamentos de Proteção Individual
E Prog	Eixo de Progressão
EPS	Estrada Principal de Suprimento
Esc	Escalão
Esqd	Esquadrão
Esqd C	Esquadrão de Comando
Esqd C Mec	Esquadrão de Cavalaria Mecanizado

Abreviaturas/Siglas	Significado
Ex	Exército
Exm Sit	Exame de Situação

F

Abreviaturas/Siglas	Significado
FA	Forças Armadas
FAC	Força Aérea Componente
F Ae	Força Aérea
F Aet	Força Aeroterrestre
F Amv	Força Aeromóvel
FAT	Força Aerotática
F Chq	Força de Choque
F Cob	Força de Cobertura
F Cte	Força Componente
F Dbq	Força de Desembarque
F Fix	Força de Fixação
Fg	Flancoguarda
F Irreg	Forças Irregulares
FNC	Força Naval Componente
F Op Esp	Força de Operações Especiais
F Pcp	Força Principal
F Ptç	Força de Proteção
F Res	Força de Reserva
F Seg	Força de Segurança
FT	Força-Tarefa
FTC	Força-Tarefa Componente
F Ter	Força Terrestre
Fuz	Fuzileiro
Fx Infl	Faixa de Infiltração

G

Abreviaturas/Siglas	Significado
GAA	Guia Aéreo Avançado
GAC	Grupo de Artilharia de Campanha
GAC AP	Grupo de Artilharia de Campanha Autopropulsado
G Ciber	Guerra Cibernética
GE	Guerra Eletrônica
GLO	Garantia da Lei e da Ordem
GRULIFONA	Grupo de Ligação de Fogo Naval

Abreviaturas/Siglas	Significado
GRUOBTINA	Grupo de Observação de Tiro Naval
GU	Grande Unidade

H

Abreviaturas/Siglas	Significado
Helcp Atq	Helicóptero de Ataque

I

Abreviaturas/Siglas	Significado
IE Com Elt	Instruções para a Exploração das Comunicações e eletrônica
Intlg	Inteligência
IRVA	Inteligência, Reconhecimento, Vigilância e Aquisição de Alvos
Itn	Itinerário

L

Abreviaturas/Siglas	Significado
LA	Linha de Ação
LAADA	Limite Anterior da Área de Defesa Avançada
LAT	Limite Avançado dos Trabalhos
LC	Linha de Contato
L Ct	Linha de Controle
LCAF	Linha de Coordenação do Apoio de Fogo
LC Pnt	Linha de Cabeça de Ponte
LDS	Local de Destino Seguro
LEA	Levantamento Estratégico de Área
LO	Linha de Observação
Loc Ater	Local de Aterragem
Log	Logística
LP	Linha de Partida
LSAA	Linha de Segurança de Apoio de Artilharia

M

Abreviaturas/Siglas	Significado
MAE	Medida de Ataque Eletrônico
MAGE	Medida de Apoio a Guerra Eletrônica
MCAF	Medidas de Coordenação de Apoio de Fogo

Abreviaturas/Siglas	Significado
MCCEA	Medidas de Coordenação e Controle do Espaço Aéreo
M Cmb	Marcha para o Combate
MD	Ministério da Defesa
Mdt O	Mediante Ordem
Mec	Mecanizado
Min Def	Ministro da Defesa
Mov	Movimento
MPE	Medidas de Proteção Eletrônica
MRE	Ministério das Relações Exteriores
Mv	Móvel

O

Abreviaturas/Siglas	Significado
AO	Observador Aéreo
OBTINA	Observador do Tiro Naval
OCE	Oficial de Comunicações e Eletrônica
O Com	Oficial de Comunicações
O Frag	Ordem Fragmentária
OGE	Oficial de Guerra Eletrônica
OLA	Oficial de Ligação Aérea
OLIFONA	Oficial de Ligação de Fogo Naval
O Lig	Oficial de Ligação
OM	Organização Militar
ONG	Organização Não Governamental
O Op	Ordem de Operações
Op	Operações
Op Aet	Operação Aeroterrestre
Op Amv	Operação Aeromóvel
Op Anf	Operação Anfíbia
Op Cj	Operação Conjunta
Op Def	Operações Defensivas
Op Esp	Operações Especiais
Op Ev N Cmb	Operação de Evacuação de Não Combatentes
Op Info	Operações de Informação
ONU	Organização das Nações Unidas
Op Ofs	Operações Ofensivas
Op Psc	Operações Psicológicas

P

Abreviaturas/Siglas	Significado
PAA	Posto de Atendimento Avançado
PAC	Postos Avançados de Combate
PAF	Plano de Apoio de Fogos
PAG	Postos Avançados Gerais
P Ban	Posto de Banho
PC	Posto de Comando
PC Altn	Posto de Comando Alternativo
Pcp	Principal
PCP	Posto de Comando Principal
PCt	Ponto de Controle
PCT	Posto de Comando Tático
P Def	Posição Defensiva
PEAC	Plano Estratégico de Assuntos Civis
PEAF	Plano Estratégico de Administração Financeira
PEC²	Plano Estratégico de Comando e Controle
PEDCF	Plano Estratégico de Deslocamento e Concentração de Forças
PEECFA	Plano Estratégico de Emprego Conjunto das Forças Armadas
PEI	Plano Estratégico de Inteligência
Pel	Pelotão
PEL	Plano Estratégico de Logística
Pel Exp	Pelotão de Exploradores
PEMM	Plano Estratégico de Mobilização Militar
PEOI	Plano Estratégico de Operações de Informação
PF	Ponto Forte
PG	Prisioneiro de Guerra
PIR	Posição Inicial de Retardamento
PITCIC	Processo de Integração Terreno, Condições Meteorológicas, Inimigo e Considerações Civis
P Lav	Posto de Lavagem
P Lig	Ponto de Ligação
Pnt	Ponte
POC	Plano de Obtenção de Conhecimento
PPAA	Plano Provisório de Apoio de Artilharia
PPCOT	Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres
PPFM	Plano Provisório de Fogos de Morteiro

Abreviaturas/Siglas	Significado
PRC	Poder Relativo de Combate
PSAFA	Plano Sumário de Apoio de Fogo de Artilharia
P Sem	Ponto Sensível
PRC	Poder Relativo de Combate
Prot	Protocolo

Q

Abreviaturas/Siglas	Significado
QBRN	Químico, Biológico, Radiológico e Nuclear
QDM	Quadro de Dotação de Material

R

Abreviaturas/Siglas	Significado
RCC	Regimento de Carros de Combate
Rda	Retirada
R Dstn	Região de Destino
RDS	Região de Destino Seguro
Rec	Reconhecimento
REA	Regras de Engajamento de Alvos
REOP	Reconhecimento, Escolha e Ocupação de Posição
Ret	Retraimento
RIPI	Regiões de Interesse Para a Inteligência
RPP	Regiões de Procura de Posição
Rtg	Retrógrado
Rtgd	Retaguarda

S

Abreviaturas/Siglas	Significado
SARP	Sistema de Aeronave Remotamente Pilotada
SCA	Sistema de Comunicações de Área
SEGAR	Segurança da Área de Retaguarda
SIDOMT	Sistema de Doutrina Militar Terrestre
SisPECFA	Sistemática de Planejamento de Emprego Conjunto das Forças Armadas
SISTAC	Sistema Tático de Comunicações
SOC	Seção de Operação de Combate
Soc	Social
Sp	Superior

Abreviaturas/Siglas	Significado
SU	Subunidade
Subd	Subordinado
SUDIPE	Sumário Diário de Pessoal

T

Abreviaturas/Siglas	Significado
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicações
TO	Teatro de Operações
TTP	Táticas, Técnicas e Procedimentos

U

Abreviaturas/Siglas	Significado
U	Unidade

V

Abreviaturas/Siglas	Significado
VA	Via de Acesso
VBC AAe	Viatura Blindada de Combate de Antiaérea
VBC CC	Viatura Blindada de Combate Carro de Combate
VBC Fuz	Viatura Blindada de Combate de Fuzileiros
VBC O AP	Viatura Blindada de Combate Obus Autopropulsada
VBMT-LSR AO	Viatura Blindada Multitarefa – Leve Sobre Rodas Observador Avançado
VBMT-Rec	Viatura Blindada Multitarefa de Reconhecimento
VBR	Viatura Blindada de Reconhecimento
VBTP	Viatura Blindada de Transporte de Pessoal
Vgd	Vanguarda

Z

Abreviaturas/Siglas	Significado
ZA	Zona de Administração
Z Aç	Zona de Ação
Z Ater	Zona de Aterramento
ZC	Zona de Combate
ZD	Zona de Defesa
Z Dbq	Zona de Desembarque
ZI	Zona do Interior

ZL	Zona de Lançamento
ZPH	Zona de Pouso de Helicóptero
Z Reu	Zona de Reunião

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. **NBR 6021** – Publicação científica impressa. Documentação. Rio de Janeiro, 2003.

BRASIL. Exército. **Instruções Gerais para as Publicações Padronizadas do Exército - EB10-IG-01.002**. 1. ed. Brasília, DF: Comando do Exército, 2011.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **A Cavalaria nas Operações - EB 70-MC-10.222**. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2018.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **A Engenharia nas Operações - EB70-MC-10.237**. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2018.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **A Guerra Eletrônica na Força Terrestre – EB70-MC–10.201.** 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2019.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **A Logística nas Operações - EB70-MC-10.216.** 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2019.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Artilharia de Campanha nas Operações – EB70-MC–10.224.** 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2019.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Brigada de Cavalaria Mecanizada – EB 70-MC-10.309**. 3. ed. Brasília, DF: COTER, 2019.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Cooperação Civil-Militar – EB70-MC-10.221**. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Defesa Antiaérea – EB70-MC-10.231**. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Defesa Antiaérea nas Operações – EB70-MC–10.235.** 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Força Terrestre Componente – EB20-MC-10.225**. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2019.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Guerra Cibernética – EB70-MC–10.232.** 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações – EB70-MC-10.223**. 5. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações Aeromóveis – EB70-MC–10.218.** 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações Aeroterrestres – EB70-MC–10.217.** 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações de Dissimulação – EB70-MC-10.215.** 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2014.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações Especiais – EB70-MC–10.212.** 3. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Operações Ofensivas e Defensivas – EB70-MC-10.202**. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Planejamento e Coordenação de Fogos – EB70-MC-10.346.** 3. ed. Brasília, DF: COTER, 2017.

BRASIL. Exército. Comando de Operações Terrestres. **Planejamento e Emprego da Inteligência Militar – EB70-MC-10.307**. 1. ed. Brasília, DF: COTER, 2016.

BRASIL. Exército. Departamento de Educação e Cultura do Exército. **Grupo de Artilharia de Campanha nas Operações de Guerra – EB60-ME-12.301**. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: DECEX, 2017.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Batalhão de Infantaria - C 7-20**. 3. ed. Brasília, DF: EME, 2003.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Comando e Controle – EB20-MC-10-205**. 1. ed. Brasília, DF: EME, 2015.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Comando e Controle na Artilharia Antiaérea. C44-8**. 1. ed. Brasília, DF: EME, 2003.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Doutrina Militar Terrestre – EB20-MF-10.102**. 1. ed. Brasília, DF: EME, 2014.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Estado-Maior e Ordens (1º e 2º Volumes) – C101-5**. 2. ed. Brasília, DF: EME, 2003.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Emprego da Artilharia Antiaérea. C44-1.** 4. Ed. Brasília, DF: Estado-Maior do Exército, 2001.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Emprego da Engenharia. C 5-1.** 3. ed. Brasília, DF: EME, 1999.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Emprego das Comunicações na Brigada - C 11-30.** 2. ed. Brasília, DF: EME, 1998.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Fogos – EB20-MC-10.206**. 1. ed. Brasília, DF: EME, 2015.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Glossário de Termos e Expressões para uso no Exército – EB20-MF-03.109.** 5. ed. Brasília, DF: Comando do Exército, 2009.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Inteligência – EB20-MC-10.207**. 1. ed. Brasília, DF: EME, 2015.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Manual de abreviaturas, símbolos e convenções cartográficas**. **C21-30**. 4. ed. Brasília, DF: EME, 2002.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Movimento e Manobra – EB20-MC-10.203**. 1. ed. Brasília, DF: EME, 2015.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Operações de Transposição de Cursos de Água – C31-60**. 2. ed. Brasília, DF: EME, 1996.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Operação em Ambientes Interagências – EB20-MC-10.201**. 1. ed. Brasília, DF: EME, 2013.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Operações de Informação – EB20-MC-10.213**. 1. ed. Brasília, DF: EME, 2014.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Processo de Planejamento e Condução das Operações Terrestres. EB20-MC-10.211.** 1. ed. Brasília, DF: EME, 2014.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **Proteção – EB20-MC-10.208**. 1. ed. Brasília, DF: EME, 2015.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Apoio de Fogo em Operações Conjuntas. MD33-M-11.** 1. ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2013.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Doutrina de Operações Conjuntas. MD30-M-01.** 1. ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2011.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Doutrina Militar de Defesa. MD51-M-04**. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2007.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Glossário das Forças Armadas. MD35-G-01**. 4. ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2007.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Manual de abreviaturas, siglas, símbolos e convenções cartográficas das Forças Armadas. MD33-M-02.** 3. ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2008.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Manual de Emprego do Direito Internacional dos Conflitos Armados (DICA) nas Forças Armadas. MD34-M-03.** 1. ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2011.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Manual de Garantia da Lei e a Ordem. MD33-M-10.** 1. ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2013.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Manual de Medidas de Coordenação do Espaço Aéreo nas Operações Conjuntas. MD33-M-13.** 1. ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2014.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Manual de Operações de Evacuação de Não Combatentes. MD33-M-08.** 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2013.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Operações Interagências. MD33-M-12.** 1. ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2012.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Política Militar de Defesa.** 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2005.

COMANDO DE OPERAÇÕES TERRESTRES
CENTRO DE DOUTRINA DO EXÉRCITO
Brasília, DF, 29 de novembro de 2019
www.cdoutex.eb.mil.br